

Tomás Eloy Martínez

SOBERBA

O Vôo da Rainha





TOMÁS ELOY MARTÍNEZ

O VÔO DA RAINHA

Digitalizado e corrigido por J. Martins em janeiro de 2012

© 2002 by Tomás Eloy Martínez Todos os direitos desta edição reservados à editora Objetiva Ltda.

Rua Cosme Velho, 103 Rio de Janeiro - RJ

Capa Victor Burton

Tradução Sérgio Molina

Literatura argentina - romance

Coleção Plenos Pecados: **SOBERBA**

A Mercedes Casanovas, por sua paciência neste Voo.

A Gabriela Esquivada, que me ensinou a voar de novo.

*...a vida é paródica e pede uma interpretação.
Assim, o chumbo é a paródia do ouro.
O ar é a paródia da água.
O cérebro é a paródia do equador, O coito é a paródia do crime.*

Georges Bataille, L'anus solaire

O criminoso não cria a beleza: ele mesmo é a beleza em estado puro.

Jean-Paul Sartre, Saint-Genet, comédien et martyr

A soberba é, por assim dizer, a abelha-rainha de todos os vícios e pecados.

Dennis Helming, Encyclopedia of catholic doctrine

UM.

Por volta das 11 horas, como todas as noites, Camargo abre as cortinas da sala na rua Reconquista, coloca a poltrona a um metro da janela para que a penumbra o proteja e espera que a mulher entre em seu campo de visão. Às vezes ele a vê passar como uma rajada pela janela em frente e desaparecer no banheiro ou na cozinha. Do que ela mais gosta, porém, é de postar-se diante do espelho do quarto e despir-se com suprema lentidão. Camargo pode então contemplá-la à vontade. Muitos anos atrás, num teatro de variedades de Osaka, ele viu uma dançarina japonesa despojar-se do quimono cerimonial até ficar completamente nua. A mulher da frente tem a mesma altiva elegância da japonesa e repete as mesmas poses de fingido assombro, mas seus movimentos são ainda mais sensuais. Inclina a cabeça como se tivesse perdido alguma lembrança, passa as pontas dos dedos sob os seios e depois as lambe com delicadeza. Para não perder nenhum detalhe, Camargo a observa através de um telescópio Bushnell de 67cm que está montado sobre um tripé.

Dez dias atrás, ele alugou a sala onde agora está só porque as janelas do único ambiente se defrontavam como um espelho com as do quarto da mulher. Ela aparece sempre à mesma hora, o que facilita a rotina do observador. Ninguém diria que ela é uma beleza. Tem lábios finos e talvez estreitos demais, o nariz arrebitado, terminando numa ponta redonda e grossa, o queixo saliente e desafiante. Quando sorri, levanta tanto o lábio superior que deixa as gengivas à mostra. Os tornozelos da mulher são grossos, e nas panturrilhas se desenham músculos de jogador de futebol. Os peitos, embora pequenos, são capazes de ondulações de medusa. Se ele a visse pela rua, dificilmente pararia para olhá-la. Mas sua imagem irradia, sobretudo quando emoldurada pela janela, uma liberdade de gata, uma indiferença inconquistável, algo mercurial que a coloca fora de todo alcance.

Aos domingos, ela cavalga até muito tarde e chega ao apartamento com roupa de montar. Peleja um bom tempo para tirar as botas e, quando enfim consegue liberar os pés miúdos, Camargo sente uma felicidade insuperável, porque a mulher, ao se afastar do espelho, passa a depender apenas do seu olhar. Os edifícios em volta estão vazios, ela poderia morrer sem que ninguém soubesse, e, se por um instante ele a desprendesse de sua atenção, ficaria órfã no oceano do mundo. Durante essas longas horas, ele nunca se afasta do telescópio, observando os leves sobressaltos de sua respiração e os tremores de seus músculos. Nos demais rituais, os domingos são idênticos a qualquer outro dia: ela tira a blusa pelo alto, explorando o cheiro das axilas. Camargo aproveita então o intenso parêntese para observar em detalhe a cicatriz que a mulher tem abaixo do umbigo, na fronteira dos pelos pubianos. Até onde ele sabe, é vestígio de uma operação de apendicite mal suturada na infância.

Pelo menos é o que a mulher costumava dizer. Mas ele suspeita que se deva a uma secreta cesariana.

Na noite de 25 de julho, Camargo está adormecido ouvindo o "Quarteto em Ré maior" de César Franck, quando a mulher entra no apartamento ao fim do scherzo, passados vinte minutos das 11 horas. Parece ansiosa, desorientada, sem saber o que fazer com sua alma. Está usando um casaco comprido, preto, e embaixo um conjunto de lãzinha cinza. Joga o casaco sobre a cama com um gesto rápido, compulsivo e, ao virar-se para o espelho, descobre alguma coisa que parece surpreendê-la. Durante dois ou três minutos estuda as olheiras, as ligeiras rugas da testa e o inchaço de um ferimento nos lábios. A temperatura saltou de um extremo ao outro do termômetro, e a transição do frio da manhã para o súbito calor da tarde pode ter rachado seus lábios. Camargo recorre ao telescópio e vê que ela está passando a língua sobre um fio muito ligeiro de sangue. Isso indica que o ferimento é recente, embora o estranhamento com que ela o observa pertença a algum momento do passado. Talvez seja um ferimento do passado que de repente se reabriu. Com as mulheres é sempre assim, como Camargo já bem sabe. Não perdem nada do que vivem. Carregam tudo o que lhes acontece de um lado para outro e, quando o acúmulo do vivido passa da conta» o excesso vem à luz sem que elas possam evitá-lo. As vezes é um vestido ou um perfume; às vezes, um ferimento como o que a mulher ali em frente tem nos lábios agora. Ainda vestida, ela acende o abajur ao lado da cama e apanha o telefone. Vacila por alguns segundos, tecla alguns números e recoloca o fone no gancho.

Nesse instante, um dos celulares de Camargo toca no bolso de seu casaco. Não há telefones na sala da rua Reconquista, mas ele sempre carrega dois celulares para as emergências. Um deles lhe permite comunicar-se com os editores do jornal quando está fora da cidade ou ocorre algo urgente. O outro está reservado apenas para as filhas e para os mais íntimos. Camargo é pai de gêmeas. As duas moram em Chicago, e uma delas está doente de câncer. A distância das filhas não o aflige. O que o aflige é a sensação de que seu sangue sofre, e brama, e apodrece longe dele, e que essa tormenta distante pode chover sobre seu corpo. Mas, desta vez, quem telefona é o editor noturno.

Camargo ouve com decepção a voz áspera, submissa, enquanto a mulher, diante da janela, tira a saia e se inclina, ávida, sobre as pernas.

— Doutor Camargo? — tateia a voz.

— Um momento — responde. — Vou baixar o volume da música.

A mulher acaricia a dobra atrás dos joelhos e, virando-se para o espelho, explora com dificuldade algo que chamou a atenção de seu tato: talvez a súbita erupção de uma verruga ou a sombra de uma variz. Esse gesto introduz uma inesperada alteração na rotina, e Camargo não quer deixar escapar o menor movimento.

— É urgente?— pergunta. Com a mão livre, aproxima o telescópio e observa.

— Estamos discutindo a manchete principal, e gostaríamos que o senhor decidisse qual é a melhor.

— É só isso? Por que não aprendem a errar por conta própria?

O editor se enreda numa desculpa confusa. No dia anterior, diz, já fartaram os leitores com duas manchetes sobre aviação, e agora dariam uma foto a quatro colunas do Concorde caindo em chamas sobre um subúrbio de Paris, mais a notícia de que 113 pessoas morreram no desastre. Talvez fosse melhor destacar o fracasso da cúpula entre palestinos e israelenses ou trazer a três colunas o acordo para congelar o preço dos medicamentos até o final do ano.

Vencida por alguma impaciência, a mulher agora se move mais rápido. Acaba de tirar a saia e se estica para abrir o sutiã.

A suave curva do sexo se desenha com clareza sob a calcinha.

Camargo sempre se surpreende de que a mulher não tome nenhuma precaução ao tirar a roupa. Como seu apartamento está isolado, no último andar, deve pensar que ninguém pode vê-la. Ela sabe que em frente, no prédio onde Camargo alugou a sala, há apenas escritórios que fecham cedo. Ainda assim, ele acha que deveria ter mais cuidado.

— Deixe a notícia do avião no topo. Com a foto. Leia a manchete.

— "Concorde cai em Paris: 113 mortos". E abaixo: "Atingiu um hotel. Ia para Nova York. É o primeiro acidente com o avião supersônico."

— Qual é a novidade? Essa é a manchete que aprovei faz duas horas. Ainda não mandou imprimir? O que está esperando?

Vocês perdem tempo por qualquer besteira.

Agora a vê deitar na cama e acender um cigarro. Desde quando ela fuma? Deve estar cheia de vícios secretos. Abre um pouco as persianas e deixa entrar o ar frio da noite. Os barulhos da cidade também invadem o recinto, sujando a música: um cortejo de ônibus avança pela rua Corrientes rumo ao Bajo, e de longe chegam as vozes excitadas de um televisor. A confusão de sons alheios lhe permite, estranhamente, ouvir-se a si mesmo: ouve os surdos cegos olhos do desejo se abrindo no mais fundo do que ele é. Não é a gravidade da mulher que faz rebentar o seu desejo, e sim a inércia da noite, ou da música, do allegro final do quarteto de César Franck que vai levantando vôo. O allegro por momentos se encrespa para em seguida cair na melancolia de uma paisagem lunar: depois de uma cratera, a música se espreguiça numa lenta planície, até que volta a despertar.

O quarteto inteiro é uma sucessão de estremecimentos e de suspiros, e não lhe parece extravagante que suas modulações lembrem a última parte de Em busca do tempo perdido. Proust estava escrevendo A prisioneira, quinto volume da obra, quando obrigou o quarteto Poulet a tocar repetidas vezes, ao longo de uma noite

inteira, os quatro movimentos do quarteto de Franck. O viola Amable Massis recordaria, anos mais tarde, que Proust se enfiou na cama assim que os músicos chegaram e mandou servir-lhes champanhe e batatas fritas para que conservassem as energias. As partituras foram distribuídas sobre os móveis do quarto forrado de cortiça, na casa do bulevar Haussmann, e, uma ou duas vezes durante a execução, Proust recolheu do chão algumas páginas já saturadas de escritura, para nelas incluir umas poucas frases. "Poderiam tocar o quarteto inteiro só mais uma vez?", recorda Massis que dizia Proust com uma voz cada vez mais aguda à medida que a noite avançava. Proust era vítima de suas ideias fixas e ia deixando-as como uma tatuagem ao longo de seu livro infinito. As ideias fixas, na verdade, é que são o livro, pensa Camargo. O mundo não seria nada sem as ideias que continuam em pé, obstinadas, sobrevivendo a todas as adversidades.

A mulher está de novo em pé diante do espelho do quarto e agora balança a cabeça de um lado para o outro. Talvez também esteja ouvindo música, U2, REM ou algum desses sons que o levam ao desespero. O cabelo longo e escuro da mulher, roçando-lhe os ombros, é um viajante desorientado no mar de lugar nenhum, e suas tetas indefesas de cordeira empinam os mamilos em busca de ar fresco, marcadas pelas longas estrias que ele já observou mais de uma vez. Como uns seios tão mínimos podem ter estrias?

Os ardores do longo dia o sufocam. Arranca a roupa — que alívio! —, deixa cair a gravata e a camisa engomada com punhos de abotoadura. No cabide junto à entrada pende, por hábito, o paletó de flanela azul que ele usa desde de manhã.

Talvez fosse o caso de deitar-se para descansar um pouco.

Nunca dormiu ali, embora mais de uma vez tenha recebido o amanhecer na poltrona de seu observatório, sem tirar os olhos da mulher, para depois tomar um rápido banho e voltar direto para o jornal. Prefere sua cama do outro lado da cidade, em San Isidro, junto às varandas de gerânios onde se debruça a brisa do rio, a enorme cama morta que já não compartilha com ninguém, mas na qual é um homem de poder e não esse sombrio satélite da janela em frente. Na sala anônima onde agora está há apenas um catre de monge, mudas de roupa, um banheiro mínimo, uma geladeira e garrafas de uísque. Ali ele pode fazer o que bem entende, pois o zelador do edifício lhe permitiria qualquer coisa, eu estou aqui às suas ordens, Doutor Camargo, mas o que ele realmente quer está fora do alcance do empregado, do outro lado da rua, não no corpo da mulher e sim na imagem que ela continua a projetar.

Agora parou de se balançar e está olhando-se no espelho.

O leve ferimento no lábio voltou a sangrar. De perfil, banhada de leve pelas luzes difusas do quarto, a mulher é também a noite que tanto muda ali fora, meu

Deus, quantas noites vão passando numa só noite, quantas mulheres há em cada mulher.

Com o queixo erguido, a pose de uma rainha, ela desfruta da imagem de seu corpo no espelho. Também ele, em frente, está olhando a si mesmo. Um súbito raio de luar pousou sobre seu corpo e lhe permite ver seu próprio perfil no outro espelho, o da sala vazia. O que o espelho lhe mostra, porém, é um eco de seu próprio ser, e de modo algum ele mesmo. Um homem não pode ser ele mesmo sem o seu passado, sem a força que irradia na presença dos outros, sem o respeito e o temor que inspira. Um homem nunca é ele mesmo a sós, e este perfil não sou eu, repete Camargo. Não reconhece o volumoso abdome, tão indiferente à ginástica e às dietas, nem os flácidos peitorais que desenham uma desagradável prega no peito orgulhoso, nem a pelanca de peru que lhe pende sob o queixo. A imagem no espelho tem as pernas desajeitadas e magras, em desarmonia com o torso maciço, e carece de dignidade.

Mas que dignidade pode ter um corpo nu aos 63 anos?

Essa pode ser uma pergunta para os outros, não para ele. Todos o veem como alguém invencível, imune às doenças e à fadiga. Já o ouviu das mulheres com que se deitou: seu corpo não é um corpo, é uma força de Deus.

DOIS.

Nenhum desses zangões nem sequer suspeita que, quando escrevem, se delatam. É assim que eu os conheço: pelo que dizem. Sou como escrevo, sou o que escrevo.

Enquanto circulava às dez da manhã pela redação, Camargo entoava em voz baixa o bordão que, para ele, resumia toda a sabedoria do jornalismo, A essa hora, ele sempre

gostava de vagar por seu reino deserto, com as brancas luzes virgens manando das luminárias e as mesas vazias, os monitores impolutos, as páginas em branco à espera de sopros de imaginação que nunca viriam.

Já os faxineiros haviam levado as traições cometidas no dia anterior contra a sintaxe dos fatos e contra o silêncio do não-acontecido, todos haviam escrito sobre, por quê, como, para quê» quando ele lhes pedira que escrevessem com, que vivessem com, que seguissem a linha de encontro entre o mundo de fora e o de dentro de cada um, a realidade precisa parecer com vocês, disse-lhes, não vocês com a realidade. Como seria melhor o jornal se ele o pudesse escrever sozinho. Como seria melhor o mundo se ele o escrevesse.

Num dos cubículos da editoria de Cultura, perto dos banheiros, uma moça trabalhava em pé diante de um dos monitores, roendo as unhas. Camargo apreciou de longe seu porte gracioso, a bundinha redonda, os peitos se insinuando no decote curvo da blusa.

— Ei, olhe só esta notícia — disse a garota, sem afastar os olhos da tela. — Veja quem morreu. Robert Mitchum. Como eu gostaria de escrever sobre isso!

Tinha a voz firme e mandona. As pontas dos dedos> inchadas como uvas, estavam molhadas de saliva. Camargo pensou que não o reconheceria. Poucos jornalistas tinham a chance de cruzar com ele.

— Sou Camargo — disse-lhe.

Estava habituado a que seu nome amedrontasse todos os redatores e paralisasse os novatos. A jovem o observou com incredulidade.

— O senhor é GM? — disse. — O Doutor Camargo? Não o imaginava assim.

Era um comentário imprudente, ordinário. Imaginá-lo?

Para quê, se todos o conheciam. Pouca gente se dava a confiança de chamá-lo "GM", e quase ninguém se perguntava sobre o significado dessas iniciais. O tempo as transformara num nome próprio, como ocorrera com D. H. Lawrence, T. S. Eliot ou H. A. Murena, e ele já nem sequer pensava no que queriam dizer. Correspondiam ao santo do dia de seu nascimento, Gregório Magno Pontífice, e embora em seu documento de identidade constassem as três palavras, conseguira manter a última em segredo.

— E você, quem é? — perguntou.

— Desculpe. Reina Remis. Sou péssima com as maneiras.
— Na sua idade, você não pode saber quem foi realmente Robert Mitchum. Quantos anos você tem? Vinte e dois, vinte e cinco:
— Trinta. Sei mais do que o senhor pensa.
— Que é que está esperando, então? Sente e escreva sobre essa morte.
— O chefe não vai gostar. Talvez já tenha pensado em dar a matéria a outra pessoa.
— Seu chefe vai gostar de qualquer coisa que eu decidir — disse, virando-lhe as costas.

Ah, Deus, por que ele tinha ainda esses rasgos de generosidade?

Oferecer aos outros lugares que lhe pertenciam era algo que ninguém havia feito por ele. Em seu caso, chegar aonde estava lhe custara agonias e ódios. O bem e o mal: das alturas podia conceder ou negar o que bem entendesse. Desse tecido era feito o poder. Acabava de entregar a uma garota arrogante e sem graça algo que gostaria de ter tido para ele.

Mas, e daí? Isso lhe acontecia o tempo todo. Condescendera a que ela escrevesse o réquiem a Mitchum, que era seu fetiche.

Em 1958> aos 21 anos, ele o vira em *A noite do caçador*. Recordava com nitidez a súbita revelação: um cinema ao ar livre, as cigarras tecendo nas árvores uma ladainha torturante, e a história, a irrespirável história em que ele pela primeira vez descobrira o poder do Mal absoluto. Durante meses, viveu obcecado pela ideia de que o Mal estava em toda parte e que era talvez o Deus verdadeiro deste mundo. Ou o Mal é uma ilusão, um fenômeno possível somente porque o universo é irreal, como crêem os Vedas, ou, ao contrário, o Mal é a prova cotidiana de que Deus é tão impotente quanto os homens.

Viu *A noite do caçador* uma única vez, mas recordava cada cena, cada linha do diálogo, como se ele mesmo as tivesse escrito.

Nenhum filme narrara com tanta liberdade. As imagens estavam ali numa neolíngua sem comparação na literatura ou no cinema, talvez só em Mallarmé, às vezes, ou nos dadaístas.

O sonho de sua vida era acordar uma manhã com uma crítica de *A noite do caçador* já pronta em sua mesa de cabeceira, uma página ditada pelos porões de sua consciência e cheia de palavras desusadas que lembrassem o filme. Estava curioso por ler o que escreveria essa garota, Remis. A linguagem é, não cansava de repetir, o lago em que as pessoas refletem o que são.

Entrou em seu gabinete fingindo não ouvir os cumprimentos.

Quando ele chegava, não permitia que o perturbassem durante, no mínimo, meia hora. Lera num livro do general De Gaulle, *O fio da espada*, que os grandes homens, sem exceção, têm sempre a faculdade de se retirar dentro de si mesmos.

No alto o ar é puro, Camargo, e não há nenhum som para desviar seus pensamentos, o mundo deve continuar girando em volta do que você pensa. E também do que vê, Camargo, já que você tudo vê. Seu feudo era um círculo de vidro blindado, temível como um aquário de tubarões, no vigésimo andar de uma torre na avenida do Libertador. Ali embaixo dormira Eugene O'Neill, na intempérie das arcadas, e Borges imaginara em voz alta a última linha banal de sua reflexão sobre a memória: "Ireneo Funes morreu em 1889, de congestão pulmonar", enquanto caminhava rumo à casa de seus amigos Adolfo e Silvina para uma ceia tardia. Todo esse passado pertence a você, Camargo, a frase de Borges, a garrafa de genebra que O'Neill bebia sob as arcadas com o Smitry de Bound East for Cardiff e a costa do Uruguai ao longe.

Embora não pensasse nela, a corrente imóvel e espessa do rio da Prata estava sempre ali, ignorante da ruína que lambe suas margens, Camargo apagou-a com um gesto. Apanhou o controle remoto e baixou as persianas. A sala ficou em sombras. Ligou os televisores e as notícias da manhã começaram a se repetir como num cânone de Bach. Quatro mil soldados chineses avançavam rumo à fronteira de Hong Kong. Era o fim do domínio britânico de cem anos. Mil goletas, juncos e sampanas iam e vinham entre o porto de Victoria e a península de Kowloon ostentando a bandeira da República Popular. O locutor recitou com voz rouca: "O passado, ah o passado. Existe em nós algo que não seja passado?". A câmera mostrou os corpos reconstruídos de uns répteis marinhos de 170 milhões de anos, cujos fósseis acabavam de ser descobertos nas escavações de Neuquén. Três paleontólogos manipulavam os restos com delicadeza e orgulho. As notícias deram um súbito salto à frivolidade: a rebolante atriz mexicana Salma Hayek ia escandalizando os shoppings de Buenos Aires. Chegara para o lançamento de seu último filme e era perseguida por um enxame de repórteres melosos, que lhe perguntavam sobre as glórias do amor à primeira vista. Houve um primeiro plano de suas pernas e em seguida se repetiu a marcha dos soldados chineses.

Então tocou o telefone. Era sua mulher.

— Minha mãe teve outro enfarte — disse. — Acabam de me avisar que está morrendo. Tenho que viajar hoje mesmo para Michigan. Vou levar as meninas. Espero que você não se importe.

Mas por que estou dizendo isso? Claro que você não se importa.

Brenda tinha o rosto doce e olhos ingênuos de cervo. Em outros tempos deixava os cabelos longos cobrirem suas mandíbulas, proeminentes como as de Holly Hunter, mas, ao envelhecer, decidiu usá-lo preso. Era norte-americana, de Traverse City, na região dos grandes lagos, e, como todas as de sua estirpe, movia-se pela vida sem paixão, ao compasso do seu instinto prático. Ao ouvi-la falar, ninguém dava um centavo por ela, porque sua linguagem era uma sinfonia de dúvidas, mas,

quando se dirigia a Camargo, sua voz se transfigurava e avançava de certeza em certeza. Agora, a mãe dela estava morrendo: ou seja, extinguiu-se o único peso, além das gêmeas, que ainda a ancorava ao mundo. Quantos anos fazia que a mãe dela vinha se dedicando à tarefa de morrer? Eram já incontáveis: desde que Camargo a conhecia, vivia preparando-se para o além-morte no casarão cheio de petrechos de pesca sem uso há séculos, às margens do lago Torch. Também estavam os pássaros.

Centenas deles: melros, tordos, azulões, cardeais, que cantavam o dia inteiro para aumentar a tristeza da mãe, para aproximá-la mais um pouco da morte. E afinal chegara a hora.

Seria verdade que dessa vez ela ia morrer? Não se lia nenhum presságio no céu sombrio: apenas falsos infartos e falsos alarmes. Gostaria de ter dito a Brenda que deixasse a mãe em paz. Ela era feliz sozinha entre os pássaros. Mas lhe disse: — Bom, até que enfim sua mãe vai ter o que ela tanto queria.

— Você acha mesmo que ela tem vontade de morrer? Ou será que vivia dizendo isso só para chamar a atenção? O médico me disse que ela está tremendo de medo. A coitada está cheia de tubos, não tem mais voz, e pede por sinais para ver as netas. Estou levando as duas comigo, Camargo. Não sei quando poderemos voltar.

— Semanas. As vezes as pessoas passam semanas agonizando.

Ouviu que Brenda tentava abafar os soluços deflagrados, mas eram muitos. Das cinzas de um brotavam as chamas de outro.

— Deus queira que não seja assim. Se ela tem que morrer, que seja rápido. Vou pôr à venda a casa do lago, os móveis, as cerâmicas, as varas de pescar. Quem vai querer comprar essas coisas tão velhas, tão solitárias? As meninas me disseram que, se a avó morrer, vão abrir as gaiolas e soltar os pássaros. Você bem que podia dar um pulo por lá. Ir e voltar num fim de semana, Não seria a primeira vez.

— Que ideia, Brenda! É uma viagem de vinte horas. Chicago, Traverse City, Agora não posso largar o jornal.

Quando falava com a mulher, Camargo não conseguia reprimir seus piores sentimentos. Nos primeiros anos de casamento, ele se iluminava por dentro sempre que estavam juntos.

Agora lhe acontecia o contrário: sentia uma vontade irreprimível de lhe fazer mal. Desejava vê-la sofrer, vagar descalça por baldios calcinados, mendigar, remexer no lixo. A voz com que ela lhe respondia era sempre doce: — Pelo menos, venha conosco até o aeroporto. As meninas querem lhe dar um beijo antes de viajar.

— Talvez. Depende do que acontecer no Senado esta noite. A que horas sai o avião?

— As oito e meia.

— Ah, impossível. Depois eu telefono para elas. Agora preciso desligar.

— Tudo bem. Então, não vamos nos ver.

— Não. Não podemos. Boa viagem, Brenda.

Desligou, aliviado. De novo a casa ficaria só para ele. Nos últimos anos, isso vinha acontecendo com frequência, mas os lapsos eram tão breves que não lhe davam tempo de relaxar.

A mulher e as filhas gêmeas tinham formado um trio de piano, violino e violoncelo, e as secretarias de cultura das províncias, alentadas pelo parentesco com Camargo, costumavam convidá-las para dar concertos dos quais voltavam carregadas de doces caseiros, partituras de músicos locais e artesanato barato. Brenda, que fora educada numa escola de quacres em Kalamazoo e ainda falava o castelhano com dificuldade, não conseguira superar essa insaciável curiosidade que sentem alguns anglo-saxões pela cultura dos países pobres — ou pelo que ela imaginava ser a cultura da pobreza —> sem nunca distinguir o talento genuíno do plágio rasteiro. Tocava piano com certa habilidade e, antes mesmo que as gêmeas aprendessem a ler, ela as forçara a ter aulas de música. No jardim da casa, à beira das barrancas que se erguiam junto ao rio, Camargo mandara construir uma cabana com isolamento acústico onde elas pudessem ensaiar, e aos poucos as três o foram abandonando pelos trios de Beethoven, Alkan e Gabriel Fauré. Apesar das paredes forradas da cabana, Camargo ouvia o zumbido das cordas sempre que entrava na casa. Vinham sujar-lhe o crepúsculo, o ar transparente, arranhar para sempre a memória de todos os Beethoven que o fizeram feliz nos teatros do mundo.

Quando você deixa de amar uma pessoa, tudo o que ela faz passa a desagradá-lo, e Brenda, que ainda chamava a atenção dos outros homens, não despertava nem um músculo de atração em Camargo. Os primeiros sintomas desse desencanto se manifestaram numa manhã de 12 anos atrás. As gêmeas estavam aprendendo a andar e se revezavam no choro noturno.

Brenda teve um súbito ataque de histeria, e duas veias saltaram em sua testa formando um V. Talvez isso já lhe tivesse acontecido antes, mas foi a primeira vez que Camargo o notou.

De repente, não entendeu por que se casara com ela nem o que faziam os dois ali, compartilhando a cama e um par de filhas que não os deixavam dormir. No dia seguinte também lhe desagradaram seus bocejos, o cheiro de leite coalhado de sua pele, os chinelos de coelho com que preparava o café da manhã.

Brenda era algo ocorrido a um ser que já não era ele. Mas a separação era um incômodo pior que o de continuar vivendo como até então. Tampouco o faria mais livre do que era.

Volte à realidade, Camargo, e volta a realidade. Mas por acaso você já saiu da realidade? Uma das secretárias entrou nas pontas dos pés e lhe lembrou, temerosa,

que ao meio-dia enterrariam o senador Valenti no cemitério de La Recoleta. Quer que chamemos o chofer, doutor? No jornal, quase todos tinham o maldito costume de dirigir-se a ele no plural. Chame, sim, pode chamar,

Na noite anterior, tinha visto uma longa fila de monges na cidade do passado com que ele sempre sonhava. Gostava de passear por essa cidade porque sabia se orientar nela como se nunca tivesse conhecido outra. Pontes, passagens, mercados em ruínas boiando à deriva em grandes lagos de sal, relógios que davam a mesma hora eterna: cidade sem árvores e sem fim, com um sol sujo e noites claras como o dia. Nas ruas do centro, abriam-se umas grutas que eram — Camargo o sabia — hotéis, pequenas celas iluminadas por velas de cera espessa. Num desses hotéis iam entrando os monges. Viu-os, eram milhares, enquanto a lua caía como uma bola no horizonte da cidade, e ele corria entre estilhaços de luz para recolocá-la em seu lugar. Os monges cantavam em surdina, e seu ronrom não o deixava em paz. Estava empurrando a lua por uma ponte de madeira quando foi acordado pelo celular do jornal.

Eram duas e meia ou três da manhã. Brenda dormia na cama ao lado, de barriga para cima, o rosto coberto por um repugnante creme de amêndoas. Ainda ignorava que sua mãe começava a morrer no outro lado do mundo, você ainda ignorava, Camargo, tudo o que estava morrendo naquela noite. O celular insistia. Demorou em reconhecer a voz do editor noturno, rasgada de cansaço.

— Aconteceu uma tragédia, doutor — disse-lhe. — Já tínhamos imprimido meia edição, quando nos avisaram que o senador Valenti se matou.

— E o que foi que o senhor fez?

— O que pensamos que o senhor faria, doutor. Parar a tiragem, Ainda estamos a tempo de fazer a notícia chegar na primeira página às bancas da capital.

— Valenti., o senhor disse? Como Foi?

— A viúva o encontrou de joelhos, ao lado da cama, com um tiro na boca. Não deixou nenhuma carta. E o que dizem.

Afinal alguém tinha um gesto de dignidade. A Argentina estava doente até a medula. Mas uma única morte não alteraria a ordem das coisas.

— Ponha isso, então. Que ele se matou com um tiro na boca sem explicar por quê.

— Um pouco forte, não acha, doutor?

— Foi isso que aconteceu, não? Diga o que aconteceu.

Onde é o velório?

— Não vai haver velório. Foi decisão da viúva. Quer que seja enterrado o quanto antes, ao meio-dia, se possível.

Rolou na cama algumas vezes e, por fim, resolveu levantar.

Fez barulho, para que Brenda acordasse e lhe preparasse um café, embora soubesse que ela não faria nada por ele. Saiu para a varanda, entrou em seu escritório e ligou a televisão. Zapeou pelos canais de notícias em busca de alguma imagem do suicídio: talvez uma ambulância em frente à casa de Valenti, o alvoroço dos vizinhos.

Não havia nada: só cenas de guerra em Gaza e nos Bálcãs.

Como o editor lhe dissera, o funeral seria ao meio-dia, mas às cinco para o meio-dia o cortejo já estava no cemitério.

A umidade era atroz. Os mármoreos destilavam musgo, e havia mais desamparo fora que dentro dos túmulos. Afora o seu jornal, nenhum outro mencionava o suicídio. As rádios mencionavam o fato de passagem e não davam maiores detalhes, o que era muito estranho. Parecia que todos queriam passar essa morte por alto, como se não tivesse ocorrido. Com tamanho sigilo, era explicável que houvesse tão pouca gente no enterro.

Pouca e eminente: o presidente da República e seus guarda-costas, os juizes favoritos do governo, alguns colegas do falecido.

Sobre o caixão não havia uma única flor. Ninguém se aventurou a improvisar um discurso. Um dos ajudantes de ordens conseguiu às pressas um padre surdo, que parecia não entender para que estava ali e rezou um responso atropelado.

"Pobre Valenti", disse o presidente em voz alta. "Quanta injustiça se cometeu contra esse homem." Tinha a gola do casaco levantada e recebia os abraços e apertos de mão com displicência, o olhar vazio, como se estivesse com ninguém.

Só pareceu se animar quando Camargo se aproximou. Tomou-o pelo braço e o levou à parte: "Ah, Doutor Camargo", suspirou.

"Quanto lhe agradeço que tenha vindo! Faça o possível para que não se ventilem em seu jornal as canalhadas que destruíram Valenti. O coitado não pode mais se defender."

Camargo não gostava nem um pouco de ouvir insinuações sobre o que devia ou não devia publicar, e logo se sentiu tenso.

Segurou a língua, mas não pôde evitar que o tom da resposta saísse gelado, distante, desdenhoso: "Ventilar? Eu não faço isso.

Quando publico alguma coisa é porque posso prová-la, senhor.

E tenho a mesma atitude com os mortos que com os vivos. Um juiz disse ontem que Valenti estava envolvido em contrabando de armas. Como o senhor pode querer que eu não publique uma coisa dessas?" "Um juiz, ora, um juiz, o que isso significa a esta altura?", insistiu o presidente. "Valenti agora está sendo julgado por Deus." Acenou para o ajudante de ordens e virou as costas para Camargo. Era um homem pequeno, mirrado, que disfarçava a velhice cultivando a magreza. Umas mechas de cabelo falso e retinto cobriam-lhe as manchas de calvície, no topo da

cabeça. A cirurgia plástica lhe dava, de longe, um ar de juventude, mas de perto parecia um boneco de creme.

O vento levava e trazia pontas de cigarro defloradas pela umidade. No átrio do cemitério., Camargo parou diante do grande livro onde os visitantes registravam sua assistência ao funeral, Com o canto do olho, viu que Enzo Maestro trotava em sua direção e se fez de distraído. Enzo não presenciara a cerimônia.

Que será que ele queria? Em 1982, os dois tinham salas vizinhas na redação do jornal e mantinham um espaçado ritual de almoços a dois que era o mais próximo ao que Camargo entendia por amizade, mas agora Maestro se transformara num cão serviçal do presidente, seu secretário particular, e preferia falar com ele só quando não tinha outro remédio.

— Desde que eu soube do suicídio, não consigo pregar o olho — disse Maestro. Estava agitado e suarento. — Se quisessem me botar na prisão, eu também me suicidaria.

Camargo sorriu e lhe disse: — Eu não. É preciso se sentir muito culpado para se matar.

Atravessou o portal do cemitério e seguiu rumo às grandes seringueiras da entrada. Fora, a vida respirava com energia. O sol se desvencilhava das nuvens com felicidade e caía inadvertido sobre o ânimo das pessoas. Maestro, obstinado, seguiu seus passos.

— Você viu o mau humor do presidente, Camargo? Está recebendo pauladas de todo lado. Você acha que com esse clima o país pode ter conserto? Quando as coisas vão bem, as pessoas se queixam porque não vão melhor. O que fizeram com o coitado do Valenti me abalou muito.

— Ninguém fez nada com ele, Enzo. Foi ele mesmo que fez rudo. Deixou que o filmassem quando recebia a propina pelo contrabando. Já não tinha mais salvação.

— Vai saber quantos fazem o mesmo, e ninguém vai em cana.

A maldita cãibra voltou de repente. Desceu como um garrote pelos músculos da cadeira e dobrou Camargo ao meio.

Era a mesma dor que o atacara fazia um mês, e um ano atrás, durante a viagem a Davos. Vinha e passava. Mas, enquanto estava ali, fazia dele um inválido. Maestro o amparou com uma fortaleza humilhante.

— Não é nada, Enzo, não é nada. Achei que tinha torcido o tornozelo. Já estou bem, viu? Estou bem.

Caminharam até o "La Biela", em frente ao cemitério.

O chofer do jornal tinha estacionado o Mercedes na esquina, mas Camargo lhe acenou para que esperasse. O café estava cheio de gente. Quando entraram, foi desocupada uma mesa junto à janela, e Camargo desabou na cadeira.

— O que você precisa é ir a uma academia — disse Maestro.

— Olhe para mim. Com bicicleta, sauna e massagens, perdi dez quilos em dois meses. Eles deixam você como novo, e você nem percebe.

Dois dos senadores que tinham assistido ao funeral avistaram Camargo da porta do "La Biela" e fizeram menção de se aproximar da mesa. Camargo ergueu uma das mãos e, sem olhar para eles, deu a entender que não o incomodassem.

— Você é mesmo de morte, Camargo — disse Maestro.

— Agora entendo por que anda cercado de puxa-sacos, sem um único amigo que lhe diga o que pensa.

Os modos de Enzo sempre foram melosos, de sacristão, e quando falava parecia pedir perdão.

— Vai ver que estou ficando parecido com o seu chefe, como o país inteiro. Não vou apertar a mão desses dois ladrões, Enzo. Não posso. Me dá nojo.

— Então, também não aperte a minha. Eu estou no mesmo barco.

— Você não. Você é um laranja. Eles estão usando você.

Vai acabar em cana como os outros, só que mais pobre que um rato de igreja. O que aconteceu com o Valenti é só o começo.

— Você acha mesmo? Aqui nada tem começo nem fim.

Neste país, sempre parece que está para acontecer uma coisa terrível, e não acontece nada. Tudo vai continuar na mesma, você vai ver.

— Se depender de mim, não. O meu jornal não acredita numa única palavra do seu chefe. E o meu jornal ele não pode intimidar nem comprar.

Maestro adiantou o rosto e falou em voz baixa, escandindo as palavras:

— Você quer que isto aqui vire um caos? Quer que todos se matem como Valenti? Você não é Deus.

— Não existe Deus, Enzo. Aí é que está o problema. Não existe Deus nenhum.

Chegou ao jornal de péssimo humor. Chamou os chefes de redação para que se reunissem imediatamente em seu gabinete, mas nenhum deles tinha voltado do almoço. Mandou as secretárias caçá-los onde quer que estivessem, pelos celulares.

Um dia de merda. A câibra ainda reverberava em suas cadeiras, era uma espécie de chaga recôndita, e quem sabe quando voltaria. Seria bom ir ao médico, mas não agora. Agora queria se preparar para sua própria guerra. O senador Valenti negociara a venda de um carregamento de armas para a Costa Rica e o Panamá, países que não podiam precisar delas porque não têm exércitos. Era evidente que, antes de chegar ao suposto destino, as armas seriam desviadas para outro lugar. Uma comissão do Senado aprovou o negócio, e o decreto foi assinado pelo presidente, mas não foi publicado em nenhum boletim, sob o pretexto de que era assunto de segurança nacional. Valenti fora filmado enquanto negociava a transferência de 16 milhões de dólares para uma de suas contas em Luxemburgo com o emissário de um país impreciso, que podia ser Croácia, Albânia ou Sérvia.

O vídeo chegara às mãos de um deputado da oposição. Durante meses, a imprensa especulava com a ideia de que Valenti era o testa de ferro de algum poder superior e que parte da propina havia sido repartida com outros senadores.

A fatia maior devia estar nos bolsos do presidente, mas isso era algo que ninguém podia nem sequer insinuar. Até que um juiz, arriscando a própria vida, sentenciou que Valenti era culpado de associação ilícita e ordenou sua prisão. Camargo agora queria investigar se o suicídio era verdadeiro ou se o presidente o mandara matar para que não desse com a língua nos dentes.

Agora é fácil contar essa história porque todo o mundo sabe o que aconteceu, mas em 1997 era um enredo tão inverossímil que as pessoas lhe prestavam pouca atenção ou pensavam que eram exageros de uma imprensa encarniçada contra o governo. Na época, dois articulistas receberam cartas anônimas com o nome dos seis senadores cúmplices junto a cifras que iam de duzentos mil a meio milhão de dólares, talvez representando o valor dos subornos. O próprio Camargo recebeu um envelope com o timbre do Senado e um carimbo de confidencial contendo uma folha com 14 números. Desde o início ele suspeitou que eram os códigos de várias contas bancárias e os enviou ao correspondente de Nova York para que algum perito os decifrasse, mas ainda não obtivera nenhum resultado. Toda a editoria de Política estava investigando o caso freneticamente, aliciando zeladores e escreventes do Senado para que repetissem o que ouviam pelos corredores. Dias atrás, atendendo a um lampejo dos seus instintos, Camargo telefonara para outros diretores de jornais no Panamá, em Lima, Montevideu e São Paulo para lhes pedir ajuda na investigação.

Não acreditava que pudesse conseguir grande coisa com esse expediente, mas não queria deixar de usar nenhuma das suas armas.

Os editores voltaram do almoço sem a mais pálida luz sobre o obscuro suicídio de Valenti. Todas as fontes estavam mudas, os irmãos do falecido não atendiam o telefone, e ninguém tinha a menor pista de uma carta final que talvez nem existisse. O desânimo era geral, e os estragos da batalha se desenhavam no rosto de todos.

Camargo recuou sua cadeira alguns centímetros e colocou os pés sobre a mesa: sua pose preferida para pensar. Precisava de novas estratégias de investigação. Ou de um golpe de sorte que fecundasse o acaso. Por que não procurar o sujeito que gravou as cenas do suborno? A fita chegara às mãos de um deputado da oposição dentro de um envelope anônimo, e os agentes de inteligência do governo não tinham conseguido rastrear a origem. Talvez na embaixada dos Estados Unidos soubessem alguma coisa, mas, se o vídeo tivesse vazado dali — como supunha Camargo —, ninguém soltaria a língua. Os editores tomavam notas diligentes em seus blocos, e os televisores às suas costas repetiam as mesmas histórias: soldados da República Popular da China entrando em Hong Kong, o traseiro de Salma

Hayek, pneus em chamas atravessados na Rodovia 9, fechando o acesso à cidade de Salta.

O telefone os sobressaltou. Camargo tinha proibido que lhe transferissem qualquer ligação. Se fosse sua mulher, as secretárias pagariam caro. "É de São Paulo", lhe disseram. Reconheceu a voz pausada e grave de Antônio Pimenta Neves, diretor da Gazeta Mercantil, a quem todos chamavam pelo sobrenome, como a ele próprio. Na fala de Camargo ainda sobreviviam os erres arrastados de Tucumán, sua província natal. Também Pimenta pronunciava os erres com sotaque caipira, com algo de inglês.

— Quais são os nomes do filho mais velho do seu presidente?

— perguntou Pimenta, em perfeito castelhano.

— Juan Manuel alguma coisa — disse Camargo. Tapou o fone e pediu a informação aos editores. — Juan Manuel Facundo.

— Se ele nasceu em 1975, então é o mesmo.

— O mesmo o quê?

— Esse rapaz tem aqui uma empresa de importação e exportação chamada "Rosa de los Libres". É uma fachada para lavagem de dinheiro. Três dias atrás, ele depositou sete milhões e cem mil dólares em nome dessa empresa na filial de um banco de Cingapura. Ontem quis transferir cinco milhões a outro banco, no Uruguai, mas a operação está demorando.

De noite, saiu para comemorar e gastou uma pequena fortuna.

Que é que você acha?

— Maravilha— celebrou Camargo. — Mas imagino que o número da conta seja reservado.

— Não — disse Pimenta. — Tenho aqui uma cópia do depósito e fotos da orgia. Também os nomes dos diretores da empresa: o garoto é presidente, dois primos são os vice-presidentes, um dos tios maternos é o tesoureiro. Vou mandar tudo para você via Internet.

— A Gazeta vai dar a informação?

— Claro, amanhã mesmo. Mas não com manchetes tão grandes como as de vocês.

— Fico lhe devendo um jantar em São Paulo ou em Buenos Aires.

— Você vai me dever muito mais do que isso.

Camargo ordenou aos editores que deixassem as fotos de lado. Não queria que nenhum golpe baixo ofusasse o inesperado furo do depósito bancário. Três repórteres saíram voando para confirmar o que Pimenta Neves havia dito. E, embora fosse pouco provável que o presidente respondesse pessoalmente, seus porta-vozes não poderiam ficar calados.

Quando as imagens começaram a chegar do Brasil, Camargo percebeu que a denúncia seria irrefutável: tinham não apenas as cópias do depósito, com a assinatura infantil de Jivan Manuel Facundo, do extrato da conta, do comprovante da ordem de transferência ao Uruguai, além das eloquentes imagens da orgia, mas também várias poses do rapaz, captadas pelas câmeras do banco, enquanto fazia as transações na sala do gerente. Enzo Maestro telefonaria a qualquer momento para tentar conter a avalanche, Vai içar a bandeira branca antes das seis, previu Camargo.

Foi um pouco mais tarde. As seis e quinze ouviu ao telefone sua voz áspera, hostil:

— Vocês não têm mais escrúpulos? Conspiram contra a democracia, se metem com a família do presidente. O governo espera críticas construtivas, não a imprensa marrom.

Com todos os trunfos na mão, Camargo não tinha por que perder a calma.

— Questão de adjetivos — devolveu. — Não existe crítica construtiva. Existem apenas críticas sujas ou limpas. A nossa é tão clara que você talvez ache insultante, Maestro. Mas para cada uma das palavras que vamos publicar nós temos provas e testemunhas.

— É bom que saiba o que está fazendo, Camargo. Vai dar ao presidente o maior desgosto da sua vida. Quando lhe contei o que estava acontecendo, seus olhos se encheram de lágrimas.

Se eu o conheço bem, vai processar você por calúnia.

Está uma fera.

— Eu, se fosse amigo dele, o aconselharia a não fazer isso.

— Você não é amigo dele porque não quer. Como tem estômago para publicar todas essas canalhices que ouve dos seus jornalistas?

— Não vou publicar tudo o que eu tenho, Maestro. Só uma parte. Diga a seu chefe que não me obrigue a publicar o pior.

— Isso é uma ameaça? Então, você quer guerra.

— Eu não quero guerra nem paz. Nem sequer que se faça justiça. Minha ambição não vai tão longe. Só quero que as pessoas saibam, como eu, que há algo de muito podre em Buenos Aires.

Sentiu-se aliviado. De repente, lembrou que não se despedira das meninas e pediu às secretárias que telefonassem para elas, para não topar de novo com a voz lamurienta de Brenda.

Que espécie de vida era aquela, amarrada aos telefones? Será que sua vida saberia algum dia abrir os braços para a felicidade e a desventura? Sua mesa era uma floresta insana de papéis e provas, mas ele sempre dava um jeito para que o porta-retratos das filhas criasse uma clareira de limpeza à sua frente. Ele mal as

vira aprender a andar, a falar, a ler. Ele mal as vira, e, no entanto, eram seu único amor. Andava muito preocupado com a mais fraca, Ângela, que poucas semanas atrás caíra de cama com uma febre rebelde e uma dor nos ossos que não a deixavam em paz. De repente, tornara-se melancólica e esquiva. Assim soou a voz dela ao telefone, como a de uma menina desamparada.

Tinha 13 anos, e parecia ter dez. "Você não vem a Michigan?", perguntou-lhe. Ele não teve coragem de dizer que não.

Por volta das sete, no auge da agitação, apareceu na tela do seu computador o necrológio de Mitchum. Já nem se lembrava daquilo. Ele nunca lia esse tipo de informação, muito menos em dias de tempestade, mas antes de ir ao enterro ordenara que lhe mostrassem o artigo, e agora sentia uma curiosidade incômoda como um presságio. Aquela garota tão etérea e ao mesmo tempo tão terrena. Estranhou o fato de só conseguir evocar suas formas mas não seu rosto: a silhueta de um espectro no espelho.

Os primeiros parágrafos não estavam nada mal e fluíam com tanta naturalidade que o leitor passava de um ao outro sem perceber. Ela mostrava uma consciência da linguagem incomum até entre os jornalistas mais presunçosos e bem pagos.

Começava com uma evocação da infância órfã de Mitchum em Bridgeport, em seguida enumerava os extravagantes empregos de sua juventude — leão de chácara, promotor de astrólogos e descrevia com um par de traços certos as sete infamantes semanas de prisão em Los Angeles por fumar maconha, logo depois de ter concorrido ao Oscar. Mitchum vivia obcecado pelo problema do Mal, dizia Reina. Era um calvinista que procurava personagens detestáveis, como os de Círculo do medo e Encruzilhada, a fim de provar a impotência de Deus para salvar as suas criaturas mais cegas. Reina dedicava vinte linhas deslocadas, no meio do necrológio, para comentar a noite do caçador, filme em que o falecido havia explorado todos os registros de sua complexa arte. Camargo leu o trecho alarmado.

Essas linhas confirmavam seus pressentimentos.

Segundo Reina, Mitchum se entretivera com a leitura de alguns evangelhos gnósticos durante as rodagens desse filme.

Pelas sete histórias proscritas dos valentinianos, exumadas em 1943 pelos arqueólogos Bickel e Von Holst, ele soube que Maria, a filha virgem e adolescente de Joaquim e Ana, deu à luz não um filho, mas dois idênticos. Os gêmeos se chamaram Jesus e Simão. Os dois levaram vidas paralelas, pregando ao mesmo tempo, um na Galileia, outro na Síria; os dois foram crucificados em diferentes cidades, acusados de conspirar contra o poder de Roma, e os dois também ressuscitaram no terceiro dia. Mas só um deles era filho de Deus. O outro era um impostor que caiu no atroz pecado da soberba ao fingir uma divindade para a qual não fora eleito. Sua milagrosa e simultânea ressurreição confundiu os evangelistas

dos dois credos. Os valentinianos sustentavam que o gêmeo de Deus — ou do filho de Deus — era o demônio.

Mitchum, escrevia Reina, quis ilustrar essa ideia ao exhibir, numa maravilhosa cena de A noite do caçador, as falanges de suas mãos tatuadas com as palavras Love e Hate, Amor e Ódio, entrecruzando-as para explicar o eterno embate entre o Bem e o Mal, Camargo sabia que a informação era falsa: os gnósticos serviram de inspiração não para Mitchum — homem de leituras precárias —, e sim para Charles Laughton, o diretor do filme. De qualquer maneira, a digressão era inoportuna, e ele jamais a publicaria. Para Camargo, não importava se Jesus teve um irmão gêmeo ou uma irmã, ou três. Já ninguém poderia alterar a direção em que se movera a história da espécie humana. E, além disso, em plena guerra com o presidente, não era o momento de abrir outra frente de conflito irritando os bispos católicos, que chamariam de blasfêmia algo que não passava de uma cândida provocação.

Durante alguns segundos, vacilou entre demitir Reina e chamá-la para que lhe explicasse por que havia introduzido essa informação tão fora de lugar. A garota lhe despertava uma vaga curiosidade intelectual. Em poucos minutos, poderia conhecê-la melhor. Ligou para Sicardi, o chefe de pessoal, e lhe pediu as fichas dela. Remise não, Remis. Reina Remis, repetiu. Ele confiava cegamente em Sicardi. Era um sujeito atarracado e com um grande nariz coberto de retículas de vasos capilares. Seus relatórios eram sempre metódicos, apurados, sem uma palavra a mais.

— Aqui temos todos os dados, doutor — disse Sicardi.

— Telefone, endereço, nome e profissão dos pais, idade, estudos, lista de trabalhos anteriores. Nesse último ponto, não há grande coisa. Apenas seis meses como estagiária numa biblioteca em Adrogué e outros seis como pesquisadora na seção de negócios imobiliários do Crônica Mercantil. Nos dois casos, ela pediu demissão para continuar os estudos.

Falava em pé, de cabeça baixa. Jamais ousaria sentar na presença de Camargo.

— Foi indicada por quem?

— Por ela mesma. Remis. Foi a melhor colocada dos seis bolsistas que trabalharam aqui no ano passado.

— E formada em quê?

— Em Comunicação, doutor. Média 9,86.

— Quantos anos o senhor disse que ela tem?

— É bem grandinha. Vai fazer 31 em novembro.

— Então, já foi casada.

— Até onde sabemos, não. Celibatória.

— Leia os resultados dos exames médicos.

— Sangue e urina, doutor. Sem problemas.

— Só isso? Eu quero exames completos. Quero saber se as pessoas que o senhor contrata têm ou tiveram doenças venéreas, chatos, tuberculose, regras irregulares, dentes podres, amígdalas em mau estado, se as mulheres estão prenhes ou já estiveram. Com as mulheres é preciso ter cuidado, Sicardi.

— É verdade, doutor. Nunca se sabe. Só não fazemos isso tudo por causa da contenção de despesas. O item médico sai muito caro.

— Eu não quero saber quanto custa. Só quero que o faça.

E diga a essa moça, Remis, que venha me ver. Deixe as fichas dela aqui.

Os televisores multiplicaram o rosto mítico de Che Guevara na lavanderia do hospital de Vallegrande. Teriam encontrado a ossada? Ligou para o editor de Internacionais para que o apurasse. Ainda não. Tinham exumado um fêmur nas proximidades do aeroporto, mas era de uma mulher de pernas tortas. Os jornalistas sérios tinham que abrir caminho em meio ao emaranhado de versões falsas propagadas pelas rádios e televisões desesperadas por chamar a atenção.

Aquilo que no jargão da casa todos conheciam como "as fichas" era um compêndio de todas as informações que Sicardi conseguia reunir sobre cada um dos redatores do jornal. Algumas páginas reproduziam os interrogatórios a que ele mesmo os submetia antes de serem admitidos. Outras continham números de telefones, rascunhos de cartas resgatadas da lixeira, panfletos que citavam seus nomes, fotocópias de carteiras de partidos políticos ou de clubes de futebol. As fichas de Reina Remis traziam também algumas fotos: dos pais, de um irmão mais velho, das sobrinhas, de um roqueiro que tinha sido seu namorado. Camargo examinou o conjunto com delicadeza e curiosidade, como se o personagem fosse uma miniatura entre seus dedos. Que vida insignificante: nunca lhe acontecera nada importante. Cursos de inglês básico, estudos médios num colégio de freiras, duas viagens ao Rio de Janeiro e a São Paulo, de ônibus, e outra ao México, de mochila nas costas.

O pai era mecânico de automóveis e dono de uma oficina em Adrogué, na grande Buenos Aires. Segundo Sicardi, sobrevivera a todos os descalabros econômicos da Argentina, e não se queixava. Gostava de andar a cavalo e, nos fins de semana, a filha o acompanhava ao clube hípico. Em 1995, ela deixara a casa dos pais em Adrogué e se mudara para um minúsculo conjugado na rua Humberto Primo. Obviamente, o pai pagava as suas contas, mas Remis queria se emancipar, tirar diploma de mulher, ser famosa, escrever nos jornais.

Agora o silêncio pousava sobre aquela margem aérea da cidade. No rio, a escuridão cambiava para o roxo. As anotações de Sicardi eram tão impecáveis, tão perspicazes, que lhe devolviam a fé na inteligência humana.

Sua mesa ia sendo tomada de bilhetes deixados pelas secretárias.

Recados de repórteres, vozes do mundo. Enquanto ele não desse sinal verde, ninguém ousaria entrar em seu santuário.

"Mauro Viale disse no noticiário da ATC que a morte de Valenti foi acidental-não suicídio: essa vai ser a versão oficial.

Vamos segui-la? Por pressão do governo, aqui ou lá, o banco de Cingapura vai negar a autenticidade do comprovante do depósito feito por Juan Manuel em São Paulo. Na sala de espera aguarda a senhorita Remis. Diz que o senhor a mandou chamar. A viúva de Valenti vai deixar o país. Está em Ezeiza, com uma passagem de primeira classe no vôo para Chicago. Vai escoltada: quatro pesos pesados da inteligência."

(É o mesmo voo de Brenda e das meninas, também de primeira classe. Talvez elas conversem antes de dormir. Amanhã vou ter que telefonar para Brenda para lhe perguntar detalhes sobre o que essa mulher fez e disse durante a viagem, para uma nota de variedade.)

— Mande Remis entrar — ordenou Camargo.

Vestia a mesma roupa sem graça que estava usando de manhã: uma malha de gola alta e uns jeans justíssimos.

Camargo indicou-lhe uma cadeira do outro lado da mesa e tornou a olhar para os televisores.

— Um momento — disse. — Quero ver isso.

As telas exibiam a imagem fixa de Shoko Asahara, o profeta cego da seita Verdade Suprema que em 1995 envenenara o metrô de Tóquio com gás sarin. Era uma imagem insuportável, muda.

— Mitchum — continuou Camargo. — Eu chamei você por causa do que escreveu sobre Mitchum.

— Que foi? Tem algum problema? — defendeu-se a garota.

— Eu trabalhei um monte em cima desse texto. Confirmei cada informação.

— Não todas. Mitchum não leu os valentinianos. Foi Laughton.

— Charles Laughton?

Ao falar, seu rosto corou.

— O diretor do filme. Nessa época, os atores podiam improvisar muito pouco durante as filmagens. 1955. Você não tem a mais pálida ideia do que era Hollywood naquele tempo.

— Fiz confusão, então — admitiu a garota. Mas não pediu desculpas.

— E esse nome, Reina, de onde saiu?

— Da minha avó materna. Era brasileira. Seu nome completo era Regina Maria da Glória. Por pouco não me chamam Reina Isabel. Por sorte, desistiram a tempo.

— Você acredita mesmo que Jesus tinha um irmão gêmeo?

— Como é que eu vou saber? Sei lá. Tudo é possível.

Eu só sei alguma coisa dos valentinianos. Não li direito, já disse.

— Vou ter que cortar esses parágrafos, Reina. O jornal nunca publica necrológios tão longos.

— Por que justo esses parágrafos? São a melhor parte do artigo. Se quiser, posso corrigir o trecho e dizer que a ideia era de Laughton.

— Não. Hoje é um dia difícil. Não chamei você para discutir.

— Posso ir embora, então?

A luz dos televisores ressaltava o contorno do que ela era, ou do que Camargo queria que fosse. Podia adivinhar as coxas firmes sob os jeans, a ondulação dos seios, a suavidade da penugem dos braços. Parecia que a silhueta era um aquário e o corpo navegava dentro dele, esquivo. E sua maneira de mover as palavras de um lado para outro: isso sim é que era inesperado.

Não sabia que a inteligência das mulheres podia ser fugidia como os peixes.

— Eu já fui crítico de cinema, Reina. Li dezenas de artigos sobre Mitchum. O seu até que não está mal, mas quase tudo o que você escreveu não interessa a ninguém. As pessoas compram, o jornal para, em dois minutos, ter uma ideia do que está acontecendo. Ninguém quer perder tempo com detalhes.

Com essa história dos messias gêmeos você perdeu o fio da meada.

— Não acho, não acho mesmo. Se quiser, podemos conversar sobre isso uma outra hora. Qualquer dia menos difícil que hoje.

— Já foi difícil. Não é mais. Agora estou com fome. Podemos continuar a conversa enquanto jantamos em algum lugar.

— Fora daqui?

— Claro. Em qualquer lugar, não importa onde» fora deste mundo.

— Olhe o meu estado. É melhor eu me arrumar um pouco e ir encontrar o senhor no lugar que escolher. A que horas?

— As dez. Deixe seu telefone com as secretárias. Logo mais elas ligam para lhe dizer qual é o restaurante.

O rosto de Reina não refletiu nenhuma emoção. Os grandes olhos negros estavam muito abertos mas vazios, como os de uma vaca que, depois de viajar durante dias no escuro de um vagão, de repente tivesse chegado a um campo desconhecido.

A não ser quando sentia aquelas dores nas cadeiras, como nessa manhã, Camargo se sentia jovem. Não achava seu corpo menos radiante do que quando jogava futebol na universidade e, embora os músculos estivessem um tanto flácidos, ainda gostava de exhibir na praia os bíceps e o peito robusto. Tirou o Cohiba que escondia na escrivaninha e, depois de cortar-lhe a ponta, acendeu-o. Iluminou-o a felicidade de ser ele mesmo.

Ainda era jovem e talvez uma única mulher fosse pouco para ele. Precisava de uma mulher que fosse cem mulheres, bandos de ternas mulheres que o iluminassem como um outubro, sóis de mulheres em que a noite jamais pousasse.

Quando recebeu a prova da primeira página, revisou-a com displicência. Não hesitou ao escolher a manchete principal.

Era fácil: "Filho do presidente depositou / uma fortuna em um banco no Brasil". Sensacionalista, como Maestro temia.

Apelativa e verdadeira para quem acreditasse que sete milhões eram uma fortuna. Aquelas poucas palavras sem dúvida revelariam a ponta do icebergda corrupção: o contrabando de armas, a razão do suicídio de Valenti, os malotes abarrotados de dinheiro que o presidente fazia entrar por Ezeiza, suas ligações com os narcotraficantes do cartel de Cali, as pústulas da pobre pátria. Você sempre tinha razão, Camargo, esse era seu orgulho máximo: não errar quando todos erravam.

Veio-lhe à memória uma canção dos anos 60: "Você evitou os erros e se sente / a salvo. Mas caiu no erro maior / de não cometer nenhum." Isso não era para ele, nunca seria: nascera a salvo dos erros. Podia acontecer qualquer coisa no dia seguinte, que ele estava preparado para tudo. Para tudo, menos para o que aconteceu.

TRÊS.

Uma paixão brasileira

No domingo 20 de agosto, às duas e meia da tarde, Antônio Marcos Pimenta Neves, 63, assassinou com dois tiros Sandra Gomide, 32. Ambos trabalhavam no mesmo jornal e mantiveram um romance de três anos. Fazia alguns meses que Sandra vinha tentando romper a relação, mas o obsessivo Pimenta, desesperado e louco de despeito, não o permitia. Imaginava que ela se apaixonara por um homem mais jovem e, na tentativa de flagrá-la, bisbilhotava em seu correio eletrônico, seguia seus passos — obcecado de ciúmes — em automóveis que ia batendo pelas ruas, espiava as sombras de sua casa durante noites afio, como James Stewart em *A janela indiscreta*.

Contado assim, o crime parece mais um entre tantos. Mas não é. Pimenta Neves era um dos jornalistas mais poderosos do Brasil. De modos cautos, formais, reflexivos, ninguém diria que seria capaz de uma paixão violenta. No final dos anos 50, foi um erudito crítico de cinema no jornal *Ultima Hora*; mais tarde, durante a ditadura militar, trabalhou como chefe de redação da *Folha de S. Paulo* e como diretor da *Folha da Tarde*. Casado com uma norte-americana, em 1974 mudou-se com ela para Washington, trabalhando ali como correspondente de jornais paulistas. Ali se notabilizou por sua altivez e seu orgulho extremos.

Certa vez, durante um almoço da imprensa estrangeira com representantes do Partido Republicano, um destes comentou, de passagem, que os jornalistas sul-americanos viajavam e comiam sempre à custa de suas fontes. Pimenta Neves deixou a mesa em silêncio e pagou a conta inteira, que chegava a 780 dólares. Depois voltou e jogou o recibo na cara de quem o ofendera. No desprazer dissipou metade de seu salário.

Em meados dos anos 80, foi nomeado conselheiro sênior para assuntos públicos do Banco Mundial e, em 1995, já separado da mulher e com duas filhas gêmeas, voltou a São Paulo para dirigir a redação da *Gazeta Mercantil*, o jornal econômico mais prestigioso do Brasil. Em outubro de 1997, foi contratado, para o mesmo cargo, por *O Estado de S. Paulo*.

A essa altura, seu caráter se azedara. A solidão ou o poder — ou talvez uma combinação dos dois — fizeram dele um homem despótico e arrogante. Acreditava que tudo era possível, e acreditava também que nada lhe devia ser negado.

Em algum momento de 1997, apaixonou-se por Sandra Gomide, editora do caderno "Empresas e Negócios" da *Gazeta Mercantil*; quando foi para *O Estado*,

levou-a com ele. Empoucos meses, Sandra recebeu promoções vertiginosas. Seu salário de redatora especial, mil dólares, foi multiplicado quase por cinco.

Era uma mulher atraente e sensual e, ao que parece, não menos ativa que Pimenta. Desde menina era chamada de "Bambi", por causa de seus movimentos sinuosos e elegantes, que lembravam os de um cervo. Participara de um programa de pós-graduação na Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) e, no início do ano, seus artigos sobre asfusões das empresas brasileiras de aviação foram amplamente citados por toda a imprensa do país,

Alguma coisa devia andar mal entre ela e seu protetor porque, há alguns meses, numa reunião dos editores de O Estado, Pimenta se queixara de que Sandra estava descuidando de seu trabalho e pediu sua demissão. Na redação do jornal, o diretor fora visto mexendo no computador privativo de Sandra para ler as mensagens que ela teria recebido de um empresário equatoriano, por quem —pensava Pimenta, talvez sem razão — a jovem estava apaixonada. Começou então uma perseguição tenaz: ele entrou em contato com os diretores de todos os meios de comunicação, de São Paulo e do Rio de Janeiro, para instá-los a recusar qualquer pedido de emprego que viesse de Sandra. Acusou-a de receber propinas de uma empresa de aviação e de mentir a seus chefes.

A história não parece diferente de outras célebres na ficção, como a de Carmen no romance homônimo de Prosper Mérimée e a de Lola-Lola, ou Rosa, em O anjo azul, de Heinrich Mann.

Mas os crimes brasileiros são movidos por paixões mais complexas.

As vezes, o que os desata são o amor-próprio ou a honra ferida, mas a causa mais frequente é o desejo de posse.

Os exemplos são muitos, e alguns deles sobrevivem na memória coletiva, como o inesquecível crime do escritor Euclides da Cunha, autor do clássico Os Sertões, que foi correspondente do mesmo jornal, O Estado, na cobertura do levante de Canudos narrado em seu livro.

Em janeiro de 1906, Da Cunha era membro da Academia Brasileira de Letras, superintendente de Obras Públicas e uma das personalidades mais notáveis do país. Ao voltar de uma viagem de 14 meses pela Amazônia, encontrou a mulher, Anna — que ele chamava de Saninha. —, grávida. Em vez de repudiá-la, decidiu adotar a criança. Passado um ano, nasceu um segundo filho, que tampouco era dele, mas que ele também aceitou sem recriminações.

Só reagiu quando, em agosto de 1909, Saninha abandonou o lar conjugal para ir viver com um aspirante do Exército, Dilermando Cândido de Assis, de 21 anos, possivelmente o pai daqueles dois filhos,

Da Cunha, que tolerara o adultério, não pôde suportar o abandono. Foi até a casa de seu rival e, depois de atirar para o alto, apontou o revólver contra o coração de

Saninha. Mas Dilermando, campeão nacional de tiro ao alvo, foi mais rápido e fez um disparo certeiro no peito do escritor. A morte de Da Cunha foi uma tragédia pela qual o Brasil guardou três dias de luto oficial.

Tampouco Pimenta aceitou o abandono de Sandra. Aparecia em seu apartamento a qualquer hora do dia ou da noite, com os mais variados pretextos, e chegou a esbofeteá-la. Sandra o denunciou à polícia por "invasão de domicílio e agressão", mas nada aconteceu. Os investigadores supuseram que não passavam de brigas banais entre um homem de imenso poder e a mulher que ele amava.

No amanhecer de 20 de agosto, Pimenta foi até o haras Setti, uns sessenta quilômetros a oeste de São Paulo, onde costumava aliviar suas tensões cavalgando. Também a família de Sandra guardava ali dois cavalos. Pimenta sabia que, como todos os domingos, ela apareceria a qualquer momento. Esperou até as 14h30.

Quando a viu chegar, sacou de seu Taurus calibre 38 e lhe disse que a mataria e se suicidaria se ela insistisse em abandoná-lo.

Sandra gritou "Não faça isso, Pimenta! Socorro!". Ouviram-se então dois disparos: o primeiro acertou a vítima num pulmão; o segundo, enquanto caía, atingiu-lhe a cabeça, pouco acima da orelha esquerda, e foi dado a uma distância de 40cm.

Pimenta guardou a arma no porta-luvas de seu carro e fugiu.

Vagou durante horas pela zona rural de Ibiúna, nas proximidades do haras, até que decidiu buscar refúgio na casa de um amigo. Segundo o que ele mesmo contaria mais tarde, mais de uma vez levou a arma à boca e esteve a ponto de acabar com a própria vida. Só não o fez porque aqueles lugares por onde andava eram muito despovoados, e imaginou que os investigadores levariam vários dias para encontrar seu corpo. Temia que, quando afinal o achassem, seu rosto estivesse desfigurado e causasse horror.

Não queria que suas filhas vissem essa degradação. Desistiu, mas não esmoreceu,

Na manhã de terça-feira, telefonou de seu esconderijo para o editor executivo de O Estado e reclamou da cobertura do crime, que, segundo ele, era demasiado favorável à vítima. "Estão tomando partido contra mim e esquecem que eu ainda sou o diretor do jornal", disse, "A cobertura da Folha está muito melhor do que a nossa. Tratem de melhorar a pontaria. "Esta última frase não foi dita em tom de ironia, porque ele já era incapaz de qualquer forma de humor. Naquela mesma tarde, escreveu uma carta de despedida para as filhas. Disse-lhes que perdera a vontade de viver e que sua defesa, num processo longo e penoso, seria inútil. Em seguida tomou uma dose excessiva de Lexotan, pouco mais de 120mg, e se deitou na cama para morrer. Foi encontrado duas horas mais tarde, ainda a tempo de ser resgatado do coma.

Pimenta passou a acusador da morta. Alega que ela o enganava "pessoal e profissionalmente", que zombou de sua honra e que lhe transmitiu uma doença venérea. O crime, afinal, foi um ato de paixão cega, um enredo de vingança ou a destruição do objeto amado por um homem doente, que não podia mais possuí-lo?

Duas das mulheres mais inteligentes do Brasil a escritora Nélida Piñón e a socióloga Rosiska Darcy de Oliveira, entendem que a violência continua sendo a única forma de expressão do macho que sente seu orgulho ferido. A própria sociedade é cúmplice", diz Rosiska. "O Código Penal não prevê punição para o homem que bate na mulher. E daí para o homicídio há apenas um passo."

Internado numa clínica de repouso. Pimenta agora está muito longe de qualquer arrependimento e assume abertamente o papel de vítima. Sabe ha muito que entrou numa telenovela. O que ele não sabe é que os condenados a esse inferno jamais conseguem sair dele.

Revista Dominical do Diário de Buenos Aires, 3 de setembro de 2000

Talvez você devesse ter impedido a publicação dessa história, fingir que não tinha acontecido. Mas, antes que você pudesse reagir, ela já havia escapado de suas mãos. Todos os outros jornais a noticiaram profusamente no dia seguinte aos fatos — o seu apenas repetiu a concisa informação das agências —, e a linguagem que empregaram foi tão desaforada, tão desrespeitosa com Pimenta, que você esteve tentado a escrever um artigo em sua defesa. Até os homens mais sensatos podem sucumbir a um acesso de loucura, pensou. Um domingo, 16 de novembro de 1980, o filósofo francês Louis Althusser estava fazendo uma massagem no pescoço de Hélène, sua mulher, com quem convivera durante mais de trinta anos, quando notou que o rosto dela estava rígido e sua língua despontava, plácida, por entre os dentes. Sem perceber, ele a estrangulou.

Mas não o condenaram por assassinato. Foi declarado irresponsável por seus atos. Também Dilermando de Assis foi absolvido pela segunda vez quando feriu de morte, em 1916, um filho de Euclides da Cunha que tentara vingar a já esquecida honra de seu pai. As paixões são sempre insensatas e se apoderam dos seres humanos do mesmo modo fatal e inevitável que as doenças. Não se pode culpar ninguém por isso. Mas, quando um redator do Estadão lhe telefonou para perguntar o que você pensava do crime, no mesmo dia em que Pimenta admitira sua culpa, você disse: "Fazer justiça com as próprias mãos é algo exclusivo das sociedades primitivas." Quanto mais você pensa nessa reflexão, mais gosta dela: sugere que a ação de seu amigo foi justa e, ao mesmo tempo, indica que, no momento do crime, a inteligência dele regrediu a um estado quase animal, pré-histórico. Por que

castigar um ser humano que deixa de ser ele mesmo e permite que, durante um relâmpago de tempo, os instintos tomem o lugar de seus pensamentos?

Os outros jornais continuaram condenando Pimenta com sanha durante mais de uma semana. Você não podia mais ignorar a curiosidade dos leitores ou fingir que o crime era um acidente sem importância. Um dos maiores jornalistas do Brasil, alguém com a mesma estatura intelectual e moral que você, tinha assassinado a mulher que amava, obcecado pela ânsia de posse ou pelo ciúme. Você mandou o correspondente do Rio investigar o caso e, depois de receber a matéria, demorou mais cinco dias para aprová-la. Não há nada mais difícil de entender que as razões de um criminoso, você pensou. Não há nada mais difícil que amar e ao mesmo tempo aceitar que o outro não nos ama.

Você havia falado com Pimenta na antevéspera do crime, por telefone. Devo viajar para São Paulo na terça-feira, dia 22, disse-lhe. O que acha de jantarmos juntos nesse dia ou no seguinte?

— Não, acho que não vou poder — respondeu ele. — Tenho uns problemas com uma ex-editora do jornal. Ela me traiu, vendeu informação, e eu a demiti, mas continua, perturbando.

Se você precisar de alguma coisa, Camargo, fale com o Evaldo, ou com o Moacyr. Eu não posso mais, estou arrasado.

Nada magoa mais que a deslealdade.

— Entendo — você lhe disse. — Levamos uma vida de merda.

— É, sim. Uma vida de merda — repetiu ele.

No domingo à noite, você ouviu a notícia da boca de Otávio Frias, da Folha. Foram dois tiros, Otávio?, perguntou.

Então., não foi um acidente? Não consigo entender. Um editor tão íntegro, tão sensato.

O desconcertante era aquela coincidência de você ter telefonado para Pimenta pouco antes do crime, quando ele já estava no trânsito de ser a ser, à beira dessa outra coisa que o atraía como um abismo imantado. J'ai décidé d'être ce que le crime a fait de moi, deve ter pensado Pimenta sentado sobre aquele limite, decidi ser o que o crime fizer de mim. Vocês não se viam com muita frequência, mas seus encontros eram sempre intensos: quem sabe uma vez por ano ou três vezes a cada dois, no restaurante japonês da rua Bandeira Paulista ou em "La Brigada", de San Telmo. Nunca falavam de sua vida pessoal e, contrariando os costumes do ofício, tampouco comentavam as mudanças nos jornais que dirigiam. Sua amizade com Pimenta se desviava para afluentes exclusivos de vocês dois: os filmes que tinham visto e os livros que estavam lendo.

Ele se impressionara com Pulp Fiction, LA, cidade proibida e Submundo, o mais recente romance caudaloso de Don De Lillo; você preferia The rings of Saturn, de

W. G. Sebald, o duelo póstumo entre os diários não-censurados de Sylvia Plath e as Cartas de aniversário de seu ex-marido Ted Hughes, e um filme sutil de Michael Polish chamado *Twins Fall, Idaho*, protagonizado pelo diretor e seu próprio irmão gêmeo, que atuavam com a permanente consciência de serem um só.

A única coisa decepcionante é o final, Pimenta, você lhe disse.

Você tem que sair dez minutos antes de o filme acabar.

Nem por telefone vocês se falavam com muita frequência.

Depois de muitos meses, naquela sexta-feira você ouviu a voz dele» sem o menor presságio, para em seguida, na segunda-feira, saber que, enquanto a ouvia, essa voz já havia entrado na loucura.

Você cancelou sua viagem ao Brasil. Sempre que depara com um mau presságio, prefere alterar a ordem dos seus compromissos e começar de novo. Além do mais, agora não tem vontade de ir a parte alguma porque, no mesmo domingo do crime, a mulher da janela em frente, na rua Reconquista, reapareceu depois de uma semana de ausência. Suas novas rotinas o inquietam. Toda noite, ao voltar ao apartamento, ela vai até um canto do quarto, já quase fora do alcance do telescópio, faz alguns exercícios de ioga e toma um copo de suco de laranja. Em seguida, vestindo apenas uma curta camisola sobre o corpo nu, senta-se diante do computador e escreve um e-mail atrás do outro, às vezes até as duas ou três da madrugada.

Imprime com dedicação tanto as mensagens enviadas como as recebidas e guarda tudo na pasta que sempre carrega com ela. Se as esconde com tanto esmero, é porque tratam de assuntos sigilosos e delicados: investimentos financeiros ou mensagens de amor. Quanto mais você pensa nisso, mais aumenta sua certeza de que ela viaja para se encontrar com um amante.

Não pode ser outra coisa. Só um amor recém-descoberto poderia provocar essa felicidade tão fugidia, tão encabulada, que agora a envolve como um halo. Nem bem você se convence de que é essa a razão, já quer confirmar sua certeza. Por isso decide entrar em seu apartamento quando ela não estiver. Se você vasculhar bem todos os esconderijos possíveis — entre as roupas, o fundo falso das gavetas, os livros e os potes suspeitos da cozinha —, sem dúvida encontrará os sinais que está procurando: rascunhos das mensagens dirigidas ao Outro (ou será Outra?), uma foto, uma voz na secretária eletrônica.

Quando você descobre que a mulher esta se preparando para sair de viagem outra vez, resolve entrar em ação. Ao meio-dia, assim que a faxineira se retira, você vai até o apartamento em frente. Embora não haja o menor risco de que alguém o surpreenda, tão logo atravessa a porta e deixa para trás o curto corredor escuro onde a mulher pendura seus casacos, você trata de baixar todas as persianas. Sente como se uma parte de você mesmo ainda o pudesse observar pelo telescópio

da janela em frente, e a ideia, apesar de absurda, o incomoda. O quarto é muito maior do que parece à distância» mesmo com uma lente tão potente como a sua. Há uma televisão em frente à cama e, a um lado, um closet espaçoso com duas fileiras paralelas de roupa, agrupadas por estações. Você bem que podia se esconder ali e observar a mulher de perto enquanto dorme indefesa. Essa ideia entra em você e não o deixa mais, não mais. A partir de agora, você está preso à ideia como um animal cego. Primeiro examina detidamente as frestas das gavetas e das portas, em busca de fitas adesivas ou cliques delatores que a mulher poderia ter colocado, temendo que seus segredos fossem descobertos por olhares intrusos. Depois você remexe nas roupas em busca de papéis ocultos e examina, um por um, todos os papéis sobre a mesa. Contrariando suas suposições, você não encontra a cópia de nenhum e-mail, inofensivo ou não. Há apenas algumas anotações, talvez tiradas de uma enciclopédia, para um ensaio que a mulher parece estar preparando, e, embaixo, cartões-postais dos lugares onde ela esteve nos últimos meses: Quito, Veneza, Paris, Madri, Rio de Janeiro, México. No verso dos postais leem-se frases que parecem fragmentos de um poema dirigidos a uma não-pessoa, a uma figura retórica, talvez a um alguém que é a própria mulher.

Atrás da imagem de L'Etoile, por exemplo, ela escreveu algumas linhas enigmáticas encabeçadas pelo título "Diário de Viagem": "eu não devia ter levado você a Paris / essa cidade era toda minha *eu em Paris sou tudo o que tenho* da próxima vez Paris *levará você, e eu* ficarei aqui sozinha / sem mim". Você acha essas reflexões superiores àquilo que sabe da mulher e, portanto, supõe que ela as tenha copiado de algum livro. As linhas no verso do postal da Puerta de Alcalá, em compensação, parecem mais próprias de sua linguagem corporal descuidada: "No museu Reina Sofia / diante de um Dali *você abriu uma carta de sua filha, a doente*. Ela vai morrer, me disse. Preciso voltar. *Eu também estava mal*. Toda a tristeza do mundo *caiu sobre nós* e não parou de cair."

Por momentos sobe até o quarto o burburinho da rua Reconquista. Essa é a hora em que as turmas de bancários e corretores de valores se revezam para o almoço. No andar de cima, sussurra uma manada de fotocopiadoras. Ao contrário dos bordéis que William Faulkner definia como o ambiente mais propício para o trabalho do artista, o lugar é silencioso à noite e agitado de dia. A mulher não é uma artista. Apenas escreve dados estatísticos e postais, coleciona lembranças. As anotações para o ensaio são um bom exemplo. Embora você, com seu olho veloz, logo perceba algumas incoerências, o tema parece ser a história dos pecados capitais. "No século iv depois de Cristo, propagou-se nos mosteiros orientais certo temor dos vícios que podiam perturbar a aspiração dos monges a uma vida perfeita. O primeiro a estabelecer uma lista de vícios foi o anacoreta egípcio Evagrius Ponticus (346-399).

Determinou que os essenciais eram oito e que deles derivavam todos os demais. Mais tarde, outro eremita, o romeno Johannes Cassian (360-435), impôs a proibição absoluta dos oito vícios, convertendo-a em regra de ferro da vida monástica. O papa Gregório Magno estendeu essa proibição a toda a cristandade, ainda falando em oito pecados viciosos: inveja, ira, gula, Luxúria, avareza, preguiça, soberba e vangloria. Foi Tomás de Aquino, por volta de 1250, quem fundiu os dois últimos em um só. Ao simplificar a soberba, tornou-a menos temível e involuntariamente a fomentou. Os atos de arrogância começaram a ser justificados como inspirações divinas: Mestre Eckart, Guillaume d'Occam, os inquisidores espanhóis e o papa Alexandre Borgia são frutos da árvore ingênua plantada por Aquino. "Rogamos a Deus que nos livre de Deus" (Eckart), "Todo criminoso é um poema que escreve um crime" (Sartre, glosando Genet), os trabalhos de Bouvard e Pécuchet, a escada sonhada por Jacó em sua ascensão ao céu, a torre de Babel, os messias, os gêmeos, mãe de Deus, teus gêmeos: a história é orgulho e não se pode ir além porque não há nada, não há nada. Resumindo: a soberba é o mais prolífico dos pecados capitais, um delta, um desaguadouro de pecados. Em Subida do monte Carmelo, San Juan de la Cruz enumera os sete males que causam mais estragos no espírito do homem. Todos são variantes da soberba: vaidade, vangloria, presunção, jactância, menosprezo, altivez, fatuidade. Acho que poucas línguas têm tantas palavras para dizer a mesma coisa." As anotações foram feitas com caneta verde. A mulher escreveu a lápis, no final: "O cúmulo da soberba é julgar-se filho de Deus."

Você pára um instante para cheirar sua roupa de baixo, perfumada com alguma suave essência de limão ou alfazema.

E aproxima o nariz dos seus sapatos. Ela cobre todos os seus pensamentos como uma nuvem sem fim. Você se senta na cama para em seguida se levantar de um salto, porque o tênue cheiro de café da sua roupa ou seu peso de homem corpulento podem delatar que esteve ali. Você já passou bastante tempo a sós com seus objetos. Verifica que tudo fique exatamente como ela o deixou. Sem saber por quê, você de súbito sente que ainda há mais alguma coisa para ver. Volta às gavetas da escrivaninha.

Na segunda, no meio de uma resma de papéis que, por parecer intacta, você nem se dera ao trabalho de examinar, descobre um artigo da revista Veja da semana anterior. São seis páginas. Na primeira você vê seu amigo Antônio Pimenta Neves numa foto que repete seu gesto mais característico: a cabeça ligeiramente inclinada, o indicador direito tocando uma das sobrancelhas, os olhos semicerrados, reflexivos, como os de um réptil enorme e bondoso. O título é implacável: "Poder de vida e morte". E abaixo: "Diretor de O Estado de S. Paulo

contrata a namorada e a promove. Ela lhe dá o fora e é assassinada a tiros." Que interesse a mulher tem por essa história?

Você não gosta de saber que ela se deu ao trabalho de procurar a revista numa das poucas bancas de Buenos Aires onde é vendida para recortar apenas esse artigo. Porque não há outras páginas da revista, você já vasculhou tudo. Então suspira, intrigado.

E volta a rondá-lo a ideia de se esconder no quarto e espiá-la enquanto dorme. Você vai fazer isso, vai ouvir sua umidade, machucar seu pensamento, queimar sua sombra, esfolar o ar que ela respira. Vai saltar dentro de seu sonho para se apoderar de tudo o que encontrar.

QUATRO.

Durante mais de cinquenta anos, Camargo não deixou de pensar nem um único dia na mãe perdida.

Não sabia como ela era nem qual seria seu nome agora, mas tinha esperanças de que ainda estivesse viva em algum lugar do mundo. Com o tempo, a imagem da mãe fora passando de um corpo a outro, de um rosto a outro, era muitos seres que Camargo não conseguia fixar em um só: aquela errância da mãe era também a errância de seu próprio ser, as muitas pessoas que, apesar de si mesmo, ele ia sendo todos os dias: uma pessoa nova quase a cada instante, um estranho com o qual ele custava a se identificar. Mas haveria de reconhecê-la assim que a visse, pois, embora não recordasse seu resto nem seu corpo, saberia que era sua mãe graças a algum gesto dela que persistia nele, talvez o hábito de tocar uma sobrancelha com o indicador e inclinar a cabeça para a direita, como se os pensamentos lhe pesassem desse lado; ou talvez a reconheceria pela involuntária frieza de sua voz, sempre tomando distância dos outros, como acontece com todos os que sofreram a recusa do primeiro amor. Você nunca me amou, mãe. Nunca me amou?

Nunca vai querer me abraçar? Se o pai não tivesse destruído até a última lembrança dela naquela primeira casa, talvez agora pudesse imaginá-la. Era esse absoluto branco de sua imaginação o que mais o desesperava.

Numa véspera de Natal, quando tinha dez ou 11 anos e ainda vivia em Tucumán, Camargo encontrou o pai queimando todas as fotos, as roupas e as cartas que a mãe deixara. Fazia já alguns meses que o pai o proibira de mencioná-la, desenhá-la ou escrever redações sobre ela na escola. Assim, a mãe fugia a toda velocidade de sua lembrança e era apenas uma vaga sombra com que Camargo falava em silêncio, sem esperar resposta.

Ele a vira tão poucas vezes que, ao entrar na adolescência, não podia discernir se a lembrança que guardava dela era inventada ou real. Às vezes, quando se olhava no espelho, esforçava-se por ver, em sua própria imagem refletida, a touca de enfermeira, o avental branco e pregueado e as luvas de borracha que ela sempre usava. Sou minha mãe, dizia. Só quando vir você, saberei ser eu.

A mãe era enfermeira num hospital de tuberculosos e, como trabalhava no turno da noite, dormia até quase o fim da tarde. Passava o resto do dia escrevendo num caderno, sem cuidar da cozinha nem da limpeza. Tampouco do filho, que era feliz sentando a seu lado para contemplá-la. De vez em quando, ela reparava em Camargo e lhe devolvia o olhar.

"Meu gato, meu gatinho", dizia-lhe então, balançando a cabeça, com uma ternura que ele ainda recordava com saudade. Não se lembrava da voz, mas a

ternura perdida era como um ouvido inutilizado ou uma perna amputada cuja falta o diminuía perante os outros.

Pouco antes do amanhecer, a mãe voltava do hospital e a primeira coisa que fazia era entrar no quarto de Camargo e acariciar-lhe a cabeça. Muitas vezes ele passara a noite inteira esperando por esse momento, com medo de não sentir a carícia quando enfim viesse. Ele ouvia a mãe abrir o portão, atravessar o vestíbulo e a saleta da entrada e aproximar-se de sua cama na ponta dos pés. Camargo fingia dormir. Aprendera a fingir com tanta destreza que seus olhos ficavam suspensos e imóveis nessa eternidade da carícia, e sua respiração adquiria uma placidez que ele nunca conseguia no sono verdadeiro.

Tremia por dentro ao ouvir os sussurros do avental, cada vez mais perto, e sentir o perfume de desinfetante que impregnava o corpo da mãe, mesmo depois do banho. Então se preparava para a extrema suavidade de seu tato: ela o roçava com uma pele tão impalpável, tão aérea, que parecia apenas um suspiro dos dedos.

Uma manhã, vencido pela curiosidade, decidiu olhar a sutileza daquelas mãos. Com desolação, com horror, viu que estavam cobertas com as luvas hospitalares. E soube que as luvas sempre tinham estado ali, interpondo-se entre sua cabeça e as mãos da mãe. Também sua placenta servira para separá-lo dela antes de nascer? Para diferenciá-lo de seu corpo e não para contê-lo e protegê-lo? E, mais tarde, estaria com as luvas ao aproximar pela primeira vez o peito de sua boca? Naquele dia, ele desejou de todo o coração que a mãe morresse, levando para o outro mundo todas as suas não-carícias. Mas depois pensou que o que valia era o gesto de acariciá-lo, e concentrou seu ódio nas luvas. A mãe nunca se separava delas. Antes de dormir, lavava as mãos com álcool e deixava, as luvas dentro de uma estufa, como as que antigamente se usavam nos salões de beleza, para esterilizar tesouras e pentes. Poucos dias depois, numa briga com dois colegas da escola, Camargo machucou a cabeça e voltou correndo para casa, coberto de sangue, com a roupa em frangalhos e aos prantos. A mãe estava sentada numa poltrona da sala, folheando revistas com as mãos enluvadas. "Me dá um abraço, mamãe?", pediu-lhe Camargo. "Me dá um beijo?" E se aproximou dela de braços abertos. A mãe o olhou de cima a baixo com uma careta de espanto e o repeliu com firmeza. "Nem pense em tocar em mim, Gatinho", disse. "Você não sabe que, por mais que eu me lave, o hálito dos doentes sempre fica grudado no meu corpo? Eu já estou vacinada, mas quem me toca pode se contagiar."

Camargo então começou a pensar que ela tampouco devia tocar o pai, embora eles compartilhassem o quarto e a cama.

Todas as vezes que os vira dormindo, estavam deitados de lado, em extremos opostos, separados por uma colcha enrolada.

Naqueles primeiros anos, Camargo mal se interessava pelo pai porque ele também não passava muito tempo em casa. Era técnico de som e trabalhava como sonoplasta na rádio local, onde fazia os efeitos que se ouviam nas novelas. Usava cocos partidos para imitar o galope dos cavalos e copos cheios de sal grosso que, ao serem agitados, lembravam os passos dos amantes sobre as folhas secas do outono. Costumava gabar-se diante da mãe, dizendo que para ele não existia nenhum som impossível de reproduzir: o rumor das roupas, o suspiro da brisa entre as árvores, uma parada militar, uma partida de tênis.

As vezes Camargo tinha a impressão de viver entre fantasmas.

Ao voltar da escola — a essa altura já estava no quinto ano do primário —, encontrava a casa sempre vazia.

Como não tinha o que fazer, revisava as tarefas até o infinito. Os professores o parabenizavam, mas ele não tinha a quem mostrar seus bilhetes elogiosos. A única coisa que ele comia era um ensopado de lentilhas que uma vizinha fazia e entregava em marmitas de três compartimentos, com carvão no fogareiro. O menino deixava a comida esfriar e ia-se servindo aos poucos, a qualquer hora.

Essa vida de indiferença mudou para sempre numa madrugada de janeiro. Camargo ficara lendo romances de Júlio Verne até tarde da noite e ainda tinha o sono enredado entre os naufrágos da ilha misteriosa e a cantora ressuscitada do castelo dos Cárpatos quando ouviu um soluço abafado que vinha do quarto dos pais. Levantou-se descalço, vestindo a única cueca puída que lhe restava, e deu com o pai sentado na cama, batendo a testa com um pedaço de papel. O carinho que ele represava fazia tantos anos de repente o inundou como uma onda altíssima, e teve de fazer força para deixar a onda passar sem beijar nem abraçar o pai, porque este também acreditava, como a mãe, que os sentimentos são como unhas sujas que devem ser cobertas com luvas.

— Quem sua mãe pensa que é? — disselhe. — Faz anos que eu venho aguentando que ela se deite com um fisioterapeuta do hospital, e agora, não contente com isso, foi viver com ele.

— Quer dizer que ela não vai voltar?

— Ficou surdo? Sua mãe nos abandonou.

Pelo que via no cinema e lia nos livros, Camargo pensava que só as mulheres sofressem a infidelidade e a crueldade dos maridos, até que estes acabavam por abandoná-las. Não imaginava que na vida as coisas podiam ocorrer ao contrário. Assim como o pai, ele pouco se importava que a mãe andasse com outros homens. Mas por que ela fora embora sem ele, seu filho? O que ele tinha feito de errado? Nunca se queixava, era obediente e estudioso, passava sua própria roupa e procurava, esconder suas lágrimas da vista dos outros. Então, por que ela o abandonara? Uma merda as mulheres.

O que mais o magoou foi descobrir que a mãe, ao ir embora, tinha deixado as luvas hospitalares dentro da estufa. Aquelas Luvas sem mãos lembravam as carícias que ele nunca voltaria a ter. E, ao mesmo tempo, ele pensava que agora as mãos, já livres das luvas, poderiam acariciar a cabeça de alguém que não era ele.

Alguns meses mais tarde, relendo Osfilhos do capitão Grant, de Júlio Verne, ele achou entre as páginas do segundo volume uma carta da mãe. Percebia-se, pela letra, que tinha sido escrita às pressas: "Gatinho, não aguento mais esta casa. Me perdoe.

Sei que você vai ficar bem. Adeus." Esteve a ponto de mostrá-la ao pai, mas temeu que a tomasse dele. Escondeu-a dentro de uma barra da calça, mas, no dia em que lavaram toda a roupa em água quente, a carta desmanchou.

O único lugar onde a mãe podia ter-se escondido era Buenos Aires, porque a cidade era um espelho interminável onde as vidas se repetiam e se confundiam. Camargo tinha 15 anos quando o pai foi contratado pela rádio Del Pueblo para fazer os efeitos sonoros da série El León de Francia, que copiava as aventuras do Zorro. Num domingo de inverno, depois de vender os poucos móveis que restavam, pegaram o trem conhecido como "El Tucumano" e atravessaram os desertos de Santiago del Estero e as salinas de Córdoba, chegando a Buenos Aires à meia-noite. A emissora mandara um carro de praça para esperá-los no terminal de Retiro, com a ordem de passeá-los pelas ruas do centro da cidade antes de deixá-los na pensão. Os prédios estavam iluminados, e ouvia-se o rugido dos trens correndo por debaixo da terra. As pessoas atravessavam as ruas rindo e comendo pedaços de pizza, e algumas avenidas mergulhavam suas ladeiras nas sombras do rio. Era noite, mas a luz fluía de todas as janelas com tanta intensidade que Camargo pensou que o sol nasceria a qualquer momento.

O quarto que a rádio alugou para eles, perto do terminal de trens, tinha sido usado como enfermaria para as prostitutas doentes de um velho bordel. No espaço de seis metros por oito se amontoavam um beliche, uma bacia, que servia tanto para tomar banho como para lavar louça, e um fogareiro Primus que soltava um cheiro infernal de querosene. Embaixo moravam umas mulheres que vagavam a tarde inteira pelos corredores, de penhoar transparente e deixando rastros de perfumes ácidos que atraíam os ratos. Davam festas quase todas as noites, com a música no volume máximo, e a única vez que Camargo ousou reclamar, as mulheres riram na sua cara. Uma delas bateu uma noite à sua porta para lhe pedir que tomasse conta do filho, entregando-lhe um menino descalço e de camisola.

Foi pegá-lo ao amanhecer e o levou adormecido, voltando à tarde com o penhoar entreaberto, com a intenção de pagar pelo serviço, mas Camargo perdeu a vontade ao ver as manchas esbranquiçadas da sarna entre seus pêlos.

Naqueles anos, a única coisa que ele queria da vida era crescer e avançar rápido na escola, para poder viver longe do pai. Estudava nas bibliotecas e praças, e assim conseguiu cursar os cinco anos do secundário em apenas quatro, levando mais quatro para passar em todos os exames da faculdade e escrever o trabalho final de licenciatura em Letras.

Não perdia uma única sessão dos cineclubes e aprendeu francês para ler os ensaios arbitrários de André Bazin no Cahiers du Cinema. Num dos debates que os sócios do cineclubes Gente de Cine realizavam à meia-noite, ele brilhou tanto defendendo a linguagem austera de Viagem à Itália, o filme em que Roberto Rossellini começou a se desapaixonar de Ingrid Bergman, que o deixaram escrever sobre o que quisesse na revista mensal do grupo. Publicou dois ensaios sobre o efeito devastador dos Estados Unidos sobre a obra de diretores como René Clair, Jean Renoir e Fritz Lang. Mas o artigo que mudou sua vida foi um entusiasmado elogio de Senso, de Luchino Visconti, Chamou tanto a atenção de um editor de Diário de Buenos Aires, que lhe ofereceram uma sala na redação, seguro-saúde e um salário de 1.700 pesos, quase o mesmo que seu pai ganhava na radionovela de Nené Cascallar. Agora essas histórias de sorte parecem inverossímeis, mas, naquele tempo, o velho jornalismo estava esclerosado por anos de censura, e os editores andavam à caça de jovens de talento capazes de oxigenar o sangue das redações.

Desde que chegou ao Diário, foi beneficiado pelo acaso.

O crítico de teatro adoeceu de hepatite na mesma tarde em que morreu Sacha Guitry. Como a notícia foi recebida à última hora, quando a redação já estava deserta, perguntaram a Camargo se teria coragem de escrever o necrológico. Essas oportunidades nunca se davam duas vezes. Com tenacidade, com aplicação, passou uma hora no arquivo e saiu dali com uma elegia de quinhentas palavras, que descrevia Guitry como um dramaturgo tão fora de moda que todos o imaginavam morto fazia muito tempo. Por isso mesmo, Camargo insinuava que o falecido talvez fosse um sócia ou um impostor, e que esse ardil cifraria o único ato imortal do Guitry verdadeiro.

O diretor do jornal gostou tanto do artigo que, na semana seguinte, permitiu-lhe redigir as críticas das comédias de Marivaux que o Théâtre National Populaire levava a Buenos Aires. Camargo enfeitou seus textos com observações agudas sobre os labirintos de amor tecidos na corte de Luís xv e afirmou que a história da Revolução Francesa deveria ser reescrita a partir dessas comédias.

Nunca um crítico profissional se ocupava de algo além da estreia do dia, mas Camargo tinha tempo e energia de sobra para outras façanhas. Levava a imagem da mãe cravada na mente. A credencial de jornalista abria-lhe as portas de hospitais, hospícios e asilos de velhos, e durante semanas percorreu todos e cada um deles,

procurando uma mulher na faixa dos cinquenta, com avental pregueado e luvas de borracha. Mais de uma vez pensou que a encontrara. Nesses casos, passava horas investigando se aquelas mulheres haviam sido enfermeiras em um hospital de tuberculosos e tiveram um filho que chamavam de "Gatinho". Muitas delas já se haviam esquecido de tudo, até de como se faz para recordar. Mesmo assim, Camargo não perdia as esperanças de que, mais dia, menos dia, uma delas o olhasse com sobressalto e se atirasse em seus braços, perguntando: "Por que não me procurou antes, Gatinho?"

(G. M. Camargo publicou uma série de cinco reportagens sobre os hospícios femininos no Diário de Buenos Aires. Saíram numa semana de outubro, de segunda a sexta, e revelaram a extrema corrupção dos administradores dessas instituições. A alimentação das pacientes não chegava à média diária de 800 calorias, os leitos se resumiam a colchões sem lençóis nem cobertores, havia um único banheiro para populações de sessenta pessoas, nos prontos-socorros faltavam algodão, ataduras, desinfetantes, analgésicos, e, quando uma interna adoecia, ficava abandonada em seu catre e tinha de levantar para buscar sua própria comida. Isso sem falar nas fezes e na urina espalhadas por toda parte. A terceira e a quinta dessas reportagens saíram na primeira página do jornal e foram mais tarde reunidas em um livro, *El abandono*, que se tornaria um clássico e seria usado nas escolas de jornalismo, junto com *Operación Masacre*, de Rodolfo Walsh, e o *Manual de español urgente*, da agência EFE.) Mesmo depois de esgotar a busca de indícios em asilos e hospitais, de consultar listas e mais listas de cadáveres não-identificados em necrotérios e cemitérios, de estudar os censos das favelas e a relação das mulheres que tinham servido nos conventos, Camargo negou-se a desistir. Naquele tempo, os jornais ainda eram montados em placas de chumbe e ainda faltavam duas décadas para que se difundisse o uso dos computadores.

Era necessário, portanto, ter uma paciência de iluminista medieval para adivinhar as biografias ocultas atrás de cada nome e para comparar as fotos dos arquivos com os precários desenhos da memória. Ou imobilizar-se, como Camargo, no atoleiro de uma ideia fixa. Não esmoreceu diante da infinidade de desenganos. Já amargava uma longa série de fracassos quando deu para imaginar que, depois de tudo, talvez a mãe tivesse continuado fiel a seus hábitos burgueses e que pudesse morar, casada ou viúva, em alguma modesta casa em Palermo. Percorreu, de ponta a ponta, todas as ruas do bairro: Gorriti, Guatemala, Fitz Roy, Armênia, Soria. Visitou os mercados de carnes e hortaliças em torno de um triângulo verde, que então era conhecido como a esquina de Serrano ou de Racedo e que mais tarde seria a pracinha Júlio Cortázar, investigou os cortiços de fotógrafos da rua Gurruchaga e os clubes maçons da rua Uriarte. Pensava que a veria a qualquer momento tomando a fresca na calçada e conversando com as

vizinhas. Em mais de uma ocasião, quando a noite o surpreendia, buscava refúgio numa taverna com pretensões de francesa e onde, nas agonias do jantar, iam aparecendo cantores de tango com a voz já murcha, que distraíam os últimos clientes em troca de um prato de lentilhas e um copo de uísque Criadores. Camargo se sentava junto à janela para ver a mãe passar. Ainda o iluminaria o relâmpago de suas luvas e saberia que era ela.

Foi aquela taverna o primeiro lugar que lhe veio à mente quando convidou Reina Remis para jantar e continuar a discussão sobre o necrológio de Robert Mitchum. Era terça-feira, e o local estaria vazio, mas, mesmo assim, mandou as secretárias reservarem uma mesa sob a escada de caracol, bem no centro do salão, e telefonarem para Remis para dar-lhe o endereço.

Sentia um vago embaraço diante dela, certo remoto pudor que o devolvia à adolescência, e, ao mesmo tempo, nessa noite, uma sensação de liberdade que lhe lavava a alma, talvez porque Brenda e as gêmeas já estivessem separadas de sua vida, pairando em algum ponto entre Assunção e o pantanal do Mato Grosso, ou porque o rondasse o pressentimento de que a mãe estava por perto, Gatinho, já falta pouco para que nos vejamos. Impossível saber por que Reina o punha nesse estado.

Seu tipo físico era o contrário de tudo o que ele gostava: nenhuma opulência, a boca estreita, o queixo exagerado, os tornozelos grossos e uns seios que pareciam pequenos.

Camargo, que andava sempre encurvado e com o lábio inferior saliente, desdenhoso, como o Dante Alighieri dos retratos, procurou caminhar ereto quando viu Reina já sentada sob a escada, com um longo vestido florido que lhe dava um ar de camponesa inofensiva. Na mesa havia duas pequenas velas acesas. O ambiente era aconchegante, silencioso. No meio do restaurante abria-se um espaço que às vezes era ocupado por um duo de bandoneon e violino, ou por alguma imitadora de Edith Piaf. Sem perguntar a opinião de Remis, Camargo pediu uma garrafa de cabernet.

— Quero também sopa de cebola — disse ao garçom. — Não sei o que a senhora aqui vai querer.

Ela hesitou» como se não entendesse as sutis insinuações do cardápio, e por fim disse: — A mesma coisa. Quero a mesma coisa.

Remis parecia constrangida e ao mesmo tempo lisonjeada, e não sabia onde esconder seu desconforto. Bebeu água em goles rápidos, com a insensatez de um passarinho. Suas mãos eram largas e os dedos muito curtos. Todo seu encanto estava na expressão de liberdade que ela sempre tinha, mesmo quando atemorizada, e na galáxia de sardas no peito. Estava, sobretudo, na fragrância do corpo que a acompanhava como uma luz ou uma doçura invisível. Levantou-se e perguntou com timidez, onde ficava o banheiro. Quando a viu subir a escada de

caracol, Camargo observou suas pernas e distinguiu uma mancha pálida sobre os grossos tornozelos, outra pinta excitante que se entremostrava sob as meias de seda. Remis não era bonita, tornou a pensar Camargo, apenas altiva. Mas irradiava uma sexualidade primitiva, um irresistível cheiro animal.

— Que confusão hoje na editoria de Política, hem? — disse ela ao voltar. — Os telefones tocando sem parar. Os redatores que não paravam quietos, discutindo pelos corredores.

Mas ninguém queria dizer nada. Pareciam orgulhosos do seu segredo.

Seu tom era cândido e ao mesmo tempo cauteloso. Uma raposa explorando o bosque.

— Já não é segredo. Soubemos que o filho do presidente depositou vários milhões num banco em São Paulo. Tem 21 anos, não trabalha, gasta tudo o que o pai lhe dá em carros de corrida. De onde você acha que saiu esse dinheiro?

— Do contrabando de armas? — arriscou Reina.

— É o que nós pensamos. Há provas de que o filho tem uma fortuna em ações e depósitos, mas ainda não se sabe de onde ele tirou o dinheiro. Quando as pessoas lerem a manchete de amanhã, vão somar dois mais dois.

— O senhor vai publicar tudo isso no jornal? O presidente vai ter um enfarte.

— O presidente já sabe. Nós mesmos o avisamos. Para nos intimidar, ameaçou com um processo. Eu lhe disse que podia ir em frente, que seria pior para ele. Nós temos provas.

— Amanhã, quando acordarmos, quem sabe o que restará do país. Com essas notícias, ninguém vai ler o que eu escrevi sobre Robert Mitchum.

— Há leitores para tudo, Remis. Você nem imagina a quantidade de gente que compra os jornais só por causa dos anúncios fúnebres.

— É mesmo? Nunca imaginei. Mas tem lógica. Aqui vivemos de desgraça em desgraça, morrendo porque não morro, como dizia Santa Teresa.

O garçom voltava a cada tanto para encher suas taças.

Havia mais gente que de costume, e os dois tinham de falar em voz baixa. Camargo atacou de frente: — Por que você colocou essa história dos messias gêmeos, Remis? Que é que eles tinham a ver com Robert Mitchum?

Sabe que uma cagada dessas pode custar seu emprego?

— Foi um mal-entendido, já disse. Já me arrependi. Já pedi desculpas.

— Em jornalismo, não pode haver mal-entendidos. Há apenas boas e más intenções. Por que você fez isso? Deve existir uma razão mais profunda que um descuido.

— Não tenho certeza. Faz dois anos, eu fui ao México.

Viajei sozinha, de ônibus, com uma mochila nas costas. Um dia, fui parar em Tonanzintla, a dez minutos de Puebla. Queria ver a pirâmide de Cholula, mas o

ônibus se desviou para esse lugar deserto. Não havia uma alma viva: nada de farmácias, nem cafés, nem lojas de artesanato. Era o páramo. Entrei numa igreja cheia de ornamentos, sem um único milímetro vazio.

Todas as vidas que faltavam do lado de fora estavam ali dentro, nas imagens encaixadas nas paredes. Havia retábulos, arcanjos com jeito de carrancas de proa e uma infinidade de virgens. Cada uma delas tinha no colo não um Menino Jesus, mas dois. Algumas tinham quatro seios. Ao sair, no átrio, um dos guias me vendeu o evangelho dos valentinianos. Fiquei com vontade de escrever sobre os messias gêmeos. Ouvi dizer que durante as filmagens de A noite do caçador um dos atores andou lendo os valentinianos e achei, de boa-fé, que devia ser Mitchum. Não pensei que podia ser o diretor. Wishful thinking.

As vezes a história não é como devia ter sido, mas como é.

— Talvez você tenha razão, mas os jornais se escrevem no presente. Isso é tudo?

— Se existe mais alguma coisa, eu não sei. Talvez eu tenha pensado que o senhor ia ler o artigo e quis chamar sua atenção.

O garçom trouxe os pratos, e Camargo, em silêncio, cravou os olhos em Remis. Sob a pesada crosta de queijo e pão, o caldo fervia.

— Você me fez perder tempo, Remis. Espero que não volte a acontecer.

Observou-a enquanto tomava da colher com delicadeza, sem derramar nem uma gota de sopa.

— Já aprendi. Não voltará a acontecer.

— E seus pais? — perguntou Camargo. — O que eles fazem da vida?

— Minha mãe lava, cozinha, limpa a casa. É uma vítima.

Meu pai, não sei. Que é que ele faz; da vida? Tem uma oficina mecânica a vinte quilômetros daqui. Vem a Buenos Aires de vez em nunca. Não se interessa por literatura, nem por cinema, nem por mim. Sua única paixão são os cavalos.

— Ele tem cavalos? Isso é caro.

— Não, Teve um cavalo quando era menino. Mas quebrou as patas e tiveram que sacrificá-lo. Desde então, ele ficou na vontade. Agora, todo domingo ele vai a um haras em Longchamps, onde pode montar os cavalos dos outros. Passa horas cavalgando. Às vezes eu o acompanho. Mas não conversamos.

Sempre que conversamos, acabamos brigando.

— Você não deve ser uma filha fácil.

— Eu? Quem não é fácil é meu velho. Nunca está satisfeito com o que eu faço. Parece que sempre espera mais. Queria uma rosa, e eu nasci margarida.

Alguns garçons arrastaram um estrado de madeira até o meio do salão e colocaram ali um par de bancos altos. Camargo divisou dois homens junto ao bar. Tinham a cabeleira emplastrada de brilhantina e o rosto pálido de pó de arroz.

— Olhe lá — disse Camargo. — Temos que ir embora.

Aquilo é um duo de tango: bandoneon e cantor. Fazem cara de cu quando alguém conversa.

O estrado e os bancos se iluminaram. O do bandoneon brandiu seu instrumento e ensaiou alguns acordes. Era uma música melancólica, que não se parecia com nada. Expressava tão poucas coisas como um mundo não-criado, e talvez estivesse ali para isso mesmo, para que o cantor preenchesse esse vazio.

— Tudo é tão estranho — disse Reina. — É como se eu adivinhasse o que está para acontecer.

— Por acaso está para acontecer alguma coisa?

— Estou falando da música. Eu a escuto antes de soar.

Não significa nada, mas me dá vontade de chorar.

O cantor levou seu banco até a fronteira entre a penumbra e o halo de luz e ocultou ali o braço inerte e os dentes que faltavam em sua boca. Sua cabeça redonda deixava uma sombra na parede, (Camargo estalou os dedos pedindo a conta, mas já era tarde: o do bandoneon lançava um jorro de música..

Era uma melodia neutra, em surdina, que mesclava, fragmentos de tangos famosos com balidos dodecafônicos.

— Eu me lembro — disse o cantor. — Eu me lembro de quando era menino e sonhava com países distantes. Que lindo.

Camargo se levantou.

— Vamos, Remis — disse. — Esses strip teases sentimentais me dão dor de cabeça.

Reina também se levantou. Estava enfeitiçada pela luz, pelas insensatezes do bandoneon, pela energia com que o cantor falava de sua vida.

— Paris — dizia o cantor. — Bastava eu coçar essa palavra, que meu coração se acendia. Primeiro mandamento: não amarás outra cidade além de Paris. Segundo mandamento: não invocarás o nome de Paris em vão. Que lindo. Paris era, para mim, os miseráveis de Victor Hugo, Mimi Pinson, Toulouse-Lautrec, o absinto de Paul Verlaine, as cocottes do Moulin Rouge. Eu era menino, e já sonhava com o tango em Paris.

O bandoneon deslizou a melodia de "Griseta". O rosto de Reina estava banhado em lágrimas.

— Vamos logo — disse Camargo. Avançou em direção ao bar, abrindo caminho por entre as mesas agora cheias.

Com o crescer da noite, a rua deserta também crescera, e agora a penumbra era povoada pelo vaivém dos corpos felizes de travestis que iniciavam sua ronda, de velhos que dirigiam seus automóveis com a cabeça para fora da janela, farejando o sexo no ar morno, lançando redes de sexo sobre os cardumes da noite, e por casais desesperados por fazer amor ali mesmo, casais agarrados num nó cego negando-se

desgrudar, enquanto as locomotivas tardias dos vendedores de amendoim iam oferecendo com desesperança as cinzas que restavam, seus últimos raios de amêndoas e castanhas. Era fim de inverno, e já parecia verão. Ainda era ontem, e parecia depois de amanhã.

Na frágil noite, tudo se partia. Também a mãe? Agora que ele tinha 60 anos, ela estaria rondando os 92. O passado ia caindo aos pedaços. Só o aroma de Reina continuava em pé, incorruptível como o sol.

— Vamos tomar um café? — disse Camargo. — Estou sem sono. E você?

No momento de atravessar a rua, abraçou Reina pela cintura.

Sentiu-a primeiro estremecer e em seguida se reter. Era um corpo difícil com marés que partiam antes de chegar.

— Estou morta de cansaço. Se não se importa, prefiro voltar para casa.

— Eu levo você.

— Não precisa. Posso tomar um táxi. Moro longe, em San Teimo.

— Eu sei. Você já me disse. Eu levo você.

Encostado no carro de Camargo, havia um bando de putas.

Estavam lixando as unhas, sábias nas linguagens da pele, vorazes, as unhazinhas insaciáveis nos trabalhos do amor. Gatinhas do papai, era como Camargo chamava as putas quando as via se arrastarem pelo néon da noite. Então, como agora, estavam envoltas em veludos e estolas de pele falsa, com as calcinhas de náilon acetinado sobre o sexo alerta. Vai uma chupetinha, um trio?, ofereciam. Liberaram o carro com lentidão, talvez com desdém. Camargo fechou as portas e apagou as tentações. Abelhas, mariposas, viveriam poucas noites, pensou.

Ontem será outro dia para elas e a dor será a única parte saudável de seu corpo. Assim que cruzasse a fronteira das putas entraria na noite da decência e das certezas, à qual ele pertencia.

Reina também, ou não? Viu-a chorar em silêncio.

— Que é que houve? — perguntou-lhe.

— Nada — disse ela. — É só tristeza. Vem e vai.

— As mulheres estão sempre tristes — disse ele. — As vezes com razão, às vezes não. Nós, homens, ao contrário, nunca temos tempo para a tristeza.

— Não sabem o que estão perdendo.

O automóvel desembocou na avenida Nueve de Júlio. As pessoas saíam dos cinemas, da ópera, o dia parecia perto de seu início e não de seu fim. Camargo contornou o obelisco e parou em frente à porta de um McDonalds. A cidade ali era tão diferente que não pertencia a tempo algum: era como se o tempo perdesse a si mesmo, interminavelmente. Sob os luminosos abriam-se espelhos enormes que só refletiam seu próprio vazio. Camargo tocou o joelho de Reina com uma palmada

de caçador tarimbado e disse: — É melhor você descer aqui, Remis. Olhe. O que não falta é táxi.

— É — disse ela. — Nessas horas nunca faltam.

E isso foi tudo. Três carros que vinham logo em seguida tiveram que frear e, frenéticos, dispararam suas buzinas. Reina desceu sem olhar para trás. Nenhuma palavra, nenhuma queixa. Foi imediatamente cercada pelos gaviões que rondavam em frente à entrada do McDonald's. Reina os esquivou, entrou no primeiro táxi que ia passando e se afastou pela rua Corrientes em direção ao leste. Camargo seguiu-a com afinco até que um sinal fechado o reteve.

"Presidente tem visões místicas", esta era a manchete de El Heraldo na edição do dia seguinte. Camargo tinha certeza de que o jornal rival não publicaria uma única palavra sobre os escandalosos depósitos bancários em São Paulo. Mesmo que eles tivessem a informação, tratariam de sonegá-la. Nos últimos dois anos, o presidente havia comprado seus diretores com concessões de rádio e de reservas de caça e pesca para turistas de luxo na Patagônia. Já esperava esse silêncio, mas não o efeito teatral de uma manchete mais chamativa. Visões místicas. Num país que fora governado por magos e adivinhos, essa frase era um verdadeiro ímã. Deveria ter mandado os repórteres da residência de Olivos ficarem mais atentos à intimidade do presidente. Agora ninguém prestaria atenção aos sete milhões de dólares que um boboca de 21 anos tinha depositado numa conta fantasma. Diriam que era um engano, ou que o dinheiro era de outra pessoa. As visões místicas tornariam conta de todo o horizonte.

Segundo El Heraldo, o presidente, depois de cancelar um jantar com empresários alemães, se recolhera a seus aposentos para ver televisão. Assistiu a um documentário sobre Carlos Salinas de Gortari, gravado em março de 1995, e se deprimiu.

"Veja o que a malevolência e a inveja fizeram com um grande homem", disse ao mordomo que lhe serviu o jantar. Salinas aparecia barbado e com olheiras deitado numa humilde cama em Monterrey, com uma bandeira mexicana ao fundo. Poucos meses depois de deixar o governo, seu irmão fora acusado de desfalques e crimes inomináveis. Para restaurar a honra da família e de sua própria presidência, não restava a Salinas de Gortari outro recurso a não ser a greve de fome. Bateu à porta de uma mulher leal, Rosa Coroadó, para pedir-lhe asilo. Imediatamente, o lugar se encheu de jornalistas. "Vou me matar de fome", disse aos repórteres da Televisa. "O que fizeram comigo é uma indignidade. Vou me suicidar." A greve de fome durou menos de 24 horas, porque o sucessor de Salinas logo enviou seus emissários a Monterrey para eximir o ex-presidente de toda culpa nos males que o México padecera sob seu mandato. Ao vê-lo partir de Monterrey, cabisbaixo, ainda mais ínfimo e insignificante que de costume, com o mesmo casaco de couro preto

que vestia ao chegar, o presidente argentino chorou em Olivos. "Sentiu que, mais cedo ou mais tarde, a cruz da injustiça pesa sobre os ombros de todos os homens de bem, dizia, o palavroso cronista de El Herald. "Sentiu que neste mundo de desgraças sempre existe uma alma gêmea.. Saiu à sacada e pensou entrever uma luz branca entre as árvores do jardim. Seriam 11 horas da noite. Viu pairar entre os ramos de um limoeiro a imagem ofuscante de Jesus Cristo. Ah, meu Deus» meu Deus, atinhou a dizzer o presidente, Nosso Senhor levitava coberto apenas por um tapa-sexo, como nas pinturas da crucificação, e inclinava a cabeça em sinal de sofrimento.

Quando, de repente, abriu os braços e se elevou no ar transparente da meia-noite, o presidente reconheceu, com absoluta clareza, os estigmas do calvário: a ferida da lança no flanco, as lacerações sangrentas da coroa de espinhos, as mãos e os pés atravessados por cravos. Uma força celestial fez o presidente cair de joelhos enquanto a luz desaparecia entre as nuvens.

Rezou um pai-nosso e uma ave-maria. Em seguida, ainda estremecido pela visão, chamou o capelão da quinta de Olivos e pediu-lhe que o acompanhasse até a árvore do milagre. Ali, ao pé do limoeiro, encontraram um crucifixo de ouro manchado com um finíssimo fio de sangue. Embora estejamos em pleno mês de julho, a árvore estava cheia de flores que se foram evaporando como vaga-lumes."

Isso só pode ser coisa de Enzo Maestro, pensou Camargo.

Era a mesma linguagem de sacristão hipócrita dos textos que escrevia para El Diário. Em vez de responder à denúncia sobre o depósito em São Paulo, preferia atacar pela retaguarda. Quem ousaria agora ridicularizar uma visão celestial avalizada pelo capelão de Olivos? Se Cristo em pessoa tinha aparecido para o presidente, era porque se aproximava o fim do mundo ou porque Deus reconhecia sua inocência. A estratégia de Maestro imobilizou Camargo.

Por volta das oito da manhã, as rádios anunciaram que o presidente estava retirando-se para meditar em um convento no meio dos pampas. Levava com ele o crucifixo milagroso e deixava as mundanas contrariedades do governo nas mãos de seu irmão mais novo, que era o chefe do Senado. Os noticiários de televisão queriam transmitir imagens do limoeiro sagrado, mas a guarda de Olivos não permitiu a entrada a ninguém.

Até os jornalistas mais cautelosos diziam que, depois de uma experiência mística, a atitude mais sensata era a que o presidente estava tomando: rezar em retiro e solidão.

Por volta das nove da manhã, a notícia já havia sido repetida tantas vezes que todas as outras luzes da realidade foram-se apagando. Caíram no esquecimento os altares onde se chorava por Lady Di e pela Madre Teresa de Calcutá, as cartas do Unabomber contra a sociedade de consumo, o julgamento do agonizante Pol Pot

pelo Khmer Vermelho, a caldeira racial de Kosovo, e também o depósito de Juan Manuel Facundo no banco de Cingapura. O presidente penitente ocupou todas as telas. A televisão seguiu-o até a entrada da capela beneditina onde o abade e dez monges o aguardavam. As imagens da planície surgiam banhadas por uma luz pálida, tênue, anterior a todas as luzes do mundo. O abade se adiantou para recebê-lo de braços abertos, mas o presidente negou a saudação fraternal e caiu de joelhos, beijando suas mãos. Depois, as portas da capela se fecharam, e as câmeras se elevaram para a cruz do campanário e para o céu sem nuvens. A cena era repetida sem descanso pelos canais aderentes ao governo.

Antes das dez da manhã, Camargo já tinha um primeiro plano de contra-ataque, no qual reconhecia com inquietação um sem-fim de pontos fracos. Sabia o que não devia fazer, mas não conseguia enxergar com clareza o que devia fazer. Era inoportuno agora, por exemplo, publicar as fotos da bacanal de Juan Manuel Facundo em São Paulo, pois dariam uma impressão de frívola vingança no espírito dos leitores, contagiados pela febre mística. E, embora El Diário já tivesse localizado três bispos que desconfiavam da aparição de Cristo e repreenderam o capelão de Olivos por sua pressa, em reconhecer um pretenso milagre, não podia dar importância a essa notícia: as pessoas, agora, estavam inflamadas de certezas sobrenaturais, e não de dúvidas. Insistir com o depósito dos sete milhões no banco de Cingapura também seria inútil: antes de começar, o escândalo tinha virado fumaça.

Assim que chegou ao jornal, Camargo convocou os editores para uma reunião de emergência. O de Política já ordenara os deslocamentos de praxe, enviando um fotógrafo e dois redatores para o mosteiro beneditino, que se chamava Santa Maria de Los Toldos. Dos religiosos ninguém conseguiria tirar nem uma palavra, porque, aos votos de castidade, pobreza e obediência, tinham acrescentado o de silêncio. Restava espreitar a visita de algum amigo do presidente. O editor de Gerais já havia levantado a história do convento e as rotinas dos monges. Mostrou fotos do refeitório, do pátio interno, das celas e de uma Virgem negra coroada, que era o objeto central de veneração. Se mostrarmos tudo isso, estaremos entrando no jogo deles e apoiando a farsa, disse Camargo. Assim só vamos enfeitar o presidente com todas as qualidades que ele não tem: devoto, asceta, humilde, inocente. Mas também não podemos sonegar informação. Ontem nós tínhamos a iniciativa, e agora temos que nos defender como pudermos.

Correu a cadeira para trás e colocou os pés sobre a mesa. Sua voz se tornou mais pausada. Nos momentos de reflexão, sua mandíbula se relaxava e se demorava em cada palavra. Quero uma mente fresca, disse, animado por um inesperado palpite. Chamem Reina Remis. Essa garota escreve reto até a mais torta teologia.

A aparência matinal de Reina era tão insignificante que dava até pena. Estava com uns óculos redondos de armação preta que acentuavam a pequenez de sua boca, umas calças folgadas, de flanela, e uma blusa comprada em alguma liquidação.

As vezes era sedutora, e às vezes tendia a desaparecer, a passar uma borracha sobre seu corpo. Era preciso fixar a vista para saber que estava ali. Tomou assento a um extremo da mesa de Camargo, de cabeça baixa e com as mãos sobre os joelhos. Mas a sensação de eclipse desapareceu assim que começou a falar.

— O que você achou da visão mística? — perguntou-lhe Camargo. — Estamos discutindo por onde atacar o assunto.

— Essa visão não pode ter acontecido — respondeu ela com desenvoltura. — Não cola. Se o presidente tivesse dito que viu Nossa Senhora ou qualquer santo ou um arcanjo, a aparição seria duvidosa, mas verossímil. Com Jesus Cristo, ele foi ambicioso demais, ou ignorante demais. Cristo só pode reaparecer em estado de glória, e, ainda assim, na iminência do fim do mundo. Do contrário, trata-se de um impostor, do demônio, ou do irmão gêmeo do messias. Alguém tem uma Bíblia por aqui, um Novo Testamento?

Cético, Camargo baixou os pés de cima da mesa e puxou da estante às suas costas um exemplar da Bíblia de Jerusalém.

Reina levantou a cabeça, e o tempo suspendeu sua marcha.

Molhou um lápis com a ponta da língua e assinalou três versículos da Epístola aos Tessalonicenses mais um capítulo inteiro do Evangelho de Mateus.

— Dêem uma olhada em Mateus — disse. — A segunda vinda de Cristo, que em grego se chama "Parusia", deve ser precedida por guerras, grandes fomes e terremotos. Até aí, o vidente poderia ter razão, porque temos sofrido um pouco, ou um muito, de tudo isso. Mas Mateus também adverte, citando o próprio Jesus, que haverá falsos profetas e falsos cristos criando a ilusão da segunda vinda. Sobre esse ponto, Mateus é muito escrupuloso. Leiam com atenção o capítulo 24. Não se deverá acreditar, diz, nos que anunciarem que Cristo voltou a pregar nos desertos ou visitar casa por casa. Pois, quando ele realmente chegar, o céu se abrirá e se encherá de luz: e o messias será visto por todos. A Epístola de São Paulo é ainda mais eloquente. Saberemos que Cristo voltou, diz ele, porque um arcanjo tocará a trombeta de Deus, e o Senhor descera na companhia de todos os justos ressuscitados. Não foi isso que aconteceu em Olivos, não? O que o presidente viu no limoeiro, se é que ele viu alguma coisa, foi uma miragem. Ou está mentindo, ou lhe apareceu o demônio. Qualquer aprendiz de teologia pode explicar isso melhor do que eu. O que me estranha é que mais bispos não tenham protestado. E até o próprio João Paulo II.

— Duvido que eles façam isso, agora ou nunca — disse o editor de Internacionais. — Quem inventou essa história é o chefe de um Estado católico. Não é brincadeira. Tratarão o assunto como uma questão diplomática. Primeiro vão tentar entender por que está acontecendo tudo isso.

— Não temos todo esse tempo — disse Camargo. — Quando o papa falar, se falar, o presidente já terá arrebanhado dois ou três milhões de votos cândidos. Vai ganhar as próximas eleições. E vamos continuar nadando em corrupção.

— Se vocês quiserem, posso ir até Los Toldos e tentar uma conversa com o abade — propôs Reina. — Como sou mulher, ele vai responder às minhas perguntas sem pensar no que diz.

— O abade não recebe ninguém — interveio o editor de Política. — Já tem setenta pedidos de entrevistas.

— Eu posso surpreendê-lo amanhã na primeira missa — disse Reina.

Mesmo que eu concordasse com isso, seria tarde demais - emperrou Camargo. — Preciso de alguma coisa para hoje.

Nesse caso, nossa única chance são as orações de Vésperas: os salmos, a leitura de uma epístola, o canto do magnificat e da salve-rainha. A que horas é isso, segundo o horário do mosteiro?

— As sete da noite — informou o editor de Política.

— Temos tempo de sobra — disse Reina. — Se eu sair daqui a uma hora, posso estar lá às quatro.

— Antes vai ter que me convencer de que ninguém é melhor que você para a missão — disse Camargo. — Depois, eu ainda teria que ver como você faria para entrar lá. Todas as entradas estão bloqueadas por tropas do Exército.

— Temos alguma planta do prédio, uma foto ampliada da capela? — perguntou Reina.

— Uma planta — disse o editor de Política. Abriu-a sobre a mesa. Dos dois lados do altar mór erguiam-se os escabelos dos monges. Em frente perfilavam-se quatro genuflexórios e, atrás, os bancos dos fiéis. Havia mais três altares menores ou capelas perto do átrio, todos identificados com um número.

— Há alguma referência quanto aos genuflexórios? — perguntou Reina.

— "Reservados para a dama benfeitora e seus familiares": é tudo o que diz.

— Viram? — prosseguiu Reina. — Temos que descobrir quem é a tal dama benfeitora e entrar com ela no ofício de Vésperas. Por mais vigiadas que estejam as entradas, o abade não vai fechar as portas para ela.

— Não parece má ideia, isso se a dama benfeitora estiver viva e perto do convento — disse Camargo. — Conte com o nosso apoio logístico. O resto depende da sua imaginação.

— Da improvisação, o senhor quer dizer. Eu sou muito ordenada. Mas ruim de improviso.

Camargo Ligou as televisões e dispensou os editores.

— Você fica — disse a Reina, — O improviso a gente aprende. Vou lhe dar umas aulas. Vamos entrar juntos nessa história.

Mandou os redatores do painel de notícias identificarem a dama benfeitora e descobrirem seu telefone. Era improvável que ainda vivesse. As terras do convento tinham sido doadas à Ordem de São Bento em 1948, quase meio século atrás. Reina ficou de costas para Camargo, atenta às telas. Tinha o pescoço longo e elegante, o cabelo escuro e recém-lavado se derramava sobre um dos ombros, e a suave linha de penugem que ficava à mostra parecia a sombra de outras mulheres que ela tivesse sido no passado.

As câmeras do canal oficial captavam, do alto de um helicóptero, o deserto de Los Toldos, os casarios dos indígenas e, por momentos, o vaivém dos fotógrafos sob o sol desumano.

O locutor falava em voz baixa, tendo como sutil fundo musical a "Suíte n 3" de Bach. "O presidente retirou-se no povoado mais simbólico do pampa argentino", dizia o locutor. "Na cela que lhe foi concedida, há apenas um austero catre, uma mesa de cabeceira, um crucifixo e uma bacia para suas abluções. Às dez da manhã, depois de rezar o terço, rogou ao abade que lhe permitisse amassar o pão junto com os monges. Apenas alguns poucos fotógrafos puderam registrar a cena. Vejam agora este documento que já é histórico. O chefe do Estado argentino, de mangas arregaçadas, põe as mãos no humilde monte de farinha e água salgada. Depois ajudará a assar o pão e a reparti-lo entre os habitantes mais pobres desta doce terra."

— Eles já estavam com tudo preparado — disse Reina, sem se virar, até esse texto meloso que o locutor está lendo.

— Veja que absurdo: somos um país moribundo e nos damos ao luxo de perder tempo com essa comédia.

O helicóptero avançou entre campos de alfafa e rodamosinhos de poeira, sobrevoou uma crosta de casas baixas e desoladas, e se deteve, primeiro na estação de trens deserta, depois numa praça quadrada e sem graça, ladeada por velhas carroças e automóveis desconjuntados. "Esta é uma terra sagrada", disse o locutor. "Uma terra predestinada à glória. Há mais de três mil índios pampas residindo nas fecundas chácaras que lhes foram doadas pelo general Bartolomé Mitre há 140 anos. A três quilômetros da praça que vemos agora, numa fazenda chamada La Union, nasceu em 1919 uma das figuras mais insígnies do passado argentino: Eva Perón, Evita, a guia dos humildes. Aqui Evita aprendeu a andar, a ler e escrever, aqui conheceu as injustiças do mundo. Na escolinha de três salas que vocês veem à

direita» Evita cursou seus dois primeiros anos de estudos, antes de se mudar com a família para Junín. Toda essa história é muito simbólica, não? Nosso presidente, iluminado pela visão sobrenatural de Jesus Cristo, veio rezar pelo bem-estar do povo argentino no mesmo lugar onde Evita Perón iniciou sua vida de glória e martírio..."

— Tire o som, Doutor Camargo — disse Reina. — É de revirar o estômago. Ouviu quando falaram em fecundas chácaras?

O senhor já esteve alguma vez nesse lugar? Viu o que é aquilo?

Seis léguas quadradas de brejos e terra arenosa. Quase não há gado. Aos trinta anos, os índios parecem ter setenta.

O helicóptero prosseguiu sua marcha em direção ao mosteiro, que traçava um quadrado perfeito em torno de um espaço florido. A ala superior, onde se erguia a igreja, estendia sua linha cerca de vinte metros à esquerda do conjunto, numa construção de janelas altas onde talvez ficasse o refeitório. A ala direita se prolongava para baixo outros vinte metros, para abrigar as celas dos monges mais novos. Reina estudou o conjunto com cuidado, Calculava que, depois do ofício de Vésperas: sairia, uma procissão com a Virgem negra à frente.

Camargo examinou com otimismo as informações que lhe levaram dos arquivos. De fato, alguma coisa podia ser feita.

A dama benfeitora tinha morrido» era verdade, mas uma das filhas ainda mantinha seus privilégios originais e todos os anos fazia generosas doações aos monges. Ao telefonar para ela, Camargo não tinha a menor ideia de que espécie de ajuda lhe pediria. Agora vamos começar as nossas aulas de improvisação, disse para Reina com uma voz lenta e hesitante que destoava do entusiasmo em seu rosto.

Por sorte, a dama estava em Buenos Aires e também ela achava escandaloso o uso político de Jesus Cristo. Conheço o abade, disse. É um santo homem e, por isso mesmo, um inocente.

Não entendo como ele pode ter caído em semelhante armadilha. Sim, claro, darei toda a ajuda que estiver ao meu alcance, mas não posso ir até Los Toldos. Imagine, Doutor Camargo. São cinco horas de viagem no meio desta seca. Não sei se o senhor conhece a sede da minha fazenda em Azotea da Carranza, a seis quilômetros do convento. Agora só tenho dois empregados na casa, e ela nunca é aberta antes de meados de novembro. Mas, se os seus enviados não se importarem com a falta de conforto, podem hospedar-se lá, sem o menor problema.

Talvez nem sequer tenham água quente para o banho.

Ah, mas, se quem viaja é uma mulher, facilita muito as coisas.

Posso telefonar para o abade e lhe dizer que é uma prima devota da Virgem negra que acaba de chegar da Europa. E pedir-lhe que a coloque nos genuflexórios

da família, claro. Para maior segurança, vou lhe escrever uma carta, o que o senhor acha? Em uma hora, certo, tudo estará arranjado em menos de uma hora.

— Viu como são as coisas, Reina? — disse Camargo. — As vezes, os sacrifícios da inteligência valem menos que um golpe de sorte.

— Vou me vestir para a ocasião.

— Vestido preto, saia abaixo do joelho, mantilha preta.

Sua vantagem é que o presidente não conhece você. Mas, mesmo assim, vai ficar de olho. Deve estar muito entediado, e você vai ser a única mulher que ele vê em dois dias. É um sujeito voraz, como você sabe.

— Se ele vier com gracinhas, não vou desencorajá-lo.

Quem sabe solta a língua.

As câmeras mostraram uma dupla fileira de peregrinos que, levando velas acesas, dava voltas pela grande praça em frente à basílica de Luján. Num canto, junto aos ônibus fretados, Camargo reconheceu o caminhão da obra social que os levara até lá. A cada instante, o governo apresentava um novo número de seu circo místico, uma acrobacia inesperada. Alguns dos peregrinos marchavam de joelhos, outros inclinavam as velas para que o sebo ardente lhes queimasse as mãos.

A praça se encheu de vendedores ambulantes que ofereciam ramos falsos do limoeiro de Olivos molhados em água benta.

— Reina — disse Camargo, com uma ternura que lhe pareceu estranha. — Você tem que sair já. Se houver qualquer problema, ligue para o meu celular. Me ligue de qualquer maneira.

Anotou o número num papel amarelo. Ela se levantou e as bordas suaves de seu corpo ficaram sublinhadas pela luz dos televisores. Quem sabe o que há embaixo dessa roupa barata, pensou Camargo. Quem sabe o que há dentro dessa mulher.

CINCO.

Passou tanto tempo contemplando o corpo nu da mulher, que a luz já se deslocou e o mel transparente da tarde se transformou em escuridão fechada. Todos os sons se retiraram e restou apenas o vaivém de suas entranhas, o tremor elétrico de sua respiração. As vezes, quando ela fica de lado, sua garganta deixa escapar um ronco animal que destoa da nobreza de sua expressão: talvez uma dessas queixas atávicas que as mulheres perdem no passado e que retornam na hora mais inesperada.

Agora que ele contempla o corpo à vontade, que ela está nua à intempérie de seu olhar, pode examinar sem pressa os ossos da pelve e das costelas, a côncava calidez que se abre ao pé desses recifes, descendo pelo abdome resistente, trabalhado nas academias, até chegar às coxas» mais magras do que parecem quando ela se senta, atravessadas de crilhas úmidas, submissas ao tato.

A mulher dorme de boca aberta, e, aproximando uma luz, ele pode admirar sua língua, rosada, Não consegue resistir à tentação de Levar as mãos até a outra língua, a minúscula e tenra língua ou campainha que repousa entre os outros lábios, vê a si mesmo apalpando as profundezas da medusa, abrindo caminho na brenha úmida, avançando às cegas por esse campo onde ele quisera semear sua escritura, sua sede de tantos dias. Abre as pernas dela sem destreza, como se vê na tela, e a acaricia, afunda o nariz e a língua na concha ardente que nunca o sacia, alisa os mamilos eretos e desconcertados onde brotam papilas, mínimas crateras, pintas criadas por seu tato, e, embora a tela delate as desarmonias de seu próprio corpo flácido, não pode conter um suspiro de triunfo. Afinal a mulher lhe pertence por completo, a docilidade do corpo adormecido é outro sinal do seu poder, ele poderia fazer o que quisesse com ela, e mais de uma vez sentiu a tentação de tatuá-la, de feri-la, de imprimir em sua carne alguma marca indelével que indique quantas vezes ele passou por ali, quantas vezes poderia voltar, se resolvesse, para contemplá-la como o que ela é, um objeto.

É tanto o peso de realidade das imagens, que seus sentidos parecem ter-se deslocado de volta para a sala da rua Reconquista em vez de ficarem com ele na sala de vídeo de sua casa em San Isidro, junto à varanda florida de gerânios. Cada vez tem menos vontade de voltar para esse lugar. Os cômodos se sucedem intermináveis, a solidão fúnebre do quarto lhe tira o sono, e, se não tivesse a mulher ali, presa de sua câmera, se não pudesse reproduzi-la sempre que o deseja no televisor de 42 polegadas, trazê-la para si ou aproximar-se das dobras desse corpo que lhe pertence cada vez mais, das axilas, dos suaves montes e baixadas do púbis, enquanto a ouve respirar infinitamente, infinitamente, pois conseguiu que os seis canais de áudio continuem emitindo a respiração da mulher quando ele congela a imagem ou a amplia, se não pudesse se embrenhar nos labirintos dos

cabelos como um guarda-florestal sem bússola, se sua imagem mil vezes multiplicada não estivesse sempre a seu alcance, ele já teria abandonado a casa. Viajou duas vezes a Chicago e a Traverse City para visitar Ângela, que agoniza num altar de transfusões; a seu lado se erguem, como velas de promessa, os frascos de remédios e as ampolas injetáveis cujos nomes injuriosos preferiria não lembrar, e, no entanto, ele os lembra a todo momento: citarabina, vincristina, ciclosfamida, prednisona, mercaptopurina. Ficou apenas umas poucas horas à cabeceira da filha, aflito, sentindo que, quando ele está longe, a mulher lhe escapa: precisa saber a cada instante o que ela está fazendo ou sentar-se diante de um televisor e, pelo menos, possuir sua imagem. Mas em Chicago e Traverse City ele não tem um só minuto de solidão. Os editores do jornal lhe telefonam dez ou 12 vezes por dia, e Brenda, sua ex-mulher, espreita-o com seus olhos de vaca fingindo que nada vê, que nada lhe importa. "Meus ossos estão doendo, papai", diz Ângela, e também ele sente seus ossos doerem e se estremecerem de avidez por abraçar a mulher adormecida, por infundir-lhe seu cego desejo, por cheirar os vapores sutis que escapam das frestas do seu corpo, ah, suspira a mulher, ah, encurva-se ao menor deslize de seu tato, e ele recolhe com a língua sedenta o balbúcio com que ela o chama, nove mil quilômetros ao sul desse lago onde a noite cai e sua filha morre.

Agora ele a virou de bruços. Adianta as imagens com cuidado, devagar, quadro a quadro, tentando descobrir o que há mais além do corpo, que espaços da alma se abrem do outro lado desses limites físicos que não pode ultrapassar, que lembranças, aflições e felicidades escapam ao escrutínio da câmera.

Detém-se nessa pinta da perna e na quase invisível mancha rosada que se estende no meio das costas, junto à espinha dorsal, e depois vai mais rápido, abre caminho em direção às nádegas, move-se com tanta ansiedade que as coxas da mulher, quando ela se espreguiça, parecem tremer. Mas o efeito de aceleração da imagem é imperfeito» a irrerealidade despeita nele como o adejo de um pássaro inoportuno, e, embora estenda as mãos para tocar a mulher, sabe que ela não está ali, que seu corpo é apenas um desenho de luz sem cheiro nem sabor, e que um dia terá de contar-lhe tudo o que ele fez com essas imagens e tudo o que essas imagens fizeram com ele.

Durante mais de uma semana, ruminou a ideia de filmá-la enquanto ela dormia, para depois reproduzir os vídeos em tamanho natural no grande televisor que tem em sua casa.

A câmera que ele vai usar é pouco maior que um punho e quase não faz barulho, mas ele quer que a operação dure horas, tantas como em *Sleep*, de Andy Warhol, a travessia completa de uma noite de sono, mas, à diferença de Warhol, não deve ser uma câmera passiva e sim uma força da natureza que capture cada movimento da

respiração, cada alteração dos poros, uma câmera ávida que absorva a mulher e a devore lentamente. Para consegui-lo, precisa garantir que ela não acorde.

Entrar em seu apartamento já não representa nenhum problema: tem cópias das chaves. O que ele quer é provocar-lhe um sono profundo, para que ela nem sequer perceba o que lhe acontecer.

Disse a um de seus médicos que anda sofrendo de insônia e que, para restaurar suas energias, gostaria de dormir um dia inteiro, da noite de um sábado até as quatro da tarde do domingo, por exemplo. O médico primeiro lhe recomendou um ansiolítico, uma droga que relaxaria seus músculos e lhe aliviaria as tensões, mas ele o recusa. Já tentou com ansiolíticos, diz, e foi pior: em vez de diminuir a ansiedade» o levaram à beira da loucura. Um hipnótico, é disso que ele precisa.

Fenobarbital, então, responde o médico, depois de um momento de hesitação. Mas temos de buscar a dose certa para o seu caso, senão você pode acordar com enjôo e dor de cabeça.

Não gostaria que depois viesse aqui reclamar de qualquer mal-estar. Um hipnótico, insiste ele. Afinal, é só por uma vez. O que eu temo nem é tanto a reação do fígado ou dos rins, acrescenta o médico. O que me preocupa é que pode afetar o miocárdio.

Em todo caso, não tome mais do que dois comprimidos antes de dormir, 200mg. E nem pense em beber álcool: nenhuma gota. O efeito é mais completo com o organismo limpo. E se eu tomasse três vezes isso?, pergunta ele. Se eu quisesse desmaiar e me esquecer de tudo e mandasse 600mg, por exemplo, o que poderia acontecer? Você não morreria, diz o médico, mas custaria a acordar. Sofreria vertigens, seu sono seria semelhante ao da anestesia, e certamente vomitaria. O efeito não seria muito diferente, mas lhe provocaria um sofrimento inútil. Só espero que você não pense em fazer a experiência.

Imagine, por que faria?, responde ele.

Sabe que a mulher nunca volta do trabalho antes das 11 da noite e, quando passa para se arrumar para algum jantar, sempre o faz entre oito e nove horas. Ele terá, portanto, tempo de sobra para entrar no apartamento e preparar a filmagem.

Um casal de sem-teto dorme há meses na entrada do prédio vizinho ao da mulher, sob uma sacada curva, onde funciona uma tinturaria que fecha cedo. O casal estende com tanto desembaraço seus papelões e mantas ruinosas, marca seu espaço com um instinto de propriedade tão férreo, que para chegar à porta do apartamento ele terá de saltar por cima deles.

No inverno, um caminhão da prefeitura os recolhe e os leva para os abrigos, mas os sem-teto sempre voltam. Talvez esse nicho da cidade escuro e sujo onde dormem seja o único lugar que lhes permite serem eles mesmos, sentirem que estão vivos.

Na noite que ele escolheu para a filmagem, lá está o casal para lhe estorvar a passagem. O homem tem menos de quarenta anos e destoa do desamparo em que vive. Seus braços são fortes, o olhar é rebelde e orgulhoso, e os olhos, sempre inchados, observam o mundo com um desencanto tão intenso e entranhado que parece anterior ao mundo. Tanto ele como sua companheira quase não têm dentes na boca. Na dela restam apenas três incisivos inferiores; na dele, um canino absurdo, que lhe deforma os lábios. Faz várias semanas que a mendiga está doente, e o homem passa a maior parte da noite acordado, cuidando dela e acariciando-a. Ela é muito mais velha do que ele, mas não o bastante para ser sua mãe. Tampouco se parece em nada com o companheiro. Seu corpo está coberto de chagas: há uma em especial, sobre a omoplata, que se abre como uma segunda boca. Uma noite, o sem-teto saiu correndo em busca de uma ambulância e, como não lhe permitiram acompanhar a mulher ao hospital, passou a noite inteira em pé, à espera do amanhecer, como se o amanhecer pudesse restaurar a realidade do dia anterior. Quem sabe de onde esses dois pobres seres tiraram forças para voltar semanas mais tarde para deitar-se outra vez em sua cama de ruínas, na mesma noite em que ele leva um grama de fenobarbital dividido em quatro pequenos envelopes e entra no apartamento da mulher sem que ninguém o veja.

Segundo seus cálculos, para provocar um sono profundo, de anestesia — como disse o médico —, deve dissolver 600mg da droga para cada copo. Mesmo que ela beba apenas um gole, a dose não deve ficar abaixo dos 600mg. Já sabe em que líquido a dissolverá: no suco de laranja que ela bebe antes de deitar.

Ele estudou essa rotina com esmero. A mulher tem uma caixa de suco de 750ml que agita várias vezes antes de se servir. Por isso ele pode calcular que na caixa resta agora menos de um copo. Parece-lhe improvável que a mulher abra uma nova caixa.

Na sala que aluga em frente, ele experimentou várias vezes, com um pó inócuo, a consistência e o sabor que o suco terá depois que lhe acrescentar o medicamento. Não se nota a diferença.

Às vezes ficam restos do pó no fundo mas, mesmo que ela visse o resíduo, nunca pensaria que se trata de uma droga.

Não precisa acender as luzes agora. Conhece o apartamento palmo a palmo. Basta-lhe o brilho que sai da geladeira quando entreabre a porta. Despeja o fenobarbital dentro da caixa de suco e a agita com energia. Embora tenha socado os comprimidos até reduzi-los a um pó impalpável, alguns pontos brancos flutuam, rebeldes, na espuma do suco. Está preparado para isso: trouxe um coador finíssimo, através do qual verte o suco em um recipiente acanalado, e depois o devolve à caixa, já filtrado. Torna a agitá-la. Por um momento pensa em se esconder dentro do closet, onde há espaço de sobra, para observar o efeito da

droga. Afinal, já levou tudo o que precisa: a câmera já carregada e duas fitas de reserva. Consegue mais uma vez resistir à recorrente tentação de se esconder ali: a mulher poderia procurar algo imprevisto no closet. Descobri-lo.

Ou poderia reagir à droga de uma maneira impensada, desmaiando ou gritando, e ele não quer estar ali se isso ocorrer.

Acabou misturando três saquinhos de fenobarbital ao suco, 250mg a mais do que o necessário. Os resíduos no coador e o que deve ficar no fundo da caixa ajustarão a dose.

Lava com delicadeza todos os recipientes que usou, enxuga-os com o pano de prato que levou especialmente para isso e dá uma última olhada na caixa de suco. A espuma está baixando e a droga se dissolveu melhor do que o esperado. Antes de sair, não resiste à tentação de acender a lanterna e espiar o conteúdo das gavetas. Há novas anotações para o ensaio no qual a mulher vem trabalhando há várias semanas, mas desta vez a linguagem é mais descuidada e apressada: "Antes e depois de Jesus, houve na Palestina incontáveis profetas e magos que se proclamavam messias ou filhos de Deus. Eram, em sua maioria, camponeses iletrados. Conclamavam à resistência popular contra Roma e eram considerados homens santos ou piedosos que, ao entrar em contato com os poderes divinos para curar doentes ou chamar chuvas, punham em risco sua própria saúde. Jesus era mais um entre milhares, e sua doutrina tem pontos em comum com a dos essênios, dos batistas e dos zelotes. Ele nem sequer é muito original. Eu me pergunto que razão maior fez com que seu nome entrasse na história e não o de outros iguais a ele. Só encontro uma resposta: Jesus deve sua eternidade à escritura. Os evangelistas escreveram detalhadamente o que ele disse e fez, organizando um corpo doutrinário que permitiu aos catecúmenos se sentirem parte de um todo superior. Também os essênios tentaram se perpetuar por meio da escritura, mas, quando seus rolos foram descobertos em Qumran, não havia mais espaço na história, porque Jesus já havia ocupado todos."

Não lhe desagrada que a mulher pense com ousadia, ou que só leia o que é ousado. O que o incomoda, sim, é que perca seu tempo. Ninguém vai publicar um ensaio com essas ideias na contramão. Ao mesmo tempo o surpreende que, enquanto outros papéis em sua mesa estão impressos com os caracteres uniformes do computador, Times New Roman corpo 12, as anotações sobre Jesus tenham sido escritas com uma esferográfica verde, como a que Pablo Neruda usava para compor seus poemas, e que no final da página ela tenha repetido, de novo a lápis, a frase que o desconcertou da primeira vez em que revistou as gavetas: "O cúmulo da soberba é julgar-se filho de Deus."

Agora que pensa nisso, suspeita que deve haver mais alguma coisa escondida no apartamento, porque ela tem se comportado de modo estranho nos últimos dias.

Seus gestos diante do espelho têm sido mais morosos, mais insinuantes, e às vezes passeia pela casa distraída, como se tivesse perdido a si mesma. Se há alguma coisa, tem de estar na escrivaninha: fotos, cópias de cartas, recortes de revistas, é ali que ela guarda tudo o que poderia delatá-la. Além disso, nem por sonho suspeita que alguém possa espiá-la. Sente-se a salvo. Ninguém, além da faxineira, entra no apartamento. A mulher reservou esse espaço para ela, só para ela, e nunca recebe visitas. Tenho de investigar se o isolamento é voluntário, se ela é mesmo feliz assim, ou apenas finge.

O artigo da Veja sumiu da segunda gaveta, mas, entre a pilha de papéis, agora mais fina, ele encontra duas mensagens de correio eletrônico que lhe chamam a atenção. A mulher as imprimiu talvez para relê-las. A primeira vem de um editor de Bogotá com fama de mulherengo desenfreado. E é dirigida a ela, sem nenhuma dúvida: "Querida, então no Rio, se é o que queres. Preferes o Copacabana Palace ou o Caesar Park, em Ipanema? Beijos e mais beijos." E o dela, meia hora mais tarde: "Amor, já estou com saudades. Prefiro o Palace. Sem você, não entendo o sentido dos meus dias. É como não saber exatamente quem sou, onde estou, que horas são. Quero recuperar esse sentido. Posso, ou já é tarde? Sou outra desde que sou com você. Você me faz tão feliz! Lamento que a distância não lhe deixe ver a cara de idiota que tenho agora, prova inequívoca de quanto faz bem estar apaixonada. Nos vemos no aeroporto do Galeão, então. Estou sufocada pela dor do amor. Mil beijos."

Embora pressentisse algo assim, é tomado de indignação e vergonha. Ela escreve com mais atrevimento que o editor colombiano, e uma coisa está na cara: o que para o editor é apenas um caso a mais, o prazer de algumas noites, para a mulher é questão de vida ou morte. Sou outra desde que sou com você? Que frase despuerada. Bastou ao outro assobiar, acenar com o nome de um hotel, para que ela fosse correndo a seu encontro como uma cadela no cio. Quanto mais ele lê as mensagens, mais aumenta sua indignação, não contra a mulher, mas contra si mesmo. É assim que ela lhe paga tantas noites passadas em claro percorrendo seu corpo através das lentes do telescópio Bushnell, vigiando-a de longe, espreitando a menor mudança de sua respiração? Bem que ele esperava: mais dia, menos dia, ela acabaria por traí-lo. Mas é intolerável.

Se ele quisesse, poderia impedir a viagem ao Rio. Tem o poder, os meios. Pensando bem, vai deixar o barco correr.

Deixará a mulher ir. Mas não como ela quer. Não como o editor colombiano espera. Vai deixá-la marcada, ferida gravemente.

Vai destruí-la, e já começa a planejar como.

Agora, tem de terminar o que veio fazer. Antes de fechar a porta do apartamento, verifica com esmero que tudo continue exatamente como a mulher o deixou. Ela é

desordenada, mas qualquer objeto fora de lugar poderia pô-la de sobreaviso.

Chama o elevador e vê com o canto do olho se ninguém anda por ali. Raras vezes cruzou com alguém. O prédio é novo e quase não tem ocupantes. Quando tenta chegar à calçada, esbarra com o casal sem-teto, que está distribuindo seus pertences: uma almofada estripada, roupa úmida, cobertores, tiras de espuma. Tenta esquivar-se deles, mas bloqueiam a saída com seus corpos e, sem prestar a menor atenção nele, continuam falando em uma língua remota, da qual ele não entende uma única palavra. Dajte mi vino, pensa ouvir da mulher, novac, vino, os sons se parecem com os de um filme que não consegue recordar.

O sem-teto de repente pousa nele seus olhos remelentos, emite trabalhosamente um som desfigurado pela falta de dentes: Cigaro, gospodine, tem cigaro? Das profundezas do seu ninho, a mulher parece repreendê-lo. Fala com voz áspera e doente, que parece vir não de sua garganta e sim da colmeia dos pulmões: Dodite k meni. Quem sabe o que ela está pedindo.

Hesita por um momento, sente o impulso de seguir em frente. Gostaria de dizer: "Sinto muito, não fumo." Procura, ao contrário, uma nota de cinco pesos e a entrega ao homem: "Compre um maço de cigarros com isto", lhe diz. E atravessa a rua.

Depois de ler a horrenda carta para o editor colombiano, o que ele mais queria era ver a mulher da frente deitada no ninho da doente sem-teto, emitindo os mesmos sons asmáticos, coçando as mesmas crostas. Mas agora tem de esperar que ela volte do trabalho. Já deve estar chegando. Sentado na penumbra da sala da rua Reconquista, ajustando as lentes do telescópio Bushnell, vai sufocando a cólera, a impotência.

Quem essa imbecil pensa que é? Essa sombra de nada, essa merda de rato, como pôde fazer Isso comigo? Ela não faz ideia de quem está ofendendo.

Já não sente o menor escrúpulo de consciência por ter enchido o suco de fenobarbital. Se naquele momento ele estivesse com a cabeça no lugar, teria colocado um grama inteiro, dois gramas, que dormisse para sempre. Mas ela nem sequer tem direito a uma morte tranquila, a filha da puta, não vou permiti-lo, Sou eu quem decide como ela tem que morrer, não vai passar da vida para a morte sem sentir claramente o meu castigo e se arrepender do que está fazendo comigo.

Agora se acendeu a luz do hall do prédio em frente, Será que é ela chegando? Rápido, aponto o telescópio para o vulto que se move ali, mas é muito fugaz; desviou-se para a direita e não o alcanço, vira em direção aos elevadores. Talvez chova esta noite.

Quando chove, o ar fica mais espesso, uma névoa de mercúrio vela sua janela, não a verei como gostaria, não gostarei dela como a vejo. A mulher acendeu a luz do quarto, afinal.

Tirou o casaco: posso adivinhá-lo. Também está tirando as botas. A malha? Não, espera até estar diante do espelho para tirá-la, balançar os cabelos de um lado para o outro, rebolar.

Está feliz, a infeliz. É recatada? Agora isso, ainda por cima? É a primeira vez que veste um penhoar sobre o sutiã e a calcinha.

Em seguida tira a maquiagem, estende o braço às cegas para a geladeira, apanha a caixa de suco de laranja e a agita, ah, era isso o que eu queria ver, abre os armários em busca de um copo, mas depois, impaciente, bebe direto da caixa. Já fez isso de outras vezes. Quando fica a sós, ela perde a compostura.

Arrota, estará sentindo o sabor do fenobarbital? Quem sabe.

Ainda não bebeu tudo. Joga a cabeça para trás e torna a empinar a caixa. Pronto, está feito. Parece acalorada. Abre o penhoar, se abana com ele e salta em busca de um disco. Toda noite é a mesma coisa. Prefere as chagas da música às chamas do televisor.

Olha-se no espelho. Espreguiça o corpo com delicadeza.

E canta. Canta? Levanta os braços com um gesto triunfante e alguma coisa vibra em sua língua, a melancolia do amor que a espera longe, ou apenas o vapor do sono que vai tomando-a, posso ver em seus olhos, você está caindo de sono, é de sono ou de amores que está caindo? Já vou, já vou, espera por mim, deixa-te levar e espera por mim.

Que ela é de novo presa de seu olhar, que está indefesa no outro extremo do telescópio, ele quer sentir seu cheiro.

Só precisa do chamado de seu cheiro selvagem para atravessar a rua, para mais uma vez passar por cima do casal sem-teto e entrar pela segunda vez no quarto, agora para despi-la e filmá-la e decompor as linhas de seu corpo em infinitos fragmentos que depois reconstruirá à vontade em seu televisor. Ele vai despi-la e tornar a vesti-la, vai lavar a caixa de suco e jogá-la no lixo antes de ir embora. Na tarde seguinte, levará as imagens até a sala de vídeo da casa de San Isidro, junto à varanda florida, e passará horas ouvindo o vaivém de suas entranhas, o tremor elétrico dessa respiração que ele tanto odeia e ama.

SEIS.

Era um mau dia para sair de Buenos Aires. Também era um mau dia para que Reina ficasse ali, eletrizada pela atmosfera mística que o rádio invocava a todo instante, somos o sal da Terra, somos os olhos de Deus, a ave Maria cheia de graça que move o sol e as estrelas. Era, ainda, um mau dia para ficar imóvel, com a alma pendente do que acontecia 350 quilômetros a oeste, dentro do santo mosteiro de Los Toldos, e mau para ir a qualquer lugar, enfrentando as ruas que Reina imaginava tomadas pelas eternas manifestações de professores mal pagos, aposentados na miséria, estudantes sem aulas. Em que abismos caiu este pobre país, como vai se levantar dessa prostração sem fim? Ajudará em algo o que eu escrever?, perguntou-se Reina. Ajuda em algo expor as suas chagas? Acho que de nada serve, que não ajuda em nada, que todos vamos morrer clamando para o vazio neste deserto de surdo.?

Entretanto, quando se aventurou no carro com chofer que o Doutor Camargo lhe mandara para viajar até Los Toldos, uma turbulência nublou seu caminho: uma fileira de dez caminhões que se arrastava modorrenta do Obelisco para a praça de Mayo, soltando buzinas tuberculosas. O resto era silêncio: a teimosa mudez da cidade infinita. As portas das igrejas viu, sim, aglomerações de peregrinos caminhando rente aos muros com grandes círios acesos. Ouviu alguns apagados coros de além túmulo, Vinde, cristãos, e então o chofer apontou com incredulidade para a fileira interminável que marchava pela avenida Maipú rumo ao norte, ávida por ver, ainda que de longe, um ramo do limoeiro sagrado.

Demoraram pouco menos de meia hora para chegar à saída Oeste, e outro tanto para pegar a Rodovia 7, de onde se desviariam por uma estrada secundária até Azotea de Carranza.

Ao meio-dia já estavam em pleno campo. O céu de julho era tênue, quase líquido, e destilava um calor africano: as estações no pampa nunca obedecem a seu ritmo natural e estão acostumadas a fazer o que bem entendem. Atravessaram campos onde o trigo, ainda verde» mal despontava a cabeça, e outras terras a meio arar e lavrar, mas depois do rio Salado tudo era securo e rodamosinhos de poeira. As vacas se moviam com paciência de santas nessa aridez amarela, e as esqueléticas casas que se avistavam da estrada estavam vazias, à mercê de um vento desnordeado.

Ao entrar em Los Toldos, às três da tarde, perderam-se.

Com o sol cravado no meio do céu, todas as construções pareciam iguais: os armazéns e os portões se repetiam, idênticos; em nenhuma esquina encontravam o nome das ruas, e nas duas casas em que pararam para perguntar tiveram por resposta um silêncio mortal. As cidades mudam mais rápido que as pessoas,

pensou Reina. Já me aconteceu de entrar num cinema em Buenos Aires e sair da sessão em outro cinema no México, mas esta cidade não mudou em décadas. É um labirinto sem desenho: o pior dos labirintos. Por volta das três e vinte, o chofer guiou o carro de ré pela mesma rua infinita que outras vezes os levara até um paredão sem saída, e a inversão do movimento lhes permitiu ouvir um remoto alto-falante que difundia para o oeste uma melodia perdida no tempo, *La chica de la boutique*, cantada por Heleno. Com certa vergonha, Reina se lembrava de ter requebrado ao ritmo daquele horror em alguma festa de sua primeira adolescência, mas agora achava engraçado que fosse a bússola graças à qual conseguiram chegar à praça central, com a estátua equestre do Libertador erguendo-se acima de umas árvores moribundas. As portas da igreja estavam abertas de par em par. Seis homens vestindo o hábito púrpura de Quinta-feira Santa saíram em procissão levando nos ombros um Cristo crucificado. Atrás, precedidas por um padre que agitava o turíbulo com delicadeza para não sujar suas rendas litúrgicas, arrastava-se um coro de velhas esganiçadas cantando, elas também, *Vinde, cristãos*, em tenaz competição com o alto-falante que repetia *La chica de la boutique*. No café vizinho à igreja, disseram-lhes como voltar para a estrada provincial e desviar-se para Terraza de Carranza.

Já são quinze para as quatro, pensou Reina. E os ofícios de Vésperas começam às sete.

Quando avistaram a fazenda da dama benfeitora, era como se tampouco tivessem chegado a lugar algum. Os caseiros já os esperavam com a porteira aberta e, montados em uns cavalos esqueléticos, os guiaram por entre uma dupla fileira de álamos até a sede, que também estava imersa na poeira. Cortaram até a água, anunciaram os caseiros. Enchemos a tina com água do poço, se for do gosto da senhora se refrescar. O ar estava estancado nos quartos, mantidas às escuras porque é a luz que traz o calor — diziam os caseiros —, ele vem com a luz do dia e traz as moscas de noite. Reina sentiu que o ar nunca tinha saído da casa, que era anterior a seu nascimento e que talvez continuasse ali impassível depois de sua morte. Não lhe pareceu um bom presságio aquele ar carregado de sabedoria e de memórias, que vira e ouvira tantas coisas, nem as poltronas cobertas de Lençóis como sudários de poeira, nem o piso de lajotas onde o eco de seus passos deixava uma sombra sonora, um borborismo pior que o de *La chica de la boutique*.

De qualquer maneira, às dez para as seis já estava pronta, não de banho tomado, mas refrescada na tina, perfumada com o *Chloé* de Lagerfeld que sempre levava na bolsa para qualquer eventualidade, vestida como uma dama de outro século, toda de preto, de mantilha na cabeça, saia comprida e uma blusa rendada que, ainda assim, permitia entrever as sardas de seu peito. Na mesinha franciscana do quarto que os caseiros arrumaram para ela, tomando o cuidado de não ventilá-lo, junto à

enorme cama de casal protegida por um grosso mosquiteiro, que prometia uma noite de asfixia claustrofóbica, Reina deu-se um tempo para anotar algumas das ideias que mais tarde incorporaria ao artigo de fundo. Notou que sua linguagem estava fora de esquadro, que destilava indignação pela desfaçatez com que o presidente e o capelão de Olivos estavam enganando as pessoas, mas ela também se sentira capaz de dominar essa fúria na hora de escrever. Quanto mais neutro fosse seu relato, quanto maior a distância entre ela e os fatos, mais acreditariam em suas palavras, pensou. Eu não sou a realidade, mas não haverá nenhuma realidade enquanto eu não a escrever.

Não é isso que o Doutor Camargo quer?

Esperava seu telefonema. Recebeu-o às seis horas cravadas.

Queria repassar com Reina, ponto por ponto, o que ela estava prestes a fazer. Se você fracassar, disse-lhe, amanhã o jornal vai sair com a primeira página em branco. A voz crepitava no celular, emaranhada com a estática.

— É a falta de ar — disse Reina. — Aqui falta atmosfera.

Não chega o sinal dos satélites. A única coisa que não falta é poeira e uma luz branca em que tudo se perde.

— O quê? — perguntou Camargo.

— Não vou fracassar — disse Reina, saindo para a varanda.

— Eu não teria tanta certeza. O pessoal que mandei aí continua de mãos abanando. Ninguém consegue nem chegar perto da entrada dessa fortaleza. A dama benfeitora ligou para o abade para lhe avisar que você vai ao ofício de Vésperas. Só que me fez prometer que você não vai perguntar nada a ninguém, que, se abrir a boca, vai ser só para rezar. Está esperando a liberação de um empréstimo para maquinário agrícola e não quer problemas com o governo. Se ela tivesse dito isso antes, nem teria mandado você.

— Não se preocupe, doutor. Eu sei o que vou fazer. Já telefonei para o abade para lhe avisar que vou estar lá às quinze para as sete. Um monge vai me esperar na entrada. Vão pedir a minha identidade e a carta de apresentação. Depois de verificar tudo, vão me levar até um dos genuflexórios da família benfeitora.

— Eu sei que você não vai ter problemas para entrar — disse Camargo. — O que eu não sei é o que você pode fazer lá dentro.

— O senhor não achava que o presidente ia olhar para as minhas pernas? Esqueça. Estou com uma saia de freira.

Sem maquiagem. Poucas vezes na vida me senti menos atraente. Quanto mais a gente imagina como as coisas vão acontecer, mais diferentes elas são. Ligo para o senhor às oito, doutor, quando tudo tiver acabado. Houve alguma reação do Vaticano?

— Já é tarde lá. O papa se retirou para jantar. Falamos com o porta-voz, mas ele não fez nenhum comentário. Querem estudar o caso.

— Me deseje sorte, então.

O chofer que Camargo havia escolhido para a missão pensou que conseguiria se orientar sem ajuda de ninguém naquelas solidões de poeira. Perdeu-se por arrogância. Por duas vezes, seguiu por caminhos bloqueados e, numa delas, ao recuar de volta, por pouco não jogou o carro num pântano. Reina chegou ao mosteiro com dez minutos de atraso. De longe, ouviu que os monges já haviam começado a cantaro magnificat.

A capela era simples, sem ornamentos, mas se elevava no alto de uma colina quase invisível: essa elevação no meio do nada da planície parecia uma respiração de Deus. Foi o que lhe disse o monge que a recebeu: "Daqui se escuta o alento de Deus", ao que ela respondeu com a única frase que sabia em latim: "Deuspró nobis" Entrou no ofício de Vésperas de cabeça baixa.

Ocupou um dos genuflexórios da esquerda, porque o presidente estava sozinho no da direita, e respondeu a sua ligeira inclinação com outra que afetava pudor, receio, virtude, tudo a um só tempo. Depois, cada vez que se levantava ou se ajoelhava, acompanhando as cadências da liturgia, aproveitava para observá-lo. Estava vestido com um desses ternos lustrosos que resumiam sua ideia da elegância, e uma camisa cor de mostarda, sem gravata. O fastio da oração acentuava suas olheiras.

Estavam no segundo salmo, e ainda faltavam a epístola e a salve-rainha. O presidente devia estar rogando em silêncio que o tormento eclesiástico acabasse logo para voltar à solidão de sua cela e jogar os game boys que sempre levava na bagagem.

Reina sabia o que ia fazer. Pensara o plano já bem antes de falar com Camargo, mas não o quis expor. Sabia o que fazer, mas não como. Identificou o abade, que estava sentado no escabelo mais alto da fileira da direita, com a cabeça apoiada em um espaldar alto de onde saía uma pomba de madeira cercada de raios. Assim que acabasse a salve-rainha, ela pensava em se ajoelhar diante dele e beijar suas mãos. Então lhe entregaria um envelope com um bilhete. Prometera não pronunciar uma única palavra, mas, se fosse preciso, diria: "Venho de parte da dama benfeitora." Nenhuma falsidade. O bilhete era breve, elementar. Cada palavra devia manter a atenção do abade em suspenso: "O presidente não pode ter visto nosso Senhor Jesus Cristo. Ao recebê-lo nesta santa casa, o senhor se transforma em cúmplice da impostura. Releia a Primeira Epístola aos Tessalonicenses, capítulo 4, versículos 15-18. Atente ao capítulo 24 do Evangelho de São Mateus, repasse o livro da Revelação. Lembre-se de que Cristo só pode voltar à terra coberto de glória e anunciado pelos arcanjos no Dia do Juízo Final. Este não é o Juízo Final. O

presidente está abusando de sua boa-fé e exporá toda a Ordem de São Bento ao ridículo."

Assinado: "Reina Remis, enviada da dama protetora."

Ela havia imaginado a cena repetidas vezes, mas nunca na ordem em que aconteceu. As últimas notas da salve-rainha se espreguiçaram no órgão. O abade se levantou com um sorriso satisfeito e dirigiu-se ao presidente com a mão estendida. Quatro dos monges retiraram de uma das capelas a efígie da Virgem negra e a colocaram sobre o andor de procissão. Do ponto de vista de Reina, a Virgem parecia uma menina de cinco anos com uma boneca no colo, mas sua aparência era temível, para não dizer sinistra: o corpo estava protegido dos pés à cabeça por umas farpas de porco-espinho.

Quando os demais personagens começaram sua movimentação.

Reina se sentiu parte de um balé mal ensaiado: os ajudantes de ordens e o suarento Enzo Maestro, vestido com um terno preto de pompas fúnebres, conduziam o presidente em direção ao abade, portando pendões beneditinos, enquanto os monges se alinhavam junto aos genuflexórios da dama benfeitora.

Um cortejo de coroinhas saiu da sacristia e apagou as velas do altar. O fotógrafo do governo emergiu de algum esconderijo situado atrás dos bancos e iluminou a cena com uma veloz sucessão de flashes. Ninguém prestava a menor atenção em Reina. Se eu não fizer alguma coisa, pensou, o abade irá embora e não conseguirei alcançá-lo.

O espírito santo da improvisação a iluminou nesse instante.

Deixou o genuflexório não pela direita, onde teria esbarrado nos monges, mas pelo lado oposto. Caminhou velozmente por trás dos escabelos, chegou ao altar e, depois de uma veloz reverência à imagem de São Bento, ajoelhou-se aos pés do abade. Soube que seria imprescindível dizer: "Trago-lhe esta mensagem da dama protetora", insinuando que o envelope continha dinheiro. O que o instinto lhe ditou foi ainda melhor: "Peço sua bênção, padre. Vim trazer-lhe estas palavras lá de cima." "Você é a prima da Europa?", perguntou o abade. Reina não teve tempo de responder. Ao perceber que estava acontecendo alguma coisa fora do seu controle, Maestro correu para tentar arrebatar o papel: "Com licença, monsenhor, com licença!" "De modo algum", defendeu-se o frade, sepultando o envelope nos entrefolhos do seu hábito: "Neste templo, tudo o que nossa madrinha nos manda é sagrado."

Reina agradeceu com um sorriso e se dispôs a acompanhar a procissão. O monge que a recebera na entrada gesticulou para que se retirasse, já que o ofício de Vésperas tinha acabado, mas ela fingiu que não o via. Era um homem baixo, quase um anão, com a cabeça enterrada entre os ombros.

Quando negava, parecia assentir, e vice versa. Seus gestos podiam ser interpretados de qualquer modo. O abade retrocedeu até o altar e abriu o envelope com sua longa unha do dedo mínimo. Imagina que é um cheque, pensou Reina: o dinheiro com que a benfeitora e a prima boboca da Europa contribuem para a maior glória de Deus. Viu-o ler a carta com interesse, franzir a testa e levar as mãos à cabeça. "Deus que me perdoe!", disse o abade com uma voz aguda, que todos puderam ouvir. "Heresia! Deus que nos perdoe!"

Não precisou ver mais. Apoiou suavemente a mão no ombro do frade anão e apontou para o carro do jornal, que a esperava em frente à entrada: "Já é hora de eu ir, não? Ou ficamos para ver como isso acaba?". O frade cravou nela uns olhinhos redondos e duros, desfigurados por uma vida de paciência, e respondeu em voz baixa: "Agnus Dei, miserere nobis"

"Ninguém mais fala nas visões místicas": Camargo telefonou às oito horas para lhe dar a notícia. "Agora o presidente se entregou à penitência." Reina estava terminando seu artigo e já havia rascunhado o parágrafo final, mas queria confirmá-lo com o jornal: "A visão de Olivos foi uma alucinação ou uma fraude? Impossível saber. A única certeza é que não foi verdadeira. Ao perceber que, como involuntário cúmplice desse engano, podia cair em pecado mortal, o abade do mosteiro de Los Toldos pediu ao presidente que abandonasse sua cela no prazo máximo de uma hora. Os fatos ocorreram às sete e meia da noite, na capela. Uma testemunha presencial, que prefere não dar seu nome, ouviu o abade gritar a palavra 'heresia!', ao mesmo tempo em que se prostrava diante o altar-mor, implorando o perdão de Deus."

A última imagem era falsa, mas não inverossímil. Leu-a para Camargo e entendeu que este a aprovava com entusiasmo.

As crepitações do telefone eram infernais.

— Estou indo para aí — ouviu-o dizer. — Já passei de Luján, devo chegar daqui a duas horas.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Reina.

— Sempre acontece alguma coisa. Conto tudo para você quando chegar.

A voz desapareceu. Ela pensava em desabar dentro da água gelada da tina depois de pôr o ponto final em seu artigo implacável, que repetia os argumentos teológicos da carta ao abade.

Queria sair do banho ainda molhada, enrolada em toalhas, e deitar-se atordoada e inútil na imensa cama com mosquito.

Bastava sentir a cama contra suas costas» no quarto sufocante que nem a escuridão nem as lajotas do piso conseguiam refrescar, para perceber que ninguém jamais se entregara ali a devaneios nem sonhos, apenas a sopores cegos como o que ela desejava agora. A intromissão de Camargo vinha estragar o que ainda

restava da noite. Duas horas, tinha dito? Quando ela saiu do quarto, os caseiros já estavam de sobreaviso. Tinham ordem de arrumar o quarto maior e pôr a mesa para 12 comensais. Camargo não viria sozinho, então. Seu ser devia pesar tanto que não suportava sua própria companhia nem por um segundo. Chegaria com seu séquito: os editores, talvez as secretárias para que fossem recolhendo as palavras que ele ia deixando cair, mais os celulares, os choferes, os aparelhos de fax.

Estou confusa, disse Reina para si mesma, sem pressentir quantas vezes nessa noite iria repetir a mesma cantilena. Estava confusa por causa da poeira, do calor crescente, que em vez de diminuir com o pôr-do-sol parecia ter esperado a escuridão para desatar toda sua fúria, e ela mesma não sabia se em seu interior também não havia poeira, curiosidade e ignorância de quais eram os verdadeiros limites de sua vida. Estava no Diário havia pouco menos de um mês, e desde que entrara no jornal considerava aquele trabalho uma bênção em que iria superando uma prova após outra ao longo de muitas semanas, até que algum editor reparasse nela e proclamasse seu talento, ou até que uma notícia extraordinária lhe caísse nas mãos — uma notícia como a desse dia no convento, por exemplo — e lhe permitisse sentir que tinha dado tudo, que a escritura lhe saía das entranhas. Queria chegar a um ponto em que, lendo a si mesma, pudesse dizer: isto sou eu, meu corpo só chegou até aqui porque é feito disto, destes sentimentos, e indignações, e lágrimas, e justiça. Isto que acabo de escrever sou eu, disse, repetindo Camargo sem querer> mas quem sou eu? Estou confusa, e agora Camargo vem me confundir ainda mais. Não faz nem um mês que entrei no jornal, e já estou falando com o diretor como se o conhecesse de toda a vida.

Sua pressão tinha baixado tanto que seu sangue estava gelado. Se não bebesse um brandy, acabaria desmaiando. Na cidade podia achar um ou dois bares, disseram-lhe os caseiros, mas nunca vimos uma mulher sozinha nesses lugares. É melhor o meu marido acompanhar a senhora e esperar na rua, decidiu a mulher. Com a cerração da noite, o chofer pode se perder de novo. São só vinte minutos até lá, ida e volta.

Antes de pôr os pés no primeiro bar, percebeu que seria a primeira mulher a entrar ali. Ela o percebeu ao ver a fileira de mesas pegada à parede de tijolos sem reboco, rachados e imundos, a fumaça espessa que devia estar há anos parada sob o teto, e o círculo de jogadores de baralho imerso na penumbra, com rugas fundas como as da terra que continuava a se desmanchar ali fora. Percebeu-o porque até o cheiro de uma mulher era hostil para aqueles homens, que tinham deixado as suas em casa e já contavam duas ou três horas bebendo e fingindo não estar em nenhum tempo, em. nenhum lugar. Umas poucas lâmpadas de 25 watts derramavam uma luz morta, filtrada pela merda das moscas. Em um nicho que se abria no meio daquela gruta de morcegos, um garçom coxo tirava e recolocava as garrafas nas

prateleiras com tanta negligência que havia restos de bebida derramados por toda parte.

Reina foi até o balcão e pediu um brandy. O que lhe serviram, porém, foi genebra. Nas mesas do fundo, onde mal chegava a luz, três jornalistas de Buenos Aires discutiam sem atentar aos vapores estancados nem à inesperada presença da colega. Dois deles não lhe eram estranhos: também trabalhavam para El Diálogo, ela já os tinha visto algumas vezes no elevador, mas nunca lhe responderam o cumprimento. Não conseguiu reconhecer o terceiro homem. Estava com um rádio de pilha colado à orelha e repetia com gestos nervosos o que devia estar ouvindo. A intervalos imprevistos, girava o diálogo; falando em um tom que, de longe, parecia acalorado, incrédulo, enquanto os redatores de El Diálogo tomavam notas em seus blocos.

Encaminhou-se para os fundos, sentindo a hostilidade aumentar à medida que avançava: a cada passo, havia menos ar e mais hostilidade. Queria saber o que estava acontecendo e não tinha muito tempo para descobri-lo. Duas horas, dissera Camargo. Faltava menos de uma hora e meia.

Se não fosse por aquele grupo de forasteiros, no bar parecia não existir a realidade. Os seres do povoado eram impermeáveis ao tempo e talvez também à memória. O tempo passava e lhes deixava sua marca, mas eles não a sentiam. O tempo era como a poeira, que se movia de um lado para outro em súbitos rodamosinhos cinzentos. Caía sem cessar, e já ninguém a notava.

— Insiarte, Durán — disse Reina, quando chegou à mesa do fundo.

O que atendia por Insiarte gesticulou para que se calasse, mas Durán lhe perguntou:

— Remis. Que é que você está fazendo aqui? Chegou tarde.

Já aconteceu tudo o que tinha que acontecer.

Estavam com a barba por fazer. Fediam a fritura, a cigarro e a bafo de cerveja. Davam a impressão de não ter tomado banho nem se lavado. Talvez estivessem com a roupa do dia anterior. O terceiro homem disse: — Não entendo. Na rádio Diez, dizem que o viram em Jáchal, na cabana do guarda da reserva. O pessoal da Mitre repete que está refugiado por aqui, na fazenda La Union.

— A história da rádio Diez deve ser grupo. Ele não pode ter chegado a Jáchal tão rápido. São quase mil quilômetros.

— Dizem que logo mais vai dar uma entrevista. Não pode ser grupo.

— Que é que faço, então? — disse Insiarte. — Vou para Jáchal, vou para La Union? E melhor eu ligar para o Camargo, no celular.

— Você não pode encher o saco do Camargo por causa de uma bobagem dessas — disse Durán. — Se ele botou você no comando da reportagem, foi para que tomasse as decisões.

— Ele me botou no comando — continuou Insiarte. — E por isso mesmo me deu o celular.

Eu podia lhes dizer que Camargo vem vindo para cá, pensou Reina. Já deve ter passado Carmen de Areco e entrado na planície, deve estar estranhando a quietude, porque no plano tudo parece sempre imóvel, tudo exceto o céu: as estrelas, as nuvens, o arco sem luz do horizonte se movem como mansas ovelhas enquanto as coisas na terra não avançam para lugar nenhum, apenas saltam de escuridão em escuridão. Mas se eu disser o que sei, vão me encher de perguntas que não quero responder. Logo eles vão ter todas as respostas» no jornal de amanhã.

— O celular dele está desligado — disse Insiarte. — Que estranho. Como pode deixar o telefone desligado, se estamos numa emergência?

— Ele só atende quando quer — disse Durán —, para que ninguém saiba de onde vem nem aonde vai.

— Eu também queria ouvir o rádio — disse Reina. — Posso saber o que está acontecendo?

O terceiro homem não a olhou nem fez o menor aceno de cumprimentá-la. Não se mexeu. Deixou o aparelho de rádio sobre a mesa e disse:

— Pode ouvir o quanto quiser. Eu já cansei. Quanto mais você ouvir, menos vai entender.

O começo da história era o mesmo em todos os noticiários, mas, depois, os detalhes se desdobravam em um rizoma labiríntico. Diziam que o presidente tinha interrompido seu retiro beneditino por volta das quinze para as sete e começado uma greve de fome. O mais estranho era a confusão sobre o lugar. Dois dos enviados especiais diziam que o presidente lhes pedira que o acompanhassem até a fazenda La Union, situada a três quilômetros de Los Toldos, onde, logo depois de se ajoelhar diante das ruínas do catre onde Evita Perón nascera quase oitenta anos atrás, deitou-se sobre um saco de dormir e bebeu um copo de água. Os enviados o ouviram dizer, com um fio de voz, "penitência, penitência". Pareceu-lhes que chorava, mas não podiam afirmá-lo com certeza: uma súbita escolta militar em uniforme de faxina os expulsou do lugar com maus modos.

Outras emissoras asseguravam que o presidente se retirara do convento beneditino depois do ofício de Sexta, por volta da uma da tarde, cercado de tantas medidas de segurança que um dublê — o mesmo que costumava substituí-lo na distribuição de bênçãos e promessas pelas províncias remotas — ficara em seu lugar para assistir ao ofício de Vésperas. Segundo essas versões, ele tinha viajado, no avião de um amigo, de uma fazenda próxima a Los Toldos até Jáchal, na província de San Juari. Uma vez ali, o presidente começara a se comportar de um modo estranho. Deu ordem para que não o seguissem.

Pediu emprestado o automóvel de um senador e, ninguém sabe como, por volta das quatro da tarde, chegou à cabana do guarda do parque de Valle de la Luna. Ia vestido com um hábito branco, de beduíno, a cabeça coberta por um capuz de monge, calçado com sandálias franciscanas. O guarda contou ao repórter, com uma voz sem sinais de mentira, que tentara detê-lo enquanto o presidente vagava pelas depressões do vale, rezando como um possesso sob o sol enlouquecedor. Uma das unidades móveis da televisão de San Juan chegara até os bloqueios levantados pelo Exército e mostrava o presidente ao longe, galgando os penhascos. À falta de ação, as câmeras insistiam em descrever a intensidade religiosa das rochas, em cujas formas estava inscrita a história do mundo: cogumelos, lâmpadas, cavernas das quais saíam línguas de pedra preta, aves siamesas, casais copulando, naves cilíndricas abandonadas depois das viagens de Deus.

Outro enviado especial vira o presidente em Guaminí, sentado sobre uma rocha junto às ruínas da vala que Adolfo Alsina mandara cavar em 1875 para conter as invasões do cacique Namuncurá, e que depois nunca cessara de se aprofundar rumo ao centro da Terra. Milhares de animais tinham caído na fenda de trezentos quilômetros de comprimento e com uma profundidade que a erosão tornara insondável. O bafio de podridão fosforescia no escuro e atraía formigas e escaravelhos, mas nenhum ser humano conseguia suportá-lo. O presidente, porém, estava li, em atitude de jejum e penitência.

"Liendo?", dizia o enviado a Guaminí. "Você está me ouvindo, Liendo?" "Perfeitamente", respondeu o tal Liendo. "Vou por o primeiro mandatário no ar, Aqui está ele, em entrevista exclusiva, no sul da província de Buenos Aires/1 A transmissão era impecável até esse momento, mas, assim que Liendo disse "muito boa tarde, senhor", os chiados da estática irromperam na sintonia e não permitiram ouvir mais nada.

Eu também não entendo o que está acontecendo, pensou Reina, deixando o rádio sobre a mesa. Ou a realidade não passa de uma ilusão dos sentidos, ou é o jornalismo que cria a realidade. Sem saber por quê, vieram-lhe à memória três versos de um soneto de Góngora: "O sonho, autor de representações, *em seu teatro sobre o vento armado*, sombras usa vestir de vulto belo." Mas essas histórias não eram sonhos.

Naquele tempo, as pessoas as levavam a sério e ninguém percebia a que ponto eram inverossímeis. Hoje se sabe que o presidente penitente não estava em nenhum dos lugares onde foi visto: escapuliu de sua cela às oito horas da noite e, de uma fazenda próxima de Junín, voltou para a residência de Olivos num helicóptero do governo. Na manhã seguinte, jogou duas horas de tênis, como se nada tivesse acontecido.

Reina não pensava na complexidade desse quadro, mas no adiantado da hora. Já eram nove e meia. O caseiro e o chofer estavam esperando por ela na rua, ao relento. E Camargo talvez já tivesse chegado a Membrillar e estivesse avançando às cegas por entre uma retícula de lagoas e canais. Ao deixar sobre o balcão o dinheiro da genebra, Reina não pôde evitar que Durán segurasse sua mão contra a madeira e lhe dissesse, com a voz saturada de aguardente: "É cedo para dormir, gracinha.

Por que está indo embora? É cedo para dormir, mas não é tarde para outras coisinhas/ Ela o repeliu com um desprezo que lhe subiu das entranhas: "Não é tarde para você tomar banho, Durán, Você fede a merda. E por mais que se lave, vai feder a merda a vida inteira." Não fez caso dos olhares vorazes e rancorosos dos outros homens nem do grunhido de Durán às suas costas: "Putá. Viram que língua tem essa puta?"

No carro, oprimida pela planície e pela noite, sentiu que nada do que acontecera durante aquele longo dia tinha importância.

Não tinha importância o texto que escrevera sobre o ocorrido no convento, porque isso já era passado e esquecimento.

A única coisa importante era, talvez — sua vida era uma repetição de talvez —, o interesse com que fora imaginando a viagem de Camargo pela estrada em sombras, seguindo-o de Luján até o manicômio de Open Door e os milhares de Chacabuco, imaginando o que dizia e o que pensava, mas, acima de tudo, sentindo o deslocamento de seu corpo através das luzes perdidas do caminho.

Passava das dez horas quando Camargo lhe telefonou de Los Toldos. Seu chofer não sabia onde estavam. "Paramos na frente de uma farmácia", disse. "Na placa da porta faltam algumas letras. Deixe ver. Acho que se chama Santíssimo Socorro. Pergunte ao caseiro se ele sabe como sair daqui."

"Santíssimo Socorro, a farmácia", repetiu ela. O caseiro a interrompeu: "Foram para o lado errado. Estão com as direções trocadas. Diga que não saiam daí. Que esperem por mim.

Sobre a mesa posta para 12 caía um pó incessante e finíssimo. A caseira lamentou que a planície fosse tão chata, com um céu de estrelas foscas que não orientavam ninguém, e que no povoado ninguém respondesse às perguntas das pessoas perdidas. "Já vi um caminhão passar por aqui cinco ou seis vezes, sem rumo", disse. "Realmente, é difícil chegar a algum lugar", disse Reina. "Olhe para mim", continuou a caseira.

"Também é difícil ir embora—"

Talvez a mesa ficasse assim para sempre e logo a toalha de renda amarelasse. O tempo tinha parado, como na casa de Miss Havisham em Grandes esperanças. E ela, Reina, também usaria um vestido de noiva que a solidão iria desfazendo? Ela

continuava, sim, com a mesma saia preta e a blusa com babados do ofício de Vésperas. Meu Deus, e esta cara de morta.

Durán devia ter achado que estava lhe fazendo um favor ao propor "outras coisinhas". Precisava trocar de roupa correndo.

Onde haveria um espelho nessa casa?

Acabava de achar um quando, às dez e meia da noite, Camargo chegou a Azotea de Carranza com um entusiasmo de dez da manhã. Era um homem taciturno e reservado, mas essa noite estava radiante, como se tivesse viajado para sua própria juventude. O chofer principal de El Diário o seguia, cerimonioso, carregando uma enorme bandeja de comida e duas garrafas de cabernet francês.

— Remis! — chamou com energia, assim que cruzou a porta. — Reina Remis! Venha comemorar! O presidente mandou as visões místicas à merda!

Ela saiu das sombras do quarto e se aproximou, receosa.

Esperava a invasão de editores e secretárias. Temia rever Durán.

— E os outros, onde estão? — perguntou.

Camargo se distraiu. Ordenou à amedrontada caseira que levasse o chofer até a cozinha e colocasse em tigelas e travessas o gaspacho, o peru frio e a salada russa que ele trazia de Buenos Aires.

— Que outros? — disse depois, com sincera surpresa.

Só então olhou para Reina. Ela estava com o rosto recém-lavado e toda sua beleza simples à mostra. Colocara um vestido solto, de flores bordadas, desses que se acham nos mercados populares do México, e parecia uma aparição beatífica de outro século. Continuava confusa. A confusão se enredara em seu espírito como uma teia de aranha.

— A caseira pôs a mesa para 12 — insistiu ela.

— Essa mulher é surda. Eu nunca disse 12. Eu disse dois,

Reina continuou de pé. Não sabia do que precisava se defender, mas se defendeu:

— Eu não como salada russa. A batata e a maionese me fazem mal.

— Você também não gosta de gaspacho e o peru tem gosto de merda — disse Camargo. — Todas as mulheres que eu conheço têm alguma frescura com comida.

— Não sei como são as outras mulheres. Eu sou cuidadosa com o que enfio dentro do corpo.

Camargo soltou uma gargalhada. Mais parecia uma espécie de zurro que avançava aos trancos, como se ele tivesse vergonha de rir e em seguida essa vergonha deixasse de lhe importar.

De pé, ao lado da mesa, acariciando uma pasta com papéis, perdeu-se num longo discurso sobre as encruzilhadas que o desorientaram em Los Toldos. Por volta das seis, contou, já se sabia em Buenos Aires que o presidente não aguentava mais as

liturgias beneditinas e queria sair do mosteiro nessa mesma noite. A única coisa que o segurava lá era o teatro de vento que Enzo Maestro tinha montado com a visão de Jesus Cristo na copa do limoeiro. Não via a hora de sair dali, jogar golfe, respirar ar laico. Maestro o fez prometer que ficaria até o ofício de Vésperas. Depois, poderia refugiar-se na fazenda La Union, onde simularia uma greve de fome. Ali se deitaria num catre e se deixaria, fotografar, mas logo poderia escapar da vigilância das jornalistas, com liberdade para montar a cavalo e assistir à televisão. Aí eu vi que não havia mais nada a fazer em Buenos Aires, disse Camargo, O olho do furacão se deslocou para cá. Montei uma primeira página com as fotos de Juan Manuel Facundo depositando os sete milhões no banco de Cingapura e deixei duas colunas reservadas para sua história. Eu sabia que o abade ia reagir, mas nunca imaginei que fosse se zangar tanto. As oito e dez, leram para mim um comunicado do mosteiro alegando instruções diretas do Vaticano. Repetem mais ou menos o que você disse ao abade na sua carta, mas com mais diplomacia: que Cristo não pode voltar à terra antes do Juízo Final e que as visões do presidente podem ser reais para ele, mas não para a Igreja Católica de Roma. Depois disso, a ficção da greve de fome já era ridícula.

Eu estava no meio do caminho, entre Carmen de Areco e Chacabuco. Não tinha nada a fazer no jornal. Então pensei que o melhor era comemorar a derrota da besta com a autora da façanha e amanhã cedo ir direto para a redação. Vamos voltar para Buenos Aires no mesmo carro, tudo bem? Já dispensei o seu chofer.

Reina tentava prestar atenção, mas a verborreia de Camargo, acelerada e torrencial, não deixava espaço para a atenção de ninguém. A caseira serviu o gaspacho, e ele nem se deu conta. A cena era ridícula. Os dois estavam de pé diante da mesa servida, com o vinho de noventa dólares recém-aberto, deslizando por uma fala que não conseguia parar e uma atenção que não sabia aonde ir. Até que ela disse: — Doutor, são mais de 11 horas. Se não sentarmos, vou cair de cansaço.

Só então ele parou de girar sobre si mesmo. Permaneceram em silêncio durante um longo minuto, sem se olharem, demorando o vinho nas cavidades da língua. Depois ela tentou mostrar entusiasmo e lhe contou os episódios da capela.

Sentia-se lisonjeada de que um homem como Camargo, tão inacessível para os outros, tivesse atravessado tantos quilômetros no meio do nada apenas para morder ao seu lado o pó daquela comida tardia. Por momentos, tinha a impressão de que a inteligência dele fugia para outro lugar, deixando na enorme sala apenas suas mãos distraídas. Mas, quando voltava, nas rápidas rajadas de seus regressos, fazia com que se sentisse o centro do mundo.

— Como é que você sabe tanto sobre o messias? — perguntou-lhe. — As mulheres nunca pensam nessas coisas.

— Quer mesmo saber? Então nunca volte a dizer "as mulheres" nem "essas coisas". Alguns homens gostam de tricô e crochê. Eu gosto de teologia.

— Isso eu já sei. O que não entendo é como você chegou a isso. Estou curioso.

A caseira trouxe o peru frio e um par de tomates cortados ao meio. O gaspacho estava intacto.

— Fiz todo o secundário num colégio de freiras. Todo, a não ser o finzinho. No último ano, lá para setembro ou outubro, minhas médias já estavam fechadas, e eu começava a me chatear por não ter o que estudar. Então me distraía lendo qualquer coisa que me caísse nas mãos. Nesses meses li quase todos os contos do Cortázar, dois romances horríveis de Barbara Cartland, os poemas completos do Benedetti que tinha ganhado no meu aniversário, as anti memórias do Malraux, e também li os quatro Evangelhos, de cabo a rabo. Veja que mixórdia. Os Evangelhos eram para mim um assunto pendente das missas de domingo, em que os padres os explicavam numa direção e eu os entendia em outra. Eu via absurdos onde ninguém via nada, embora nessa época eu chamasse os absurdos de "mistérios". Tínhamos aulas de religião com a madre superiora, e foi aí que cometi um erro fatal. No dia anterior, tinha passado um tempo estudando a genealogia de Jesus que está no começo do Evangelho de São Mateus e, quando a freira disse que, de acordo com as Sagradas Escrituras, o messias descendia em linha direta do rei Davi, um desses absurdos me veio à mente. Segundo São Mateus, Abraão foi pai de Isaac, e este» pai de Jacó. A sucessão familiar chega em linha direta até o rei David. Depois há mais 22 varões que vão transmitindo a sagrada linhagem masculina até um ponto que eu ainda me lembro de cor: "Mata gerou Jacó, Jacó gerou José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus chamado Cristo." Levantei a mão, sem pensar no que ia dizer. "Professora: Davi é antepassado de José, certo?" "É assim que deve ser", respondeu ela, impaciente.

"Como é possível então", disse eu, "que Jesus descenda de Davi, se ele é filho de Maria, e não de José?". A freira elevou os olhos para o teto e suspirou: "A fé segue caminhos insondáveis, Reina. Não se deve discutir nem questionar. Deve-se aceitar."

Nesse momento eu devia ter sentado com cara de submissão.

Mas continuei de pé e disse: "No Evangelho está claríssimo, irmã. Ou Jesus era filho de José, e a Virgem não era virgem, ou Jesus não era o messias." Essa blasfêmia a tirou do sério. Fiquei trancada na sala da diretoria até que meu pai foi me buscar. A superiora achava que eu tinha ficado louca. Se a senhorita quisesse continuar neste colégio, disse, terá que copiar mil vezes em seu caderno a frase "Nosso Senhor Jesus Cristo é o Messias filho de uma Virgem Imaculada e descendente direto do Rei Davi." Passei a tarde inteira chorando enquanto cumpria meu castigo. Devo ter escrito a frase quarenta, cinquenta vezes, até que percebi que

era uma injustiça atroz e me neguei a continuar. Prefери ser expulsa. Meu pai me bateu, minha mãe foi à igreja rezar pela salvação da minha alma, mas eu não voltei atrás. Tive que terminar o quinto ano por conta própria, estudando em casa e prestando os exames públicos.

— A escuridão cegou você, porque era visível demais — disse Camargo.

— Gosto dessa ideia, mas não a entendo.

— A madre superiora pensou que estava vendo o inferno, como no primeiro livro de O Paraíso perdido: "... e mesmo dessas chamas não saía luz, e sim escuridão visível".

Fechou os olhos e repetiu os versos em um inglês que parecia pronunciado pelo mesmíssimo John Milton. A poeira continuava rodando pela planície e se infiltrava na casa com uma tenacidade canina.

— É horrível — disse Reina. — Neste lugar a gente pode tomar toda a água do mundo, que a garganta continua seca.

Não estranharia que as pessoas aqui tivessem o céu da boca estorricado.

— Isso é tudo o que você sabe, Remis? Também a história da Parusia saiu daqueles evangelhos que você leu aos 15, 16 anos?

— Dezesete. Não, claro que não. Eu me senti humilhada pelo que tinha acontecido no colégio. Decidi que um dia ia voltar a essa aula de religião e jogar na cara da madre superiora toda a sua ignorância. Passei a ler como uma possessa. Descobri os evangelhos apócrifos numa edição espanhola publicada no auge do regime franquista, com todos os "imprimatur" "nihil obstat" que o senhor pode imaginar. Foi aí que eu topei com as Narrações sobre a infância do Senhor, escritas por Tomás Israelita no século II. Li esse livro com curiosidade, porque os evangelhos canônicos omitem tudo o que se passa com Jesus do nascimento até os 12 anos. O menino que se descreve ali é colérico e vingativo. Certa vez,, quando atravessava um povoado, alguém passou correndo e, sem querer, esbarrou nele e quase o derrubou. Jesus se enfureceu e lhe disse: "Assim como me empurraste, cai e não te levantes mais," E assim foi. Fez a mesma coisa com o filhinho de um escriba que lhe quebrou uma cesta de vime. A situação se tornou tão grave que São José, no capítulo 14 dessas Narrações, pede a Maria que proíba Jesus de sair de casa, porque todos os que se desentendem com ele morrem no ato. Li muitas histórias como essas, escritas por homens piedosos que foram acusados de heresia. Aprendi que, no tempo de Jesus, houve outros magos e profetas como ele, que se rebelaram contra o poder de Roma e contra a hipocrisia dos sacerdotes judeus. Mas não quero ser chata, Doutor Camargo. Veja que horas são. Termine seu chá. Eu vou me deitar.

A caseira recolheu os pratos, e o zumbido da poeira foi-se apagando à medida que a noite ocupava mais e mais o lugar de todas as coisas. Pelas janelas se

entrevia um movimento longínquo de luzes, de um lado para outro. Os peões, pensou Reina.

— São os índios — disse a caseira. — Estão procurando restos de comida. É melhor que meu marido não os veja, porque atira neles com o rifle, como com as raposas, e numa noite derruba dois ou três.

Camargo fitava o ar, longe de si mesmo. Seu entusiasmo se apagara, ou talvez seu estado de espírito estivesse mudando, como uma larva, para um entusiasmo diferente.

— Como assim, ele derruba dois ou três? — espantou-se Reina. — É um modo de falar, não? Não pode ser verdade.

— Não ligue para o que ela diz. A senhora fala por falar, não é?

— É isso mesmo? A senhora falou por falar? — perguntou Reina.

A caseira não respondeu. Foi para a cozinha separar os ossos do peru da carne que os visitantes não tinham comido.

Depois jogou os ossos para os cachorros.

— Reina — disse Camargo.

— Que foi? — respondeu ela, sem pensar. Era a primeira vez que ele a chamava assim, pelo nome.

— Eu me casaria com você se tivesse vinte anos a menos.

Ou se você tivesse dez a mais.

Ela lhe sorriu, compassiva. Ao sorrir, levantava tanto o lábio superior que a faixa das gengivas ficava à mostra. Aquela era uma noite de mal-entendidos, de palavras que não significavam o que diziam.

— Que é isso, doutor? Se for um galanteio, é muito estranho.

— Não é um galanteio. Estou falando sério. Eu me casaria com você, mas não posso. Tenho o dobro da sua idade.

— O dobro ou a metade da minha idade daria na mesma.

O senhor não pode porque não pode. Está sozinho, está longe. Quando a pessoa está sozinha e longe, diz qualquer coisa.

— Eu não disse qualquer coisa. Disse que não posso. Sou casado, sou infeliz, mas não é esse o motivo, porque isso é o que qualquer homem diria no meu lugar. Não posso porque nos parecemos muito. Faríamos mal um ao outro.

Reina sentiu que as palavras iam caindo uma ao lado da outra, com alívio, numa ordem que talvez tivesse séculos, mas que para ela era nova. Teve a impressão de que essas palavras se encaixavam, depois de se terem procurado por muito tempo.

— Eu não sei o que dizer. Estou confusa. Tudo me confunde.

Camargo deixou a mesa com a xícara de chá na mão e deu alguns passos em direção à cozinha. Depois voltou» deixou a xícara sobre a mesa e pousou a mão no ombro de Reina.

— Você não tem que dizer nada. Não tem que pensar em nada. Sou eu quem disse tudo.

Ela se safou da mão e o olhou nos olhos.

— Cercas frases permanecem, não podem ficar no ar.

Quando alguém diz alguma coisa, essa coisa nos transforma, mesmo sem querer.

— Talvez eu tenha falado sem pensar.

— Ninguém fala sem pensar. Tudo o que dizemos tem um sentido, e não temos por que ignorá-lo.

— Nós dois nos parecemos demais, Reina. Viu como é?

Pensamos igual, quase com as mesmas palavras. É assim que começam os curtos-circuitos.

— Se o senhor não fosse meu chefe, eu poderia me dar ao luxo de um curto-circuito. Mas não posso me abrir. Eu gosto do que faço, sabe? Gosro de escrever. Foi muito difícil para mim entrar no jornal, e, no dia em que consegui, passei uma hora dançando sozinha no coreto do parque Lezama. Pisei em tanta merda de cachorro que tive que jogar fora os sapatos, mas fui mais feliz do que nunca na vida. Eu não posso perder isso, Doutor Camargo. Não posso ter curtos-circuitos com o editor de Cultura, nem com o secretário-geral, e muito menos com o senhor, que está no topo da pirâmide.

— Você tem razão. Mas eu não propus um desses casos que a gente esquece antes que aconteçam. Eu disse que me casaria com você. É diferente.

— Também disse que não pode. E isso é o mais diferente de tudo.

Pareceu-lhe mentira que estivessem conversando assim, deixando-se levar, com uma liberdade que ele jamais sentira em relação a nenhuma outra pessoa, nem sequer com suas filhas. Espantou-o que aquela mocinha à-toa o fizesse tremer como um adolescente. Ela> por sua vez, não entendia o que estava acontecendo naquela noite. Recuar a confundia, e avançar também. Não gostava de se afastar tanto de si mesma.

Por momentos, via Camargo tal como ele era: um homem mais velho, que caminhava encurvado, de voz muito pensativa e com um corpo de matrona, arredondado pelos anos.

Nunca ninguém assim tinha entrado em seus sonhos. E, no entanto, tudo o que ele dizia a tocava e a feria como ácido.

Tudo o que ele dizia lhe tirava o fôlego e entrava em seu passado.

— Eu vou dormir — disse Reina. — Pensei que este dia nunca fosse acabar.

— Pois é. Poderia não acabar nunca.

Já no quarto, enquanto se livrava dos desconfortáveis sapatos de freira e dobrava o vestido mexicano sobre uma cadeira, ouviu Camargo reclamar com a caseira da aspereza dos lençóis, do cheiro de fechado e da espessura do mosquitoireiro. "Se

alguém roubou o ar desta casa, teria que devolvê-lo", disse ele quando Reina, já de camisola, estava escovando às cegas seus longos cabelos escuros. Estavam em quartos contíguos, separados por paredes de meio metro de grossura, mas a fina folha das portas, em vez de abafar os sons, apurava a acústica e os reanimava.

Apagou a luz à uma da manhã, mas não conseguiu dormir.

Por duas ou três vezes, assustou-a o celular de Camargo.

OuvIU-o dar ordens sobre o tamanho das fotos, deslocar alguns títulos, discutir os despropósitos de um parágrafo. Falava com um tom firme, mas em voz tão baixa que as sílabas se confundiam. Por momentos, as janelas eram iluminadas por relâmpagos e a umidade não parava de crescer, como se estivesse viva e decidida a nunca mais se retirar.

Ela ia começando a relaxar e a entrar nesse limbo onde os sentidos perdem pé, quando Camargo bateu na porta. Deviam ser duas da manhã, talvez duas e meia. Por um momento, ela não soube se se tratava de uma voz do dia seguinte ou da semana passada.

— Reina, tive que tirar o seu artigo da primeira página.

Você está dormindo, Reina? Seu artigo não sai.

A chicotada da frase a despertou.

— Por quê, doutor? Espere, já vou. Preciso vestir alguma coisa.

Na hora, tornou-lhe a mente a ideia do fracasso, e ela percebeu que nada a amedrontava mais do que isso: não o fracasso perante os pais, porque essa é uma fatalidade da qual nenhum ser humano escapa, nem o fracasso com Camargo, que talvez pudesse ser reparado, mas com ela própria, com a imagem invencível que tinha de si mesma e que de repente vinha abaixo. Onde teria errado? Procurou o interruptor da luz: não funcionava. Por sorte, uma lamparina de querosene ainda cintilava num canto, com a chama agonizante. Colocou o vestido mexicano por cima da camisola e, ao se dirigir para a porta, sentiu uma leve tontura, a sensação de que, quando visse Camargo, desabaria no vazio.

Ele resumava umidade e malícia. Acabara de tomar banho e emanava o mesmo perfume suave e recôndito que o seguia por toda parte. Tinha nas mãos a pasta que trouxera de Buenos Aires.

— Você está muito bonita, Reina — disse. As palavras tropeçaram umas nas outras, como se não fosse isso o que ele queria dizer.

— O que aconteceu com meu artigo? Está aí?

Reina apontou para a pasta.

— Nada. Não aconteceu nada. Só queria conversar um momento com você e não sabia como acordá-la.

— Quer dizer que ele vai sair do jeito que o mandei, na primeira página?

— Vai sair sem mudanças, sim. Não aconteceu nada. Posso entrar um momento?

Reina se afastou da porta, e ele, ao avançar, pegou na mão dela. Ela não a retirou.

— Estou confusa — disse.

— Todos estamos.

Camargo fechou a porta e a abraçou. Reina sentiu que o corpo enorme e temível em que se deixava cair despertava nela um desejo que nunca imaginara. Sentiu que todas as suas certezas se descarrilavam, e que Camargo já não era Camargo nem ela era ela. Um abraço bastava para que duas pessoas de repente fossem outras. Segurou o rosto dela entre as mãos e a beijou. Seus lábios eram quentes e a afastavam do mundo. As línguas se procuraram e se acariciaram, e uma maré cega os arrastou para o lugar nenhum onde queriam estar. Reina não parou para pensar em tudo o que ganhava e perdia naquele instante. Apenas se deixou levar, porque ele lhe pareceu uma criança indefesa, e ela teve vontade de protegê-lo.

Ao acordar, Camargo estranhou que Reina não estivesse na cama. Ao ver a suja luz de inverno que entrava pela janela, deduziu que deviam ser mais de sete. O horizonte era uma faixa cinzenta, e o calor continuava ali, contrariando as estações.

Não viu as roupas de Reina, nem sua bolsa de viagem, nem o computador portátil em que havia escrito o artigo sobre a heresia. Incrédulo, começou a se vestir. Não o incomodava tanto o fato de ela ter partido sem nem sequer lhe deixar um bilhete» e sim que talvez o tivesse espiado enquanto dormia.

Devia ser próprio das mulheres como ela: espiá-lo, ter tudo sob controle. Decerto vira sua boca aberta, suas pernas nuas e varicosas, sua barriga flácida e desvalida, Decerto o flagrara indefenso e levava essa imagem com ela, sem lhe dar tempo de corrigi-la. Saiu para a varanda em busca da caseira e a encontrou coberta de tules de mosquitoireiro, carregando um pote cheio de mel. A mulher tirou os tules em sinal de respeito.

Tinha o rosto sumido, vincado pela secura.

— O senhor também já vai embora? — disse. — Tem café quente e pãezinhos caseiros. Não deixe de provar os pãezinhos com este mel. Aqui, mesmo sem nenhuma flor, as abelhas não param de trabalhar. Na semana que vem, vamos receber rainhas novas. O senhor precisa ver esses bichinhos. As rainhas cantam, não sabe? E quando elas cantam, tudo o que o senhor vê aqui em volta fica amarelinho, sabe Deus por quê.

Camargo não respondeu. Tanta loquacidade o incomodava.

Não queria conversa com gente inferior, muito menos com essas mostras de confiança. Será que a caseira tinha visto ou ouvido alguma coisa?

— Cadê o chofer? — perguntou. — Já devia estar me esperando aqui, com o carro pronto.

— Foi levar a dona Reina até a rodoviária — disse a mulher.

— Vai ver que se perdeu de novo.

— Quero café. Sem mel, sem pão. De manhã eu só tomo café preto.

Quer dizer, então, que ela foi embora de ônibus. Por que teria feito isso? Talvez porque ele a deixou no meio da rua quando foram jantar. Era vingativa, uma merda. Mas continuava pensando nela. Zumbia em sua imaginação e não saía dali. Mandaria o chofer embora assim que chegasse a Buenos Aires. E com Reina, o que ele faria? Um par de abelhas se aproximou do pote de mel que a caseira tinha deixado sobre um banco, na varanda. Talvez não tenha voltado para o jornal, pensou. Talvez esteja indo para qualquer outro lugar. Mas um dia ela vai ter que parar. Um dia ela há de chegar a um lugar para ficar e pensar no que fazer. E quando ela chegar lá, eu já estarei esperando. Ela pode se sentir tão livre quanto quiser. Pode se sentir livre o tempo todo, pois, aonde ela for, sempre me pertencerá.

SETE.

Faz uma hora que levaram a pobre Ângela para a UTI, disse-lhe Brenda pelo telefone num castelhano já erodido pela falta de uso. Os médicos não estão conseguindo controlar uma infecção respiratória. Segundo o doutor Clarke, seus glóbulos brancos já são inócuos. Já recebeu tantas transfusões que não lhe resta nenhuma veia em condições.

Ontem tiveram que injetá-la nas costas das mãos. A dor nunca a deixa em paz. Se você a ouvisse, lhe partiria o coração. E o peito, então?

Coitadinha, seu peito está tão fraco que dá até medo. Teriam que recomeçar a quimioterapia, mas antes querem evitar que a infecção continue se espalhando. Que coisa.

Como alguém pode sofrer tanto com apenas 15 anos? É muito duro, Camargo. Não posso ver a menina assim. Quando me vê, a primeira coisa que ela fax é perguntar: quando é que o papai vem? Já quase não tem voz. Faz mais de três meses que ela não vê você. Você foi a Toronto, a Las Vegas, e não teve tempo de parar em Chicago, nem que fosse um dia. É sua filha, não? Estou com medo, Camargo, medo de ficar sozinha, medo do que pode acontecer.

Quem é esse doutor Clarke?, você lhe pergunta. O hematologista que está cuidando dela desde o começo, responde Brenda, surpresa. Como é que você não se lembra dele?

Mas é verdade, você não se Lembra. Faz muito tempo que você pensa em Ângela como se não tivesse nada a ver com sua vida.

Você pronuncia seu nome, e um vazio se abre em seus sentimentos.

As fotos dos concertos, os passeios de bicicleta, nada desse passado chega a comovê-lo. Você a visitou uma ou duas vezes neste ano, e nem sequer teve coragem de abraçá-la. Ela está muito fraca. Deixou de pertencer a você, porque agora pertence à doença, à desgraça, a uma dor da qual você prefere manter distância. Você tenta dizer mais alguma coisa ao telefone, mas não sai nada. E a Diana, como ela está?, pergunta.

Raras vezes sua ex-mulher e você falam da outra gêmea. Ela também é estranha a você. Não se afastou da cama da Ângela nem por um momento, responde Brenda. Agora sim, porque não pode ficar na UTI. Está aqui do meu lado. Quer falar com ela? Não, você responde, apavorado. Agora não posso. Estou com dois dos meus editores na sala de espera. A situação do país é grave, como você sabe. Esperamos a renúncia do ministro da Economia para qualquer momento. Dê um beijo nela por mim. Diga que estou com saudades. Se eu puder viajar amanhã, você será avisada, Brenda. Agora preciso desligar.

Amanhã?, pergunta ela. Não acredito. Você vai esperar até amanhã? A Ângela está com uma febre de 41 graus que ninguém consegue baixar. Você não percebe que amanhã ela pode estar inconsciente e ter piorado tanto que nem deixem você chegar perto? Tem que ser hoje mesmo, Camargo. Você é o pai. Revolta-o que Brenda invoque uma responsabilidade com a qual você nunca faltou. Está gastando uma fortuna em hospitais e médicos inúteis, que nem sequer são capazes de baixar uma febre de 41 graus, e ela vem falar dos seus deveres de pai?

É demais. Não me aperte, Brenda, responde. Você sempre querendo mandar na vida dos outros. Vou ver se arranjo um jeito de viajar.

Trata de tranquilizá-la com promessas para se livrar dela.

Ela tentou manipulá-lo, e mais uma vez você fugiu do cerco.

Você não tem a menor intenção de sair de Buenos Aires. Justo agora, que a mulher da janela em frente o traiu, fazendo pouco da atenção que você vem lhe dedicando nos últimos meses?

Depois de ter construído o corpo dela com seu olhar, vai permitir que sua obra se desfaça nas mãos de um outro? Você está furioso, desesperado por castigá-la, e com essa mágoa não pode ir a lugar algum. Depois você vai ter tempo de sobra para se ocupar da Ângela. Agora, a mulher da frente é a coisa mais importante do mundo.

No dia seguinte ao fenobarbital, ela dormiu até o meio-dia. Você foi adiando suas reuniões no jornal até que a viu acordar e se arrastar pela casa, desgrenhada e abatida. Fez alguns telefonemas, talvez para o médico ou para a mãe, e também para o trabalho, para dizer que estava sentindo tonturas, enjôo, e que iria quando melhorasse. Enquanto a espiava, afastado da sua própria janela para não ser visto, mandou um dos redatores de Cultura apurar com extrema discrição — extrema, frisou, dando a entender que um passo em falso lhe custaria o emprego — se alguma editora de Buenos Aires estava preparando a publicação de um ensaio sobre Jesus, sobre os primeiros anos do cristianismo, ou qualquer assunto afim. Talvez, seja uma coleção de vários autores, acrescentou. Se for esse o caso, levante o nome de todos eles, Procure também nas editoras marginais, nas clandestinas, nas que estão em formação, Seja exaustivo. E me entregue um relatório, em mãos, o quanto antes. Você acabará com quem ousar publicar as merdas que essa ratazana escreve às escondidas.

A mulher era jovem e tinha um físico indestrutível. As duas da tarde, o efeito do fenobarbital já tinha passado por completo. Não parava de beber água e ia ao banheiro com frequência. Sumiu por algum tempo de seu campo de visão, para tomar um banho, e voltou viçosa e cheia de energia. Preparou café, mas não comeu nada. Viu-a hesitar algumas vezes com a caixa de suco na mão e devolvê-la à geladeira. Não desconfiava de nada, disso você tinha certeza, mas deveria vigiar

seus hábitos, caso ela rejeitasse o suco. Se isso acontecesse, você teria que pensar em outro recurso para a próxima dose de fenobarbital. O que sumir da sua memória sobreviverá no corpo.

Sempre que ela se aproximar do suco de laranja, o passado voltará como se fosse presente. Tudo o que a mulher esquecer caberá a você recordar.

Viu-a sentar em frente ao computador e conferir o correio eletrônico. Estava agitada, sem tempo para responder às mensagens. De dia era mais difícil observá-la, porque a luz de fora criava muitas zonas de sombra. Mas seus movimentos ganhavam nitidez quando se aproximava da janela, se olhava no espelho ou abria a geladeira.

Você esperou uma semana, para que ela relaxasse seus hábitos. Nesse ínterim, soube, ela ligou duas vezes para o editor colombiano do telefone do trabalho, gastando o dinheiro alheio no seu namorico. Sua justificativa para a viagem ao Rio de Janeiro é uma suposta investigação urgente, para que a empresa que a sustenta pague a despesa. Além de puta, ladra.

Não merece a menor piedade.

Agora você sempre chega cedo a sua sala na rua Reconquista, antes das dez da noite. Deixa o fechamento nas mãos do editor noturno ou de Enzo Maestro, que você contratou pouco antes da troca de governo. Você o chamou por causa dos seus contatos políticos, depois o foi promovendo por sua lealdade sem falhas e acabou por transformá-lo em seu braço direito.

Agora, a primeira coisa que você faz já não é correr ao telescópio, e sim atravessar a rua para estabelecer um diálogo com o casal sem-teto que dorme ao lado do prédio da mulher.

Quando você morava em Chicago, aprendeu que as pessoas, ao se dirigirem a alguém que não entende a língua do lugar, falam lentamente, pronunciando bem cada sílaba, como se a completa ignorância do idioma alheio se dissipasse só porque a voz se demora ou o tom é mais alto. Mas você sabe que nada é tão eficaz quanto a linguagem dos gestos. Assim foi-se entendendo com o sem-teto, só com o homem, porque a mulher não gosta de você: quando o vê chegar, aperta os lábios descarnados e tapa o rosto com sua manta de ruínas. São refugiados da guerra de Kosovo e falam uma intrincada variante dialetal do sérvio. Nem sequer são parentes: une-os o infortúnio de terem fugido da mesma aldeia na montanha, perto de uma cidade chamada Pranjani, pelo menos é o que você pensa entender.

Gastaram uma fortuna para chegar a Buenos Aires, subornando agentes de imigração em Ciudad del Este e Posadas, apenas para descobrir que na capital estão condenados a um destino de mendigos. O homem às vezes recolhe latas e garrafas nos cantos da cidade ainda inexplorados por outros como ele. Ao invadir áreas já tomadas, corre o risco de ser morto a pauladas e jogado numa sarjeta. Mas

que alternativa lhe resta? Não há trabalho para ninguém, as pessoas perderam a cabeça, a única ideia fixa é comer. Somos barrigas, só barrigas, dizem os gestos do homem.

Às vezes você lhes leva umas latas de carne e de sopa. A sem-teto sabe dizer obrigado em espanhol, você já a ouviu agradecer toscamente quando alguém lhe joga uma moeda, mas quando você lhes dá comida e tenta conversar, ela apenas o olha com rancor e se dirige a seu companheiro, repetindo Bas smo zedni. Pelo que você conseguiu saber, a frase significa "o que nós temos é sede", ou algo parecido. Tanta ojeriza poderia atrapalhar a relação que você foi construindo com o homem: você tenta ser gentil com ela, vencer sua desconfiança, relevar suas grosserias. Não é fácil, porque a simples visão dela é cada dia mais repulsiva. Quando emerge de seus trapos, exhibe uma juba arrepiada, com nós de medusa. O fedor de seu corpo é insuportável. Pelo menos ela não se incomoda quando você caminha com o sem-teto por um ou dois quarteirões, embora não desgrude os olhos de vocês, e certamente fingiria um ataque se os perdesse. Você não consegue entender em que consiste a dependência que se estabeleceu entre os dois.

Não pode ser física, porque o homem é ainda forte e, se não fosse pela falta de dentes, seria até atraente, ao passo que ela está completamente deformada, com suas crostas e chagas de pesadelo.

Mais de uma vez você lhes ofereceu pagar um quarto de pensão, mas eles o recusaram. Conservam certa altivez, como se a miséria fosse uma escolha e não uma derrota. Agora você não tem outro remédio que abrir o jogo e dizer para que precisa dele. A mulher do apartamento em frente deve ir para o Rio de Janeiro daqui a três dias, e você tem que impedir essa viagem, seja como for.

Depois da conversa com Brenda, você sai à procura dos sem-teto: o tempo está mordendo seus calcanhares. São dez horas da noite, e já faz semanas que as rotinas mudaram no apartamento em frente, talvez porque a mulher está apaixonada e prefere não se distrair de si mesma. Volta cedo do trabalho; raras vezes aceita um convite para jantar e, desde o amanhecer, passa horas a fio escrevendo. Aos domingos, porém, seus hábitos são os de sempre: passa o dia cavalgando e só volta depois que escurece. Escuta música, tira a roupa diante do espelho. Está mais interessada do que antes no cuidado de seu corpo: você a vê fazer exercícios de alongamento e flexões logo ao acordar, passar cremes nas pernas e nos seios antes de se deitar.

Momir — já aprendeu que esse é o nome do sem-teto — está roncando em seu ninho de lixo quando você o procura.

A companheira, ao contrário, continua sentada, fumando.

Você lhe pede licença para falar com ele. De nada adiantaria acordá-lo, porque ela não o deixaria mover-se dali. Junta as palmas das mãos, tentando um gesto de

súplica. Importante, importante, você lhe repete, sem saber se alguma dessas sílabas pode comovê-la. Cekao sam, insiste. Acha que isso significa algo como "vou ficar à espera dele". Mas ainda pronuncia uma palavra que a sem-teto, afinal, entende: Pranjani.

Tudo o que os dois querem — quem lhe disse isso foi o sem-teto — é voltar para Pranjani. Da aldeia onde eles viviam, devastada pelos bombardeios, não restam nem os escombros, mas em Pranjani já começou a reconstrução. Lá ele poderia trabalhar como pedreiro. Você não conseguiu saber ao certo se ele quis dizer pedreiro ou mestre de obras ou outro ofício ligado à construção, porque a linguagem dos gestos é limitada, e o castelhano do homem é ínfimo, utilitário. Você foi lhes oferecer o que eles tanto desejam.

Você se esconde na entrada do seu prédio, enquanto espera que Momir acabe de acordar. Teme que a mulher chegue do trabalho a qualquer momento. Por fim, vê que o homem se levanta e o procura com os olhos. Você lhe indica que atravesse a rua, mas ele só a faz, depois que sua companheira lhe ordena: Pitaj ga. Chegou a hora de propor a troca em que você vem pensando desde que leu as mensagens da mulher para seu amante colombiano. Vai lhe pedir descrição extrema — extrema, repetirá —, mas como poderia traí-lo esse camponês sem língua, estranho ao mundo? Você sabe, de saída> que a negociação não será fácil: haverá infinitas consultas do sem-teto a sua parceira. Sua oferta é simples: uma soma de dinheiro suficiente para cobrir duas passagens a Belgrado> o ônibus até Pranjani, mais o que eles precisarem para sobreviver durante uma semana. Você vai dizer "três mil pesos", esperando que Momir responda "cinco". Mas ele lhe pede muito mais do que isso. Quer passaportes novos para ele e para a mulher.

Você entende que, na viagem de Posadas a Buenos Aires, roubaram tudo o que eles levavam: documentos, dinheiro, joias, roupas, fotografias. Passaportes?, você repete, surpreso. Não é possível. Como vai consegui-los em tão pouco tempo? Ele teria que cumprir sua parte do trato amanhã à noite, e você não pode entregar-lhes os papéis antes de 72 horas, com muita sorte. Mas depois eu arranjo os passaportes, dou-lhe a minha palavra. Confie em mim. Ele olha para você desconcertado.

Torna a atravessar a rua e discute com a companheira. Ou Momir não entendeu seus argumentos, ou a mulher não concorda.

Volta cabisbaixo. De quanto tempo disponho, então?, você lhe pergunta. Agora, responde Momir, implacável, apontando para o chão, sem deixar dúvidas de sua firmeza.

A insensatez dos sem-teto o enfurece. Como esses vermes ousam se opor à sua vontade, algo que ninguém no país faria?

Você não vai se esquecer disso. Vai acabar com os dois, quando chegar a hora. Mas agora, por desgraça, eles são a arma de que você precisa para dar uma lição na

mulher da frente. Enquanto não o fizerem, você terá que empregar todo o seu poder para conseguir o que lhe pedem. Talvez tenha que recorrer a Sicardí, o chefe de pessoal, ou a Enzo Maestro, que ainda tem contatos nos serviços de inteligência.

Vou cumprir com a minha parte, Momir, você lhe diz.

Vou me dedicar por inteiro a isso. Às sete da manhã, uma pessoa de confiança virá fotografar vocês, aqui mesmo, na rua.

Tentem se arrumar, penteiem o cabelo. Tentem parecer pessoas normais. Depois, de noite, vou lhe entregar os papéis da sua companheira. O dinheiro e o outro passaporte vêm mais tarde, depois que você tiver feito o que eu pedir. Momir se afasta mais uma vez para saber se a mulher está de acordo. Do meio dos escombros, ela assente. Meu Deus, quanta negociação.

Mas a realidade está conspirando contra você. Enquanto falava com Momir, você desligou os celulares, e agora vê que nos dois há recados desesperados. Maestro pede que você vá o quanto antes ao seu escritório. O presidente demitiu meio ministério, diz, e se meteu numa briga de foice com os aliados que o levaram ao poder. Não quer ouvir os argumentos de ninguém, a não ser dos filhos. A crise já é tão grave que o vice-presidente pode renunciar. O jornal está paralisado, Camargo: todos à sua espera, diz Maestro na caixa postal. Como vou aprovar as manchetes da primeira página sem a sua aprovação?

Os rascunhos já estão prontos, sobre a sua mesa. Você volta a pensar o quanto acertou ao escolhê-lo como seu preposto. Meia redação ficou enojada. Foi o porta-voz mais inescrupuloso que o país já teve, disseram. Nem durante a ditadura houve alguém assim. Que exagero. Você o quis a seu lado porque ele não discute as ordens: as aperfeiçoa. A lealdade a toda prova que ele dedicou ao presidente anterior agora a dedica a você. E sua imaginação perversa, maliciosa, com que ele distraiu o país enquanto seu chefe roubava à vontade, foi-se refinando no jornal. Já não pode inventar fatos, como antes, mas é um malabarista manipulando, corrigindo e deslocando os que a realidade lhe oferece. A vida é injusta com homens como Maestro, você pensou em mais de uma ocasião.

Num país menos insignificante que a Argentina, ele seria um Fouché, um Kissinger, um J. Edgar Hoover. Na biografia de nenhum desses homens existe uma joia do diversionismo tão admirável como a falsa penitência do anterior presidente em Los Toldos, na vala de Alsina e no Valle de la Luna ao mesmo tempo: três golpes de dados que desembocaram em um só acaso.

Você gostaria de confiar a Maestro suas atribulações com essa mulher, porque ele saberia dar-lhe um conselho acertado, mas esse é um segredo que você não pode revelar a ninguém.

Você o contaria para sua mãe, claro, derramaria nela tudo o que leva dentro» se a reencontrasse, mas, embora sua esperança continue de pé, faz tempo que você

deixou de procurá-la, Camargo: sua mãe já se foi do reino deste mundo.

No celular reservado para as filhas e para os íntimos, há dois recados irritantes. Ângela está piorando hora a hora. Com voz de funeral, Brenda anuncia que a infecção escapou do controle.

Três médicos estão cuidando dela na UTI. Se você ainda não estiver a caminho de Chicago, diz Brenda, por favor, trate de achar uma conexão por São Paulo, por Lima, por onde for.

Você tem que vir o quanto antes, Camargo. Diana e eu estamos desesperadas.

Sua ex-mulher ficou louca. Como ela pode achar que você vai se abalar até o outro lado do mundo à menor alteração do estado de Ângela? Não seria a primeira vez que ela tenta atraí-lo com um alarme falso. Sua filha sofre de uma leucemia difícil de curar, das chamadas mielo blásticas, mas ela já se recuperou de outras vezes e nada indica que agora seja diferente. Se Brenda se pusesse em seu lugar por um instante, saberia que acabou de eclodir uma crise política e você não pode abandonar o jornal irresponsavelmente. E se enxergasse a vida em seu mesmo comprimento de onda, como nos primeiros anos de casamento, perceberia que, para você, a viagem da mulher ao Rio de Janeiro é a única questão de vida ou morte.

O outro recado o revolta: é Reina Remis, que precisa ver você o quanto antes. É só um minutinho, suplica, estou sendo vítima de um mal-entendido e quero desfazê-lo cara a cara.

Você não vai recebê-la, já decidiu. Entregará seu caso à Justiça de Sicardi e não moverá um dedo a seu favor.

E amanhã? Ah, você quer deixar bem amarrado seu plano para amanhã. Assim que chega a seu gabinete, manda chamar Sicardi. Talvez ele sozinho possa resolver tudo. Você não pode evitar o desagrado diante da visão de seu nariz: um pimentão enorme, a ponto de explodir. A moralidade de Sicardi é um terreno inexplorado, por isso você vai pronunciando as palavras com cuidado, como se as fizesse caminhar sobre brasas.

Não se preocupe, doutor, diz ele, podemos ter os passaportes amanhã à tarde. Falsos, é claro. Vou localizar quem roubou os do consulado polonês. Esses marginais que vamos tirar do país, o senhor disse que são croatas? Sérvios, montenegrinos? Então, ninguém vai notar a diferença. Sérvios, poloneses, búlgaros: é tudo a mesma coisa. Você se resigna a deixar os últimos acertos nas mãos de Sicardi: as fotografias, a invenção dos nomes, as prováveis datas de nascimento, entre 1954 e 1960. Não quer nenhum erro de tradução na hora de transcrever os dados, lhe avisa: esses detalhes poderiam pôr a perder todo o esforço no momento de eles passarem pelos controles de imigração.

Olhe que nessas línguas, existem letras estranhas, Sicardi: ípsilons com acento agudo, efes com barras transversais, agás circunflexos. Fique tranquilo, doutor, não se preocupe.

Por acaso alguma vez falhamos com o senhor?

Ainda falta o problema de Reina Remis: é o invisível campo de espinhos que nem Sicardi nem você se atrevem a pisar.

Precisa de mais alguma coisa, Doutor Camargo? Não estamos nos esquecendo da Remis?, pergunta, serviçal, aplainando o terreno.

Você deveria lhe agradecer, porque mais de um vaso capilar de seu nariz deve ter sucumbido à tensão. Remis, corrige-o, acentuando com ênfase a primeira sílaba. O nome dela é Reina Remis. Como o senhor sabe, ela traiu o jornal. Essa companhia aérea, Fleet a subornou. Não nos resta outra saída senão demiti-la, Sicardi. Não seria melhor irmos com mais calma, Doutor Camargo?, diz ele, alarmado. Quem sabe chamar-lhe a atenção com suspensões progressivas. A demissão sumária vai sair caríssima. Ou por acaso existem provas desses pagamentos?

Mais caro sairia mantê-la no jornal, Sicardi. Faça o que eu lhe digo. E não se perca em escrúpulos legais.

Você detesta ter de dar explicações. Quando se trata de Remis, não aceita a contradição de ninguém. Mande-a embora, mas dê-lhe um tempo, você diz. Deixe que cometa mais alguns erros, que nos processe, que amargue meses sem cobrar, indo de advogado em advogado.

Que alívio. Até que enfim você conseguiu se livrar desse mal-estar que não o deixava em paz. Assim que puder, vai ligar para os diretores de El Heraldo, das agências de notícias e de todas as rádios e televisões que conhecer para lhes avisar que Reina o traiu e que empregá-la equivale a declarar guerra contra você. Que isso lhe sirva de lição, Camargo. Você a levou longe demais, até alturas onde somente seres como você conseguem respirar sem se intoxicar. Você lhe abriu sua intimidade, dobrou seu salário pelo menos duas vezes. Ela chegou a ganhar quase o mesmo que Maestro. Por causa dela, só por causa dela, você se separou de Brenda e se afastou das gêmeas, por mais que cedo ou tarde> isso certamente acabaria acontecendo.

E olhe como ela lhe agradeceu: se vendendo. Você nem precisa investigar se, além de passagens, ela recebeu cheques da companhia aérea. Basta ler os artigos que ela publicou a favor da empresa. Você nunca vai perdoá-la, Camargo, mesmo que ela o implore de joelhos. Essa lição você aprendeu de Deus, que é misericordioso, mas nunca perdoa.

Agora você manda chamar Enzo, Com ele você se sente totalmente à vontade. As ideias dele são sempre calcadas nas suas, e se, por acaso, são diferentes, ele trata de evaporá-las.

Você poderia perfeitamente lhe dizer que a manchete de amanhã teria de ser, por exemplo, "Crinete da gabise", que ele acataria a ordem com entusiasmo. Não seria má ideia apanhar os leitores de surpresa, obrigando-os a reconstruir uma linguagem desmembrada: "Renuncia-se a espera do vice-presidente".

Ou, então: "Detros já postos mínis são três". Os jornais seriam jogos para adultos, e não papinhas mastigadas para crianças idiotas. Que ótimo, vamos fazer isso já, é fantástico, Maestro diria, e poria mãos à obra no ato.

Deixar o inferno dos corredores palacianos o remoçou.

Embora ainda continue enfronhado naqueles ternos lustrosos com colete e insista em usar as gravatas floridas a que foi acostumado pelo mau gosto do ex-presidente penitente, Maestro já não tem mais aquele olhar fugidio e envergonhado de outros tempos. Quando caminha pela redação, com os polegares enganchados no colete, parece Noé ouvindo os relinchos, gorjeios e assovios agradecidos da arca. Você sabe qual era a manchete do dia, Camargo?, diz por cumprimento, exaltado. A queda de Milosevic. Tínhamos duas reportagens perfeitas enviadas de Belgrado, uma entrevista com Vojislav Kostunica, que assumiu o governo, e uma coluna exclusiva de Juan Goytisolo, Mas aí o presidente acordou da sesta de pacote e botou três ministros rebeldes no olho da rua. Sei de fonte segura que o vice vai abandonar o barco a qualquer momento.

Insinuamos qual é a situação, mas não dizemos nada às claras.

Você acha que devemos trocar as manchetes para dar mais destaque à crise?

Não mexa em nada, Enzo, você lhe ordena. Tudo deve ficar exatamente como você decidiu, Essa primeira página está impecável. Não vai acontecer nada do outro mundo durante a noite. Antes de pedir a renúncia, se a pedir, o vice vai esperar que o presidente repense e o chame para conversar. Quem está enrolado sou eu, Enzo. Você vai ter que me substituir por um ou dois dias. Justo agora, Camargo? Não faça isso. Posso segurar o rojão que você quiser, mas eu não sou você, e os leitores vão notar a diferença. Não tem jeito, você lhe responde.

A Ângela piorou muito. Por mais que a Brenda se negue a aceitar os fatos» sei que minha filha pode morrer a qualquer momento. Eu devia ir para Chicago, mas não tenho coragem.

Também não tenho forças para ver ninguém. Vou ficar ao seu alcance, pelo celular, e posso dar um pulo no jornal em caso de emergência. Mas essa de amanhã é uma crise anunciada, Enzo. Eu até posso antecipar a manchete; "Vice-presidente pede renúncia incondicional". Não há muito o que imaginar.

Basta mandar um repórter a Olivos para que relate cada suspiro do presidente, e outro para que siga o vice desertor aonde quer que ele vá. Depois você enfeita o pacote com umas análises da crise, e pronto. Vai ser um dia límpido, oxigênio puro. Se a história caminhar como você diz, Camargo, tudo vai ser muito simples. Mas

ela pode se desviar por um atalho, enlouquecer. Veja, hoje, como o rumo dos fatos foi estranho: amanhecemos com a queda do Milosevic, e no início da noite nosso presidente inocente chutou o pau da barraca. Mas, agora, o jornal é o de menos. Demais seria a culpa que você sentiria se ficasse. Não seria melhor você ir para Chicago?

Maestro é esperto, mas não organizado. Não conhece a tropa, não sabe qual é o redator capaz de descobrir pelo celular tudo o que acontece na quinta de Olivos, enquanto almoça em casa com a família. Ele também não se fia nos conselhos do Sicardi. Você vai ter que lhe dar uma mão com as escaramuças de amanhã. Sugere que ponha Remis no encalço do vice renunciante. Deixa-lhe por escrito um detalhado plano de operações: que ela o encontre às oito da manhã no café da esquina de sua casa, onde costuma tomar o café da manhã; que acompanhe passo a passo a escritura da carta de renúncia, o choro da esposa, os inúteis telefonemas de Olivos tentando dissuadi-lo, a coletiva de despedida, a solidão da casa e a angústia do povo. Remis?, pergunta Maestro, surpreso. Não estamos prestes a demitir essa moça? Estamos, e daí?, você responde. Faz vários meses que ela está relaxando no trabalho, e nos roubando. Amanhã ela terá a chance de devolver o que nos deve. Trate de garantir que ela cumpra as ordens. Mande Sicardi verificar, hora a hora, se ela não abandonou seu posto.

E não a deixem ir embora enquanto não tiver mandado o ponto final da história. Você gostava dela, Camargo, atreve-se a dizer Maestro. Até há bem pouco tempo. Por isso mesmo, você responde. Nunca permito que os sentimentos se misturem com o trabalho. Ela ainda é útil. Sabe narrar com a habilidade de Victoria Ocampo e é insidiosa como Patrícia Highsmith. E também é maléfica.

Esta noite, pela primeira vez, você vai se deitar no catre de monge da rua Reconquista, mas talvez não consiga nem pregar o olho. Irá muitas vezes até seu posto de observação para espiar por seu telescópio BusHnell e repassará mentalmente todos os movimentos de amanhã. Você gostaria de entrar no apartamento da mulher da frente assim que ela saísse rumo a seu trabalho, mas a faxineira fica ali até a uma da tarde, e você terá que se armar de paciência. Há uma ligeira mudança na rotina dos sucos que a mulher bebe antes de deitar: embora ainda continue preferindo o de laranja, às vezes varia e toma o de maçã. Sempre tem duas ou três caixas na geladeira. Para evitar qualquer erro, você vai misturar dois gramas de fenobarbital em cada vasilhame. Desta vez você terá de usar luvas, pois o castigo que vai infligir-lhe é muito ousado, e não deve deixar nenhuma pista. Também redobrou as precauções com o momento seguinte, reservando passagens para Momir e sua parceira no avião que sai para Santiago do Chile no meio-dia do sábado. De lá eles voarão para Belgrado, com três escalas.

Você os quer mudos e longe. Você deixou os trâmites nas mãos de Sicardi, na certeza de que ao meio-dia, quando lhe telefonar » ele já terá acertado até o último detalhe. A única coisa que você deixou escapar, maldição, é saber por onde os sem-teto andam durante o dia, em que esgotos se refugiam, com quem se encontram. Talvez eles vão à estação de Retiro ou à Costanera Sur, onde você já viu mendigos que falam línguas parecidas, ou quem sabe esperem a noite escondidos em algum trem de carga encostado no terminal de Constitución. Você perderia muito tempo se os fosse procurar agora. E duvida que Momir fale de você com outros da sua laia, porque você não lhe disse seu nome nem lhe revelou seu plano. Apenas se certificou de que não falhe no essencial.

A noite é lenta, e você já se levantou três ou quatro vezes, temendo que Momir vá embora. Mas os dois indigentes continuam deitados entre seu lixo, com os corpos pegados à porta metálica da tinturaria. Antes das 11, tal como você calculava, a mulher da frente chegou. Depois de um ritual mais breve que de costume, apagou a luz. Não omitiu a leitura do correio eletrônico nem as fricções sensuais nas pernas e nos seios com cremes tonificantes. Você tem certeza de que ela reservou algumas horas do sábado para se depilar, fazer as unhas das mãos e dos pés, preparando-se para o encontro com seu amante.

É uma pena que você não possa vê-la dormir, entrar dentro dela e navegar no rio do seu sangue. Se pudesse ver seus sonhos com a mesma nitidez com que sua câmera captou cada dobra de seu corpo, você saberia por que ela o traiu e talvez, enquanto a castiga, acariciasse sua cabeça, não por misericórdia, porque esse sentimento a ofenderia, mas por amor a você mesmo, Camargo, por toda a vida que você perdeu contemplando-a.

OITO.

Camargo sobreviveu três anos à tragédia que mudou sua vida. Pena que ele não tenha podido ler as duas inspiradas colunas que Enzo Maestro lhe dedicou.

Um texto sem uma palavra a mais, na primeira página, à esquerda, com um título que ele teria adorado: "Luto: El Diário chora a perda de seu ex-diretor G. M. Camargo".

Embora já não fosse necessário, o texto respeitava os desejos do falecido.

Deixava escapar uma única vez, de passagem, o nome que constava em seus documentos pessoais, Gregorio Magno Pontífice, e omitia quase todos os detalhes íntimos de sua biografia, desde o abandono da mãe em plena infância até o divórcio de Brenda e a tardia reconciliação. Generoso, Maestro transformava o pai de seu ex-chefe em "um pioneiro da nossa radiofonia" e resumia o ostracismo do grande jornalista em um par de linhas sóbrias: "Pouco antes de adoecer, Camargo percorreu o mundo com assombro, como se fosse de novo um jovem redator.

Os artigos que ele escreveu nas grandes capitais europeias, em Katmandu, nos templos de Angkor Wat e nas ruínas de Chichén Irzá já são clássicos do jornalismo argentino.

Sua viúva, Brenda, planeja reuni-los em livro, junto com a última colaboração que, já aposentado, ele enviou ao Diário, e que reproduzimos para o deleite dos nossos leitores."

A edição trazia uma discreta tarja preta e, nas páginas centrais, 12 fotografias de Camargo escolhidas a dedo pelo próprio Maestro. Duas delas tinham sido tiradas entre os gerânios da casa de San Isidro, junto à mulher e às filhas gêmeas. Parecia feliz, desafiante, como um regente que acabasse de verificar a submissão dos instrumentos. Em seis das outras acompanhava estadistas, homens de negócios, prêmios Nobel de Literatura, se bem que, na verdade, eles é que pareciam acompanhá-lo, olhando-o com devoção. Maestro escolhera com prazer uma imagem de Camargo ao lado de Carlos Salinas de Gortari, já no final de seu mandato, em que o jornalista fitava, com o lábio inferior mais inclinado do que nunca pelo desdém, o mínimo e calvo presidente. A página era dominada por uma fotografia a quatro colunas que mostrava Camargo em seu gabinete no Diário, rodeado pelo estado-maior dos editores, antes de uma das reuniões da tarde. Maestro, protetor, apoiava uma das mãos sobre a cadeira do chefe, enquanto ocultava o polegar da outra sob o colete. Nas demais, o falecido posava diante da Grande Muralha, do edificio do Instituto de Seguros contra Acidentes de Trabalho, na rua Na Porici, em Praga, onde Franz Kafka trabalhou desde 1908 até que se aposentou, em 1922, e em frente ao Museu de Arte Moderna de São Paulo, acompanhado por seu amigo Antônio Marcos Pimenta Neves, pouco antes que este

também sucumbisse a uma paixão desventurada, Ao pé das duas páginas, reproduzia-se em destaque o único artigo que Camargo escrevera em primeira pessoa. Era também o último de sua longa carreira. Nesse verão, por acaso, ele fora testemunha de um incidente que fez a festa da imprensa sensacionalista de toda a América Latina e, embora fizesse já um bom tempo que a adversidade o forçara a se afastar da direção do jornal, ele se sentiu na obrigação de enviar seu testemunho.

Leal até quando já não era necessário, Enzo Maestro — seu sucessor — cedeu-lhe um espaço privilegiado, mas sem deixar de comentar com seus editores como a idade e a desgraça haviam deteriorado a pena de um estilista modelo.

Testemunha ocular relata a tragédia de Viña del Mar Cada vez mais gente vem passar o verão em Viña del Mar. Já desde agosto é impossível alugar uma casa perto da praia, e, entre dezembro e março, os hotéis estão lotados. Minha esposa, Brenda, teve a sorte de alugar por uns poucos dólares a mansão amarela que se eleva no extremo norte do balneário, desprezada por abrigar aparições que assombram os inquilinos. Em 1976, um general do Exército chileno, ao flagrar ali sua jovem esposa em pleno pecado de luxúria, vingou a ofensa matando os adúlteros com sua arma regulamentar e envenenando seus três filhos com xarope de arsênico antes de dar um tiro no próprio coração.

Uma das mais arraigadas tradições de Viña del Mar afirma que todos os dias, às dez da noite — a hora aproximada em que os crimes foram cometidos —, um choro pontual flui das almas daqueles defuntos. Nas semanas que passei ali, porém, só ouvi o rumor do mar.

O pôr-do-sol nesse balneário chileno goza de justa fama e atinge seu máximo esplendor na pequena baía que se abre bem diante da casa amarela. Nos finais de semana, vem gente de Santiago e de Valparaíso expressamente para assistir a esse espetáculo, que Brenda e eu tínhamos ao nosso alcance na varanda da casa. Não me lembro por que resolvemos descer à praia no domingo 23 de fevereiro de 2003, no auge daquela infernal romaria de visitantes. Nossa filha Diana tinha ido a Buenos Aires, os dois nos sentíamos sozinhos e melancólicos e, embora não o confessássemos, estávamos sedentos de companhia. Na praia corria um vento morno e transparente. Os turistas, com lenços amarrados na cabeça e cestas de piquenique, acomodaram-se nos rochedos, imóveis como lagartos. O grito das gaivotas destoava da imensa calma. Por volta das seis e meia, quando o sol iniciava sua queda, um avião passou diante de nós a uma velocidade tão inverossímil que o rugido das turbinas chegou aos nossos ouvidos quando já o tínhamos perdido de vista. Voltou logo em seguida, e era como se pairasse no ar. Voava a trezentos ou quatrocentos metros acima do mar, cortando o disco do sol em perfeitas linhas horizontais. Era um Cessna Citation para quatro passageiros, mas depois se soube que a única pessoa a bordo era o piloto enlouquecido.

A medida que o sol ia mergulhando com maior ímpeto no mar, o avião dava voltas cada vez mais baixas. No final, parecia que as turbinas, bramando sob o altivo rabo de baleia, quase no extremo da fuselagem, logo roçariam a superfície da água. Brenda tomou minhas mãos, com o rosto banhado em lágrimas.

— Não é nada — eu lhe disse. — Esse homem só está tentando chamar a atenção.

— Você ainda não viu que ele quer se matar? — disse ela.

As intuições da Brenda sempre foram certas. O sol estava a ponto de sumir na última curva do mar, e duas mulheres, deixando seu refúgio nos rochedos da praia, gritaram de excitação.

— O que ele vai fazer agora? Está subindo como um foguete!

Tudo aconteceu num instante impossível, em que talvez ninguém tenha respirado. O avião levantou seu nariz de golfinho para o céu sem nuvem, em um ângulo quase reto e, quando já ia desaparecendo, lançou-se a pique contra o mar. Devia estar com os motores desligados, porque ninguém se lembra de ter ouvido algum barulho antes da vasta explosão que iluminou a baía, apenas um silvo riscando a solenidade do sol em agonia. Cravou-se no mar, houve um clarão aterrador e, de repente, fez-se noite.

Brenda largou minha mão e correu para o mar, como se pudesse resgatar alguma coisa daquele naufrágio. O que recordarei para sempre não será o Cessna afundando como um caçador em busca de invisíveis peixes, e sim fragmentos sem nexos da tarde: as varizes de uma mulher que se ajoelhava, a luz de néon de um bar que se acendeu na costa, ao longe, a sirene de uma inútil ambulância, uma garrafa de cerveja boiando perto da areia, e Brenda entre as ondas, com a roupa molhada, estendendo as mãos para o sol agonizante.

Todos os noticiários exibiram imagens do resgate. Trabalhando num mar calmo, sob a lua radiante, antes da meia-noite os mergulhadores já haviam recuperado os destroços do avião. Achar o cadáver do piloto não foi tão fácil. Só apareceu na madrugada da segunda-feira, trinta quilômetros mar adentro, sem nada que o identificasse.

Já se sabia, porém, que o morto era um ex-presidente da República Argentina. Sua segunda mulher, uma chilena que ganhou fama como cantora e atriz de telenovelas no começo dos anos 90, decidira abandoná-lo semanas antes, refugiando-se na mansão vitoriana que também fica em frente à baía, perto da casa que alugávamos. Ignorávamos que alguém morasse ali. Embora não tenhamos o hábito de nos ocuparmos da vida dos vizinhos, chamou-nos a atenção a absoluta ausência de movimento: nunca vimos entrar ou sair nenhum automóvel nem ouvimos som algum.

Segundo o comando de carabinieri de Viña del Mar, o ex-presidente não deixou nenhuma carta justificando o suicídio. Pensava, talvez, que um ato tão estrepitoso se explicaria por si só, ou que o abandono da esposa dispensava palavras.

No dia seguinte aos funerais, que reuniram os presidentes da Argentina, do Chile e da Venezuela, assisti à leitura do testamento, depositado na filial do banco Santander. A cerimônia deveria ser estritamente privada, e tive de mobilizar todas as minhas influências para que nos permitissem presenciá-la, a Brenda e a mim. Foi uma precaução inútil, porque os correspondentes de televisões de 15 países forçaram o frágil isolamento e invadiram o salão Embaixador do hotel onde estavam reunidos os advogados, um trio de tabeliães, a primeira mulher do falecido, com seu único filho, e seus nove irmãos, além de um reduzido número de testemunhas, nós incluídos. Como o presidente suicida ainda era formalmente casado com a atriz de telenovelas, dava-se como certo que essa mulher reclamaria pelo menos metade dos bens. Mas ela não se encontrava ali. Estava representada pelo pai, um homem pálido, magro, que fumava com avidez um cigarro atrás do outro.

Os tabeliães se negaram a ler o testamento enquanto não se evacuasse o salão Embaixador, mas os repórteres estavam decididos a que os atos póstumos do expresidente fossem tão pouco solenes como os de sua vida. O sogro fumante queria ir embora o quanto antes, o que fez com que o chefe dos tabeliães, em atenção a essa urgência, abrisse o envelope lacrado que continha o documento.

A sombra vertiginosa do suicida pousou por um instante sobre nós e, em vez de infundir-nos pavor, preparou-nos para uma revelação insidiosa. E foi o que tivemos: com voz impropriamente monótona, o tabelião anunciou que a fortuna do ex-presidente somava US\$ 389.626.000 em propriedades, depósitos em bancos europeus e caribenhos, ações da bolsa, bônus ao portador e empresas confiadas a testas de ferro, em vez aos modestos US\$ 2.800.000 que declarara como seu único patrimônio ao deixar o governo. "Eu sabia, eu sabia", ouviu-se da primeira esposa.

"Morreu como viveu, enganando a todos nós. "

Ao escândalo da declaração somava-se a desfaçatez, porque quase todos os bens estavam em mãos de terceiros, registrados em codicilos secretos que os tabeliães deveriam executar por separado com cada um dos testamentários. O falecido admitia que sua fortuna real era enorme, mas os herdeiros legítimos não poderiam reclamá-la porque estava em mãos inacessíveis. Deixava US\$ 1.500.000 para o filho e outro tanto à segunda esposa. O resto se dividia em doações para clubes de futebol, recursos para a criação de um circuito automobilístico de Fórmula 1, para a compra de um canal de TV a cabo dedicado aos esportes, que devia levar seu nome, e um legado especial para que se construísse, na montanha mais alta de sua

província natal, um monumento com sua efígie, semelhante aos de Washington e Jefferson no monte Rushmore. Assim como o suicídio, essas decisões póstumas eram um dedo médio erguido contra a opinião do mundo.

Borges escreveu — ou disse — que a obra mais importante de um homem é a imagem que deixa de si mesmo na memória dos outros. O falecido, porém, não estava interessado em deixar uma imagem. Queria impô-la, tatuá-la. Mais do que a ideia que a posteridade teria dele, preocupava-o a desconfiança que ele sentia pela memória da posteridade.

(i. M. Camargo, El Diário de Buenos Aires, 28 de fevereiro de 2003)

Reina chegou à estação rodoviária pouco depois do meio-dia. Um cheiro de fritura e carne assada impregnava as ruas, Nos corredores e desfiladeiros que separavam os armarinhos de velhos judeus das lojas de coreanos onde se vendiam roupas de grife falsificadas, jaziam bandos de mendigos. Uma menina de três ou quatro anos, desfigurada por crostas e cicatrizes, fugiu da vigilância da mãe e se aferrou aos pés de Reina, pedindo-lhe uma moeda. Dentre os tabuleiros e cobertores estendidos na calçada por peruanos que ofereciam de ervas medicinais a telefones celulares de contrabando, brotou um coro de crianças implorantes. Horrorizada pelo cheiro de merda e urina fermentada e por seu pavor da sarna e dos piolhos, Reina apanhou um punhado de moedas, jogou-as sobre os mendigos e saiu correndo. Ela sempre fora impressionável.

Lavava as mãos com frequência. Tinha horror das chagas alheias e não entendia histórias como as de Evita Perón, que beijava os sífilíticos e os leprosos para provar que compartilhava os sofrimentos do povo. Ela não suportava nem sequer a visão de um cavalo com mormo, como vez por outra havia nas cocheiras.

Na esquina de La Perla del Once ainda havia alguns exemplares de El Diário. Na primeira página se via seu artigo sobre o ofício de Vésperas dominando as colunas superiores, à direita.

O editor noturno sublinhara sua assinatura, Reina Remis, ilustrando-a com uma foto em que aparecia mais jovem, quase adolescente, resignada àquele seu sorriso que expunha as gengivas. Só Camargo, telefonando de seu celular lá de Azotea de Carranza, poderia ter mandado destacar seu nome e transformá-la, com esse simples passe de mágica, na jornalista do momento. Mas essa inesperada fama não se deve ao que aconteceu entre nós dois, pensou Reina. Devo isso a mim, à habilidade com que desmascarei a farsa do presidente penitente, Não estava nem um pouco arrependida da intimidade com Camargo, Ela também havia descoberto prazeres dos quais não se julgava capaz, mas agora achava que esses sentimentos sempre se apagam na mesma noite em que se acendem e que a melhor coisa a fazer seria tratar o diretor do jornal como se o visse pela primeira vez. Nunca lhe pediria nada, não queria nada. A glória fugaz do primeiro artigo seria seguida por outras,

não tinha dúvida, pois sua ambição agora a levaria a qualquer parte, ela mesma era um vento que subiria a qualquer céu, mas não pela mão de Camargo e sim arrastada pelos anjos de sua própria inteligência, como no sonho de Jacó.

Parada em frente a "La Perla del Once", sentiu que as pessoas cravavam os olhos nela e a reconheciam pela foto publicada na capa de El Diálogo. Teve vontade de reler seu artigo do mosteiro tomando um café numa das ilustres mesas de "La Perla", onde oitenta anos atrás Borges aprendera as lições de idealismo de Macedonio Fernández, para quem não existia matéria duradoura por trás das aparências do mundo nem um eu que percebesse as aparências. Ali mesmo costumavam se encontrar os Montoneros no início dos anos 70, desafiando os esquadrões da morte, para escrever seus panfletos clandestinos, e alguns roqueiros haviam imaginado ali, junto à janela, as primeiras letras de escárnio à ditadura. Nada disso tudo resta agora, pensou Reina ao ver uma mesa de fórmica desocupada mas ainda suja de restos de croissants e recortes de jornal. Quem estava ali a essa hora eram desempregados de fundas olheiras, que voltavam de fazer filas inúteis desde madrugada nos poucos escritórios que ofereciam vagas, ou pais de família em busca de algum bico para pagar o almoço, qualquer coisa, de gestões na alfândega até procurar botões raros pelos armarinhos do bairro. Mas os mais numerosos eram os mendigos. Entravam se esgueirando sob as mesas, como gatos, à cata de migalhas, esquivando a cólera dos garçons. Também aquela pérola se convertera na capital da desgraça — capitale de la douleur, diria Paul Eluard —, num país caindo aos pedaços. As mesas em que Xul Solar inventara, um castelhano prático, mas impronunciável e ilegível, só registravam agora histórias de necessitados. Nem sequer eram as mesmas mesas: a nobre madeira fora substituída por vis banquetas de plástico e alumínio, que fatalmente se balançavam, por mais calços que se colocassem sob suas pernas. O café que levaram para Reina estava frio e as moscas pousavam sobre as páginas do jornal com avidez de leitoras. Preferiu ir embora quando estava pelo terceiro parágrafo de seu artigo e tinha dado apenas uma rápida olhada nos balbúcios de Insiarte, relegados à página sete.

Estava na hora de ir à redação, mas preferiu dar-se um tempo. Chegando a seu apartamento, desligou o telefone — a secretária eletrônica registrava apenas duas ligações da mãe perguntando-lhe onde se metera —, tirou a roupa, fez algumas flexões diante o espelho do quarto e tomou um banho quente, de banheira, na máxima temperatura que seu corpo suportava. Saiu sonolenta, envolta em duas toalhas, e ao deitar na cama, pegou no sono.

Quando acordou, eram mais de sete horas. A escuridão de julho se abatia sobre a cidade úmida, e as esquálidas luzes da rua Humberto Primo caíam mortas do embate com a neblina.

Vestiu-se às pressas e, enquanto esperava um táxi, pintou os lábios e ajeitou o cabelo, embaraçado e desgrenhado pelo sono. Poucas vezes se sentira tão inchada, tão feia. Tinha certeza de que, ao chegar ao jornal, o chefe de pessoal, Sicardi, a chamaria para repreendê-la e humilhá-la diante dos outros redatores, como era de seu hábito. Aliviada, não o viu pelos corredores. Achou, ao contrário, uma carta dele sobre sua mesa informando-lhe que os editores, durante a reunião da tarde, tinham decidido promovê-la a chefe de uma área que não existia até então, Investigações Especiais, e que seu salário seria duplicado » com efeito retroativo a 1º de julho. A fim de ser instruída sobre suas novas obrigações, devia comparecer o quanto antes ao gabinete do Doutor Camargo.

Raras vezes Reina sentia medo. Sua vida se instalava sempre no presente, onde só acontecia o conhecido, mas agora a afligia o minuto seguinte. Não queria rever Camargo, não sabia o que fazer nem o que dizer. De novo, como na noite anterior, seus sentimentos se confundiam, mas agora não mais por causa do desejo ou da curiosidade de um corpo imprevisível, mas porque não sabia o que fazer com a importância que de repente adquirira. Era ambiciosa, claro, mas a vida que almejava era outra. Queria escrever poemas, algum longo ensaio arqueológico sobre os tempos de Jesus, contos em que ocorressem poucas coisas, como nos de Isaak Babel, e nos quais nada fosse assombroso, como nos de Raymond Carver: queria ser lembrada por isso, não pelas fagulhas que o jornal lançava no ar a cada dia para que outras fagulhas as apagassem no dia seguinte. Investigações especiais. O que Camargo estaria planejando? Suspirou e teclou o ramal da diretoria.

O chefe tinha passado a tarde inteira pensando nela: foi a primeira coisa que ele lhe disse. Mandou que lhe servissem café, desligou os televisores que transmitiam a querela de um funcionário da alfândega contra um ex-ministro que o acusara de corrupção, e olhou-a com estranheza, como se reconhecesse algo remoto: uma mulher que ele perdera em algum momento de sua vida, ou uma vida que ele perdera. Passei a tarde inteira pensando em você, repetiu.

— Eu não pensei em nada. Peguei no sono.

— Os editores promoveram você, Remis, Disseram: não andávamos falando na ideia de criar uma área de investigações?

Por que não a entregamos a essa garota?

— Que bom. Quer dizer que não vou mais escrever sobre Cultura?

— Você vai escrever sobre o que quiser. Mas agora tem que ir atrás dessa história do contrabando de armas. Um emissário do governo vendeu armas clandestinas para a Bósnia, a Croácia ou a Sérvia» enfim, para um desses países. Talvez também mísseis para o Iraque.

— Não posso ir tão longe sozinha. Preciso de ajuda. Não sei de nada disso.

— Nem eu. Ninguém sabe. Todos estamos aprendendo.

Por que você foi embora de Los Toldos tão cedo?

— A reportagem tinha acabado. Eu não tinha mais nada a fazer lá. E, se está falando de alguma coisa mais pessoal, doutor, eu não fui embora. Não vou embora de lugares aonde ainda não cheguei.

— Há frases que não podem ficar no ar. Você mesma disse isso, lembra? Também com os corpos acontecem coisas que não ficam no ar.

Reina apoiou a xícara de café no pires antes de levá-la aos lábios. Fez uma pausa, como se buscasse dentro dela o ar que não encontrava fora.

— Não quero perder meu emprego no jornal, doutor — disse, em tom resignado. — E, se eu me enredar numa história como essa, da qual não saberia como sair, isso vai acabar acontecendo. Lamento que tenhamos começado. Eu não vou continuar.

— Você o lamenta.

— Lamento o presente, não o passado.

Camargo inclinou a cadeira para trás e apoiou a nuca nas palmas das mãos. Depois desses movimentos sempre colocava os pés sobre a mesa. mas desta vez não o fez.

— Na vida tudo vai e vem, Reina. Sempre que nos acontece uma felicidade, devemos esperar uma infelicidade. E vice versa; não existe desgraça, afora a morte, que não seja compensada por uma felicidade. Hoje acordei com a esperança de ver você. Mas você não estava. Mesmo assim, respirei com alegria o ar poeirento do campo, tomei café, visitei umas colmeias. Já a caminho de Buenos Aires, atendi o celular, e era a minha mulher, ligando de Traverse City, em Michigan, perto dos lagos. Tenho duas filhas gêmeas, sabe? Têm 13 anos. A avó delas mora perto dali, no lago Torch, e as mandou chamar porque sofreu um enfarte e pensou que fosse morrer. Contrariando todas as previsões, ela sobreviveu. Mas descobriram que uma das gêmeas, Ângela, está com leucemia.

Já fazia algum tempo que ela vinha se queixando de cansaço e dor nos ossos. Ontem de manhã, segundo Brenda, é o nome da minha mulher, Ângela estava brincando com uns pássaros que a velha cria soltos num celeiro. Dois tordos roçaram seus braços, e ela, na hora, ficou coberta de hematomas, de derrames. Foi levada ao hospital de Traverse City e lhe fizeram exames de sangue e de medula. O patologista deu o alarme hoje de manhã: leucemia mielo blástica. Mesmo que ela se salve, mesmo que a doença entre em remissão — como se diz —, a pobre Ângela vai ter essa espada sobre a cabeça pelo resto da vida.

— Vá vê-la, doutor. O que está esperando?

— Agora não posso, Reina. Você viu como está este país?

Eu seria um irresponsável se fosse agora. E pode ser que tenham trocado os exames, Que tenham atribuído à minha filha os resultados de outro paciente. Essas

coisas acontecem.

Camargo realmente acreditava no que estava dizendo; Reina voltou a se desconcertar. Não sabia se o consolava, se pegava em suas mãos e lhe dizia: (Vá doutor, vá. Faça o que deve ser feito", ou lhe lançava em rosto sua falta de sentimentos, a negação idiota da realidade. Uma filha, pensou. Sabe Deus em quantos livros ela lera que nada é tão dilacerante quanto a morte de um filho. E Camargo vinha falar da situação política. Talvez estivesse pressentindo o sofrimento e tentando evitá-lo, coitadinho. Talvez preferisse sumir de si mesmo antes de sofrer.

— Deus queira que o senhor esteja certo, doutor — disse-lhe. — Deus queira que seja um engano.

Pensou que, no fundo, devia estar péssimo, pois viu seu rosto reduzir-se a uma noz cheia de rugas. Teria continuado a se abater se ele, levando a mão ao queixo, não lhe devolvesse a compostura. O Purgatório, pensou Reina. Fui escolhida para isto, per lui campare; e não há outro caminho. Sentia um aperto no coração. Ângela, Ângela, se você fosse minha irmã gêmea, eu a salvaria.

— Não me deixe sozinho, Reina.

Sua voz vinha de muito dentro, de umas profundezas que ela não conhecia nem suspeitava. Às vezes tinha vontade de deitar a cabeça dele em seu regaço e acariciá-lo.

— Não — disse. — Não vou deixar você sozinho.

O necrológio que Enzo Maestro escreveu para El Diário não mencionava Reina Remis nem os três anos durante os quais ela e Camargo viveram quase sem se separar, viajando pelo mundo inteiro. Reina esteve sempre ali, no centro dessa vida, e é estranho que outros vejam a história de amor que os uniu como se ninguém a tivesse vivido e os personagens se tivessem retirado dela, deixando somente a história. Hoje se sabe que a minuciosa investigação de Remis sobre o contrabando de armas também deu em nada, apesar das provas que ela e Camargo conseguiram nos bancos de Zurique e nos arquivos das chancelarias balcânicas. O presidente penitente chegou até a ser preso pelo governo que o sucedeu, mas livrou a pele com facilidade. Todos os que deviam julgá-lo tinham sido nomeados por ele, e estavam ansiosos por devolver-lhe o favor. Não demoraram a descobrir erros nos processos e, com esse pretexto, os invalidaram. Também o novo governo preferia que ele permanecesse em liberdade, para dividir a oposição. A impunidade persistiu. O Congresso continuou a aprovar leis que saqueavam o país até reduzi-lo a um nome vazio: o mesmo deserto inútil que fora quatro séculos atrás.

O mais terrível de toda história de amor é a certeza de que ela um dia acabará. Também Reina era atormentada pela ideia do fim, embora nem sequer soubesse ao certo se aquela história era de amor. Desejo, ambição, amizade, companhia: não se

tratava disso. Se fosse apenas um desses estados da alma, ela não teria sentido medo de perder Camargo. Era mais e também menos: um sentimento sem nome nem medida. De repente, achava que, sem Camargo, sua vida afundaria na escuridão, que havia deixado seu próprio corpo em algum lugar, ficando apenas com sua sombra. O que havia começado estava condenado a acabar, mas, nesse caso, quando chegasse o fim, como ela recuperaria seu corpo? In my beginning is my end, dizia. Now the light falls, e ainda estou aqui ou ali, no princípio do meu fim, com o corpo em minguate.

Agora ela dormia duas ou três vezes por semana em San Isidro, junto à varanda de gerânios. Camargo não se deu ao trabalho de tirar os retratos nem as lingerie, e Reina se deitava de cara para um passado era molduras de praia, onde as gêmeas tocavam viola e a mulher lhe acenava vestida de festa.

Embora Brenda já não morasse mais ali, sua roupa de baixo e seus vestidos de verão continuavam alinhados nos armários, e pegado ao quarto permanecia intacto o pequeno escritório onde se refugiava para ler e escrever cartas, entre paisagens do lago Torch e fotografias da mãe em meio a nuvens de pássaros,

Reina só era feliz quando viajavam juntos. Nos hotéis, nada pertencia a ninguém, e ela podia sentir que, na realidade porosa, inapreensível, sua existência não era inferior às outras existências. Uma vez, em Washington, onde ficaram três semanas para narrar a desastrosa paixão de Monica Lewinsky por Bill Clinton, ela insistiu com Camargo que fosse a Chicago, um dia, um único dia, visitar Ângela, que acabava de superar com vida o primeiro ciclo de quimioterapia. Já nessa época a relação entre os dois era pública, e Brenda entrara com o pedido de divórcio, não por adultério — como disse ao telefone — e sim porque ele era um pai indiferente, que passava meses sem ver as filhas. Camargo negou-se a viajar. Ângela está melhor, disse, e minha presença pode alterá-la. Na verdade, quem está morrendo é a avó dela, e eu não tenho estômago para aguentar as cenas de dor da Brenda, não suporto a ideia de que me agarre e venha chorar no meu ombro. Reina não queria que as gêmeas um dia a culpassem pela ausência do pai e repetiu a Camargo que pensasse em Ângela, em seus desesperados pedidos de amor sempre que se falavam por telefone.

Os dois estavam sozinhos no quarto do hotel, perto do Georgetown, já vestidos para jantar na casa de um editor do Washington Post, e de repente aconteceu uma daquelas bruscas alterações de humor de Camargo às quais Reina jamais conseguiria se acostumar. Sentou-se em um sofá junto à cama, enquanto ela acabava de se maquiar, e começou a balbuciar frases sem sentido. Reina pensou que estivesse discutindo consigo mesmo as alternativas de um voo para Chicago, porque no monólogo havia alusões a horas, linhas aéreas, conexões de trem e nomes de hotéis desconhecidos. Não lhe prestou maior atenção. Foi pega de

surpresa quando o viu levantar, vermelho de cólera, para lhe dizer quase aos gritos: — Então é verdade? Você quer ficar sozinha em Washington para sair com seu amiguinho, não é? Desde quando está escondendo isso, sua puta?

Estava tão perturbado, tão alterado, que Reina se preparou para receber uma bofetada.

— Não — disse. — Só pensei que Ângela precisa de você...

— Estou farto, farto das suas mentiras. Basta eu virar as costas, que você já arma as suas mentiras. E vive rindo nas minhas costas, pensa que eu não sei? Eu sei de tudo.

— Camargo, Camargo, de onde você tirou isso?

Sentiu vontade de arrancar o vestido e se jogar na cama aos prantos. Ou ir embora e deixar que a noite caísse aos pedaços.

Mas tinha que encará-lo para deter sua ira ou, pelo menos, para ligar a imagem dessa ira à daquele homem que ela amara até um instante atrás, embora amar talvez não fosse a palavra.

— Você tem outro, não é? Pode falar, não tenha medo.

Eu perdoo qualquer coisa menos a mentira.

Parecia mais calmo, mas ela ainda podia ver a escura lava do seu interior, o rancor que lhe saía pelos poros. Eu não tenho outra vida a não ser a que levo com ele, pensou Reina, mas, se colocar as coisas nesses termos, só vou aumentar sua fúria.

Um amigo, aqui? Um amigo? — repetia ela aos soluços.

— Que amigo eu posso ter, se mal sei falar inglês: — Era verdade.

Nos almoços com os editores do Foreign Affairs ou com os assessores do promotor Kenneth W. Starr, ela calava com tanta elegância que ninguém percebia que o diálogo fluía sem que ela entendesse nem meia palavra. Só deslizou uma vez, quando a mãe de Monica Lewinsky Lhe perguntou se era justo que uma felação sem importância, idêntica à que milhões de mortais repetiam todos os dias, condenasse sua filha a uma vida de calamidade e privação. Reina respondeu "Thank you*

com um diáfano sorriso no rosto, e teve a sorte de que todos a interpretassem como uma frase de consolo. Já estava a ponto de lembrar a Camargo sua ignorância do inglês, quando lhe ocorreu um argumento melhor: — Como você pode sequer imaginar que eu pense em outro? De todos os homens que conheci, nenhum chega aos seus pés.

O rosto de Camargo se iluminou, mas ele não disse palavra.

Tornou a vestir o paletó, que tinha jogado sobre o sofá, e ordenou:

— Acabe de se arrumar, vamos nos atrasar.

No carro que os levou até uma luxuosa mansão em Bethesda, ao norte da capital, Reina soube que seu namorado vigiava até o cheiro dos seus excrementos. Nunca cometa um descuido, porque eu sei tudo o que você faz, disse-lhe.

Sei com quem você fala por telefone, conheço cada palavra das cartas que escreve, posso repetir a lista dos livros que leu nos últimos dois meses e as anotações que fez às margens, os resultados de seu exame de sangue e de suas mamografias, que segredos meus contou para outros redatores. Três filhos-da-puta estão lhe mandando e-mails com insinuações sexuais, e você não fez nada para lhes cortar as asas. Um deles está em Washington. Não é verdade?, sondou. Por que você não me contou? Por que eu tenho que saber dos seus casos por meio de terceiros?

— Em Washington? Pois para mim é novidade — atinou a dizer. — Já que você sabe de tudo, vá para Chicago. De lá você pode seguir os meus passos do mesmo jeito.

— Não. Se você fizer uma besteira, vou ser obrigado a estourar os seus miolos. E aí, um homem como eu teria que passar o resto da vida em cana por causa dos caprichos de uma ripa como você. Absurdo, não?

— Eu disse que não queria começar esta história para não nos machucarmos. Não tem ninguém na minha vida, Camargo, ninguém, E seria melhor que nem você estivesse.

Reina tentou não pensar em nada durante o jantar, mas uma escura mágoa a devorava por dentro. Junto com Camargo, ela havia percorrido meio mundo: da galeria dos Uffizi em Florença, onde se beijaram diante do Nascimento de Vênus, de Boticelli, restaurado com amarelos e verdes que lhes pareceram demasiado berrantes para uma obra de mais de quinhentos anos, até os templos musicais de Kioto, onde se colocaram a cem metros um do outro para ouvir a mais leve pegada ecoar em todo o recinto. Durante esses longos meses, fora quase feliz. Talvez tivesse chegado a amá-lo — com o que ela entendia por amor e sentira apenas uma vez, na adolescência, quando deixou nos braços de uma rival invencível, a cocaína, o roqueiro que a desvirginara —, se Camargo não a submetesse a alterações de humor que a desnorteavam, acessos de paixão insana seguidos de semanas de invencível indiferença, sem que, nem nos momentos de maior intimidade e entrega, ele lhe promettesse nada nem tampouco ela o pedisse: quase não falavam do futuro. Amanhã, para eles, era literalmente o dia de amanhã. Mas Reina tinha-se acostumado à sua companhia, à errância de sua sexualidade; gostava de sua conversa sentenciosa e de seus modos antiquados. Agora, em Washington, não o reconhecia. Não imaginava qual ignorada chaga dos seus sentimentos podia ter tocado por imprudência. O jantar foi tão insuportável para ela que, ao se despedir, soltou por engano o único cumprimento que sabia dizer em inglês: Nice to meet

you, Bob? Camargo, sempre feroz com esses deslizes, mostrou-se por uma vez indulgente. No caminho de volta para o hotel, passou-lhe o braço sobre os ombros e disse: — Chegando a Buenos Aires, gostaria que você viesse comigo visitar o meu pai, Reina. Está com noventa anos, e acho que não vai durar muito mais.

Mas, depois que um casal começa a queda, é impossível voltar atrás, mesmo quando é só um dos parceiros quem cai.

Ao diálogo desastroso da noite seguiu-se a notícia fatal da manhã seguinte. Ângela telefonou para o pai, no celular, e lhe contou que a avó tinha morrido da pior maneira possível. Duas semanas atrás — disse —, o médico lhe dera permissão para deixar o hospital e voltar ao casarão do lago Torch. Para não deixá-la sozinha, Brenda teve a ideia de passar alguns dias lá, junto com elas, as gêmeas. Na noite anterior, tinham oferecido aos vizinhos uma festa pantagruélica, em que todos se fartaram de trutas, tilápias, frangos ao alho e vinhos do vale de Napa. Foram deitar de madrugada, tão exaustas que deixaram as portas do celeiro abertas e se esqueceram de cobrir as gaiolas dos tordos. A avó, que tinha o sono leve de um recém-nascido, levantou antes do amanhecer e descobriu um estropício de penas ensanguentadas e pássaros degolados entre montes de comida. Ângela contou que só muito mais tarde os caçadores do lago Torch entenderam o que tinha acontecido.

Durante a noite, disseram, a casa e o celeiro foram invadidos por predadores: talvez, bandos de gatos selvagens que se escondiam no bosque ou esse gambá assassino que nos Estados Unidos se chama opossum e que faz estragos nas granjas.

O terror deve ter paralisado a garganta dos pássaros e a matança aconteceu em silêncio. Mas ninguém sabia de nada disso quando a avó apareceu como um fantasma no quarto das netas e desabou sobre a cama dela, Ângela, fulminada por dois enfartes seguidos.

Camargo repetiu a história com meias palavras secas e distantes, disfarçando o ganido que tinha atravessado na garganta.

Depois ficou olhando pela janela o trânsito mudo da rua M> temendo que Reina falasse porque, se o fizesse, ele deixaria escapar todas as lágrimas que jamais chorara. Ficaram em silêncio por mais de uma hora, enquanto o sol transparente da manhã ia subindo, até que ele se virou e lhe disse com o tom pausado de sempre:

— Já não temos por que continuar aqui nem mais um dia. Para mim dá na mesma que crucifiquem ou salvem o Clinton. Estou apodrecendo nesta cidade sem alma.

Ela disse o que ele queria ouvir; — Eu também estou cansada de viajar.

Mas, em seu último esforço por reparar o estrago da noite anterior, acabou pondo tudo a perder.

— Não fique assim, meu amor — disse. — Não quero ver você sofrer.

Camargo era invulnerável aos ataques porque sabia como devolvê-los, e suportava airoso o desamor dos outros, a indiferença e o rancor que conhecia desde a infância. Mas a simples ideia de inspirar dó fazia seu sangue ferver.

— Sofrer, eu? Como é que pode você ser idiota a ponto de pensar que estou sofrendo pela morte dessa velha? Não, Reina. O que me preocupa é a dor de Ângela. Preocupa-me que tenha uma recaída e eu não tenha mais remédio que correr à cabeceira de sua cama.

Ela se aproximou para abraçá-lo, dizendo "Eu achava, eu achava...". Mal teve tempo de ver os olhos de Camargo transtornados pela ira e de adivinhar o que estava para acontecer» sem poder evitá-lo, Golpeou-a com uma energia de boi, e quando ela se recuperou, no chão, seus lábios estavam sangrando.

Não voltaram a se falar durante as horas que ainda ficariam em Washington, e disseram somente o indispensável no avião que os levou de volta. Reina pensou que a relação entraria nos eixos quando retomassem a rotina de Buenos Aires, mas, depois disso, nada foi como antes. Camargo não lhe pediu desculpas, e se comportava como se fosse ela quem estivesse em falta. No jornal, porém, sempre a tratava com uma cortesia quase artificial. Nunca dava início a uma reunião de editores antes que ela chegasse e anotava em um caderno todas as suas observações, embora nunca as aplicasse.

Cedeu a Reina dois repórteres para que investigasse a morte de um pecuarista e sua esposa durante as inundações do rio Salado. Os prováveis culpados eram três membros da família Guthrie, uns peões ruivos e de traços indígenas, descendentes de escoceses. Eram acusados de ter crucificado os patrões em vigas arrancadas do teto de um celeiro. Reina descobrira perto dos cadáveres um exemplar ruinoso do Evangelho de São Marcos, e em seu artigo, que aumentou a circulação do jornal, comparou o assassinato com outro cometido por uma família de nome parecido, Gutre, em 1928. Essa primeira história, ligeiramente modificada, fora incluída por Jorge Luis Borges em um de seus livros de contos, O informe de Brodie. Reina exumou os detalhes do crime original, em que os crucificados também eram dois — um estudante de medicina e seu primo-irmão —, e lamentou o fato de que Borges tivesse empobrecido a realidade ao acentuar a semelhança com o sacrifício no Gólgota. Devia ter sido influenciado pelas crônicas jornalísticas da época, que faziam referência a Jesus Cristo e ao bom ladrão, assim como fizeram os jornais em fins de 1999. Mais sagaz, Reina notou que os Guthrie eram iletrados, como os Gutre, mas conheciam uma tradição rural das High lands, segundo a qual Jesus morreu na cruz de Jerusalém exatamente ao mesmo tempo em que Simão, seu irmão gêmeo, era martirizado na cruz de Damasco.

A matéria fez aumentar as vendas de El Diálogo e desatou um sem-fim de polêmicas entre os leitores. Mais uma vez, Sicardi chamou Reina para lhe avisar que seu salário estava sendo duplicado: a empresa queria com isso dissuadir as emissoras de rádio e televisão que não paravam de acenar-lhe com ofertas milionárias. Tinham-se passado apenas dois anos desde o incidente no mosteiro de Los Toldos, e ela já era uma das dez pessoas mais bem pagas da redação. El Diálogo (ou Camargo, era a mesma coisa) dera a ela uma equipe própria, que incluía o resignado Insiarte e outros dois repórteres impacientes por conquistar a glória rápida da chefe. Reina tomou gosto por mandar. Não imaginava que esse exercício pudesse ser tão prazeroso, e o aperfeiçoava tornando-se cada dia mais implacável e exigente. Pegou o costume de pôr os pés sobre a mesa e reclinar a cadeira, como Camargo, segurando a nuca com as mãos. Alguns pensavam que era uma paródia, mas Reina fazia isso sem pensar, achando que esse gesto desleixado indicava um certo poder, assim como, aos 15 anos, tinha fumado para se sentir adulta.

Durante o inverno e o começo da primavera, ela não voltou à casa dos gerânios, em San Isidro. Não tinha saudade do lugar, nem tinha saudade da vida infeliz que compartilhara com Camargo, mas, ao mesmo tempo não suportava mais a solidão de seu conjugado na rua Humberto Primo, onde fora acumulando roupas, livros, computadores e aparelhos de som em que tropeçava a todo momento. Por fim decidiu alugar um apartamento maior, num bairro menos boêmio e central que San Telmo, Visitou covis escuros, com janelas que davam para poços de ventilação e cozinhas com escamas de gordura centenária, pelos quais pediam cauções exorbitantes, porque os inquilinos às vezes ficavam quatro, seis meses sem pagar, e depois resistiam ao despejo.

Até que, um dia, Reina pensou que talvez fosse melhor comprar alguma coisa. Buenos Aires estava cheia de cartazes de venda, os financiamentos eram fáceis para pessoas com rendimentos fixos, e, se não encontrasse um apartamento novo a seu gosto, poderia reformar algum usado, abrindo janelas e derrubando paredes. Precisava de cartas do jornal para dar entrada nos documentos e, quando as pediu para Sicardi, percebeu que tinha cometido um erro fatal: Camargo ficaria sabendo disso imediatamente. Durante meses mantivera distância dele. Agora, dava-lhe a chance de interrogá-la. Coisas que para os outros eram simples contingências da vida para ela podiam transformar-se nos portais do inferno.

Não se enganou. Depois da reunião vespertina dos editores, o diretor pediu-lhe que ficasse em sua sala. Repetiu ponto por ponto o ritual com que a recebera ao voltar de Azotea de Carranza: ordenou que ninguém o incomodasse, ofereceu-lhe café e desligou os televisores, que um momento antes mostravam o velho George Bush descendo de um avião particular no aeroporto militar da cidade, enquanto o

presidente penitente, nos últimos dias de seu mandato, saudava o visitante brandindo um taco de golfe.

— Não consigo parar de pensar em você, Reina — disse-lhe.

— Por quê? Já não tem em quem bater?

Queria ser cínica e brutal, mesmo sabendo que nada o atingia. Tornou a repetir aquela imutável expressão de menino desconcertado,

— Ah, Reina, Reina> como você é rancorosa. Aquele dia, em Washington... Precisamos falar desse dia? Eu virei outra pessoa. Posso suportar tudo, menos que tenham pena de mim.

— Não era pena, Camargo. Eu só queria abraçar você.

— Eu sei. Se você conhecesse minha vida, saberia por que fico na defensiva.

— Então, você devia ter me contado isso antes de me bater.

Em algum lugar eu vou ter que pôr todo esse rancor, pensou Camargo. Em algum lugar, algum dia. Ela não se deixou domar, e já tem mais de 32 anos.

— Passou todos esses meses sozinha, não é? Mergulhada no trabalho.

— Você deve saber disso melhor do que eu. Ou por acaso parou de me espionar?

— Você está virando uma grande jornalista, Reina.

— Espero que você não tenha feito eu ficar depois da reunião só para me dizer isso. Já o ouvi da boca do Sicardi.

Obrigada. Faço o meu trabalho. É tudo o que eu tenho, e talvez também tudo o que sou.

— Chamei você para lhe dizer que vou contratar Enzo Maestro. Você é a primeira a saber disso.

— Maestro? Mas é um filho-da-puta, um dedo duro desse governo podre. Você vai contratar esse tipo depois das coisas que ele nos fez?

— O governo está podre, ele não. Tem o defeito da lealdade, e o exagera. Lambia as botas do presidente. Agora vai lambar as minhas.

— Você deve saber o que está fazendo. Eu só peço que ele não se meta comigo.

— Ele vai coordenar todas as editorias. Reina. É um bom sujeito. Você tem o mau hábito de julgar as pessoas antes de conhecê-las.

— Faça como quiser. Vou ter que pensar aonde ir quando também este jornal começar a se corromper. Era só isso?

— Não — disse ele.

Ligou, nervoso, os televisores, onde apareceram flashes do jogo de golfe entre o presidente penitente e o velho Bush, e em seguida os desligou. Não, repetiu.

— O que é, então?

— Uma vez você prometeu me acompanhar para visitar o meu pai. Devo fazer isso amanhã. Não queria ir sozinho.

— Seu pai. Agora vai me manipular com seus sentimentos filiais? — o tom de Reina era implacável. — E sua filha?

Você a visitou alguma vez?

— Ela já está melhor, Reina. Parece que a doença recuou, ou remitiu, não sei como se diz. Eu a vi mês passado, de passagem por Chicago. Gostaria que as duas, Ângela e Diana, viessem para cá e ficassem comigo. Mas elas não querem, ou não podem. Estão acostumadas aos colégios de lá. Vivem felizes num mundo que não é o meu.

— Brenda deve ser uma boa mãe.

— Talvez. Já saiu o divórcio, Sicardi não lhe contou? Brenda ficou com todo o dinheiro que eu tinha nos Estados Unidos, os papéis ao portador, as aplicações. Só me deixou a casa de San Isidro. Para que é que eu quero um lugar tão grande?

— Por que você não sai de lá? Eu estou para me mudar.

— Eu sei. O Sicardi me conta tudo.

— Outro delator. São tantos que vão acabar engolindo você. Bando de dedos duros.

— Ele não fez por mal. Só me contou porque sabe que eu posso lhe arranjar um apartamento novo pela metade do que você pagaria por um menor e mais velho.

— Sei, mas eu ficaria lhe devendo um favor. E isso eu não quero.

— É o jornal que deve favores a você. E todos os acertos seriam feitos pelo jornal

— O jornal ou você, é a mesma coisa. Não, obrigada.

— Pense bem, Reina. Ninguém vai lhe pedir nada em troca.

Os anos o derrubaram, pensou ela. A desgraça e a solidão, ou essas aflições que o atormentam por dentro sem que ele saiba como se defender, tudo isso o envelhece. Mas eu não posso fazer nada, ninguém pode. Está há tanto tempo fazendo mal a si mesmo que já não sabe como parar. O mal nunca vai se separar dele, e é insaciável.

— A que horas é a visita a seu pai? — concedeu Reina.

— Posso ir às nove ou às dez. Ele acorda assim que amanhece.

Passo para apanhar você?

— Não. Me diga onde é. Vou por minha conta.

Era um prédio presunçoso e sujo atrás do que um dia foi o Mercado de Abasto. A rua era sombreada por árvores espessas e ao mesmo tempo raquíticas: exemplares que ainda lembravam sua antiga fortaleza e que, no entanto, estavam à beira da ruína e do fim. Assim era tudo ali em volta: casas de altas grades e pátios com muros cobertos de trepadeiras, e mulheres lavando a calçada, e bares com cheiro de cerveja fermentada onde alguém um dia cantara tangos, antes que tudo

decaísse e se acabasse. No céu subia um sol ofuscante, branco, mas a rua continuava em sombras, como se o sol a desprezasse.

Viu-o na esquina, esperando-a junto ao portão. Vestia um terno claro, com uma gravata roxa que talvez fosse brilhante, mas que o lugar desbotava. Também, de longe exalava força e império, embora sempre coçasse a sobrancelha com o Indicador da mão direita, pensativo, e ele mesmo parecesse estar em outro lugar, longe dali, talvez no ponto onde ela estava agora, de sandálias e com um vestido leve demais: quase nua.

— Vamos subir — disse Camargo. — É no oitavo andar.

Tinha as chaves da porta num pesado molho com muitas outras.

— Ele está sozinho?— perguntou Reina.

— Imagine! Já não lhe disse que ele tem mais de noventa anos? Uma enfermeira toma conta dele. Lhe dá banho, o mantém limpo, lhe dá de comer. Sicardi vive vindo aqui para que não lhe falte nada.

— E por que não vem você? Ele é seu pai.

— Tanto faz Sicardi ou eu. Às vezes me reconhece, às vezes não.

A enfermeira era enorme, quase do tamanho da porta, e não fazia a menor questão de ocultar que era infeliz ali, naquela prisão sem palavras. O televisor estava ligado diante do velho, mas ele não o via. Tinha as mãos ocupadas em passar areia ou pedregulho para uma caixa de madeira, que agitava por momentos, produzindo um som que para ele talvez evocasse a chuva, mas que parecia apenas isso: o cicio da areia. De quando em quando levantava a caixa e se olhava no espelho que tomava a parede à sua esquerda. Sorria para sua imagem, talvez num cumprimento, e em seguida despejava o pedregulho ou a areia em outra caixa. Reina teve a impressão de que Camargo calculava mal sua idade: devia ter mais de cem anos.

Seu corpo encolhera tanto que, quando lhe acariciava a cabeça, a enfermeira o apagava como se tivesse uma borracha nas mãos.

Era um velho tranquilo, inofensivo, e tomar conta dele não devia dar nenhum trabalho além de alimentá-lo e mantê-lo limpo. Nem era preciso se preocupar com sua morte, pois ela talvez nunca acontecesse. De repente os olhos do pai pousaram nos de Reina. Depois que se cravaram nela, as bolinhas dutas, aceradas, já não pararam de fitá-la: eram olhos velados por cataratas e por umas pálpebras flácidas e pesadas, mas o velho agora não estava fazendo uso deles, e sim de um sentido para o qual os olhos eram simples mediadores. Com a luz da memória ele via os lábios finos e estreitos de Reina, o nariz arrebitado, terminando numa ponta redonda e grossa, o queixo saliente e desafiante. Parecia reconhecer os tornozelos grossos e os peitos mínimos que, sob o leve vestido de algodão, balançavam com ondulações de medusa. Mesmo na sua idade impossível, ele podia sentir que Reina

irradiava uma liberdade de gata, uma indiferença que a colocava fora de todo alcance.

O velho pôs de lado as caixas de madeira e a encarou, falando com uma voz que não parecia sair de seu corpo mínimo e sim da lembrança que esse corpo guardava de sua juventude perdida.

— Que é que você veio fazer aqui, sua cadela? — disse-lhe. — Veio rir de mim?

— Não, senhor, imagine — respondeu ela, embaraçada.

— Eu vim com seu filho, para vê-lo.

— Meu filho não pode ter trazido você. Faz muito tempo que ele não quer saber nada de você. Viu como você vive mentindo, vive fingindo?

No tom do velho não havia razão nem decisão: apenas um ódio invencível, como o cheiro de cerveja rançosa nos bares na rua. Camargo se agachou diante dele e segurou suas mãos.

— Sou eu, papai. Fui eu que a trouxe.

O velho retirou as mãos com vigor e o olhou de cima a baixo. Estava cheio de ira, de desprezo. Sabe-se lá desde quando estava guardando esses sentimentos.

— Quem é você, hem? Deve ser um merda qualquer, como ela.

— Papai, papai — insistiu Camargo.

Ninguém diria que o velho ainda tinha forças, mas nesse momento parecia disposto a se levantar e nocautear um peso pesado. Um vento impetuoso e cego soprava dentro dele: um vento que arrastava o silêncio» o desespero, o desamor de todos os anos que perdera. Já não prestava atenção em Camargo.

Todo o ser que lhe restava se concentrara em Reina.

— Você veio me humilhar na minha própria casa — disse.

— Esperou que eu ficasse inválido e velho, não é? Esperou todo esse tempo para trazer o seu amante!

— O senhor está enganado. É uma confusão — disse Reina.

— Confusão, nada! Como é que eu vou me enganar, se passei a vida inteira esperando por este momento?

Começou a ficar sem fôlego, e de seu peito brotava um coro de silvos e chiados. A enfermeira preparou uma injeção de calmante e gesticulou indicando que era o fim. Seria melhor deixar o velho em paz.

— Estamos indo embora, papai — disse Camargo. — Fico contente de ver que você está bem, que cuidam bem de você.

— Cadela, cadela — continuou o velho. — E agora, por que não coloca as luvas do hospital, hem? Não tem mais nojo de tocar em mim?

— Não estou usando luvas, senhor. Veja. Não venho de nenhum hospital — tentou convencê-lo Reina, enquanto Camargo a apanhava pelo braço e a puxava para o elevador.

Foi como se a maré do não-vivido tivesse vazado das praias que cobrira durante anos, expondo aos olhos de Camargo o passado liso e nítido: a desmemória a que o condenaram as fotos queimadas pelo pai e o nome proibido da outra, a que se foi, tudo isso regressava, como sempre regressam as dores que não queremos sofrer. Percebeu que durante anos fizera a busca errada, perseguindo uma mãe que deveria repetir sua própria imagem» uma vaga forma cujos gestos e cuja voz ele tinha certeza de que reconheceria, sem saber o que o pai acabava de lhe dizer: que perdemos a vida procurando o que já encontramos.

— Você está pálido — disse-lhe Reina, já na rua.

— Eu estou bem — disse ele.

— Como, está bem? Você não pode estar bem depois do que aconteceu.

— É sempre assim. Às vezes ele me reconhece, às vezes não, como lhe avisei.

— Eu tive a impressão de que estava perdido, mas lúcido.

Ele só me confundiu com outra mulher. Não via você, mas estava vendo alguma coisa verdadeira.

— Você não era verdadeira. Não era outra.

— Para seu pai, nesse momento, eu era, sim.

— Nem nesse momento, nem nunca. Ele não sabe distinguir uma pessoa de um microfone.

— Claro que sabe. Aos olhos dos outros, ninguém é como é, e sim como os outros querem nos ver.

— Vai saber de quem estava falando — disse Camargo.

— Não sei quem pode ter feito ele sofrer tanto.

— Sabe, sim — ela o apertou. — Só não quer se lembrar.

— Não sei. E talvez não queira me lembrar.

Reina não devia ter sentido ternura nesse momento, mas a ternura não é uma decisão que se possa tomar, e sim uma onda que corre por dentro sem que ninguém a chame.

Meses mais tarde, veria que cometera um grande erro, mas nesse momento só pensava nele e em seu passado triste: um passado que ela não conhecia e que Camargo jamais lhe revelaria. Foi talvez por isso que aceitou ir nessa mesma noite à casa dos gerânios, em San Isidro, esquecendo-se de que, assim que se sentisse seguro de seu amor, ele voltaria a menosprezá-la. Não seria correto falar do amor de Reina, porque não se tratava disso, como já foi dito: o que ela sentia era apego e, bem no fundo, medo de sua cólera. Entrar no espaço de Camargo significava ser vigiada, assediada, e também fragilizada por suas alterações de humor. Mas, quando caía sob sua órbita de influência, Reina não sabia como se afastar dele: era um ímã de alcance infinito, ou uma ferida que nunca cicatrizava.

Começou a passar duas ou três noites por semana em San Isidro. Gostava de levantar ao amanhecer e caminhar pelo gramado da casa até um caramanchão de onde se avistavam os primeiros veleiros do rio e a mansa névoa que se desprendia da corrente. Reina sentia então que seu ser anterior se evaporava e não sabia se esse novo ser que agora entrava nela poderia um dia ser feliz, com Camargo pesando-lhe como uma sombra.

Sua vida anterior tinha sido cinzenta, e esta também era, ainda que de outro modo: na vida anterior, ela corria desesperada sem poder avançar, ao passo que na de agora ela avançava sem poder correr. Sentia como se uma invencível argola de ferro lhe prendesse os tornozelos, enquanto o vento a levava de um lado para outro. Em novembro, Camargo e ela voltaram a viajar juntos, a Veneza e a Paris, onde tiraram fotos e brincaram nos hotéis de ser pai e filha. Comemoraram a chegada do ano 2000 em um cruzeiro pelas geleiras do sul do Chile, e do convés, abraçados, contemplaram a maravilha dos fogos de artifício na baía de Puerto Montt depois de se extasiarem, diante da televisão do navio, com as réplicas iluminadas dos globos Montgolfier que sobrevoaram a torre Eiffel, com os muros de fogo que se desfizeram em Berlim nos dois lados do portão de Brandenburgo. Nessa noite eles se falaram pela primeira vez numa língua que só para eles tinha sentido. Reina começara a estudar a gramática canaanita e inventava frases a partir dos sons que lhe ditavam seus desejos. Já estavam bêbados, ou, como dizia Reina, "colocados", e se despiram na cabine para que o novo século os banhasse com a luz de felicidade e desconcerto que emana de tudo o que começa. Ela acariciou as pernas dele e lhe disse, de repente: "Mana pussa astiy." "Mana pussa?", perguntou Camargo. "O que é "pussa"?" Ela mentiu: "'Pussa' quer dizer 'bichinho'. Quero tocar o seu bichinho."

A expressão em aramaico é mais carinhosa, significa "é meu filho", mas teve vergonha de confessar que o bichinho lhe parecia pequeno e em estado de perpétua necessidade.

"Bringue a minha plusidra, então", devolveu Camargo, beijando-a. Ela o afastou: "Assim não vale. Isso é glíglico, essa horrenda invenção do Cortázar, Se nos falarmos, que seja no meu idioma, maru legrabas, com sintaxe, com núcleos: língua de seres humanos/" "Se é assim, então eu te fuqueio, Queenie, musaranho tá coquilha." "Muito melhor, urduno", disse ela num suspiro.

Às vezes, na redação, eles se comunicavam por meio daquela geringonça para que as secretárias e os editores não entendessem o que se diziam. "Flaiamos para a Calheta?", perguntou-lhe Camargo em fins de janeiro, quando a convidou para ir a Washington, onde um informante lhe explicaria a estratégia confidencial que o FMI pensava em aplicar na Argentina para cobrar uma dívida absurda, "Vranê?", quis saber ela.

"Camargo", disse Camargo, pois essa palavra também significava "amanhã".

Ficaram naquele mesmo hotel na rua M que tão más Lembranças lhes trazia. Reina pensou que o desastre se repetiria quando via que lhes dariam um quarto idêntico, no mesmo andar, mas, assim que a camareira os deixou a sós, Camargo sentou-a em uma das poltronas do hall e lhe disse que, embora ele não tivesse os vinte anos a menos que gostaria, já era hora de ela aceitar a fatalidade de que, mais dia, menos dia, eles se casariam. Durante toda a viagem, tratou-a com uma delicadeza tão extrema que parecia de mentira. Levou-a para assistir a uma sessão dupla de filmes antigos que passavam em um cinema da avenida Pennsylvania, comprou-lhe um colar de esmeraldas na joalheria de George town onde Grace Kelly encomendara o diadema de seu casamento, prometeu-lhe felicidade eterna em frente às quedas-d'água da National Gallery e não quis aprovar duas manchetes principais do jornal sem antes consultá-la. Reina ficou tão comovida com essa vontade de emenda que não se atreveu a lhe dizer "Você teria que ir vê-la hoje mesmo" quando Brenda voltou a lhe telefonar para dizer que Ângela sofrerá uma hemorragia interna em pleno quarto ciclo da quimioterapia. Estavam a apenas duas horas de Chicago, e nessa manhã partiam pelo menos quatro voos dos aeroportos da capital. "Não posso, Brenda", ouviu-o dizer. "Você não percebe que eu não posso?" Ao desligar, voltou-se para Reina e lhe pediu, com a cara mais inocente do mundo, que se agasalhasse bem porque iriam passar a tarde no zoológico.

Ela só tinha tempo para as investigações do jornal e para Camargo. Não apenas foi perdendo suas poucas amigas — nenhuma delas suportava os repentinos maus humores do namorado nem sua estranha certeza de que o mundo sempre lhe devia alguma coisa —, mas a urgência com que vivia fez com que perdesse também a si mesma. No final do verão, descobriu que suas maneiras eram idênticas às de Camargo: só lhe faltava circular pela redação às dez da manhã, perfumada com a água-de-colônia do diretor. Queixava-se de seus subordinados e esperava que Insiarte lhe virasse as costas para imitar seu jeito torto de andar.

Eram semanas tranquilas em Buenos Aires, e Reina estava entediada. O presidente penitente acabara de deixar o poder, depois de uma fracassada tentativa de se reeleger, e o sucessor era um homem previsível, que vagava sem rumo pelos labirintos do poder e cujas respostas os jornalistas já sabiam antes mesmo de fazer as perguntas. A equipe de investigações especiais ainda conseguiu dois furos de reportagem ao descobrir que a anterior ministra do Meio Ambiente contrabandeava lontras para peleterias japonesas e que o pai dela estava vendendo terras na Patagônia para serem usadas como depósitos de lixo atômico.

Para fugir do marasmo, viajou sozinha a Madri em busca de informações sobre a falência de uma companhia de aviação.

Uma noite, quando ela já estava dormindo, Camargo apareceu de surpresa no hotel Palace, e no dia seguinte a levou para ver as salas dedicadas a Dali no museu Reina Sofia, passear pelo parque de Retiro e comprar um casaco de pele no Corte Inglês.

À noite desapareceu tão sigilosamente como havia chegado. Telefonou-lhe de um avião a caminho de Londres para desculpar-se por tê-la deixado esperando na hora do jantar.

De repente, Reina começou a sentir umas terríveis pontadas na cabeça sempre que ia passar a noite na casa dos gerânios.

Pensava que talvez fosse o pólen, ou o cheiro de podridão que vinha do rio, ou os vapores sulfúricos que saíam da merda dos pássaros no jardim. Nunca pensou que podia ser o tédio das horas hipnóticas que passava com Camargo na frente do televisor, e o desalento que lhe tomava o corpo inteiro quando iam para a cama. Não podia dizer que o amava menos, porque seus sentimentos continuavam sem forma nem medida; só se atrevia a dizer — só às vezes, só a si mesma — que, quando estavam longe, não sentia falta dele, e quando estavam perto, não encontrava o jeito de se separar.

Um dia, Enzo Maestro bateu na porta de vidro que agora estabelecia uma fronteira entre a redação e a sala de Reina. Ela estava observando as fotos da grande mesquita da Rocha, em Jerusalém, publicadas pela revista National Geographic, concentrada em duas inscrições desafiantes, extraídas do Corão, que eram uma declaração de guerra contra o cristianismo: "Louvado seja Deus, que não concebeu nenhum filho e tampouco tem igual; Alá é Deus, o Eterno: não foi engendrado nem tem par."

Durante algumas semanas, Reina sentira a presença de Enzo no Diário como uma afronta pessoal. Não podia perdoar seus anos de servidão a um governante corrupto nem seu zelo policial no mosteiro de Los Toldos. Embora Camargo o defendesse por sua lealdade, ela achava que um cúmplice é tão repugnante quanto o criminoso que o usa. Mas reconhecia que, desde a chegada de Maestro, respirava-se no Diário um ar mais vivo, mais — como dizer? — atlético. Na primeira página, às vezes apareciam relatos de povos desaparecidos sob as águas ou sobre partos de mulheres nos lixões: era mais ousado que Camargo e também, para sua surpresa, mais sensível à desgraça humana.

— Você conhece essa mesquita, Reina? — perguntou-lhe.

— Nunca estive em Jerusalém — disse ela, melancólica.

— Mas sempre quis.

— É a primeira construção islâmica fora da Arábia. Os exércitos do Profeta ocuparam Jerusalém cinco anos depois de sua morte, mas a mesquita esperou meio século para ser erguida.

O califa Abd al-Malik queria uma declaração de guerra contra Jesus Cristo. Deus não gerou nenhum filho, lê-se na cúpula.

Você acredita nisso?

— Se há um só Deus, não pode haver um filho — disse ela.

— Talvez haja uma filha, não?

— Seria a mesma coisa.

— Mas a história está cheia de filhos de Deus.

— Todos soberbos, fanáticos. O cúmulo da soberba é julgar-se filho de Deus.

— Já li isso em algum lugar.

— Deve ter sido num informe do Serviço de Inteligência do Estado. Entraram no meu apartamento e o viraram do avesso, roubaram meus papeis, meu dinheiro, minhas calcinhas. Eu tinha escrito essa frase. Foi aí que você a leu, entre meus despojos.

— Você devia escrevê-la outra vez.

— Já escrevi. Mas suponho que você não veio aqui para falar dessas coisas. Estou enganada?

— Não. Vim salvar você do vazio. É verão, o governo continua dormindo, este país é um deserto. Você já ouviu falar da zona desmilitarizada, na Colômbia?

— Sou uma jornalista, parece. Claro que ouvi. Um território do tamanho da Suíça, governado por guerrilheiros.

— Um amigo meu edita um semanário em Bogotá. Foram lhe oferecer uma entrevista com os dois chefes da guerrilha, Tirofijo e o Mono Jojoy, mas não querem que ele vá sozinho.

Pedem enviados de jornais da Venezuela e da Argentina, sabe Deus por quê. Se você estiver de acordo, poderíamos mandar o Insiarte.

— É muito osso para um cachorro tão pequeno. Prefiro ir eu mesma.

— Eu já imaginava. É perigoso.

— Não tenho nada a perder.

— Camargo não vai querer — disse Maestro, malicioso.

— Você lhe avisa que estou saindo de viagem, ou prefere que eu mesma o faça?

Reina partiu rumo a Bogotá dois dias depois e no terceiro chegou a San Vicente del Caguán, a poeirenta aldeia de onde partiam os caminhos da guerrilha. Ela nunca tinha visitado um lugar tão inóspito e duvidava que existisse outro assim em todo o mundo. O ar denso cheirava a esgoto e era cruzado por nuvens de moscas gordas e inquietas. Caía um sol tão incandescente que era um verdadeiro milagre o sangue não entrar em ebulição. Na primeira noite, no hotel onde Reina e seus colegas se alojavam por decisão dos guerrilheiros, ela suou tanto que, antes do amanhecer, teve de se levantar e torcer os lençóis encharcados. Não conseguiu dormir mais e saiu para o alpendre da entrada em busca de ar fresco. Germán, o

editor bogotano, estava ali, balançando-se numa rede e fumando com tanta serenidade como se estivesse dormindo. Assim que a viu, ofereceu-lhe um lugar a seu lado.

Reina aceitou sem hesitar. Sentia uma instintiva confiança nele, a certeza súbita de que o mundo podia começar e acabar em seu corpo anguloso, de ossos grandes e olhos tão azuis que quase se podia ver o que havia do outro lado. Era uma hora de silêncio unânime na aldeia, pois o último bêbado já havia desmaiado no último botequim, e Germán ensinou-a a distinguir os sons da selva próxima, onde os macacos uivavam como lobos e os papagaios gargalhavam como hienas. Na tarde anterior, enquanto esperavam o guia que os levaria até o acampamento de Tirofijo, dançaram os vallenatos* do Duetto de Dos em um salão chamado "La Perdición", e saíram para beber cerveja com um anão de circo que ofereceu a Reina todos os seus dentes de ouro em troca de uma noite de amor. Depois, ela e Germán voltaram para o hotel caminhando pela rua principal, onde os vendedores de arepaf ** e frutas tropicais estavam recolhendo seus tabuleiros entre cães que se perseguiam para fornicar e de repente ficavam inválidos e lastimosos, presos pelas ventosas do coito. Ao topar com o rio Caguán, perceberam que tinham errado o caminho e retrocederam alguns quarteirões, de mãos dadas, com uma naturalidade de velhos amigos, embora Reina sentisse que Germán estremecia cada vez que os dedos mudavam de posição e que o contato das palmas, apesar de suadas e pegajosas, tinha uma intensidade sexual que jamais sentira.

** Gênero musical dançante originário de Valleparadise, na costa norte da Colômbia, por via de regra executado com acordeon e forte percussão (N. do T.).*

***Espécie de pão de milho assado na chapa (N. do T.).*

Um emissário dos guerrilheiros os esperava no bar do hotel.

Explicou-lhes que Tirofijo, ou o Mono Jojoy, ou os dois só chegariam ao acampamento na tarde seguinte e que, portanto, seria melhor fazerem a travessia durante o dia, em vez de se exporem desnecessariamente às emboscadas da noite. Iniciariam a viagem de olhos vendados, mas poderiam tirar as vendas depois de uma hora, quando já não tivessem como se orientar no labirinto da selva. Não poderiam levar câmeras fotográficas, nem telefones celulares, nem, obviamente, nada que se parecesse com uma arma. Reina viajara com a ordem expressa de telefonar para Camargo duas vezes por dia. Falou com ele uma última vez para lhe avisar que seu aparelho ficaria desligado, e não sabia por quanto tempo.

— Se é assim, não quero que você vá — disse Camargo.

Seu tom era pausado, como sempre, mas ela percebia suas alterações de humor até nas frases mais curtas. Dessa vez, falava sério: estava proibida de dar mais um passo.

— Se eu voltar atrás agora, vou pôr tudo a perder — teimou Reina. — Pediram três jornalistas. Não vão receber dois.

— Foi uma péssima ideia de Maestro.

— Talvez, mas já estou aqui.

— Você está me pagando com uma má notícia a boa surpresa que eu ia lhe fazer.

— Boa? — disse ela, com indiferença. Alguma coisa, essa tarde, a colocara mais além de toda surpresa e de toda curiosidade.

Seu desejo cabia inteiro nessa aldeiazinha horrorosa.

Agora estava ali e não queria ir embora por nada deste mundo.

— Ótima — disse Camargo. — Sicardi conseguiu para você um apartamento de três ambientes, novo em folha, e acaba de assinar os papéis da compra em seu nome. Você vai ter que pagar só 15 mil dólares, parcelados. Muito melhor do que você pensava, não?

— Mas eu nem o vi.

— Fica num prédio novo, na rua Reconquista. Você pode ir ao jornal a pé.

— Eu não me importaria se ficasse mais longe — disse num tom falsamente ingênuo, para que Camargo não suspeitasse o duplo sentido da frase. — Não me importaria se ficasse em outro mundo.

Desligou e voltou a sair para o alpendre. Ficou olhando o céu nítido, transparente, e as casas monótonas que havia ali em volta, com suas paredes manchadas e seus tetos de folha de palmeira. Sem perceber, pôs-se a chorar, não de tristeza pelo que via e sim por causa dela mesma, do vazio de seus últimos anos, sem amor nem beleza, dominados tão-somente pelo afã de ser alguém. Um dia ela subiria em sua nuvem apenas para ficar ali, sozinha, olhar para baixo e se perguntar: que é que eu fiz da minha vida, que merda eu fiz da minha vida?

Germán acendeu um cigarro no outro extremo do alpendre e sorriu para ela, com um misto de compaixão e cumplicidade.

Ela o olhou como se estivesse dentro dele e pudesse ouvir as destilações de seu pensamento. Ouviu-o como se, na realidade, não houvesse outro som afora o desse pensamento.

Quando ele a abraçou perguntando-lhe "Está tudo bem?", e a beijou na boca com uma febre invasora, ela o deixou ir em frente. Deixou que a levasse a seu quarto, e a despiu, e a tocou. Era tudo tão natural, tão fácil, que por um instante estranhou que aquele corpo fosse o dela e não o de outra mulher, pois deixara o corpo ir sem imaginar que, ao voltar, ele lhe pertenceria tanto. Fizeram amor sobre

uma cama rangente, sem se importarem com os vapores calcinados da noite, com o assédio das moscas nem com nada do que acontecia no mundo.

Dormiram por uma hora e tornaram a sentir a urgência de se penetrar e se lambar, e assim teriam continuado sem trégua se às seis da manhã o guia guerrilheiro não os tivesse chamado para avisar que o Mono Jojoy e Tirofijo já os esperavam no abismo da selva.

NOVE.

Você adivinhou a traição antes que ela acontecesse. Já havia notado alguma coisa fugidia no corpo da mulher quando ela voltou da zona da guerrilha, na Colômbia. Ficava de olhos abertos ao fazer amor, às vezes tremia, procurando no ar dos gerânios o desejo que se negava a chegar. Seu sexo estava sempre seco e arisco: queria lhe dizer alguma coisa, mas calava. Por instantes se afastava e pedia um momento de trégua: estou cansada, muito cansada.

Você ficava deitado de costas, fitando os arabescos da penumbra no teto, as sombras de sua nudez, a cintilação das ramagens no jardim. Também quando a observava através do telescópio Bushnell, na sala da rua Reconquista que você alugou só por causa dela, obedecendo a seu instinto de desconfiança que nunca falhava, você a sentia ausente não apenas de você, mas de tudo aquilo que a rodeava, buscando um corpo que parecia ter deixado em outro lugar. Era seu corpo que ela buscava ou outro distante?

Não seria o corpo de alguém em cujas mãos a mulher se colocara — a cadela, a ingrata? Cadela, mil vezes cadela! Seu pai tinha razão — ela era igual à mãe que os abandonara, talvez, uma reencarnação, uma gêmea que voltava para amaldiçoar você.

Depois da travessia pela selva colombiana, a mulher fez mais duas viagens sozinha, uma a Santiago do Chile e outra a Caracas, com o pretexto de outra investigação confidencial sobre o tráfico de armas. Você combinou com ela de encontrá-la em Santiago: você sairia numa manhã de sábado, ignorando os telefonemas cada vez mais angustiados que Diana lhe fazia do hospital: "Os médicos já não sabem mais como baixar a febre da Ângela, papai. Você não pode imaginar como ela está magrinha e triste. Por que você não vem, paizinho?"

Assim que ela abre os olhos, a coitadinha pergunta se você já chegou." Você voltaria do Chile no fim da tarde de domingo, ia largar tudo só para estar um pouco com a mulher, mas, na noite de sexta-feira, quando você telefonou para lhe avisar a que horas devia esperá-lo no aeroporto, ela já não estava no hotel e seu celular estava fora do ar. Mesmo assim, você viajou a Santiago, perdeu como um idiota horas e horas procurando-a em ministérios e escritórios militares, expondo-se à vergonha diante de seus amigos de El Mercurio e La Tercera, mendigando alguma pista dela: tudo em vão. A que extremos de humilhação ela o levaria? Quem imaginaria que alguém como você, que ninguém jamais ousava deixar esperando ao telefone, perderia a calma por causa do silêncio de um inseto como ela?

A mulher voltou ao jornal na terça-feira ao meio-dia, com o rosto banhado numa luz desconhecida de você, o sol recôndito de alguma felicidade perversa: então começou a perceber que algum intruso a estava sujando, que ela devia entregar seu

corpo a um desconhecido talvez jovem e sem dúvida podre de doenças venéreas, chatos e outros males da arrogância. Você queria saber o que tinha acontecido, ah, como a suspeita e a incerteza o enlouqueciam, Camargo, quantos resíduos da memória de sua mãe se instalaram na mulher para acossá-lo, reabrindo as suas chagas do abandono. Não queria que ela percebesse sua desconfiança. Perguntou-lhe, como se nada tivesse acontecido:

— Foi tudo bem, Queenie?

Ela respondeu, com soltura: — Tudo bijou, Bitte. Me deram uma entrevista em Temuco, e quando tentei avisar você, do avião, acabou a bateria do celular. Fiquei três dias cut off, confined.

Desde o amanhecer do novo ano, você a chamava assim, my Queenie, minha rainhazinha, na língua privada que construíram para a intimidade e que bebia de um delta de outras línguas: de Queenie, o aramaico, o português e o tcheco; de você, o inglês e o italiano. Ela chamava você de Bitte, que tantos significados corteses tinha em alemão, embora, na verdade, fosse uma alusão às amarguras do seu sobrenome, bitter.

Quer dizer que a bateria do celular tinha acabado? Esse álibi era difícil de verificar. Então, pensou: posso procurar seu rastro. Se ela esteve em Temuco, sua passagem por lá deve ter ficado registrada em hotéis, linhas aéreas, restaurantes. Sicardi decifrará esses enigmas com um par de telefonemas. Você vai lhe pedir que o faça assim que a mulher se retirar, mas alguma coisa em seu jeito de falar lhe chama a atenção: algo familiar e ao mesmo tempo distante, sons em desarmonia com seu sentido: — Você tem uma horinha para mim esta noite, Bitte? Só para conversar.

— Às dez esta bom?

— Um pouco antes — sugere ela, — As nove e meia, Você marca o encontro num bar onde já esteve outras vezes, com amantes de passagem, quando o sufocava a imagem funerária da Brenda esperando-o na cama de San Isidro.

Nesse lugar há tantas vozes tentando montar umas sobre as outras, tantos yuppies se exibindo com seus copos de uísque, que até alguém tão notório como você pode passar despercebido se achar lugar num dos cubículos que se abrem em frente ao balcão. São espaços de som morto, aonde o barulho de fora chega apenas como isso: uma arrebentação distante, um burburinho indiscernível.

Já conta dez minutos de espera quando a vê entrar, com um casaco comprido, preto, e embaixo um conjunto de lãzinha cinza. Desde a viagem à selva guerrilheira, vem corrigindo o desalinho que a mantinha presa à adolescência, como se até então sua idade avançasse mais lenta que o tempo. Vê-a abrir caminho por entre as matilhas do bar e percebe o quanto ela amadureceu em poucos dias, com que elegância balança a cabeleira escura.

— Que garbo, hem, Bitte? — diz como cumprimento.

Às vezes sua fala se polui de palavras tiradas dos livros — garbo, atinado, enfado —, mas nada parece artificioso nela.

Seu desembaraço sempre o espanta. Agora, ainda de pé, tirando o casaco, emana uma segurança imperial.

— Já se acostumou ao apartamento novo? — você lhe pergunta.

— Não me acostumo a nada — responde, enquanto pede com displicência um uísque duplo, com um dedo de água. — De noite, quando volto, a rua está deserta. Só vejo mendigos se arrastando. A gente não percebe, Bitte, mas Buenos Aires está em mutação. É uma borboleta regredindo a seu estado de larva.

— Você devia vir mais seguido a San Isidro. Lá nada muda.

Só o cheiro do rio, às vezes.

— Não posso ir por um tempo. Era disso que eu queria falar com você.

— Que foi? Quer me deixar?

— Imagine. Ninguém pode deixar você. É que eu preciso de tempo para escrever o meu livro.

— Sobre os messias gêmeos, não é?

— Ninguém sabe disso. Como é que você sabe?

— Não sei. Todos os sinais de sua vida apontam nesse sentido: a necrologia do Robert Mitchum, sua discussão com a superiora no colégio de freiras. Tout about it a un livre, como dizia Mallarmé. Por que não me falou disso antes? Eu teria ajudado.

— Quem sabe se teria podido me ajudar. Eu não estava madura até bem recentemente. Só agora sei que posso.

Você estende as mãos para ver se as acaricia, como antes.

Mas ela as ignora. Finge que se concentra no copo de uísque.

— Sei. Agora, depois da sua excursão às pistolas colombianas — você sonda.

Uma súbita tensão brota em seu rosto. Como jogou o cabelo para trás, você pode ver suas veias das têmporas latejando. Calculou bem o efeito da palavra "pistola", sua insinuação erótica.

— Por acaso mandou me espiar? — diz, levantando a voz. — Se um dos seus ratos andou atrás de mim, não entendo por que continuou o jogo esse tempo todo.

— Porque para mim não é um jogo. Eu não vou largar você, Reina, por mais que você queira me largar.

— Eu sou uma pessoa, Camargo. Você não pode me pegar nem me largar. Não pertencço a você. Sou de ninguém. Só agora sei que, pelo menos, pertencço a mim.

Ela mesma deu a deixa. Por isso, você decide ir um pouco além:

— Você se pertence porque pertence a outro.

— Talvez — admite.

— E se enrolou tanto que já não consegue sair.

— Não me enrolei» nem quero sair. Estou onde estou por vontade própria, limpa de corpo e alma, será que você não é capaz de entender?

O que mais revolta você é como ela o olha, com negligência como se já estivesse fora do seu alcance. Há alguma coisa em sua atitude evasiva que o devolve à infância. Ela é a outra, a perdida, não é? Se seu pai o viu com tanta nitidez, com tanta certeza, por que você não lhe deu ouvidos? Ela tira você do sério, mas sua voz se mantém comedida. Reina ainda não respondeu a todas as suas perguntas.

— Limpa não. Isso não é verdade. Se sua alma estivesse limpa, não teria continuado a se deitar comigo. Você me traiu primeiro, depois traiu o outro.

— Fui covarde, você não sabe quantas vezes tive que ouvir isso de mim mesma. Tinha medo de machucar você. Também tinha medo de você. Traí o Germán, mas ele já sabe.

Passei todos estes dias pedindo-lhe desculpas.

— Germán é o nome dele? — agora você grita. Sua garganta está seca. O sangue lhe sobe à cabeça como uma lava.

— Germán. Pensei que você soubesse. Não vive dizendo que sabe de tudo?

Você fez, há muito tempo, seu aprendizado de desgraças.

Quando já não podia aprender mais, tornou-se imune a todo sofrimento. Agora só resta a cólera. E sua cólera não se importa de remontar sobre o vozerio dos yuppies e as gargalhadas das empregadinhas de escritório.

— Você trepou comigo, trepava com ele, trepa com qualquer um. Vai logo abrindo as pernas para o primeiro que aparece sua puta. Você se vende a quem paga melhor, não é? Não bastou tudo o que lhe dei, tudo o que você me tirou?

— Você não me deu nada, Camargo. Só me arrancou coisas. Eu nunca disse que amava você. Admirava: é diferente.

Nunca menti.

— Você pensa que vai me deixar assim, tão fácil? Pensa que você pode sair de Camargo como quem sai de uma festa?

Não, garota, não mesmo.

— Eu amo outro homem. Não posso ficar.

— Outro homem? Não existe nenhum outro. Ninguém me abandona. Eu não sou meu pai.

— Pobre Camargo — diz ela.

Seu sangue, já em alvoroço, ferve. Você não sente seu corpo, e pouco lhe importa. Sente apenas sua indignação invencível.

A mulher levanta as mãos, tentando se proteger, mas você é mais rápido. Descarrega toda sua força num revés que a atinge nos lábios, em cheio, e os parte. Ela o observa atônita, transtornada, com olhos de cordeiro sacrificado. Vai lhe

dizer alguma coisa, mas você não vai permitir. Joga sobre a mesa uma nota de cinquenta pesos e sai quase correndo desse inferno, por entre o murmúrio dos yuppies imbecis. Você é quem é, Camargo. Ninguém pode deixá-lo.

Você não se lembrará do incidente no bar. Certos fatos da sua vida não acontecem com você, e sim com um ser que está fora de sua memória e de sua carne: alguém que não quer se mover do passado. Quando observa a mulher pelo telescópio, por exemplo, você estranha o ferimento em seus lábios e o inchaço no queixo. Amanhã ela terá um hematoma e terá perdido um pouco de sua beleza misteriosa. Você a vê estudar a boca no espelho e limpar um fio de sangue com a língua. Irrita-o que, apesar de tudo, ela pareça feliz, e tire a roupa balançando os quadris ao compasso de alguma música prostibular que você não pode ouvir. Se alguém a castigou, não fez o serviço completo.

Devia ter furado seus olhos e queimado sua língua com ferros em brasa. E, acima de tudo, deveria ter costurado cada anel de sua vagina para apagar o mal que ela causou.

Ao ver que seu descaramento é indomável e que nada nem ninguém poderá arrancar dela o prazer que o outro lhe incubou nas entranhas, você se lembrou do sem-teto que dorme ali fora, de Momir, embora ainda não soubesse seu nome.

E assim começou a se insinuar em sua imaginação o desenho ainda impreciso da vingança. Você sabe que a mulher é impressionável, tem horror à contaminação. Mas, se ela caiu sob a influência de um outro homem, se traiu a vigilância amorosa que durante tantos meses e tão generosamente você lhe dedicou, deve ter-se entregado ao furor sexual sem tomar precauções, indiferente ao contágio de herpes, gonorreia, malária ou qualquer outro mal típico das regiões tropicais. Você abandona por um momento seu posto de observação junto ao telescópio para examinar o pênis, no banheiro, e verificar se ela já não o manchou com alguma doença. Ela devia ter avisado, ao voltar, que se deixara penetrar pela podridão. Mas a cadela não lhe disse nada, enquanto você lhe lambia a cloaca, percebe?, não se importou em infectar você com os cancos de sua viagem. Não vê nenhum sinal além de uma ligeira irritação na glândula, nada de incomum, mas quem pode garantir? E, se ela realmente o tivesse exposto à gangrena, que suplício pagaria a enormidade do mal? Até o acaso tem suas próprias leis e, ao entrever a sombra de Momir dormindo sob o beiral da tinturaria em frente, você intui que ele pode ser o instrumento do seu castigo. Seu fedor, a irredimível sujeira do seu corpo, a imundície de suas mãos: isso é o mínimo que a traição da mulher merece.

Você está ouvindo o "Quarteto em Ré maior" de César Franck. Quando o allegro final pára de atravessar tormentas e arrancar árvores, a melodia se espreguiça numa vasta planície.

Essas rajadas de melancolia acalmam você, mas a mulher, com seus gestos triunfais, parece decidida a tirar você do sério. Parou diante do espelho e volta a se balançar. Agita os peitos insignificantes e obscenos como se procurasse uma lembrança.

Deixa as luzes acesas e se exhibe diante da janela. Não é incrível todo esse descaramento? Não vê que alguém pode espiá-la, como você neste instante, sufocado de desejo?

Você abre a janela, e o que lhe salta ao pescoço são os ruídos atrozes da cidade, televisões, ônibus, sirenes: a selvagem merda humana. A noite lhe pesa tanto, que você se sente como um boi a arrastá-la, com seu corpo oprimido pela penumbra, pela febre, pela consciência de um tormento que, absurdamente, está em você quando deveria estar nela. Que é que você está fazendo assim, ainda vestido, de gravata e camisa com punhos de abotoadura?

Você arranca com fúria esses estorvos, e sua própria imagem o surpreende no espelho. Não há verdade nas aparências, você sabe disso, porque nem a mais fiel das imagens reproduz o passado, a alma nem a incandescência do ser refletido.

Esse que você está vendo agora não é você, porque à imagem do espelho falta a mulher. Ela deveria estar ali, arrastando-se a seus pés, implorando piedade, suplicando que não a abandone, Doutor Camargo, nem lhe devore o pensamento. Não, não a deixe: um dia ela vai devolver tudo o que lhe tirou. Mas você não a ouvirá, já é tarde para continuar a ouvi-la. Implacável, você levanta o pé e esmaga sua cabeça.

A ousadia da mulher não tem limites. Depois do episódio do bar, faltou três dias a suas obrigações em El Diário, alegando motivos de saúde. Se fosse qualquer outro redator, você já teria mandado um médico à sua casa para que o devolvesse ao trabalho, mas com ela deve ser cauteloso. Se o médico a examinasse, ela acusaria você de agressão, omitindo» de má-fé, todas as razões que o levaram a esse arrebatamento. Ela é matreira e, se você não a acossar, ficará quieta no seu canto. Mas, quando ela mesma resolve que está curada, urde um enredo que pega você de surpresa. Antes da reunião dos editores, foi até a sala de Enzo Maestro e lhe disse que cem uma testemunha inesperada no caso do contrabando de armas; um coronel, ressentido porque não lhe pagaram a comissão que lhe cabia pela venda de oito mil fuzis de combate e dez milhões de projéteis. Ao sair de uma entrevista com o primo do presidente penitente, o coronel foi detido por venda ilegal de drogas. A acusação era falsa, claro, mas ao mesmo tempo inegável: seis quilos de cocaína foram encontrados dentro de um vaso em sua casa. Um erro nos procedimentos judiciais tirou-o da cadeia, e no dia seguinte o coronel estava longe da Argentina. Ele fora intermediário de algumas operações do contrabando e tinha

cópias dos cheques pagos por traficantes sérvios ao cunhado e ao filho do penitente.

Oferecia os documentos em troca de que El Diário publicasse sua versão da história. Era preciso ir buscá-los em Caracas, onde o advogado do coronel esperaria por Reina — e somente por ela: ao menos foi o que ela disse a Enzo no aeroporto.

Maestro é ardiloso como J. Edgar Hoover, manobrador como Kissinger, cínico como Fouché, mas, de manhã, quando ainda não acabou de digerir as comilanças da noite, pode ser cândido como Rudolf Hess. Cometeu o erro de autorizar a viagem de Reina, mas a lealdade o leva a perguntar se você está de acordo antes de ordenar a compra das passagens.

— Essa mulher quer viajar de novo? — você lhe disse, mal contendo a fúria. — Nem pensar, Maestro. Como é que você pode autorizar uma coisa dessas? Estamos perdendo tempo.

Não vê que as nossas denúncias não têm efeito algum? Os juízes vão continuar absolvendo esses mafiosos. Você devia saber disso melhor do que ninguém. Você inventou a pólvora e agora não reconhece nem os fogos de artifício.

— Quer dizer que não vamos publicar nem mais uma linha sobre o contrabando? Vamos deixar sem pão e circo os vinte mil leitores que compram o jornal só por causa dessa história?

— Também não é assim. Só estou dizendo que essa mulher, a Remis, tem que trabalhar aqui. Está pegando muito gosto pelo turismo.

— Só que, neste caso» ou vai ela, ou não vai ninguém.

— Então, não vai ninguém — disse.

Na manhã seguinte, a obcecada mulher deixou um bilhete na mesa de Maestro, informando-lhe que iria de qualquer maneira a Caracas. Com habilidade, precaveu-se das sanções que poderia sofrer da parte de Sicardi: usará — diz no bilhete — os cinco dias de licença que Maestro lhe prometeu ao voltar da Colômbia, pagará a passagem e os gastos de hotel do seu próprio bolso, e entregará ao Diário os documentos que foi procurar, mais o relato da investigação. Vocês são livres para publicá-los ou não, concede com arrogância.

Você deu ordem a Sicardi de que se valesse de todos os meios para detê-la no aeroporto, mas a mulher não viajou em nenhum dos vôos regulares para Caracas. Você calcula, então, que ela saiu logo cedo, rumo a Montevideú. Deve ter um encontro desesperado com o amante, pode apostar. Correu outra vez para que o outro a encha com seu estéreo. Daqui você pode ouvir a impaciência do seu sexo.

E esse seu desespero por fugir de você que o leva a tomar o controle de seu corpo nu filmando-a em segredo. Enquanto você a contemplar no televisor de San Isidro, em tamanho natural, poderá amansá-la, atraí-la. Não existe matéria

duradoura nas aparências do mundo, mas a vontade do eu pode refazer a matéria, ensinar-lhe o caminho da submissão. Ao se apropriar de sua imagem, você também possui seu corpo: essa é uma das remotas sabedorias que os seres humanos desaprenderam.

Sicardi lhe deu as chaves do apartamento dela e, da primeira vez que você entra ali, espanta-o que a mulher disponha de tanto tempo livre para escrever textos que não têm nada a ver com El Diário. Você lhe paga uma fortuna para que trabalhe com dedicação exclusiva e, mesmo assim, sempre que ela pode, desperdiça sua energia escrevendo contos de poucas linhas, poemas — em alguns dos quais se entrevê a inveja que ela tem de você, a sanha com que sempre quis tomar seu lugar: essa merdinha, essa nulidade que tanto lhe custou educar e refinar —, e umas cinquenta páginas de anotações para o ensaio sobre os messias gêmeos que são sua obsessão.

Você fotocopiou algumas páginas que a mulher tinha deixado já impressas sobre a escrivaninha. Algumas de suas descobertas o surpreendem. Segundo ela, há cinco milagres que acontecem duas vezes nos evangelhos sinópticos, sem mudança alguma: a multiplicação dos pães e dos peixes, a caminhada sobre o mar depois de acalmar uma tempestade, e três curas inexplicáveis: a do cego, cujos olhos são untados com saliva; a do filho do funcionário ou criado de um centurião, a quem devolve a saúde sem olhá-lo nem tocá-lo; e a do possesso, cujos demônios se refugiam no corpo de uns porcos. Jesus fez esses prodígios na Galileia, e seu irmão gêmeo, Simão, em Damasco, talvez ao mesmo tempo. Para que os de Simão desaparecessem de toda memória, os evangelistas os atribuem a Jesus, sem se preocupar com as repetições. O filho de Deus podia morrer infinitas vezes na cruz e também expulsar infinitamente o demônio de um mesmo corpo. A pergunta retórica que aparece no final das cinquenta páginas desse texto volta à sua mente como um estribilho: "Pregariam os dois o mesmo sermão, invocando um o Pai e o outro a Mãe Eterna?".

Se não fosse pela forma arteira de a mulher o trair, você nem sequer teria pensado em Momir. Agora que tornou a ver seu canino solitário quase se desprendendo das gengivas violáceas e a sombra de umas chagas despontando atrás das orelhas, embora seu aspecto geral ainda seja saudável, você tem certeza de que Momir encarna o mal que a mulher já se infligiu a si mesma, a podridão em que se refestela e que tentou transmitir a você quando se enfiou em sua cama.

No primeiro artigo que ela publica no Diário depois de voltar de Caracas, a mulher se entrega de pés e mãos amarradas, selando sua destruição. Apesar da malícia com que lê tudo o que deve editar, Maestro não detectou a fraude. Você sim.

No segundo parágrafo, como quem não quer nada, ela deixa escapar a frase delatora: "O coronel dormiu como um anjo na primeira classe da Fleet Air durante o voo entre São Paulo e Maiquetía." A inútil menção à companhia aérea desperta imediatamente sua desconfiança. Manda Sicardi telefonar para o gerente da Fleet Air e perguntar se emitiu uma passagem de cortesia em nome de Reina Remis. Suas suspeitas se confirmam.

Ela não só mendigou a passagem: também prometeu citar em seu artigo o nome do generoso doador.

E agora, Camargo, o que resta dela? Você olha em seu interior e só vê um horizonte de asco, um rio de escórias que você irá secando pouco a pouco. Vai permitir que a mulher relaxe seus costumes durante uma semana e, de quebra, que continue a se delatar em seus artigos. Tal como você previa, a menção à Fleet Air se repete na segunda parte de sua chocha entrevista com o coronel. Enquanto isso, Sicardi verificou que ela telefona para o amante usando as linhas do jornal. A traição, acrescenta o roubo. Quando a mulher procura Maestro para que este autorize mais uma de suas viagens, desta vez ao Rio de Janeiro, seu descaramento ultrapassa os limites do tolerável.

Você agora vai retê-la só por alguns dias, exigindo-lhe que escreva sobre a crise ministerial e sobre a esperada renúncia do vice-presidente. Os artigos dela serão desastrosos, porque você fará com que Sicardi a humilhe até secar sua linguagem, que ajuste o garrote em seu pescoço e estrangule seu orgulho.

Antes que a mulher se sente a escrever, o chefe de pessoal a chamará para repreendê-la. Isso deve acontecer por volta das nove, no momento de máxima tensão, quase na hora do fechamento.

Pouco depois, agitado, o pobre cão fiel correrá até sua sala para narrar o que aconteceu. Você o verá inflamado, exultante. Como o sadismo sempre lhe aflora no nariz, virá com dois furúnculos recém-brotados. Sicardi terá gravado o diálogo e lhe entregará tanto o cassete como a transcrição, com uma diligência que sempre se antecipa às suas ansiedades: — Quanto tempo faz que a nossa empresa está lutando contra a corrupção, senhorita Remis?

— Sei lá eu — respondeu ela, impaciente. — Quando eu entrei, já tinha começado.

— O que poderíamos fazer, então, se descobríssemos um redator corrupto?

— Eu não sou o senhor, Sicardi. Primeiro provaria que é corrupto e depois lhe pediria explicações.

— E se estivéssemos falando de alguém que escreve contra a corrupção, o que faríamos?

— Pergunte à polícia. Não me faça perder tempo. Se está insinuando que há um corrupto na minha equipe, engana-se redondamente. Eu respondo por todos, até

pelo Insiarte.

— Mas sabemos de um caso, senhorita.

— Acabe de uma vez com isso, e saiba desde já que não acredito no senhor. Quem é, Sicardi?

— Você, garota — disse, mudando o tom de voz e acentuando a grosseria do vocativo.

A mulher lhe respondeu com insultos ferozes, letais. Você ordena que Sicardi os inclua na carta de advertência. Servirão para justificar ainda mais o jornal quando você por fim a demitir.

Agora já pode confiar o comando a Maestro por alguns dias e concentrar-se nos labirintos do castigo.

Resignado, você espera que a noite se vá retirando: é lenta, lenta, move-se com lerdeza de mula. Nem por um instante o sono vem em seu socorro. De quando em quando, você se deita no catre da sala que alugou na rua Reconquista. Teme que, lá fora, algum fio da realidade escape a seu controle e volta repetidas vezes ao telescópio Bushnell, com uma ansiedade incontável. Por fim, pouco antes das sete e meia da manhã, a mulher sai rumo ao bar onde o vice-presidente toma o café da manhã com seus acólitos. Pouco antes, um emissário de Sicardi acordou Momir e sua companheira para fotografá-los.

Vem com a ordem de segui-los aonde quer que eles vão e assegurar-se de que, no final da tarde, estejam a seu alcance.

Por distração, você religou os celulares e, enquanto espia a faxineira, um telefonema o sobressalta. Já não é a voz de Brenda a que salta do aparelho, e sim a de alguém que fala secamente, num inglês estrito:

— Senhor Camargo — diz. Você sempre detestou que o chamem assim.

— Senhor? — você responde, devolvendo-lhe a luvada.

— Sou o doutor Clarke — diz. — O hematologista de Ângela. Quero lhe avisar que estamos fazendo o possível para deter a infecção. Tentamos com um antibiótico novo e ainda não sabemos o resultado. Agora vamos acrescentar um antimicótico.

Brenda, sua mulher...

— Minha ex-mulher — você o corrige, rápido nos reflexos.

— ... diz que o senhor custa a aceitar que o caso de sua filha é complicado...

— É complicado ou não?

— Poderíamos dizer que é um caso crítico, senhor.

— Quantos dias de vida calcula que lhe restem?

— Dias? Eu não falaria nesses termos. O importante agora é ver como a infecção evolui.

— Que espécie de médico é o senhor? — você replica, indignado. — Eu lhe pago uma fortuna para que cure a minha filha, e ainda continua dizendo que temos que esperar?

Vocês estão cuidando dela, ou é seu organismo que se defende sozinho? Se não tentou tudo, tente. Por que ainda não fizeram o transplante de medula que me prometeram?

— Não é tão simples. Deixe-me explicar, senhor...

— Não me chame de senhor — diz. — Sou o Doutor Camargo.

Se Ângela morrer agora, vou processá-lo por incompetência.

O senhor não sabe em que país eu vivo? Sou diretor de um jornal, sabe? O governo daqui está desmoronando.

Você ainda ouve um balbúcio e, sem tentar desentranhar" seu sentido, desliga. Está furioso. Vai ajustar as contas com a Brenda quando a vir. Como ousou dar seu número privado a esse médico inepto, quando sua cabeça teria de estar desenredando as nervuras de uma meada sem fim: os passaportes de Momir, a execução do castigo e a delicada operação para introduzir o fenobarbital outra vez nas caixas de suco sem deixar o menor rastro?

Com alívio, você vê a faxineira vestir o casaco e apagar todas as luzes do apartamento em frente. É possível que a mulher tenha lhe dado folga enquanto estiver no Rio. Você pensou nisso quando a empregada, antes de sair, dobrou e separou a roupa da mulher em vários montes que deixou ao lado da mala: a lingerie de um lado, as saias e as blusas de outro. Chegou a distinguir algumas sandálias e maiôs. Trata-se, claramente, de uma excursão romântica: não há na bagagem nenhum dos vestidos formais que a mulher precisaria se tivesse entrevistas com informantes do governo, como disse ao incauto Maestro.

Você atravessa a rua na hora em que os funcionários da redondeza estão almoçando. Sempre passou despercebido, mas desta vez é imprescindível que não seja visto por ninguém.

O apartamento da mulher cheira a cera e a desinfetante de limão.

Ela é astuta, sensível aos perfumes. Para não deixar rastros, você tomou banho com um sabão neutro. De qualquer maneira, ela demorará a voltar: se Maestro transmitir suas instruções, Sicardi não lhe permitirá sair de perto do vice-presidente, mesmo que tenha uma diarreia ou uma febre repentina.

Na geladeira há duas caixas de suco de laranja, uma delas aberta, e uma terceira de suco de maçã, intacta. Usando uma seringa de agulha fina, você vai injetar em cada uma das caixas três gramas de fenobarbital diluído em água destilada. Por mais cuidado que tenha, não poderá evitar que se forme uma leve camada de pó branco na superfície. A operação é mais fácil na caixa aberta, cujo líquido você passará por um coador, como na experiência anterior.

Por volta das duas horas da tarde, você vê Momir zanzando inquieto na rua por onde vão e vêm os bancários e os corretores da Bolsa. A área está coalhada de policiais, e, como nenhum dos dois tem documentos, ele teme que os detenham.

Um dos assistentes de Sicardi levará os passaportes até você na esquina da Corrientes com a Reconquista dentro de 15 minutos.

Você confirmou por telefone que a falsificação seja perfeita: carimbos, marcas-d'água, assinaturas sobre as fotos, perfurações, cada detalhe é impecável. Você gosta de ver que a lenta passagem do tempo aumenta a angústia de Momir e aplaca sua arrogância. Quando vier a seu encontro, já estará derrotado e implorante.

Depois de sua última visita, a mulher pendurou quatro fotografias na parede, à vista da mesa onde trabalha: uma é a que você mesmo bateu em frente à entrada do museu de Otsay, em Paris, num meio-dia de janeiro. Ela está com o casaco escuro, de lã inglesa, que você lhe comprara na véspera na rue du Faubourg Saint-Honoré, e o tailleur xadrez com o cachecol tigrado que tantas vezes usou nas viagens à Europa. Está radiante, com o cabelo partido ao meio e o sorriso infantil que o seduziu na noite do primeiro encontro na taverna francesa, perto da pracinha Cortázar. Embaixo escreveu uma palavra inexplicável: "Farsante". Duas das outras fotos foram tiradas na selva colombiana. Ao fundo se avista um casario de paredes carcomidas e tetos de palmeira. A mulher veste, assim como seus acompanhantes, um uniforme de camuflagem. Você gostaria de saber qual dos que estão ali é Germán, mas todos se parecem: os guerrilheiros, os jornalistas, os camponeses. Será aquele que fixa na câmera, desafiante, um par de felicíssimos olhos azuis? Você decidiu que, da próxima vez, levará ao apartamento uma câmera fotográfica e copiará essas fotos, para que Sicardi identifique o intruso na embaixada colombiana.

Quer saber seu nome completo, a história de sua família, e irromper com uma maça nos cristais de sua vida. A quarta foto, que a mulher pendurou acima das outras, no centro, mostra uma menina de três ou quatro anos montada sobre um pônei. Alguém que sem dúvida é a mãe dela a segura por trás: na época devia ter a mesma idade que a mulher tem agora, 32 anos, e se parece tão exatamente com ela, num efeito de realidade tão persuasivo, que a filha de agora poderia muito bem ser a mãe daquele tempo, como se o passado perdurasse no presente e entre as duas épocas se estabelecesse uma férrea identidade. Você de repente percebe que esse jogo de espelhos se dá não apenas no tempo mas também no espaço. A mulher é um decalque da própria mãe e ao mesmo tempo um decalque da sua, Camargo. A imagem recôndita da enfermeira de avental branco pregueado e luvas de borracha que se aproximava de sua cama pelas manhãs, ao voltar do hospital, reaparece agora, nítida, tal como era antes que a perdesse nos abismos de sua consciência. Você nunca mais recordou seu rosto desde então, nem tampouco tem certeza de

que não seja ilusão o que vê agora, uma indústria cruel dos seus desejos, mas o fato de que seu pai também a tenha reconhecido o inquieta.

E se a mãe da mulher fosse também sua mãe? Ou, pior ainda, se a mulher, deslocando-se no tempo, tivesse achado um meio de ser sua mãe e fugir de você na infância, como torna a fazê-lo agora? Por um momento, a ideia o horroriza. Depois, volta a examinar a foto com atenção e vê que a mãe que aferra a sela do pônei, se ainda viver — e a mulher já lhe disse em várias ocasiões que ela vive, falando da tenacidade com que lhe telefona para perguntar como está, embora nunca se tenha dado ao trabalho de visitá-la —, não pode ter mais do que 64 anos, enquanto a sua, Camargo, já está beirando os 90. Ou será que ele está errando nos cálculos outra vez? Ou então os dois, sua mãe e você, nasceram ao mesmo tempo. Puta, diz, com uma voz doída que sai em surdina, mais para dentro que para fora: puta, por que você foi sempre tão puta? Por que me fez isso?

Leva perto de 20 ou 25 minutos para injetar a droga nas caixas de suco: mais do que o calculado. Pela janela você vê o assistente de Sicardi indo e vindo de um velho restaurante inglês, agora em decadência, para uma loja de numismática, onde a rua Corrientes cai em declive. Quanto a Momir, você o perdeu de vista: deve estar esperando junto à entrada do prédio da mulher, já desalentado, pensando que jamais voltará para sua aldeia perto de Pranjani.

Os fatos agora são tão rápidos que você nem sequer se lembrará de tê-los vivido. Quando o enviado de Sicardi lhe entrega o envelope com os documentos, você lhes dá uma rápida olhada e vê que passarão facilmente pelos controles de Imigração. Também estão em ordem as passagens que permitirão que, no dia seguinte, Momir e sua companheira saiam rumo a Santiago do Chile, e dali a Belgrado, com escalas em Miami, Madri e Roma. Na hora de voltar para o apartamento, um escrúpulo retém você: onde entregará ao sem-teto o que lhe prometeu? O melhor lugar, sem dúvida, é o elevador do edifício da mulher. Quase ninguém o usa, e ali eles não correrão o risco de serem vistos. Momir é desconfiado, um gato de rua, e vacila antes de segui-lo.

— Já tudo? — pergunta.

— Tudo. Mas ainda temos alguns pontos por esclarecer — você lhe indica por gestos.

Enquanto o elevador vai do térreo até o último e volta, você entrega nas mãos de Momir o passaporte da companheira e a passagem em seu nome: Witold Wikiewicz, é como ele se chamará a partir de agora. O fedor do sem-teto é insuportável: quem sabe por quanto tempo ficará pairando no elevador, denso, tóxico. Suas mãos calosas têm camadas geológicas de sujeira. Você deveria se acostumar à pestilência. Esta noite, conviverá com ela durante algumas horas.

Momir se inquieta ao receber os documentos. O passaporte para uma e a passagem para o outro são inúteis por si sós. O trato não era esse, diz ele, ou você supõe que diz. Todos os tratos são como esse, você lhe responde: o resto eu lhe dou quando você cumprir com a sua parte.

— Como posso ter certeza? — ele replica em sua meia-língua.

— Agora estou lhe entregando muito em troca de nada — você lhe diz. — O que você tem nas mãos vale dez mil dólares.

É a prova de que confio em você. O mínimo que você pode fazer é confiar em mim.

Todas as esperas são mais longas que o tempo real, mas a dessa tarde lhe parece interminável. Às sete horas da noite, as ruas já estão vazias e se levanta um vento de tempestade. De quando em quando, você recorre aos celulares para seguir os passos de seus personagens. O vice-presidente renunciou — conta Enzo —, tal como você previa, e Remis continua lá com ele, na casa onde está preparando uma última declaração contra os corruptos. O clima é de tristeza e derrota: o presidente, como de costume, titubeou em face da renúncia de seu escudeiro: primeiro a recusa, depois lhe oferece cargos, embaixadas, o controle do Serviço de Inteligência, e por fim se resigna a que o abandone.

Quero que essa mulher volte ao jornal não antes das nove, ordena a Maestro. Quero que ela escreva uma crônica detalhada de tudo o que viu: um artigo não-assinado para o qual você reservará três colunas na terceira página. Mas antes, assim que ela chegar, Sicardi a chamará para recriminá-la pela troca escusa que fez com a Fleet Air, preparando o terreno para a demissão.

Não seria melhor esperarmos mais um pouco?, pergunta Enzo.

Do jeito que o país vai, mandá-la embora seria um desperdício de talento. Você nunca vai mudar, Maestro, responde-lhe. Vai passar a vida inteira protegendo os corruptos e os traidores.

Embora na janela em frente só haja escuridão e vazio, você vai com frequência até o telescópio Bushnell e ajusta sua posição.

Torna a escutar o "Quarteto em Ré maior" de Franck, mas» de repente, quando de novo irrompe o scherzo, seu humor passa da melancolia para a tragédia: agora se deixa envolver pela "Grande fuga" de Beethoven, cujas variações e ritmos matemáticos você salmodia tantas vezes que já não saberia dizer se a música se entranhou em sua memória ou se ela nasce de você nesta noite em que tudo lhe pertence, Camargo.

Nem Deus poderia tirar dos trilhos tantos destinos como os que estão agora em suas mãos.

Num último telefonema a Maestro, você sabe que a mulher já deixou o jornal, sem dúvida a caminho de seu apartamento.

Por volta das dez horas, enquanto dava os últimos retoques a seu artigo — "Um trabalho impecável, Camargo.

Permita que Remis fique mais um tempo: deixe eu lhe dar uma segunda chance" —, ela pediu comida pronta. Depois, enquanto esperava a aprovação de Maestro, chamou um táxi.

Disse que ia à rua Reconquista. É onde ela mora, não?

Você a verá chegar a qualquer momento: abatida pelas tensões do Longo dia, mas impaciente pelo encontro com seu amante. Faltam apenas 72 horas, deve estar pensando. Setenta e duas horas: você torcerá o pescoço desse desejo, quebrará suas pernas e vazará seus olhos.

Faz tempo que Momir e a mulher montaram seu ninho sob a sacada curva da tinturaria. Fingem dormir, mas você duvida que o façam: eles também puseram seu destino em suas mãos. Se o homem fizer tudo exatamente como você disser, amanhã a esta hora já estará voando com a mulher desdentada rumo a Belgrado.

Tudo acontece tal como você previu. A realidade nunca o desobedece, mas ela tem repentes que você deve prevenir.

Se alguma rebeldia despontar em Momir, você já sabe como remediá-la: sob a manga de seu paletó, presa a um elástico, você tem uma navalha infalível ao alcance da mão. É melhor ele não tentar nada, porque o matará sem dó. Ninguém dará por falta dele, e a escória que o acompanha pensará duas vezes antes de fazer barulho.

O mesmo vale para a mulher da frente: você não lhe deixou margem para defesa. Seu destino está selado, e nada o mudará.

Pelo telescópio, vê os movimentos dela como que obedecerem ao roteiro escrito por você. Despe-se com aquela morosidade de gueixa que ainda acende seu desejo, tira os sapatos, a saia e, muito puta, começa a se espreguiçar com sensualidade diante do espelho. Dá um salto inesperado, abre a geladeira e bebe um longo gole da caixa de suco que esrava aberta, onde você misturou quase três gramas de fenobarbital. Talvez tenha sentido alguma aspereza no paladar, porque você a vê examinar com desconfiança a data de validade no topo da caixa e jogá-la no lixo.

Ao invadir a corrente sanguínea, a droga faz a sede aumentar.

Ela abre a caixa de suco de maçã, enche um copo, observa à contraluz a transparência do líquido e, por fim satisfeita, bebe com avidez. O efeito do fenobarbital é mais rápido agora que da vez anterior. A mulher cambaleia, vai até a cama e despenca nela com a blusa posta. Ainda semi-acordada, vacila. Tenta ir até o computador que está a poucos passos, talvez porque espera uma mensagem do amante, mas seus músculos se entorpecem e perdem a força. Agora vai dormir um ou dois dias, sem controle sobre os nervos e os esfíncteres. Quando tudo acabar,

antes de sair dali, você a obrigará a beber um copo de água, para que não desidrate. Se o vomitar, não será culpa sua.

Antes mesmo de atravessar a rua, ainda no hall de seu prédio, você vê que a companheira de Momir está à espreita, com os incisivos afiados. "Njegov passaporte" diz ela, imperativa.

Deve querer ver o documento de seu amigo, mas você não vai mostrá-lo. Suas unhas são compridas, afiadas. Poderia arrebatá-lo de você. "Kasnije" você lhe responde: mais tarde.

Vou cumprir a minha parte no trato, dá-lhe a entender. Serei implacável se seu amigo não cumprir a dele. Chamarei a polícia, diz: farei com que vocês dois apodreçam na prisão.

"U redu", admite a mulher por fim. "De acordo." Desdenhosa, vira as costas para você e acorda Momir com delicadeza.

Você não pode saber se ele está lúcido ou sob o efeito de alguma droga quando entram no apartamento da mulher.

No elevador, moveu-se com lerdeza, ainda enredado nas teias do sono. Depois, quando atravessam o curto corredor de acesso, a luz lhe fere os olhos e, quando levanta as mãos para cobri-los, você vê que está com as pupilas dilatadas. Você várias vezes lhe pediu encarecidamente que se mantivesse ágil e alerta para a missão dessa noite. Ordenou-lhe que não bebesse e, se possível, que tampouco enchesse o estômago com o lixo que servem nos abrigos de caridade. E ainda lhe disse; "Quando tudo acabar, você poderá fazer o que bem entender, Momir. Poderá se fartar de álcool, de cocaína. Vai ser dono do seu corpo. Mas só por uma vez, só por essa noite, vou precisar do que ainda lhe resta de inteligência, de força, de saúde." O que você lhe pediu é apenas uma migalha de sua perdição: um brotamento de sua indecência, da vida que ele mesmo pôs a perder. E, em troca, você lhe ofereceu a volta para casa. É uma coisa que não se mede em passaportes nem em passagens e sim em algo muito mais sutil: em sentimentos perdidos que caem dentro do ser tal como foram alguma vez, tão nítidos como esses desenhos que aparecem nos cadernos quando os meninos vão umedecendo os contornos com seus dedos. Qualquer outro homem pagaria para fazer esse serviço, e você se enfurece quando lembra a hostilidade com que a sem-teto exigiu sua parte. Njegov pasos, passaporte, que audácia. Se não fosse porque, na verdade, também a você convém que os dois desapareçam, deixaria essa escória esperando. E tudo para agora ver o pouco que Momir se preocupou em obedecer às suas ordens: move-se pesadamente, com os sentidos mortos. Os seres como ele deveriam ser varridos da terra: usados para a servidão e em seguida eliminados. Vêm à sua memória os últimos versos de um poema de Luis Cernuda, que talvez tenham nascido de uma indignação gêmea da sua: "Um dia você desejou / que a humanidade tivesse uma

só cabeça, para poder cortá-la. / Talvez seja exagero; que fosse apenas uma barata, para esmagá-la."

Sua vontade é acabar com Momir, mas ainda precisa dele.

Embora você já tenha cansado de lhe explicar o que ele deve fazer, volta a repeti-lo agora, por gestos, enquanto tira a roupa da mulher e a expõe à sua lascívia.

Não tem nenhum trabalho em tirar-lhe a blusa e as meias e pendurá-las com cuidado numa cadeira. O sutiã tem um par de presilhas que se abrem com facilidade. Você volta a observar os peitos miúdos, inconsistentes, sem que desatem dentro de você a felicidade de outras vezes. Tornaram-se peçonhentos e perversos desde que os dedos do outro homem os macularam, e já não significam a mesma coisa. É estranho como algo que você ama pode inverter por completo, e de maneira súbita, o sentido que seu desejo lhe dava. Ao despojá-la da calcinha, nota que a mulher se depilou nesse mesmo dia: ainda se vê uma leve irritação nas virilhas, contornando os pelos do púbis. Onde ela arranjou tempo para isso? Tratou de impor-lhe um ritmo de trabalho insano, para que tivesse ocupado cada minuto do dia, e, no entanto, ali está a prova: conseguiu escapular. Você tem que reprovar Maestro por esse deslize. Se ela vem cuidando da aparência com tanto detalhe, é porque está obcecada pelo amante. Quem sabe as coisas que ela faz para seduzi-lo, a que classe de prazeres se entrega depois de tê-los negado a você.

Momir nem se abala diante dessa nudez que tantas vezes lhe tirou o fôlego, Camargo. Ele continua ali, de pé, com a boca aberta e os olhos em lugar nenhum. Isso indigna você.

Ah, como tudo o indigna. Você a imagina nos braços do imbecil que se fartou dela na selva, em Caracas e em Temuco: bebendo-a, devorando-a, entrando em seu corpo como bem quis. Já que a mulher o traiu com esse sexo que agora está aí inerte, você não permitirá que nada nela fique sem manchar nem ferir, nada desse sangue sem infectar. Ela por acaso teve alguma compaixão ao infectar sua alma? Que é que você está esperando, então? Leva as mãos de Momir até os peitos da mulher e lhe ordena que os acaricie. Assim, assim, devagar, os mamilos, você lhe diz. E, já cansado de tantos rodeios inúteis, você lhe indica por gestos que também tire a roupa.

Com uma indiferença que você não esperava., Momir se livra de seus farrapos. O fedor inunda o quarto. A mulher, sem dúvida, não o excita. Tenta dizer alguma coisa, mas emite apenas um balbúcio triste, impróprio de sua rudeza: Meni je tesko, ali znam da je tebi teze. Vai dar para trás agora?, você lhe pergunta. Não, responde ele em sua Língua precária: isto é difícil para mim, mas sei que é mais difícil ainda para você.

Você queria que tudo já tivesse acabado. Não vai ouvir nem mais uma palavra, não vai aplacar nenhum escrúpulo desse homem. Você imaginava que iria vigiar passo a passo tudo o que Momir fizesse, mas até a curiosidade já se desprende do seu ser, ou o ser se desprende da curiosidade. Fecha-se no armário onde estão as roupas da mulher, Camargo, deixa-se cair entre a suavidade de suas lingerie, o perfume acre de suas botas de montar, aspira seus sapatos, suas meias, o fresco cheiro de tarde dos seus lençóis, vai-se apossando de todos os rastros de sua aparência, já que ela lhe fechou as portas de seu corpo. Mas existe um corpo agora? Alguma vez essa mulher teve um corpo? Você ouve os gritos de Momir e não pode suportá-los. Ouve seus rugidos de besta ferida, desesperada, e nem sequer o súbito silêncio lhe traz alguma calma. Você tirou muitos destinos de lugar, Camargo, mas o seu é o único que continua imóvel.

Agora, na rua, a desdentada examina os passaportes e se declara satisfeita. Momir se jogou no ninho de papelões, macilento, como um pássaro sem penas. Sua camisa tem manchas de sangue em volta do pescoço, e a mulher lhe faz algumas perguntas em tom imperioso — quase diria injurioso —, das quais você só entende umas poucas palavras. Ela parece dizer: por que você não tomou cuidado? Não lhe avisou que está doente? Ao que Momir responde: "Gospodin Cro quis assim.

A doença não importa." A desdentada levanta o punho e, por um momento, você teme que comece a bater em seu companheiro.

Está possessa, talvez enciumada. Como você jogou as passagens e o dinheiro sobre os papelões, indica-lhe, por gestos, que, se não tomar cuidado, o vento pode arrebatá-lhe os papéis. Sopram rajadas de ar gelado e o céu mudou para o cinza, para o vermelho: é tanta a sua espessura que pode desabar a qualquer momento. "Uhvati ti infekciju", berra a desdentada.

"Antibiotike." E, de repente, você percebe que não é com o companheiro que ela está preocupada, e sim com a mulher que acabam de deixar alguns andares acima, em sua cama de tormento, sobre os lençóis ensanguentados pelas chagas do cancro.

Durante semanas, Momir o chamou de "Gospodin Cro"

que significa — você tem quase certeza — "doutor Cro", porque foi assim que você se apresentou, com esse monossílabo de sapo. Mas a desdentada, que sempre evitou você com uma desconfiança tenaz, agora o encara como se nunca o tivesse visto, como se lhe inspirasse horror, como se se negasse a ouvir seu nome. "Ko ste vi?" pergunta com sanha. Cada uma dessas palavras parece um cão preparando o bote contra sua garganta. "Quem é o senhor, por Deus?"

Não seria tão fácil livrar-se da mulher.

Ao deitar de volta em seu catre monacal da rua Reconquista, Camargo pensou que tinha exorcizado para sempre a traição e a ingratidão de Reina. No entanto, não conseguia relaxar. Como, por um instante, ela ousara imaginar que poderia abandonar um homem

como ele? Com que direito essa merdinha pretendia dar-lhe lições de desgraça? Levantava-se a cada momento, ora para ir ao banheiro e voltar a examinar a glândula, caso aparecesse alguma mancha, ora para espiar pela janela.

Às vezes, quando já não aguentava mais a tensão dos últimos dias, Camargo fechava os olhos, crente de que o cansaço o derrotaria. Mas a ansiedade era sempre mais forte. Rondava o telescópio Buslmell, resistindo à tentação de olhar, mas acabava cedendo: o que se passava na janela em frente era um ímã mais poderoso que seu desinteresse por tudo que não fosse ele. Mas o que se passava ali por acaso não era ele também — sua construção, sua decisão, seu destino?

A indecisa luz: da madrugada embaçava as formas e não era nada fácil ajustar o foco. Pelo que podia distinguir, a mulher continuava dormindo numa posição mortificante para suas vértebras: com o pescoço virado para um lado, quase tocando o ombro, e as costas arqueadas, como se tivesse passado muito tempo deitada sobre um travesseiro que depois alguém tivesse tirado. Perto dos quadris, os lençóis estavam manchados de sangue. Devia ser das pústulas que estouraram na virilha de Momir. Não a tratei mal, justificou-se. Não bati nela. Só fiz o que o senhor me pediu, Gospodin Cro.

Quanto a você, Camargo, tem certeza de que ali não ficou nenhum rastro seu. Como na noite da filmagem, também desta vez você esvaziou as caixas de suco na pia da cozinha, deixando a água correr por um bom tempo, e pôs os vasilhames num saco que depois jogou na rua. Mas o sangue não podia ser eliminado. Que a mulher imaginasse o que quisesse. Você tampouco se importou de que Momir usasse as toalhas do banheiro para se limpar. Quem poderia identificar o vagabundo Witold Witkiewicz, cidadão polonês que dentro de três horas embarcaria para Santiago do Chile, como o indigente que atacou uma jornalista famosa? Era improvável que a mulher denunciasse o fato à polícia. Nem sequer poderia estar certa de ter sofrido um estupro. Não tinha visto ninguém. Talvez até se sentisse culpada. Tinha esquecido de passar o trinco na porta e chamar um chaveiro para que instalasse uma trava de segurança, tal como Sicardi lhe aconselhara. Iria ao médico: isso era previsível. Os exames de sangue revelariam que estava infectada. E então, como ela faria para contá-lo ao amante?

E ele, o que faria? Se Camargo estivesse no lugar desse homem, ouviria a história com desconfiança. Era absurdo levar a sério uma mulher que se despia diante de uma janela sem cortinas, expondo-se a olhares intrusos, e que balançava o corpo de maneira provocante. Pode-se confiar numa mulher assim?

Camargo baniu essas suposições de sua mente porque ele estava acima de qualquer suspeita. Assistira várias vezes a um filme de Elio Petri que tinha um título parecido, *Indagine su un cittadino al di sopra di ogni sospetto*, em que um policial fascista assassinava a amante e confundia os colegas plantando pistas falsas: uma dessas obras-primas da inteligência criminal em que todos os fatos se encaixam, quase que por si mesmos, de tal maneira que levam a imaginar a vítima como o único culpado. Mas o personagem, que no filme era vivido por Gian Maria Volonté, carecia do refinamento intelectual de Camargo e cometia erros fatais de arrogância, talvez por representar um regime autoritário e confiar em sua proteção. Camargo, ao contrário, bastava a si mesmo: estava acima de qualquer suspeita e também acima de qualquer autoridade.

A mulher continuava respirando num ritmo normal. Tinha a boca mais aberta que de costume, talvez porque o ar do quarto estava viciado. De vez em quando, tentava mudar de posição, e isso o tranquilizava. Antes de sair, ele a obrigara a beber um copo de água, segurando-lhe a cabeça com as luvas de borracha que usara o tempo todo, e não via sinais de que tivesse vomitado. Sem dúvida, o telefone tocara muitas vezes ao longo da manhã, mas ela não teria consciência suficiente para ouvi-lo. Ligaria Sicardi, para repreendê-la por não ter comparecido a reunião dos editores, e depois Maestro, pedindo-lhe que cobrisse as duas novas renúncias que nessa manhã tinham sacudido a frágil árvore dos ministérios. Em vão, em vão. Pensariam que, ofendida pelas recriminações de Sícardi, decidira antecipar a viagem ao Rio.

Também a mãe lhe telefonaria, pensou Camargo, e> ao não encontrá-la, deixaria uma lista daquelas recomendações inúteis que a mulher lhe permitira escutar uma vez; não saia sem agasalho — sempre o repetia» mesmo no verão —, não vá dormir tarde, ponha a bolsa cruzada sobre o peito, filha, pois você vive andando sozinha por essas ruas de noite, e já viu como Buenos Aires ficou perigosa. Telefonaria o amante, estranhando que não respondesse a seus e-mails. E você também, Camargo, estava ansioso por ouvir sua voz, mesmo sabendo que ela não atenderia: queria escutar sua mensagem gravada, suas instruções concisas. Mas, e se a mulher morresse? Se, quando a mulher morresse, rastreassem todas as ligações?

Camargo espantou-se com a quantidade de horas que podia ficar imóvel diante do telescópio sem sentir a passagem do tempo. Às vezes sentia câibras nas pernas e formigamento nos dedos. Mudava de posição, sem afastar os olhos da lente, e

persistia. Pensava que, se afrouxasse a vigilância da mulher, ela pararia de respirar. Isso já lhe acontecera mais de uma vez: ao prestar atenção em alguém, na rua ou no teatro, sentia que essa pessoa passava a depender de seu olhar. Se, por acaso, ele se distraía, a pessoa sempre sofria algum acidente: batia a cabeça, ou tropeçava e caía, ou era atropelada por um automóvel.

Agora ele não podia parar de olhar a mulher, não apenas porque desejava que sobrevivesse — do contrário, o castigo que lhe infligira não serviria de nada —, mas porque a mulher e sua atenção tinham-se fundido a tal ponto que era difícil distinguir uma da outra: entre as duas havia um cordão umbilical do qual talvez dependesse toda a realidade. Se parasse de olhá-la, não apenas ela ficaria fora da ordem das coisas, mas tudo em volta e talvez ele mesmo. Todas as coisas que perdemos na vida só se perdem porque nós queremos ou porque as coisas querem perder-se e afastar-se de nós. Para nosso consolo, ensinam-nos que as perdas são involuntárias, mas elas nunca são. Buscamos na realidade aquilo que já se retirou dela, pensou Camargo, e também aquilo que nunca se poderia encontrar nela.

Seus olhos eram abelhas operárias que, para continuar vivendo, deviam alimentar sem descanso a rainha da colmeia.

Não queria ser interrompido por nada. Tinha desligado os celulares e só voltaria a ligá-los ao meio-dia, quando a ausência da mulher começasse a chamar a atenção. A rua, embaixo, estava saturada de pessoas desagradáveis, quase todas do sexo masculino, que passavam apressadas de um lado para outro sem pertencer a lugar nenhum. Camargo sentiu que, se qualquer um deles desmanchasse no ar, a vida dos demais não mudaria em nada. Todos eles poderiam desaparecer, que a realidade continuaria intacta, porque naquele momento os dois únicos seres imprescindíveis eram ele e a mulher da frente, ligados pelas ondas magnéticas de seu olhar.

No celular do jornal acumulavam-se 15 recados de Enzo Maestro. Podia apostar que todos eram consultas sobre o tratamento que deviam dar à crise ministerial. Quando lhe telefonou, porém, seu tom sombrio o fez pensar em algo pior.

— Por que você não atendia? — disse Maestro. — Estamos procurando você há horas por toda parte. Sicardi foi até San Isidro, e sua empregada disse que você não apareceu por lá durante toda a semana.

— Eu avisei que estaria fora do ar. Será que nesse jornal nunca vão aprender a errar por conta própria?

— Não é o jornal, Camargo. É sua filha.

— Brenda ligou de novo para você?

— Esta madrugada, por volta das duas horas. Ângela morreu a meia-noite. Brenda não conseguia achar você, não sabia o que fazer. Me deu a impressão de que estava desesperada.

Perguntou se podiam enterrar sua filha à tarde, mas eu lhe disse que você não conseguiria chegar a tempo, Vão esperar você até amanhã de manhã. Sicardi já reservou seu bilhete: você parte hoje à noite e às seis da manhã vai estar em Chicago.

Sinto muito, Camargo. Todos aqui estamos desolados.

As imagens de Ângela cruzaram por sua mente como uma rajada. Você a viu pela última vez oito meses atrás, ou seriam nove?, mas não consegue recuperar quase nenhuma lembrança desse dia. Evoca a si mesmo caminhando pelos corredores infundáveis do aeroporto O'Hare, em Chicago, e pelos do hospital, procurando o quarto onde Ângela tornara a cair prostrada, depois de uma fugaz ilusão de melhora. Mas a memória da visita tinha evaporado. Não pôde nem sequer acariciar as mãos da doente, inflamadas pelas agulhas do soro, mas talvez lhe tenha dado um beijo na testa. Isso foi tudo? Era mais fácil recuperar a imagem feliz da infância de Ângela» quando se sentavam juntos ao piano, e ele, Camargo, fingia tocar "Pour Elise", sem ter a menor ideia de como fazê-lo, só para que a filha o afastasse do teclado e o corrigisse: "Não, papai, não é assim. Olhe para os meus dedos. Viu? É a coisa mais fácil do mundo." É mais fácil morrer do que viver, não é Ângela? É mais seguro não nascer que existir. Na existência sempre existe uma lembrança, por mínima e fugaz que seja, e essa lembrança sempre fará de nós um outro ser, uma outra coisa. É impossível livrar-se das lembranças como quem tira uma camisa, e por isso você nunca quer lembrar nada, Camargo: para que as lembranças não o modifiquem nem o impeçam de ser quem é. Para que eles querem que você vá ver o corpo morto de sua filha? Fazia meses que Ângela estava de cama e devia ter emagrecido muito.

"Está pesando só 23 quilos, papai: parece um passarinho", disse-lhe Diana. Se a recordasse assim, exangue, você seria apanhado pela fixidez invencível dessa imagem, e todas as demais se apagariam.

Cada vida deixa uma lembrança, apenas uma, e Camargo preferia conservar as que já estavam nele, sem acrescentar uma nova que, de resto, podia ser terrível.

— Por acaso eu mandei alguém comprar uma passagem?

— disse. — Diga a Sicardi que a devolva agora mesmo.

— Você não vai, então — admitiu Maestro, — Não. Vou depois, quando tudo já tiver passado.

— Aí, onde está, você precisa de alguma coisa?

— Não. Queria falar com a Diana, mas vou tropeçar com a Brenda.

— Eu posso dar um jeito. Posso dizer a Brenda que você sofreu uma crise nervosa e que o médico o proibiu de viajar.

Posso pedir para falar com Diana e transferir a ligação para o seu celular. Está bom assim?

— Está. Não sei. Não estou em condições de pensar nisso agora.

Enquanto a mulher não acordasse, ele não poderia se afastar dali: essa era sua maior desgraça, sua tragédia. Na sala da rua Reconquista havia garrafas de uísque, queijo e biscoitos, mas ele não tinha sede nem outro desejo senão aproximar os olhos à lente do telescópio e espreitar a respiração da mulher: inspirar, expirar, inspirar, expirar. Às vezes notava que suas narinas se abriam um pouco mais, um pouco quase imperceptível que talvez respondesse a um suspiro. Tentava verificá-lo observando o peito, que também devia se expandir, mas, ao atentar a um movimento, ele perdia o outro: eram transformações muito sutis, que se confundiam com a distância. Durante todo esse tempo sentia a tentação de atravessar a rua e sentar-se junto à cama da mulher, para poder concentrar-se melhor nela e dar-lhe um pouco de água de vez em quando, mas não podia correr o risco de que ela de repente acordasse e, ao vê-lo, descobrisse tudo. Ao mesmo tempo, temia que, ao rápido trânsito de um prédio ao outro, alguém o reconhecesse.

Se ao menos soubesse quanto duraria o efeito do fenobarbital, ficaria mais tranquilo. Não teria exagerado na dose? Talvez a mulher tivesse entrado em coma e nunca mais acordasse. De repente, sentiu terror. Ele não era um criminoso. Não queria fazer-lhe mais mal do que ela merecia. Talvez devesse procurar um telefone público e fazer uma denúncia anônima. Mas, nesse caso, a mulher jazendo entre manchas de sangue logo daria lugar a um escândalo policial.

Pouco depois do meio-dia, Maestro lhe telefonou para dizer que não conseguiam falar com Diana. Os médicos lhe deram sedativos, e agora estava dormindo.

— Sinto ter que lhe levar mais um problema, Camargo, mas Remis voltou a faltar.

— Deve estar fazendo doce. Vai ver que se melindrou com as recriminações do Sicardi. Você sabe como são as mulheres.

— Eu não quero me meter, mas aconteceu alguma coisa entre vocês dois? Eu cheguei a pensar que acabariam se casando.

— Você não disse que não queria se meter? É a melhor coisa que tem a fazer.

— Eu sou seu amigo, Camargo. Sou a coisa mais parecida a um amigo que você pode ter.

— Que é que você quer dizer com isso?

— Que sou leal e digo tudo o que penso. Você está exagerando com essa garota. Ela errou, eu sei. Fez a Fleet Air arcar com sua viagem a Caracas. Mas não é nada do outro mundo. Só queria conseguir um documento, e o conseguiu. E não foi para vendê-lo a outro jornal. Era para nós. Não podemos mandá-la embora por causa de uma coisa dessas, que todo mundo faz.

Você quer que ela acabe no Herald! Antes que pense em bater na porta deles, estarão esperando com um tapete vermelho.

— Não volte a me encher o saco com essa história, Maestro, ou corto a sua cabeça também. Eu sou um homem de princípios. Por acaso você alguma vez soube o que isso quer dizer? Não suporto a corrupção. Não suporto a mentira. Onde ela está agora, me diga? Essa mulher pensa que o jornal é dela.

Faz o que lhe dá na telha. Viaja para Caracas, para o Rio, liga para Karachi, para Moçambique, para a puta que o pariu dos telefones que eu pago, E depois desaparece quando bem entende.

Cansei. Ninguém vai contratá-la no Herald, pode ficar sossegado. Vou cuidar disso pessoalmente.

Desligou com alívio. A vida lhe parecia reta e simples.

Quanto mais ele falava, com os olhos fixos no corpo tenso e nu da mulher, mais certeza tinha de sua razão. Se pudesse ter contado a Maestro os detalhes da história, ele sem dúvida o entenderia. Mas também Maestro estava enredado numa trama de aparências e confusões. Ele não testemunhara o início da relação, por exemplo, a época em que a mulher era ninguém e ele a educara lentamente num ofício onde tudo a desnor-teava: o mistério dos títulos, o cortejo das fontes, o minueto dos adjetivos e da sintaxe. Ela não sabia a diferença entre o rumor e a verdade, Maestro: não sabia discernir qual era a melhor entre duas verdades que pareciam dizer a mesma coisa.

Bastou que Camargo lhe abrisse os braços, para que ela se agarrasse a ele como uma trepadeira. Copiou até seu jeito de respirar, anotando num caderno as ideias que ele descartava e as frases que deixava inacabadas, tudo para desentranhar que saberes distinguiam um jornalista genial de um medíocre.

Camargo sentia-se lisonjeado por ver que alguém lhe prestava tanta atenção, e falava, falava, sem se dar conta de que, quanto mais conhecimento lhe cedesse, menos ela precisaria dele.

Levou-a para passear pelas ruas de Steglitz, perto de Berlim, onde Franz Kafka passou os meses mais felizes de sua vida junto a Dora Diamant, pouco antes de morrer. "Terminei a obra e acho que ficou boa", recitava Camargo era alemão, repetindo as primeiras linhas do conto que Kafka escrevera no número 2526 da rua Heide, "sobre uma mesa junto ao aquecedor, à luz de um lampião de petróleo que arde maravilhosamente". Kafka imaginava que, ao ir para Berlim — isso foi em setembro de 1923 —, estava se afastando das "forças demoníacas", quando, na verdade, era o movimento inverso: os demônios — ou "o inimigo", como ele o chamava — tinham urdido um cerco de galerias subterrâneas e ali, em Berlim, iam-se aproximando mais e mais) traçando, eles também, um labirinto gêmeo ao de sua vida, como se narra nesse penúltimo conto, "A construção". A mulher ouvia-o

em êxtase e depois, nos trens em que percorriam a Europa de ponta a ponta, lia os outros textos que Kafka havia rascunhado pouco antes do final, enquanto Camargo recitava em alemão, de cor, o começo e o final de "Josefina, a cantora", que era o último e o mais comovedor de todos.

Fez questão de levá-la até Amherst, Massachusetts, para que visse a casa e a mesa mínima onde a solteirona Emily Dickinson escrevera alguns dos melhores poemas do século XIX, isolada do mundo, numa comunidade de pouco mais de quatro mil habitantes, sabe lá o que é isso, Reina? E, ao pegar a Rota 116, quase chegando a Amherst, recitou-lhe alguns dos versos com que essa mulher tímida, doente de nefrite, mudara para sempre a ordem dos sentimentos: "Por que a pressa — por quê, de verdade? *Aonde quer que nós formos* Sempre nos acossará / A imortalidade."

Numa noite de primavera, ele a convidou para jantar em um restaurante do Picadilly junto com os escritores ingleses com que ele, Camargo, forjara uma amizade laboriosa.

Reuniu Kazuo Ishiguro, Martin Amis, Ian McEwan e Julian Barnes, depois de vencer o receio de alguns deles em partilhar mesa com colegas que havia anos nem sequer cumprimentavam.

No final de uma conversa animada, durante a qual Reina não abriu a boca, ela os importunou pedindo seus telefones pessoais e endereços eletrônicos, com um atrevimento que envergonhou o anfitrião.

Trepava como uma deusa, isso era verdade, e conseguia que Camargo acreditasse, quando iam para a cama, que seu corpo era jovem e insuperável. As vezes ele ia ao banheiro depois das selvagens sessões de amor, nas quais ela gemia sem parar, e, ao ver-se no espelho com o canto do olho, tinha a impressão de que seu abdome enrijecera e que as costas encurvadas, que o obrigavam a andar de cabeça baixa, como um velho, tinham endireitado, em harmonia com o pescoço de touro. Nem sequer nos momentos de êxtase a mulher lhe dizia que o amava. Emitia sons que denotavam prazer, como "vai, vai", "assim" ou "agora", mas raras vezes o olhava. Somente uma noite, em San Isidro, deitara a cabeça sobre seu peito e lhe pedira que a acariciasse.

— Camargo? — disse-lhe.

— Que foi? — respondeu ele, distraído.

— Não sei por que para mim é tão difícil amar.

— Mas você me ama.

— Amo. Você é a única pessoa que eu amo.

Poucos dias depois, ela viajou para a zona desmilitarizada, na Colômbia, e, depois disso, nada voltou a ser como antes.

O idiota a quem ela se entregara com tanta ligeireza, na selva, fez rápidos estragos em tudo aquilo que Camargo demorara anos para lhe ensinar. Fez de Reina uma pessoa de moralidade desorientada: isto é, uma pessoa cuja única moral era o desejo do outro. O tempo todo, a única coisa que ela queria era voltar para os braços do outro, a tal ponto que seu eixo de gravidade deixou de estar nela mesma para situar-se onde o amante resolvesse: em Terauco, em Caracas, no Rio. Era capaz de qualquer extremo de humilhação para estar perto dele, e Camargo achava que essas debilidades eram uma afronta ao amor que lhe professara. Maestro jamais poderia entender o tamanho dessa traição nem a justiça com que Camargo a vingara. Se conhecesse ao menos um lance dessa história» Maestro não a defenderia. Ninguém defende aqueles que querem se perder.

Quando o celular tocou, às sete horas da noite, já nem se lembrava que Diana ia lhe telefonar. A mulher continuava na mesma posição: só uma vez tinha dobrado a perna direita, aproximando-a do abdome. Assim que ouviu a voz de Camargo, a filha desatou a chorar. Ele procurava alguma frase de consolo, mas não achava nenhuma.

— Queria estar com você agora, papai — disse Diana. — Queria estar aí e aqui.

— Não fique triste — disse ele.

— Já não fico triste. Depois de tudo o que a Ângela sofreu, o fim foi quase um alívio.

— Você tem voz de mulher. Deve ter crescido muito nos últimos dias.

— Cresci. E entendo por que você não pôde vir. Entendo tudo.

— Obrigado — disse ele. — Você é uma grande garota.

É a melhor filha que alguém pode ter.

— Sabe de uma coisa? Agora...

Ele não ouviu mais nada. O corpo da mulher estremeceu e começou a se debater, como se um mar em fúria a sacudisse por dentro. Tinha os olhos abertos mas estavam estranhamente fixos num ponto situado atrás dela mesma. O ritmo da respiração acelerou. Agitava os braços para atrair o ar, embora talvez já não restasse nenhum no recinto: talvez o enclausuramento tivesse criado somente desespero e vazio. Conseguiu inclinar-se para um lado da cama — justamente o lado oposto à janela, inatingível para seu olhar — e, pela brutalidade dos espasmos, Camargo calculou que estivesse vomitando.

— Preciso desligar, Ângela — balbuciou.

— Que é que você disse, pai? Eu sou Diana, Diana. Qual de nós duas você pensa que morreu?

— Não sei> filha, não sei. Vamos nos falar amanhã, um outro dia.

A mulher voltou a vomitar e tentou se levantar, mas não conseguiu. Nem sequer parecia saber onde estava, e seus tempos deviam ter-se enredado, como os dele. O

passado tornou-se presente ou futuro, a realidade estancou, e ela, a mulher, saíra da febre que já não tem, cobriu-se do sangue que ainda não viu, vai em busca de água: isso a desespera, a sede, a sede, mas o corpo não obedece. Está privada de corpo, exatamente como você queria, Camargo, ela não pode estar em si mesma nem em ninguém. Consegue apenas recostar-se, acender a luz, e isso basta para que a energia perdida volte a fluir nela. O que acaba de ver a aterroriza, você sabe, mas como ela poderá se defender de um terror que já aconteceu, o que ela pode fazer? Você a vê levantar e caminhar agarrada às paredes, aos móveis, cambalear. A qualquer momento suas pernas falharão e cairá de bruços. Mas ela avança, avança até a janela. Você nem precisa olhar através das lentes: a silhueta se distingue com nitidez. É uma figura infernal.

Sabe-se lá como, parte do vômito sujou-lhe os cabelos. Uma expressão de loucura destempera seu olhar. A resistência da janela a transtorna mais ainda. Mesmo assim, luta com desespero.

Você gostaria de telefonar para ela, Camargo. É possível que, ao se descobrir violentada, com manchas de sangue e imundície, perca o controle e faça o que não deve. Mas o destino dela já se move sozinho. Detê-lo não está em suas mãos. Você a vê esmurrar os vidros, lutar com a trava» Levar as mãos à cabeça.

Você tem a impressão de que ela chora, mas essa mulher não chora; não tem mais lágrimas nem entranhas e de nada lhe valeria chorar, porque tampouco tem futuro. Faz força, parece empurrar a parede com o joelho, até que, afinal, a janela cede. As duas folhas se abrem de repente e o vento frio da noite toma-a de surpresa. Seu vulto assoma sobre a rua deserta, onde sacos de lixo se amontoam aqui e ali. Já são oito horas, e em toda essa rua de bancos e casas de câmbio paira um desamparo cruel, que a mulher não percebe. Segura-se à janela como pode, inclina o corpo para fora e grita, com uma ferocidade mais poderosa que seus pulmões:

— Ajuda, por favor! Alguém me ajude!

Ninguém responde. Ninguém passa. Você tampouco vai responder, Camargo, Vai sentar na poltrona, junto ao telescópio, e vai ouvi-la gritar até que volte a desmaiar.

Maestro acaba concordando que não pode mais esperá-la.

Quando, no dia seguinte, Reina torna a faltar à reunião dos editores, Camargo ordena que lhe mandem o telegrama de demissão. Sicardi toma nota das instruções com uma alegria indisfarçável: nunca suportou Remis, e o incomodava profundamente a rapidez com que se aboletara no colo do chefe.

Nessa manhã, seu nariz está em petição de miséria. Brotaram-lhe novos furúnculos em volta das narinas e sobre os lábios.

— Essa mulher mandou algum sinal de vida do Rio de Janeiro?

— pergunta Camargo. — Se é que ela está mesmo no Rio.

— Nada — informa Sicardi. — Ontem ligamos para a casa dela umas cinco ou seis vezes, sempre deixando um recado.

O médico também foi até lá, mas ninguém respondia. Já é a terceira falta sem aviso que registramos.

— Então, vá em frente, Sicardi. E volte aqui depois da reunião para acertarmos os detalhes do caso.

— Permita que nós cuidemos de tudo, doutor — insiste Sicardi, solícito. — Como o senhor vai andar às voltas com essas minúcias, depois da tragédia que lhe aconteceu?

— Não se preocupe comigo. Faça o que eu lhe digo.

O editor de Política está inquieto porque ninguém consegue achar a pista do vice-presidente desde a noite da renúncia.

Desligou os celulares, nega todos os pedidos de entrevistas e nem sequer atende os telefonemas de seus amigos íntimos.

Camargo supõe que ele oculta alguma informação muito grave e que prefere não falar a mentir.

— Remis conseguiria quebrar sua resistência — arrisca Maestro. — Esteve ao lado dele durante todo o dia da crise.

— E talvez ainda continue — diz Camargo, malicioso.

— E depois vá vender tudo o que descobrir para a CNN. Dessa garota a gente pode esperar qualquer coisa.

— Como você é cruel — replica Maestro. — Ela nos deixou plantados, é verdade. Mas já nos deu o que tinha que dar. Para algumas pessoas, a profissão vem depois das felicidades da vida.

— Pessoas, não. Mulheres. Pensam que estão acima dos outros. Elas é que mataram Deus para tomar seu lugar ainda quente.

Camargo usa o resto da manhã para falar com o chefe de redação de El Heraldo e com os diretores dos três semanários que ainda sobrevivem em Buenos Aires. Depois de suportar os untuosos pêsames pela morte de Ângela, informa-lhes que uma das redatoras principais de El Diário, Reina Remis, que todos eles conhecem, foi subornada por uma companhia aérea, talvez também por uma rede de hotéis, e manipulou informações em benefício dessas empresas. Eu a adverti mais de uma vez, diz Camargo com voz sentida, e, mesmo assim, ela reincidiu. Não tive outro remédio senão despedi-la. Tenho certeza de que, mais cedo ou mais tarde, ela vai procurá-los para pedir emprego. Acho que não lhes convém contratá-la, e eu, para ser franco» ficaria muito ofendido se o fizessem, Um dos diretores, que se esmera em ostentar sua insolência, interrompe-o com ironia: Reina Remis? Mas que estranho.

Eu pensei que vocês fossem um casal. Isso só agrava a traição, responde Camargo. Fui generoso demais. Abri para ela um espaço que não merecia. Depois de trair esta empresa, ela pode trair qualquer outra.

Ah, Sicardi. A missão que deverá confiar-lhe agora é vital.

O chefe de pessoal está esperando há mais de dez minutos, em pé, na ante sala de seu gabinete. As secretárias comentam que, ao entrar nas salas da diretoria, Sicardi crava os olhos no chão, como se a importância de ser ele mesmo o oprimisse e não acreditasse na bênção de trabalhar num cargo de tanta confiança.

— Sicardi: vou lhe contar uma coisa que eu não revelaria a ninguém — diz-lhe Camargo. O chefe de pessoal sente que essas palavras bastam para justificar sua vida.

— Pode confiar em mim, D r. Camargo — responde, caindo sem querer na primeira pessoa. — Eu não sou Reina Remis.

— Eu sei. Quero que esta conversa fique para sempre entre nós.

— Não tenha nenhuma dúvida disso.

— Sente-se, homem. Assim é difícil conversar.

— Peço-lhe que nos permita continuar de pé, doutor.

— Fui ameaçado por telefone, Sicardi. Imitaram a voz do Octavio, o diretor do Herald, e, quando atendi, disseram: "Se você se meter com a Remis, vai virar presunto. Um carro pode passar por cima de você ou, quando ligar a televisão, pode dar um curto-circuito."

— Deveríamos procurar a polícia, doutor.

— Para quê? Para que nos façam perder tempo? Não, Sicardi. A melhor coisa seria abrir o correio eletrônico dessa mulher, Remis» e saber com quem ela se corresponde, o que ela diz de nós. Os que me ameaçam devem estar aí.

— Isso é fácil» doutor. Temos as senhas. Essa mulher usa dois provedores de Internet, o do jornal e um que ela contratou por conta própria. Eu tenho a senha dos dois. Sempre tomamos essas precauções.

— Também tem a minha, Sicardi?

— Não nos resta outro remédio, doutor. Poderia acontecer uma emergência, Deus nos livre.

— Então, me dê os dados. Eu mesmo vou olhar as mensagens.

— Peço que aceite uma última sugestão, doutor. No departamento de pessoal temos um revólver Taurus calibre 38, só por precaução, para situações como a que o senhor acaba de nos explicar.

O certificado de compra, o porte em nome dos executivos do Diário: todos esses papéis estão em ordem. Leve a arma, por via das dúvidas. Se o senhor fizer isso, vamos nos sentir mais seguros.

— Obrigado. O senhor é um amigo.

Camargo lhe estende a mão, sedutor, sem calcular o que isso significa para Sicardi. Se a oferecesse para que a beijasse, o chefe de pessoal o faria sem vacilar. Mas estreitá-la é para ele algo inconcebível.

— Desculpe, doutor, que eu me retire assim. Apertar sua mão é uma honra que ainda não mereço.

— Deixe de histórias, homem — diz Camargo.

Mas Sicardi inclina a cabeça e recua até a porta sem virar as costas.

Tal como Camargo previa, Reina não procura a polícia.

Às seis da manhã, liga para a mãe e lhe pede ajuda.

— A esta hora da manhã, filhinha? — ouve-a dizer, em tom de recriminação. — Você sabe que seu pai e eu nunca acordamos antes das nove.

— Preciso de você, mãe. Nunca lhe peço nada.

— É tão grave assim, que você não pode esperar três horas?

Nunca, até agora, pensara que a solidão tem um peso, um centro de gravidade, uma tensão que empurra para o abismo. Agora ela a sente em sua carne e não sabe como tirá-la dali. Poderia telefonar para Germán, mas o que lhe diria?

Que alguém entrou em sua casa de noite, e ela não tem consciência do que aconteceu? Foi estuprada, disso não tem dúvida, e mancharam seus lençóis com sangue, embora não tenha encontrado nenhuma ferida em seu corpo. O que sente, sim, é uma terrível ardência no ventre. Germán perguntará como um ato tão terrível pode não tê-la acordado. Não sei, dirá ela, eu desmaiei. A explicação é inverossímil. De qualquer maneira, terá de ligar para ele. Sabe que seu telefone, em Bogotá, fica longe do quarto, no escritório, e que a essa hora, o máximo que pode fazer é deixar-lhe um recado. Que é que eu vou dizer para ele?, repete-se, Busca frases que não expliquem muito, mas que transmitam, de uma vez, seu desejo imperativo de vê-lo, de refugiar-se em seus braços.

Ele já lhe prometeu uma e mil vezes que voaria para junto dela quando precisasse. "Sempre", disse, "sempre". Reina sorri ao recordar a estranheza dos seus adjetivos: "Que amor danado eu sinto por ti, moça, que amor tenaz." Por que não usar, então, a mesma linguagem? "Meu amor tenaz", diz, assim que lhe abrem passagem os bipes bipes da máquina, "você poderia vir hoje mesmo a Buenos Aires? O quanto antes. Hoje, por favor: no primeiro voo. Não é um capricho, Germán. Não é só porque sinto sua falta. Você é a única pessoa no mundo com que eu posso contar, e aconteceu uma coisa terrível. Responda, responda. Vou passar quase todo o dia em casa, a partir das dez ou onze da manhã. Te amo.

Não sabe o que fazer primeiro: se verificar como a fechadura foi violada, ou procurar um médico. Os hospitais se transformaram em antros de doenças, não de saúde. As salas de emergência estão cheias de feridos, e os que permanecem

conscientes vão drenando aos poucos todo seu dinheiro para comprar gazes, algodão, álcool. Sempre falta alguma coisa, e as esperas são intermináveis.

Os chaveiros estão fechados a esta hora. Só lhe resta, então, a alternativa de telefonar para seu ginecologista. São seis e meia da manhã, ela sabe. As únicas vozes que ouve são as de secretárias eletrônicas que remetem a outro número, e a outro.

É imprudente ligar para a casa dele: o médico a atenderá de mau humor, mas nada lhe importa. Pagará o que for necessário.

Uma das poucas lições úteis que aprendeu com Camargo é que, quando a doença nos atinge, temos que usar todas as economias para detê-la. Camargo, ah, e se ligasse para ele? De que adiantaria? Por acaso não bateu nela, não transformou seus últimos dias no jornal num verdadeiro tormento? Nem em Maestro ela pode confiar: Camargo e ele são duas rodas movidas pela mesma correia de transmissão.

Atenda, doutor, atenda, suplica Reina, até que, por fim, alguém atende. Ela se desfaz em desculpas. Não o incomodaria a essa hora se não se tratasse de uma coisa grave. Grave, o quanto?, pergunta o médico, desconfiado. Fui estuprada na minha própria casa, o senhor pode imaginar o meu estado, o meu pavor?

O homem é escrupuloso: fala como se a voz estivesse com a bata cirúrgica, as luvas anti sépticas e uma máscara que lhe deformasse a voz até o resfriado. Talvez devamos comunicar o caso à polícia, diz-lhe. Ou já fez isso? Doutor, o senhor é a única pessoa em quem eu posso confiar numa emergência como esta. Como me aconselha que eu procure a polícia? O senhor mora em Buenos Aires ou em Oslo? Sabe as coisas que tem.

que passar uma mulher quando apresenta uma queixa como a minha? Na polícia eu não vou. O senhor vai me atender, ou prefere que eu procure outra pessoa? Vá ao laboratório Primus Inter Pares, responde o médico com naturalidade, como se a ira dos pacientes fosse seu elemento. Vou instruí-los por telefone para que lhe façam um exame de sangue e uma drenagem de líquido vaginal. Não poderemos saber hoje mesmo se está infectada, senhorita Remis, mas, num caso como esse, terá de tomar todas as precauções. Observou se tem pediculose? Não, Reina não observou nada. Na verdade, mexeu muito pouco na área dolorida: apenas para ver se estava ferida e para lavar-se com uma esponja. Ela nem sequer sabe o que é pediculose.

Piolhos pubianos, chatos, esclarece o médico. Meu Deus, responde ela, deixe-me ver. Tem alguma coisa, sim, uns pontos se mexendo. Não se preocupe: são insetos parasitas, fáceis de eliminar. Depois dos exames, vá até meu consultório. Estarei esperando a partir das nove. Se quiser que evitemos a polícia, respeitarei sua decisão, mas talvez não seja a mais recomendável.

A senhorita é jornalista, vem publicando denúncias graves no seu jornal. A agressão que sofreu poderia se repetir.

Reina mantém o computador conectado à Internet, à espera de uma mensagem de Germán. As sete e meia, toca o telefone, e ela corre para atendê-lo, batendo um joelho. A voz que ouve a decepciona: é a mãe, desvelada pela culpa.

— Veja o que você conseguiu, Reina — diz. — Desde que ligou, seu pai e eu não pregamos o olho. Você ainda precisa que eu vá aí?

Não, mãe. Já resolvi o problema. Obrigada.

— Viu como não era para tanto?

— Não, não era. Desculpe ter acordado você.

— Pode-se saber o que aconteceu?

— Uma bobagem, mãe. Uma briga no trabalho.

— Se voltar a acontecer, espere um pouco antes de telefonar.

Reina. Você sabe que, quando seu pai e eu dormimos menos de dez horas, passamos o dia feito trapos.

— Já entendi, mãe. E já pedi desculpas.

— Para que ficar acordada, penso eu. Este mundo é só maldade e sofrimento, sofrimento e maldade.

O amanhecer foi um gelo, mas, assim que o sol se levanta, o ar esquenta rapidamente e nada parece como era antes. Para Reina, o sol é sempre um prenúncio de melancolia, não o sinal de que tudo começa e se abre para a vida, mas o contrário: a prova de que tudo acabará em algum momento. Veste-se com lentidão enquanto espera, a cada instante, que toque o telefone. A cada movimento, sente dores nas costas, no pescoço, nas articulações, e não entende por quê. A ardência no púbis é compreensível, mas os outros estragos do corpo não têm razão de ser: não vê sinais de golpes nem hematomas em nenhum lugar. Quando liga a televisão, constata que o dia de hoje não é aquele que pensava. Perdeu 24 horas não sabe como, mergulhou num sono maligno e talvez ainda continue sonhando, talvez nunca mais possa sair da viscosa escuridão em que caiu. Ouve zumbidos num lugar da memória que não consegue encontrar nem evitar, como se uma incessante colmeia se estivesse expandindo dentro dela, trabalhada por milhares de operárias infatigáveis. É a semente de alguma doença que pulsa e cresce, uma feroz abelha rainha que, quanto mais alto voa, mais dolorosa é sua morte.

Bebe copos e mais copos de água, sem conseguir matar a sede. Retarda até as oito e quinze a saída para o laboratório, na esperança de que Germán acorde e retorne seu telefonema, Mas que idiota! Não percebeu que em Bogotá são duas horas mais cedo que em Buenos Aires e que Germán talvez tenha trabalhado até de madrugada. O pior seria, que ele estivesse viajando, mas isso é impossível. Se

Reina não se engana em seus cálculos, já no dia seguinte eles devem se encontrar no Rio, e ele não poderia seguir dois destinos ao mesmo tempo.

A não ser que tenha adiantado a viagem e já esteja no Brasil, esperando por ela, mas, nesse caso, teria ligado para lhe avisar.

A secretária eletrônica não registra nenhum telefonema além dos de Sicardi, recriando-a por não ter ido trabalhar, e uma advertência gentil de Maestro: "Ah, menina, menina, onde você se meteu?".

Tanto o laboratório quanto o ginecologista confirmam seus temores: o homem que a atacou estava infectado por uma infinidade de doenças venéreas. Para saber se, além disso, era soropositivo, terão de esperar de quatro a seis semanas. Mas a praxe, nesses casos, é atacar a doença antes mesmo do diagnóstico.

O médico lhe prescreve o coquetel anti Aids, que Reina deve começar a tomar a partir de agora — agora mesmo, frisa. Trata-se do único tratamento conhecido, ainda que inseguro, contra o HIV.

— Essa bateria de medicamentos pode provocar alguns efeitos adversos — avisa: — anemia, certa ansiedade, um pouco de febre.

— Tenho uma viagem marcada para hoje à noite — diz Reina.

— Nem pensar. Por alguns meses, a senhorita deverá esquecer as viagens. Precisa de alguém a seu lado, para cuidá-la.

O que lhe aconteceu é muito sério.

— Uma pessoa está me esperando no Rio de Janeiro, doutor.

Viajou milhares de quilômetros só para me ver.

— Se essa pessoa foi capaz de ir até o Rio, poderia vir também a Buenos Aires. É bem possível que tenhamos de repetir alguns exames.

— O que pode me acontecer se eu viajar assim mesmo?

— Não sei, não posso adivinhar. A senhorita sofreu uma agressão sexual, praticada por alguém muito doente. Imagine quais podem ser as consequências.

— Quanto tempo vai durar essa história?

— Se tiver sorte, poucos meses.

— Eu nunca tenho sorte. Nesse caso, quanto?

— Talvez a vida inteira.

Ela odeia o apartamento ao qual tem de voltar agora. Odeia os corrimãos cromados das escadas, o elevador silencioso, as paredes pintadas de branco cadavérico, a assepsia, os espelhos.

Odeia o desamparo da rua embaixo e a opressão das noites em que nada acontece afora a desgraça: poderia estar na intempérie da planície, e tudo seria menos insano que nesse núcleo da cidade onde, durante o dia, há uma vida virtual e, à noite, a carga da morte verdadeira. Mas agora não pode partir.

Tampouco tem aonde ir. A mãe lhe diria: como você pode pensar assim, com tudo o que fizemos por você, por sua educação?

Por acaso nossa casa não é sua casa? Há quantos domingos você não vai com seu pai a Longchamps para galopar no alazão que alimentamos e cuidamos só para você? Pensar em voltar para a casa dos pais lhe dá mais medo que a própria doença ou a miséria: deixaria de ser ela mesma, retrocederia ao estado de ninfa, ao convento da obediência, às regras da implacável madre superiora. Sobre a lisura do céu, reinaria um deus único e se acabaria a liberdade de pensar nos messias gêmeos, no mundo criado por um Princípio Feminino e na vitória final dos pobres sobre os poderosos. Sem liberdade, restaria apenas o ressentimento e a amargura, e então ela não seria mais ela, e sim sua mãe. Não. É imperioso voltar para o apartamento que ela tanto odeia, porque ali, ao lado da cama que gostaria de esfaquear e incendiar, está o telefone para o qual Germán vai ligar, se é que ainda não ligou.

A luz da secretária eletrônica indica que não há recados.

Ela leva o fone ao ouvido para ver se a linha está funcionando e liga> impaciente, para o 113, onde uma voz monótona solfeja as respirações do tempo: onze horas, dezesseis minutos, quarenta segundos. O que estará acontecendo? Germán já não devia ter acordado? Teria de insistir. Até dois dias atrás, a comunicação entre eles era fluida e se estabelecia logo na primeira tentativa. Mas agora, mais uma vez, do outro lado da linha ouve-se a máquina irritante. "Amor, amor", lhe diz. Sente um estremecimento recôndito na voz e sussurra, para se acalmar.

"Estou em casa, esperando seu telefonema. Não posso viajar para o Rio. Ouviu bem? Não posso. Você me faria muito feliz se, em vez disso, nos encontrássemos em Buenos Aires. Eu preciso de você. Eu amo você."

Assim que ela desliga, chamam à porta. Que estranho. A solidão nessa casa foi sempre tão perpétua, tão regular, que a campainha a assusta. A única pessoa que a visitou, duas vezes, foi Camargo. Através do olho mágico, distingue um carteiro, com o clássico uniforme azul e o monograma amarelo. Tudo o que ela desconhece parece-lhe agora um presságio de morte.

Não foi só com doenças venéreas que ela foi contaminada duas noites atrás: também com uma paranoia maligna, um instinto de fragilidade do qual ela não sabe como se proteger.

— O que o senhor quer? — pergunta.

— Trago um telegrama — responde uma voz franca, decente.

Mas como saber se não se trata do estuprador que voltou?

— Passe por debaixo da porta.

— A senhora precisa assinar.

— Passe o telegrama, que depois eu assino.

Não existe apenas um céu, e basta que um deles caia para que todos desabem de uma vez. O telegrama, assinado por Sicardi, comunica-lhe que El Diário prescinde de seus serviços a partir da presente data, conforme os artigos tais e tais. Se Reina entendeu bem, está sendo demitida por danos à empresa e faltas reiteradas e sem aviso, o que anula qualquer direito a indenização.

Terá de viver com as entranhas apodrecidas, de braços cruzados, o horizonte desolado. Acabam de deixá-la sem nada, mas, enquanto ela tiver o Germán, terá tudo. Não vai pensar, como a mãe, que é melhor nem acordar, porque o mundo é sofrimento e maldade, maldade e sofrimento. Erguerá a cabeça contra o infortúnio e voltará a ser ela mesma, indestrutível.

Então toca o telefone.

— Que coisa tão terrível te aconteceu, meu amor? Que história é essa de que não podes ir ao Rio?

Reina odeia quando Germán assume esse ar de frivolidade, como agora, que nem de leve se deixou tocar pela angústia de tudo o que já lhe disse. Ela o odeia e também o ama.

— É melhor eu não contar nada por telefone. Preciso de você, como já deve ter ouvido. Quantas vezes vou ter que dizer que preciso de você?

— Não sejas infantil, Reina, íamos nos ver amanhã de manhã no Rio, não é? Eu tenho um trabalho lá que não posso deixar de fazer, e tu também tens uma investigação pendente.

Por que vamos mudar os planos vinte horas antes?

— Germán: eu fui atacada. Aqui, na minha própria casa.

Será que você pode entender isso?

— Estás na tua casa, não no hospital: isso é o que eu entendo.

Se te roubaram, vem para o Rio, que eu compenso com amor tudo o que te levaram. Além do mais, o dano não pode ser tão grave. Tua voz continua linda.

— Estou falando sério, Nunca falei mais sério em toda a minha vida. Estou mal, Germán. Não vou viajar. Não posso.

A voz dele endurece, veloz como uma espada de gelo que se forma num beiral.

— E eu não posso mudar meus planos. Faz dois meses que estou pedindo essa entrevista. Não vão adia-La. E eu também não quero.

— Há sete ou oito vãos diários entre o Rio e Buenos Aires.

São só duas horas de viagem. Você poderia sair amanhã à noite e voltar no dia seguinte, logo cedo. Isso resolve o problema, não?

— Não, Reina. Eu tenho quarenta anos, e nunca., ouviu?, nunca permiti que uma mulher me manipulasse. Deixa de caprichos, meu amor. Se o que queres é uma

noite romântica, Copacabana é melhor do que La Boca. E, se preferes não ir ao Rio, haverá uma próxima vez. Sempre há.

— Sou uma idiota — diz ela, entre dentes.

— Eu não seria tão cruel contigo. Vamos lá, fala claro.

Conta o que te aconteceu.

— Eu amo você, Germán. Só isso. Amo e quero você sem perguntas nem condições. Nada seria tão fácil como dizer o que aconteceu, mas você tem que confiar em mim. Se eu estou pedindo para você vir, é porque tem que ser assim.

Nem mais, nem menos.

— Eu também te amo, Reina, mas nunca dependi dos desejos de ninguém. Nunca, desde que saí da casa dos meus pais, aos 19 anos.

— Neste caso, não é um desejo. É uma necessidade, uma urgência. Ou, se quiser que eu seja mais clara, uma fatalidade.

— Mas sou eu quem decide. E decido que não vou a Buenos Aires. Se me amas como dizes, te espero amanhã no Rio. E, se não, nos veremos qualquer hora em outro lugar.

Temos a vida inteira pela frente.

— A vida inteira, você diz.

— Exato. Amanhã. Qualquer dia.

— Amanhã? Sempre achei essa palavra ridícula. Amanhã é nunca.

Para sua surpresa, ao desligar, dentro dela há apenas vazio e cansaço: uma planície sem fim além da qual acaba o mundo. Tem o espírito exausto: isso que os messias gêmeos chamavam espírito talvez tenha chegado ao limite, ao precipício onde todas as formas e todas as experiências se negam e se afirmam. Duas negações bastam para construir uma afirmação, escreveu Nietzsche. E três negações, o que constroem?

Que força pode derivar de um ser que foi violentado, expulso do trabalho e expulso do amor no tento de umas poucas horas?

Tem o rosto banhado em lágrimas, mas pouco importa: a têmpera, a fonte do fogo, nada disso foi atingido pela desgraça.

Apanha o telefone e, agora sim, sente o dia começar. Ligará para o chefe de redação de El Heraldó e para o diretor da revista Época. Já lhe disseram que, quando ela quisesse, estenderiam um tapete vermelho a seus pés e lhe abririam as portas para que escrevesse o que bem entendesse.

Nunca foi difícil domar uma mulher selvagem, repetiu-se Camargo durante toda a semana que se seguiu ao estupro.

Shakespeare dá uma lição exemplar da arte de domar em uma de suas primeiras comédias, representada em 1592, ou talvez antes, mas Camargo aperfeiçoou o método. Nas montagens de *The Taming of the Shrew* realizadas nos séculos XVIII

e XIX, o personagem de Petruccio circulava pelo palco empunhando um chicote de várias pontas: o símbolo do amansador. E Katherine, a mulher vencida, ainda defendia as ferocidades disciplinadoras do marido: "And that which spights me more then all these wants, / He does it under name of perfect love."*

** O que mais me aborrece de tudo o que me pede / é o que ele faz em nome do amor perfeito (N. do T.).*

Para subjugar Reina, Camargo, não teve de açoitá-la nem submetê-la à fome, como Petruccio fez com Katherine. Bastou-lhe expô-la à sua fragilidade, à sua insignificância, à sua inevitável dependência do homem que ainda a ama.

Camargo acompanhou passo a passo a decepção que o editor bogotano causou à mulher. A julgar por seus e-mails, esse homem nunca a valorizou nem a entendeu. Um dos enigmas que tornam mais atrativa a natureza feminina de Reina é a tenacidade com que foi inventando um amante ideal, a quem atribuiu qualidades que só existiam em sua imaginação. Ou, talvez — pensa Camargo —, o que ela fez foi adorná-lo com a força, o poder e o talento que eram próprios de outro homem — de quem, senão do próprio Camargo? —, assim como os evangelistas sinópticos fizeram com os messias gêmeos.

O editor, Germán, ainda no Rio de Janeiro, enviou para a mulher um e-mail de inconcebível estupidez: "Se me amas como dizes, ficarei por aqui mais dois dias, só te esperando.

Como podes esquecer tão rápido o amor eterno que me juraste em Temuco?". Talvez ela não tenha se explicado bem, não tenha contado a ele o horror da vexação. Caso o tenha feito, o editor é uma besta narcisista. Ela deveria ter recorrido a ele, a Camargo. Assim que o procurasse, ele teria corrido para junto dela, sem vacilar. Mas a mulher nem sequer se dignou responder ao telegrama de Sicardi: não se defende, não discute a demissão sumária. Seu orgulho é sua perdição, como de costume.

O pior orgulho é aquele que se encarna contra a própria pessoa, e Reina usou uma perversa destilação desse veneno em seu breve e-mail de resposta ao editor: "O amor, por desgracia, não é eterno. Nunca mais me escreva."

Camargo apertou a vigilância, porque a mulher pode precisar dele mais do que nunca. Passa boa parte das noites acordado, ao pé do telescópio Bushnell, à espera do momento em que ela retome os hábitos do passado. Por enquanto, não voltou a se despir com morosidade, nem a sair do banho envolta em toalhas. Passa a maior parte do dia deitada, lendo ou vendo televisão. O telefone não toca, ou pelo menos ela não o atende. Deve ter ido ao ginecologista três vezes durante a semana e, segundo as averiguações de Sicardi, os medicamentos que tem tomado vêm

fazendo estragos em seu corpo: está inchada, sofre de acessos de tosse, e seu cabelo, antes brilhante e macio, está arruinado.

Faz alguns dias, Camargo dispensou o chofer que o levava a toda parte. Agora ele mesmo dirige os carros do jornal, para dissimular suas visitas à rua Reconquista. Na verdade, poderia fazer a pé os poucos quarteirões entre o jornal e a sala do telescópio. Mas, caminhando, seria mais difícil saber quem o segue.

No sábado, distraído, avançou o sinal numa das esquinas mais movimentadas da rua Corrientes. Um ônibus que descia a toda a velocidade apanhou seu carro em cheio e por pouco não o fez capotar. O veículo ficou inutilizado, mas ele saiu ileso. Sinal de que a sorte voltou a soprar a seu favor. No amanhecer do domingo, quando está a ponto de abandonar a vigilância e tentar um cochilo, vê que a mulher, levantando-se com inesperada agilidade, torna a vestir as roupas de montar: os culotes, as botas de cano alto, a jaqueta e o chapéu de feltro.

Antes das sete, parte num táxi com rumo desconhecido. Tudo acontece tão rápido que Camargo não tem tempo de sair para a rua e segui-la em outro táxi. Seu consolo é constatar que a mulher está retomando seus velhos hábitos, Agora com certeza de que tudo voltará a ser como antes.

Pela primeira vez, em semanas, consegue relaxar e conciliar o sono. Por volta das quatro da tarde, ao acordar, invade-o uma decisão inabalável; telefonará para Reina nessa mesma noite e tentará recuperá-la. Duvida que ela o rejeite, pois não existe mais o obstáculo que os separava: faz quase quatro dias que o editor não dá sinal de vida e parece ter aceitado o fim da relação.

Além disso, ela não tem nada a perder, e ele, ao contrário, estaria arriscando muito. Um homem que não teme o escárnio nem o contágio é porque está acima de tudo, aldi sopra di ogni sospetto.

Voa tão alto, que nada pode manchá-lo. Carrega em si tanta luz, que tudo o que ele toca se acende e se salva.

Como nos domingos de outrora, a mulher volta de sua cavalgada já bem tarde, perto das dez horas da noite. Chega acompanhada por um casal de velhos rústicos, tão em desarmonia com essa zona impessoal e solene da cidade, que não sabem o que fazer depois de estacionar uma desmantelada caminhonete Ford diante do prédio de Reina. Permanecem na cabine do veículo durante três ou quatro minutos, sem fazer menção de sair.

Talvez estejam discutindo se visitar o apartamento da filha — Camargo não tem dúvidas quanto ao parentesco: a semelhança com a mulher é inequívoca — ou voltar para Adrogué. Sempre que falava nos pais, Reina evitava entrar em detalhes, e agora Camargo entende por quê: são idênticos à filha e, também, muito diferentes, como se, ao se reproduzir, tivessem engendrado uma espécie desconhecida. O homem é calvo, tem a boca pequena e o queixo pronunciado. A

mãe tem aqueles mesmos movimentos ondulantes e, quando ri, exhibe as gengivas com exagero. De longe, parecem ter a dentadura estropiada, mas o telescópio não é tão preciso para que o possa comprovar. O que Camargo sabe com certeza é que Reina se envergonha deles: vê-se que está dividida entre instá-los a entrar e mostrar-lhes a impessoalidade de seu apartamento, ou deixá-los partir porque já é tarde e passaram o dia inteiro juntos.

É isto o que acontece por fim. A mulher, ao entrar em seu quarto, repete alguns detalhes do antigo ritual: batalha com afinco para se desvencilhar das botas e livra-se das meias levantando as pernas, um tanto retas para o gosto de Camargo e com tornozelos grossos demais, ainda que adornados por uma tênue mancha, uma pinta que ele deseja desesperadamente beijar agora mesmo. Também desta vez Reina tira a blusa pelo alto e explora o cheiro das axilas. Não sabe se ela tomou banho antes de sair. Talvez o tenha feito durante uma das breves lufadas de sono a que ele sucumbiu sem querer, mas, mesmo assim, depois de cavalgar durante um dia inteiro, o perfume dos sabonetes já deve ter sumido, deixando os humores de sua pele voltarem. Mais uma vez, Camargo examina a cicatriz que a mulher tem abaixo do umbigo, na fronteira dos pêlos, vestígio de uma operação de apendicite mal suturada na infância.

A mulher é sempre evasiva quando fala de seu passado, e respondeu com hostilidade quando Camargo se atreveu a lhe perguntar quando e com quem tinha perdido a virgindade ou qual era a lembrança sexual mais intensa de sua vida.

Agora ele a vê ligar a televisão e resolve lhe telefonar, antes que se interesse por algum programa. Ela se ergue, surpresa de que o telefone toque a essa hora, e, depois de um instante de indecisão, salta da cama sobre o aparelho. Talvez pense que é o amante colombiano, ávido de perdão.

— Sou eu — diz Camargo.

— Eu quem?

— Houve um tempo em que você não precisava fazer essa pergunta. Sou eu, o de sempre.

— Se é o de sempre, já devia ter aprendido a me deixar em paz...

Está vermelha de cólera. É a primeira vez que Camargo vê a erupção de uma cólera que levou meses fermentando. Mas não desligou: para ele, isso é o bastante. Talvez ele tenha tocado em algum ponto sensível do corpo da mulher enquanto tateava no escuro.

— Se eu estivesse em paz, deixaria você em paz — diz Camargo. — Mas não posso. Não suporto a ideia de que você tenha ido embora.

— Que coisa mais patética. Como assim, eu fui embora?

Foi você quem me mandou embora, — Que é que eu podia fazer? Você sumiu. Faltou mais de três dias sem avisar. Não a encontrávamos em lugar nenhum.

— Estive doente. Mas não sei por que estou lhe dando explicações. Adeus.

— Um momento: não desligue. Podíamos tentar de novo, como se nada tivesse acontecido.

— É você quem está doente agora. Não sei como ainda tem a coragem de me ligar. Você me deixou sem trabalho.

Falou com meia Argentina para que me colocassem na lista negra. Me bateu. Meu Deus. Eu não desejo seu mal. Não desejo nada seu. Só quero que me deixe em paz.

Agora, sim, desliga. Bate o telefone com força, como se a pancada pudesse destruir sua voz, sua sombra, sua lembrança.

O que faria Petruccio se Katherine lhe respondesse com a insolência de Reina? Decerto a trancaria, a deixaria sem comer nem beber: o amansamento da fúria. Mas isso só foi possível porque Petruccio, seguro de si, consentiu em casar com ela.

Achou um laço para mantê-la presa a seu jugo. Ele a deixou ir: foi um erro de cálculo. Com a afronta de Momir, a mulher já teve o bastante. Você passou da conta, Camargo. Deveria lhe oferecer alguma coisa que ela não possa negar. Volta a lhe telefonar, com a certeza de que ela não vai atender.

Mesmo assim, você a vê erguer-se na cama para ouvir o telefone. A toque enlaça, monótono, as duas janelas. Por um momento, você acha que ela vai tapar os ouvidos, porque suas mãos se levantam, num gesto de súplica ou de advertência. Em seguida, cobre os seios com os lençóis, como se pressentisse que alguém a observa. Sua mensagem flui, límpida, da secretária eletrônica: "Não estou. Deixe seu número e a hora em que ligou."

— Reina — diz. — Queenie. Quero começar tudo de novo.

Quero casar com você. É sério. Quero me casar. Por favor, responda.

Se você não retornar, amanhã vou passar por sua casa para saber o que acha disso. Ou, se não, passo daqui a dois ou três dias.

A postergação é um elemento essencial da arte de domar: dois ou três dias. Ela esperará trêmula pelo momento em que ele subir no elevador, der alguns passos pelo corredor, parar diante da porta, e tocar a campainha. Você lembra que, num capítulo de Os sete loucos sobre a humilhação, Erdosain conta que seu pai, sempre que ele cometia uma falta, mandava-o para a cama dizendo: "Amanhã você apanha." A noite era então interminável.

Uma tênue luz azulava os vidros. Quando, por fim, era vencido pelo sono, entrava o pai: "Vamos, chegou a hora."

E, obrigando-o a ficar de joelhos, cobria-lhe as nádegas de cintadas cruéis. Amanhã, daqui a dois dias. E o que você fará, Camargo. Ligará para ela e repetirá: amanhã. Quando, por fim, você estiver diante de sua porta, Reina baixará a cabeça, e você fará com que se ajoelhe, e nunca mais a deixará levantar.

Vamos, chegou a hora, diz Camargo. Desde que telefonou para Reina, não consegue pensar em outra coisa senão na imagem dela abrindo a porta e dizendo: "Voltemos a ficar juntos.

Vamos fazer de conta que nada aconteceu." Dividir sua inteligência entre a mulher e o jornal o debilita. Já cometeu algumas distrações imperdoáveis. Nunca no trabalho. Lá ele só se mostra mais irascível e menos tolerante que de costume, mas seu talento segue intacto. Reescreveu com paixão uma crônica sobre o choque de dois aviões no céu de Chacabuco, a cidade pampiana que ele atravessou na noite em que foi ao encontro de Reina, em Azotea de Carranza. Conseguiu que um de seus jornalistas entrevistasse Vladimiro Montesinos, a eminência parda do Peru, no avião que o levava de volta a Lima, vindo de seu exílio panamenho. Todas as manhãs, ao comparar os números da edição, confirma que El Diálogo derrotou El Heraldito.

Não, não é aí que seu gênio tropeça. É na ordem miúda do cotidiano: às vezes, quando já está a caminho do restaurante, esquece quem é a pessoa com que deve almoçar. Tornou a inutilizar um dos carros do jornal: desta vez, por descuido, embicou numa galeria da rede elétrica, aberta para consertos.

O eixo dianteiro se fez em pedaços. Vive dominado pelo desejo desesperado de voltar o quanto antes para a sala da rua Reconquista.

Verifica com frequência o celular onde recebe as ligações pessoais, para ver se há algum recado da mulher. Nada.

A única novidade que a segunda-feira lhe deparou foi a voz de Diana, para lhe perguntar quando voltará a vê-lo. No Natal, respondeu ele. Antes do Natal, filhinha, eu prometo.

Reina leva uma vida de inválida. Não toma banho, não desgruda os olhos da televisão e só se levanta para se servir um chá, às vezes com torradas e queijo. Na manhã de quarta-feira, fez uma de suas visitas de rotina ao ginecologista. Embora saia para a rua praticamente sem se pentear, com o cabelo preso com uma fivela e um vestido de algodão solto, simples, ainda se move com elegância, desafiando a hostilidade do mundo. Ah, ela não sabe o que perde privando-se do amor de Camargo: ele a abraçaria pela cintura e, contando-lhe histórias felizes, faria com que esquecesse seus tormentos. Tudo já passou, Queenie, não sofra mais. Não sente que seu corpo vai-se lavando por dentro e que seu sangue se refaz e que a dor já se apagou tanto que agora só resta uma cinza de dor, uma fadiga da dor na memória?

Caminhariam juntos pela cidade, cheios de felicidade.

Ao voltar do ginecologista, a mulher examina as roupas que guarda no armário. Contrariada, separa os culotes e os leva para a tinturaria: é o sinal de que tornará a usá-los, talvez no próximo domingo. Mas, desta vez, não apanhará Camargo de

surpresa. Às sete, ele já estará esperando por ela em outro carro do jornal e a seguirá aonde for. Segundo o que Sicardi lhe informou, o pai dela conserta os veículos do dono de um haras, em Longchamps, e em troca lhe permitem montar, nos fins de semana, dois dos cavalos mais nobres da coleção: um alazão árabe requeimado e um zaino retinto.

Nessa quarta-feira, a viagem protocolar do presidente à Espanha e as notícias de Montesinos que não param de chegar de Lima obrigaram Camargo a mudar duas vezes a primeira página de El Diálogo. Ele consegue se concentrar em mais de uma realidade ao mesmo tempo, mas os fatos que ocorrem fora dele não lhe interessam porque se movem sozinhos, sem necessidade de seu controle. É verdade que, ao narrá-los, ele os modifica. Mas qual o valor disso? Mereceriam sua atenção se eles também o modificassem, mas nada no mundo altera o duro metal de sua substância, nada o obriga a ser o que ele não quer. Nada exceto a mulher: é a única coisa que o tira do eixo. Na ordem da história, ela é muito menos que uma variação atmosférica, que uma cor que desbota, que o bracejo de uma foca. Mas, na ordem de sua vida, ocupa um espaço que o asfixia e que não o permitirá ser ele enquanto não o reduzir a seu verdadeiro tamanho de nada, enquanto não o confinar na praia mais remota dos seus pensamentos. Se a mulher aceitar, casará com ela: possuí-la como um objeto, pintá-la na parede, lhe trará paz. E se ela se negar? Mas não há nenhuma razão para que se negue. É uma pessoa em ruínas, e ele lhe oferece reconstruí-la, refazê-la do zero.

Talvez Reina pressinta que o amanhã, o "daqui a dois dias" com que Camargo a ameaçou, já chegou nessa noite, pois» em vez da camisola e do xale de que ela quase nunca se separa — exceto nas breves saídas para o médico, a farmácia e o supermercado —, colocou o velho vestido solto de algodão. Sua postura é a de sempre: recostada na cama» permanece hipnotizada diante da televisão, mas, ao observá-la pelo telescópio, antes de atravessar a rua, Camargo descobre que o seu corpo se transformou numa trama de ansiedades: voltou a roer as unhas com sanha, prende os cabelos tão mal que, ao mais leve tremor da cabeça — e a cabeça treme constantemente, os ombros sofrem espasmos que parecem de frio —, algumas mechas se soltam, obrigando-a a refazer o penteado. Também tem um novo tique no lábio superior, perto das comissuras, que a envelhece. Todos esses detalhes animam Camargo, indicando-lhe a que ponto ela se sente desamparada, quanto a abatem a solidão e a imobilidade. Ela caiu tão baixo, que agora só poderá agradecer qualquer esforço que ele faça por resgatá-la.

As dez, depois de vê-la deixar na cozinha a xícara de chá que acaba de tomar, Camargo chama à porta.

— Não vou abrir — diz ela. — Seja quem for, não penso abrir.

— Você não ouviu o meu recado, Queenie? — inquieta-se Camargo. Enfurece-o ter de falar aos gritos, na solidão do corredor. — Pedi você em casamento. Se você quiser, vamos amanhã mesmo até o registro civil e marcamos a data.

— Você está doente. Está louco. Eu sou um ser humano, será que você pode entender isso? Tenho sentimentos, razão.

Não sou um objeto seu.

— Queenie, é você que não está entendendo.

— Não me chame assim. Eu sou Reina. Vá embora, ou vou ter que chamar a polícia.

— Reina. Acho que você perdeu o juízo. Repito: quero me casar com você. Eu disse que voltaria para ouvir sua resposta.

Parece que você não sabe quem sou eu. Eu sou Camargo e ofereço a você o que nenhum outro homem no mundo pode lhe oferecer. E você nem tem a delicadeza de abrir a porta para mim.

— Eu ouvi o que você disse, Camargo. Sei perfeitamente quem é você. Não me orgulha nem me alegra que você queira se casar comigo. Estou apaixonada por outro homem, já disse.

— Você, apaixonada? Não me faça rir. Você está sozinha, Reina.

— Vou chamar a polícia — diz ela.

— Ainda ousa me ameaçar, sua puta? Você está doente, gangrenada, puta. Vim oferecer ajuda, e sua única resposta é dizer que vai chamar a polícia?

— Fora! — a voz dela soa desesperada mas decidida. Ah, se pudesse ver sua expressão através do telescópio, meu Deus, se pudesse vê-la.

— Não lhe permito que fale assim comigo — diz ele.

Agora está frenético. Chuta a porta, empurra-a com sua energia de touro. Poderia abri-la com as chaves que Sicardi lhe deu, mas a mulher instalou uma segunda fechadura. Nada mais fácil que conseguir uma réplica, mas não reparou nesse detalhe.

Tem de prever tudo, entrar com o ser inteiro em mil pensamentos simultâneos? Se a muralha que se lhe opõe fosse o jornal, Buenos Aires ou a Argentina infinita, saberia como derrubá-la. Mas a mísera porta dessa mulher é mais intransponível, mais intolerável.

— Fora! — repete ela.

ÚLTIMO.

Ele sabe, já desde sábado, que a mulher irá cavalgar. Viu-a lustrar as botas e deixar pendurados em um cabide os culotes, a blusa branca e a jaqueta com botões dourados que usou na semana anterior. Não dormiu durante toda a noite. O amanhecer é diáfano, não há uma única nuvem no céu e, para sua estranheza, ouve um inusitado canto de

sabiás quando se dirige ao automóvel.

Sabiás nesse extremo inóspito e sem árvores de Buenos Aires: quem pode prever o humor dos pássaros? O táxi veio recolhê-la de novo às sete, e ele o seguiu durante mais de uma hora pela longa avenida que atravessa as cidades ao sul, ignorando todos os sinais vermelhos e sem afastar os olhos da nuca da mulher, como se de novo a enquadrasse na lente do telescópio, Só quer lhe pedir explicações, entender por que ela o rejeita sem levar em conta quem é Camargo. Não acredita, é óbvio, que continue a sentir atração pelo editor colombiano, porque o rejeitou tão implacavelmente como a ele. E não consegue entender como um insignificante telefonema aos meios de comunicação de Buenos Aires, sugerindo que a proscressem, pode ter ofendido a mulher como se fosse um insulto.

Mais uma vez, ela não vê que o único interesse de Camargo é protegê-la; por acaso ela alguma vez foi tão plena e tão feliz como em El Diário. Ofereceu-lhe a chance de se casar com ele: ela acha pouco? Se aceitasse, seria mais importante do que era antes daquelas malditas viagens a Temuco e a Caracas, e sem precisar escrever nem mais uma linha em toda a vida. Em vez da senhorita Remis, ela seria a senhora De Camargo: como pode não ver a diferença? Ele vai lhe explicar. Por isso está se dando ao trabalho de viajar mais de quarenta quilômetros até um haras remoto nos subúrbios do sul. Além do mais, como ele poderia permitir que a pessoa destinada a casar com ele se dedique a trabalhos vis? Na sexta-feira, só para dar um exemplo, Sicardi lhe contou que a mulher vai trabalhar numa agência de dipping. A notícia encheu-o de indignação. A simples ideia de que ela recorte e cole textos alheios, num escritório apertado e sujo, junto com três ou quatro estagiários abobalhados, é um ultraje a tudo o que ele, Camargo, lhe insuflou: orgulho, autoconfiança, capacidade de surpreender, sim, orgulho acima de tudo. Imediatamente ligou para o dono da agência e lhe disse que, se contratasse Reina Remis, faria tudo o que estivesse a seu alcance para que não lhe restasse um único cliente.

Nem precisou dar maiores explicações. Teve que ser mais violento com uma revista eletrônica que se dispunha a publicar parte do ensaio sobre os messias gêmeos. O editor era um jovem obstinado que já tinha montado a página e estava

prestes a colocá-la no ar. Não sabe como, Sicardi conseguiu que algumas dezenas de assinantes cancelassem o serviço: bastou para por fim à aventura.

Ele quer Reina para si e não vai dividi-la com ninguém.

Agora que ele parou o carro num bosque de taleiras e espinhos-de-cristo, de onde pode observá-la à vontade através de um binóculo, os movimentos voluptuosos da mulher ao descer do táxi» caminhar até a casa do zelador do haras e apanhar uma sela inglesa são para ele a confirmação de que deve retê-la seja como for. É a companhia que mais lhe convém, e jamais encontrará outra igual. É menos refinada que Brenda, mas o encanto aparente de sua ex-mulher desaparecia assim que se tentava conversar seriamente com ela. Brenda não tem nenhum interesse pelas ideias nem pelo mundo real. Toda sua paixão está na música, ou em muito menos que isso: nos seis ou sete trios que estava habituada a ensaiar para seus concertos nas províncias. Reina, ao contrário, tem um talento genuíno: um tanto selvagem, mal cultivado e às vezes grosseiro, mas ele sabe que limar essas asperezas é só uma questão de tempo e de uso. Durante todos os meses em que ele a educou, tratou de mantê-la longe de suas próprias reuniões de negócios: agora chegou o momento de exibi-la e testá-la.

O haras fica uns vinte quarteirões a oeste da estação de Longchamps e é muito mais modesto do que Camargo imaginava.

Um vasto pátio de terra abre-se em frente aos boxes dos cavalos, que são seis em total, e logo adiante há um campo de alfaias, com duas ou três balizas que talvez sejam usadas para os saltos. Não se vê uma alma viva. Decerto o zelador ainda está dormindo, e o pai de Reina deve chegar logo mais, junto com outros cavaleiros. Vê a mulher colocar a sela com incrível destreza sobre um alazão requeimado, ajustar a cilha e acariciar a cabeça do animal. Põe o pé no estribo, e alguma coisa a detém. Pelo gesto que Camargo vê em seu roscó, é o relâmpago de uma dor inesperada, talvez no abdome. A mulher leva uma das mãos para o local, sem soltar as rédeas. Agora é preciso que ele vá em seu socorro. Desce do automóvel e, deixando para trás a trincheira de espinhos-de-cristo, avança em direção ao pátio de terra onde Reina tenta aliviar a dor com exercícios de respiração. Vê-la tão indefesa o comove. O lugar é deserto e fica a poucos quilômetros de um lixão que abriga ladrões em fuga e receptadores da pior espécie: Sicardi avisou-lhe que os assaltos são comuns nessas desolações do sul. Também lhe recomendou que não se detivesse em nenhum cruzamento, pois é preferível pagar a multa — se for o caso — a perder tudo: o taxista de Reina também devia saber disso, pois fez a mesma coisa. Por prudência, Camargo leva consigo o revólver Taurus calibre 38, com seis balas no tambor. Se aparecer algum suspeito, tem certeza de que lhe bastará mostrar a arma para afugentá-lo.

A mulher se recupera mais rápido do que ele previu e insiste em montar o alazão. Quando a vê recolher o chicote que deixou cair e levantar a cabeça, com graça, ele tenta voltar para seu esconderijo, no bosque. Tarde demais: ela o descobriu, e talvez seja melhor assim. A qualquer momento, poderia aparecer o pai. Mas, pensando bem, por que Reina vai cavalgar tão cedo? Uma revoada de hipóteses atormenta-lhe a imaginação.

Não estará esperando outro amante, alguém com quem só se comunica por telefone? Do contrário, o que ela faz nesse lugar até de noite? Pense, Camargo, pense. Por volta de uma da tarde, a mulher deve deixar o cavalo e ir até a casa dos pais, onde almoça. Só então volta com o pai, monta outro animal até as seis horas e, depois de uma segunda passada por Adrogué, talvez para brincar com os sobrinhos — tem dois —, regressa a Buenos Aires. Antes ela usava um dos carros do jornal. Agora pede ao pai que a leve na velha caminhonete. Restam, então, cinco horas em branco: das oito da manhã até a uma da tarde. Você precisa de mais algum indício, Camargo? Agora tem certeza de que ela vai se entregar a outro amante na casa do zelador, se é que o amante não é o próprio zelador. Ah, quanta força lhe dá essa revelação para enfrentar o gesto irado e desafiante com que ela o encara.

— Você de novo? Será que nunca vai me deixar em paz?

E imperioso que você não se deixe arrastar por sua cólera.

Não, Camargo. Você deve respirar bem fundo, não para aplacar nenhuma dor, mas para que o alento, ao chegar ao mais profundo das suas entranhas, reconheça a justiça de todos os seus atos e impregne sua voz da serenidade que precisa para dizer:

— Só quero entender o que está acontecendo com você, Reina. Será que é tão difícil de explicar? Você não pode me rejeitar assim, como se eu não fosse ninguém.

— Para mim, você é ninguém — diz, interrompendo-o.

E faz menção de montar no cavalo, a grande puta.

— Eu só quero ajudar. Sei da atrocidade que você sofreu...

— Você sabe o quê? Também anda fuçando nas minhas calcinhas, miserável? Você destruiu o meu nome por toda parte, e agora quer destruir a minha intimidade. Quem você pensa que é?

Não: essa não é a mulher que pertencia a você, Camargo.

É outra: alguém lhe alterou os meridianos da inteligência, a beleza, alguém apodreceu o seu ser. A língua de latrina que agora está açoitando você não é a dela. Como você não viu sua mudança durante todo esse tempo em que a observou sem trégua pelo telescópio? Ela era uma abelha de luz, e agora é uma Larva pestilenta.

Seja como for, você continua sendo você, e não vai se deixar levar por sua enxurrada de desaforos.

— Imagine por um momento que eu sou ninguém — você devolve. — Este ninguém aqui foi a única pessoa que telefonou para você na sua semana de desgraça. Eu sou o único que foi até sua porca para lhe oferecer amor ou o que você quisesse. Qualquer outro ninguém mereceria pelo menos uma explicação. Por que você me nega esse mínimo?

A mulher levanta o chicote e treme. A comissura dos lábios volta a se contrair.

— Então acabemos de uma vez por todas — diz. — Que mais você quer saber, se já sabe de tudo?

— Esse homem, o colombiano, já não me importa.

— Chega, então. Minha vida é minha vida. E o que aconteceu entre você e eu, não? Imagino que seja isso o que lhe interessa. Foi um equívoco, Camargo. Uma miragem. Um dia eu acordei, vi esse par de veias que atravessa a sua testa, seus cabelos brancos, sua papada de peru, e pensei: que é que eu estou fazendo do lado desse homem? O que eu tenho feito da minha vida? Mesmo assim, não pensava em deixar você. Até que conheci o amor, o verdadeiro, e pus você de lado. Agora vá embora. Quero montar este alazão.

Ah, Reina, já nem sei mais qual das duas gêmeas é você.

Vai montar o alazão com seu avental pregueado e suas luvas de borracha? Vai acariciar as crias do cavalo com suas não-mãos? Camargo esperou anos e anos por este momento, e não vai deixá-lo escapar outra vez.

— Estou com o carro ali, entre as árvores — você lhe diz.

— Agora você vem comigo, mansinha, caladinha, e vai ficar do meu lado para sempre. Você sabe muito bem que ninguém pode me abandonar.

— Você está louco — responde.

Tenta montar no cavalo de um salto, mas você é mais rápido. Agarra-a por um braço e a puxa com tanta força que, no impulso, ela solta as rédeas e cai no chão de terra. O alazão corcoveia, desconcertado, e se afasta.

— Eu sou você. Não pode se separar de mim.

A mulher hesita entre correr para a casa do zelador ou enfrentar você. Por desgraça, o chicote caiu perto de sua mão.

Não pode ter a ousadia de bater em você, e, no entanto, é o que ela faz. Parece uma mulher muito maior quando descarrega o golpe sobre sua cabeça. Parece duas mulheres: sua mãe e ela mesma, amancebadas num só corpo.

— Filho-da-puta! — grita. — Filho-da-puta!

Lança um olhar de desprezo para você e sai correndo em busca do alazão.

— Reina — você diz. Sua voz flui clara, como que recém-lavada.

Depois você vai dizer que não se lembra do que aconteceu, e talvez não se lembre, pois a que ordem da memória pertence a lufada de passado que se repete no presente? Como explicar que antes você fez muitas vezes, infinitas vezes, o que vai fazer agora? Tira com naturalidade o revólver do coldre que traz pendurado no cinto, aponta para as costas da mulher e puxa o gatilho. O tambor do Taurus gira um pouco, e outra bala se alinha ao cano. Você a vê tropeçar e cair, virar a cabeça para você com incredulidade e aferrar-se ao chicote, possivelmente para bater-lhe outra vez.

— Como, Camargo? — diz.

Seus cabelos caíram para um lado. Seus lábios se abrem e deixam ver, pálidas, as gengivas. A nuca fica a descoberto e você vê a pinta que tantas vezes beijou, pulsando suavemente. Mas ela já não é ela: é um engano que se desprende de seu corpo.

— Reina — repete, e descarrega a segunda bala, agora de perto, sobre a pinta.

Você vê o zelador e uma mulher saírem da casa, segurando as roupas e berrando como porcos. Vê o disco branco do sol no céu líquido e sente que tudo está bem> Camargo. Volta a se sentir limpo como no dia em que nasceu, quando ninguém ainda o abandonara.

Durante horas, você vai dar voltas e mais voltas de carro por caminhos ermos, onde pastam algumas vacas. Você gostaria de ligar para Maestro para lhe contar o que aconteceu e pedir que coloque a notícia na primeira página da edição de amanhã. Será um escândalo, e El Diálogo deve-se esmerar em contar a história melhor do que ninguém. Você vai fazer isso, logo mais. Agora se deixa levar pelo silêncio como nos lençóis de sua infância, segue a corrente da ternura que não teve, perde o fôlego entre as mãos de nada que o acariciam. O ar está imóvel. O calor do meio-dia é tão cruel que nem sequer zumbem os insetos. No entanto, alguém canta, é sua mãe que canta?

Você ouve às suas costas uma canção distante, que chega não sabe como, nem de onde, e arde, não em seus ouvidos, e sim no mais fundo e perdido de você, Camargo, em um lugar ao qual gostaria de voltar e não pode.

Brenda nunca deixa nada entregue ao acaso. Esta noite, a casa de San Isidro estará cheia de convidados, e é melhor, disse, servir pratos frios. O verão voltou a ser atroz em Buenos Aires, e talvez seja o caso de pôr a mesa fora, na varanda, mas, por outro lado, seria imprudente expor Camargo, que não pode se mover da cadeira e se nega a que as pessoas percebam sua invalidez.

Já durante o penoso processo por um homicídio do qual não é culpado, como agora todos reconhecem, surgiram os primeiros sintomas de uma doença raríssima, que os médicos diagnosticaram com nomes impronunciáveis: polineurite idiopática

aguda ou polirradiculoneurite, também conhecida como síndrome de Guillain-Barré.

Camargo acredita que o mal já havia dado um prenúncio durante o enterro do senador Valenti, quando os músculos das pernas falharam de repente e Enzo Maestro teve de segurá-lo para que não caísse, mas isso é impossível. A síndrome começou como um resfriado comum e, no meio da noite, sem nenhum aviso, Camargo ficou sem ar e teve uma paralisia no lado esquerdo do rosto. Por sorte, Brenda tinha voltado a Buenos Aires durante o processo, certa de sua inocência, e aceitou reatar a vida matrimonial. Com sua eficácia de sempre, chamou uma ambulância e exigiu que o levassem direto para a sala de terapia intensiva. Do contrário, Camargo poderia ter morrido de asfixia no casarão deserto.

A doença é imprevisível, e algum dia se retirará, silenciosa como veio. Cada vez que ela volta, ataca de um modo diferente, avançando de cima para baixo, ou ao contrário, e às vezes fica durante semanas ou meses em alguma das extremidades.

Camargo, que no início sentia uma completa falta de tônus muscular nos braços, um dia não conseguiu se levantar, porque a fraqueza tinha descido para as pernas e a região abdominal.

Ao mesmo tempo, perdeu o controle dos esfíncteres, mas isso não o preocupa tanto quanto o desaparecimento de sua potência sexual. Sua libido se evaporou e, desde que o mal se alojou nas pernas, tampouco tem o menor sinal de uma ereção.

Desespera-o a ideia de que as pessoas se deem conta de sua paralisia e façam suposições ultrajantes. Com o pretexto de que ele tem de manter a mente ativa, Brenda organiza reuniões na casa com muita frequência. Antes de os convidados chegarem, ela o senta à cabeceira da mesa e o deixa ali até que todos se retirem, atribuindo sua imobilidade a um lumbago ou à fratura de um osso. Sabe que, pelas castas, as pessoas murmuram sobre sua disfunção sexual, mas ela trata de tranquilizá-lo, lembrando que a síndrome pode ser passageira e que um dia tudo voltará ao normal. No fundo, porém, ela gosta de levá-lo de um lado para outro e de sentir sua crescente dependência. Quando o nota abatido, senta-se ao piano e toca peças de Alkan e Gabriel Fauré.

Essa noite, Brenda se esmerou na escolha dos pratos. Um dos convidados é Enzo Maestro, que sempre a tratou com delicadeza, sobretudo às vésperas do julgamento por homicídio, quando Camargo se negava a recebê-la. Ela lhe devolveu a gentileza convencendo o marido a ceder a direção de El Diário a seu leal amigo. A decisão não poderia ter sido mais acertada: quando lhe dá na veneta, Camargo telefona para o jornal e dá ordens sobre alguma manchete de primeira página, mas não quer que o consultem nem mesmo quando as notícias são graves. Prefere manter-se longe da agitação cotidiana. Pouco depois do crime, ligou para Maestro do hospital onde estava internado para se queixar de que El Heraldo estava

informando sobre o caso com mais rigor e detalhe que El Diário. "Será que eu preciso estar aí para que saibam o que deve ser feito?", disselhe. "Você não tem ninguém que saiba contar direito uma história de amor e traição?"

O incidente parece inverossímil, mas qualquer pessoa que consulte os semanários daquela época constatará que é verídico.

Sua inteligência não perdeu os reflexos geniais do passado, mas a realidade já não lhe interessa: sabe que as notícias de um dia serão varridas pelas notícias do seguinte, e que quase nenhuma ficará na memória, porque também as tragédias do mundo estão condenadas a morrer, como os seres vivos. Agora ele prefere passar o tempo na sala de vídeo, junto à varanda de gerânios, assistindo, em DVD, aos filmes de Hitchcock, Fellini, Visconti e Buriuel que nunca tinha tempo de rever.

Um dia armou-se de coragem e pôs no aparelho A noite do caçador, de Charles Laughton, mas, embora tenha confirmado, desde o início, que se trata de uma obra-prima, interrompeu o filme na cena do sermão de Robert Mitchum sobre o Amor e o Ódio, e jogou o pequeno disco no lixo. Às vezes prefere ler: não deixa passar nenhum romance da jovem literatura inglesa, especialmente os de Ishiguro e McEwan, e tomou gosto pelos ensaios de um filósofo francês, Gilles Deleuze, suicida e desventurado como Louis Althusser, cuja história criminal o fascina, Muito de vez em quando, revisa as crônicas que pensa acrescentar a seu livro já clássico, El abandono.

Nessa noite, Brenda decidiu servir Vichyssoise, a sopa fria de batata e alho-poró; peru assado com molho de framboesa, saladas, e a torta folhada com geleia real que vendem uns apicultores de San Isidro. Quando a doceira leva a torta, ao meio-dia, entrega também, de presente, uns pedaços de favo impregnados de mel espesso e um pouco menos transparente que o comum. Segundo ela, é a substância de que se alimentam as rainhas da colmeia: é cheia de proteínas, gorduras e uns hormônios imprecisos. "Por que o senhor não experimenta o mel com a cera, Doutor Camargo?", incita-o a doceira. "Se as rainhas tiram daí toda a força que precisam para voar tão alto, imagine o efeito que isso pode ter no senhor, que é um príncipe."

Camargo não responde. Embora sinta repugnância por essas misteriosas secreções do abdome das abelhas operárias, à tarde sempre pede um pedaço de favo. Com uma lupa, observa um a um os prodigiosos alvéolos hexagonais, de paredes fragilíssimas porém elásticas. Gostaria de encontrar, por acaso, a larva de alguma rainha em gestação, para imediatamente cravar-lhe um alfinete.

Nessa noite, não será feliz nem infeliz. Sua vida se transformou agora numa sucessão de indiferenças. Quem sabe um dia, se voltar a andar, ele passe um ou dois meses à beira-mar e comece a escrever o romance que há tempo tem em mente.

Quer contar a história de um cantor de voz absoluta, capaz de atingir todos os registros, a quem uma mãe satânica, assistida por uma tribo de gatos de rua, fecha todos os caminhos para que não chegue a ser quem é. Pensou que o cantor deveria se chamar quase como ele, Carmona, e que o título do livro poderia ser *La mano del amo*, se bem que essa ideia, que lembra o lema impresso na etiqueta de velhos discos de 78 rotações, "A voz do dono", talvez já tenha sido usada por outro escritor.

Uma reflexão de Gilles Deleuze que ele leu em *Diálogos* estimula-o a tomar notas para seu projeto. Deleuze diz ali que a substância de todo romance, desde *Chrétien de Troyes* até Samuel Beckett, é um anti-herói: um ser absurdo, estranho e desnortado, que não para de vagar de um lado para o outro, surdo e cego. A definição parece-lhe muito simples, talvez porque é muito horizontal. Para ele, um romance é uma abelha rainha que voa para as alturas, às cegas, apoderando-se de tudo o que encontra em sua ascensão, sem piedade nem remorso, pois veio a este mundo somente para esse voo. Voar rumo ao vazio é seu único orgulho, e também sua condenação.

Nota final

Todos os personagens e lugares deste romance, até aqueles que parecem calcados na realidade, correspondem à ordem da ficção. Lê-los de outro modo violentaria sua natureza.

Table of Contents

O VÔO DA RAINHA

UM.

DOIS.

TRÊS.

QUATRO.

CINCO.

SEIS.

SETE.

OITO.

NOVE.

DEZ.

ÚLTIMO.

Nota final